

KATSUZO KOIKE

HECATEU DE MILETO E A FORMAÇÃO DO PENSAMENTO HISTÓRICO GREGO

Tese de doutoramento em Estudos Clássicos, na área de especialização Mundo Antigo, orientada pela Doutora Maria do Céu

Grácio Zambujo Fialho e coorientada pela Doutora Carmen Isabel Leal Soares, apresentada ao Departamento de Línguas, Literatura e Culturas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Universidade de Coimbra

Faculdade de Letras



2013

Genealogies. This historical work was prefaced by a motto which, in its intellectual pride and the cold clarity of its reason, sounds in our ears today like the blare of trumpets at dawn.

Theodor Gomperz¹

¹ T. Gomperz. *Greek thinkers: a history of ancient philosophy*. Transl. Laurie Magnus. London: J. Murray, 1964, pp.254-255.

Aos meus pais, Johei Koike (in memoriam) & Marieta Koike, por terem despertado em mim o amor pelos livros e pelo conhecimento.

AGRADECIMENTOS

A vivência acadêmica na Universidade de Coimbra agrega uma bagagem de conhecimentos e de enriquecimento pessoal difícil de medir. No final do período do doutoramento e com o retorno ao Brasil a aproximar-se, resta lembrar os bons momentos experimentados nesta tão antiga cidade e nesta tradicional universidade. Da mesma forma, cabe reconhecer a participação das pessoas que, de alguma forma, contribuíram para nos sentirmos em “casa”, e para tornar esta pesquisa possível.

Assim, agradeço, em primeiro lugar e com todo sentimento, à minha esposa Maria Lygia, que não só teve a disposição de me acompanhar neste empreendimento, como também abraçou a vida acadêmica da Universidade.

Agradecimento especial às doutoras Maria do Céu Fialho e Carmen Leal Soares, pelo empenho, disponibilidade e competência com que acompanharam o desenvolvimento dos meus estudos. Meu reconhecimento estende-se a todos os professores do Instituto de Estudos Clássicos, com os quais compartilhei um rica convivência, sempre em ambiente afável. Aos funcionários da Faculdade de Letras, meus sinceros agradecimentos pelo tratamento amigável e pela generosidade com que sempre me acolheram, em especial, Dona Custódia, pela presteza e pelos cuidados comigo e Maria Lygia.

A todos os alunos, colegas de disciplinas, de Portugal e do Brasil, que tornaram essa estadia no Exterior tão agradável.

Agradeço, ainda, à CAPES, pela oportunidade e apoio, pelo financiamento do doutoramento. Não posso esquecer a participação do meu Tutor de curso, no Brasil, o Professor Doutor Alexandre Cerqueira Lima, da Universidade Federal Fluminense. Agradecimentos que faço extensivos à Doutora Neyde Theml, que motivou e aprofundou o meu gosto acadêmico pelo mundo antigo. Importante lembrar também os professores Livio Rossetti, da Universidade de Perugia, na Itália, a quem sou grato pelo diálogo estabelecido sobre várias temáticas de estudo, e o professor Gabriele Cornelli, da Universidade de Brasília, pela amizade e motivação de sempre.

Reconheço mais do que uma gratidão, aos meus pais, irmãos e familiares, o apoio incondicional que me deram em todas as fases de minha formação. Por fim, deixo registrada o sincero reconhecimento dos que, de longe, estiveram sempre perto: minhas tias e amigas Socorro e Jupira, pelo carinho de sempre.

NOTAS PRÉVIAS

A realização deste trabalho exigiu transpor dificuldades próprias das pesquisas acadêmicas, em várias frentes, considerando-se sobretudo as peculiaridades da investigação acerca da Antiguidade. Uma delas foi lidar com nomes de povos, cidades e personagens não correntes em língua portuguesa. No caso, parte da solução encontrada foi adotar a nomenclatura antiga presente na obra de Maria Helena e João Maria Urenã Prieto, e Abel do Nascimento Pena, *Índices de Nomes Próprios Gregos e Latinos* (Lisboa, 1995). Os termos não existentes nessa obra foram transliterados à grafia portuguesa segundo os vários critérios em que as palavras gregas são vertidas ao português.

Em uma época de indefinição e de tentativa de unificação do vernáculo, mediante Acordo Ortográfico entre os países de língua portuguesa, ainda em transição, fez-se opção pela grafia em voga no Brasil.

As abreviaturas utilizadas no trabalho, referentes principalmente a revistas internacionais, podem ser encontradas na lista do *Journal Abbreviations* do *L'Année Philologique*. Quanto ao nome de autores e obras antigas, as abreviaturas seguem as do *Greek-English Lexicon* (LSJ), de Henry George Liddell and Robert Scott, edição de 1940.

As notas de pé de páginas são corridas, ou seja, não foram divididas por capítulo. As citações literais das fontes secundárias, quando em nota, estão apresentadas na língua original das obras consultadas.

Em relação aos textos antigos, foi realizada uma versão livre dos fragmentos de Hecateu presentes no *Brill's New Jacoby* (2006), que como é sabido, agregou novas passagens em relação à edição original do referido autor (1923). A versão em português transcorreu durante o ano de 2012, contando com o generoso apoio das Doutoras Maria do Céu Fialho e Carmen Leal Soares, respectivamente, Orientadora e Co-orientadora desta tese. As citações literais de fontes primárias presentes no texto da tese assentam-se

em traduções estabelecidas e reconhecidas em português. Edições em outras línguas modernas foram, com frequência, utilizadas no caso de discurso indireto referente a fontes primárias.

Finalmente, a pesquisa sobre Hecateu aqui apresentada tornou-se possível, em grande parte, graças à consulta constante ao trabalho realizado pela professora canadense da Universidade de Alberta, a Doutora Frances Pownall, que traduziu e comentou os fragmentos hecataicos da coleção de Jacoby, re-editados pelo projeto Brill's New Jacoby. Nessa obra, a autora revisita e disponibiliza, em inglês, não apenas testemunhos e fragmentos, mas também levanta questões que a obra do Milésio suscita aos pesquisadores.

RESUMO

Hecateu de Mileto é um autor pouco lembrado nos estudos de historiografia grega, e sobre sua figura muita “poeira” foi depositada. A presente pesquisa pretende mostrar, dentre outros propósitos, que a importância desse autor clássico para a formação da historiografia é bem maior do que muitos têm acreditado.

Ele representa muito bem a produção intelectual da aristocracia grega arcaica, e sua figura e obras merecem ser reavaliadas sob um novo prisma, para que sejam alargadas e atualizadas as reflexões sobre o pensamento histórico grego. A razão histórica que ele cultivou, expressa em sua principal sentença, o fragmento 1, tornou-se um modelo para o tratamento apurado acerca do passado, na cultura grega. A revisão crítica das narrativas míticas presentes na tradição épica, especialmente a de Homero e Hesíodo, constituem o primeiro passo para a construção do pensamento histórico. Do mesmo modo, o surgimento da história grega não seria possível sem dois elementos que a cultura jônica produziu: o desenvolvimento do letramento, com a produção de obras em prosa, e a exploração de mundo que homens como Hecateu realizaram. Como representante da tradição logográfica, o Milésio fará uso da escrita para expor e difundir a sua consciência histórica.

As suas duas obras, a *Periegesis* e as *Genealogiai*, das quais pouca coisa restou, supriram o conhecimento do espaço e do passado no mundo grego, como se fosse uma verdadeira enciclopédia. No século V a.C., elas serviram de fonte para Helânico de Lesbos e Heródoto, e mais tarde, ao chegarem às bibliotecas do período helenístico, tornaram-se, de fato, monumentos da prosa jônica arcaica.

O que se propõe nesta pesquisa é analisar os fragmentos atribuídos a Hecateu dentro de um plano mais amplo do que tem sido seguido nas pesquisas modernas, de comumente considerá-los antigos exemplos de geografia ou mitografia. Sua vasta obra

não se limitou à investigação do espaço e dos mitos, mas abrangeu um espectro de conhecimentos plenamente condizente com as características da *histórie* jônica.

A análise dos fragmentos, no estado em que nos chegaram, ainda são suficientes para sugerir tendências ou indícios do que a tradição preservou. Isso permite de forma limitada formar um esboço do que foi a obra original de Hecateu, e qual sua influência nos autores posteriores. Enquanto na moderna na historiografia Hecateu é tido por mero precursor de Heródoto, a tradição grega antiga o considerou um pensador digno de menção.

Pelo que podemos retirar dos indícios presentes nos fragmentos e testemunhos disponíveis, acreditamos que Hecateu foi um autor que merece figurar entre os principais formadores do pensamento historiográfico grego.

ABSTRACT

Hecataeus of Miletus is not an author mostly remembered in Greek historical studies, and over his image there was deposited a lot of "dust". This research intends to show, among its purposes, the importance of this classic author for the construction of the historical knowledge, that he is much greater than the scholars have accredited.

He faithfully represents the intellectual production of archaic Greek aristocracy, and both his image and his works deserve to be reassessed in a new light, and thus, the studies of Greek historical thought will be expanded and updated. The historical reason cultivated and expressed in his principal judgment, the famous fragment 1, became a model for proper treatment about the past, in Greek culture.

The critical judgment of mythical narratives of the epic tradition, especially those of Homer and Hesiod, is the first stage in the development of historical thinking. Likewise, the emergence of Greek history would not be possible without two aspects produced in the Ionian culture: the development of literacy, with the production of prose works, and the exploration of the world made by men like Hecataeus. As a representative figure of the logographic tradition, the Milesian will use writing to expose and spread his historical consciousness.

His two works, the *Periegesis* and *Genealogiai*, of which little remains, produced knowledge about space and past times, in the Greek world, as a real encyclopedia. In the fifth century BC, they served as a source for both Hellanicus of Lesbos as to Herodotus, and later, these two books arrived in the libraries of the Hellenistic period, and they became really monuments of archaic Ionian prose.

What is proposed in this research is to evaluate the fragments attributed to Hecataeus, under a broader plan than modern researches have followed, as they commonly consider these fragments purely as examples of ancient geography or mythography.

His extensive work was not limited to investigating space or myths, but included a range of knowledge fully consistent with the characteristics of Ionic *Historié*. The analysis we propose for the hecataean fragments, according to their current state, are still enough to suggest trends or clues about what the tradition has preserved. This has allowed us, in a limited way, form an outline of what was the original work of Hecataeus, and what their influence on later writers.

As for modern historiography, Hecataeus is considered a mere precursor of Herodotus, the ancient Greek tradition regarded him a thinker worthy of mention. As the evidence present in the fragments and testimonies, we believe that Hecataeus deserves to rank among the leading personalities in the formation of the Greek historical thought.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

| | |
|--|-----------|
| CAPÍTULO I – ANTECEDENTES LITERÁRIOS DE HECATEU | 31 |
| 1.A historiografia grega antiga: o problema dos inícios. | 31 |
| 2.A inserção do alfabeto na Grécia. | 42 |
| 3.A História: entre o oral e o escrito | 45 |
| 4. O surgimento da prosa grega | 50 |
| 4.1. Livros e Rolos | 62 |
| 4.2. A natureza da literatura logográfica | 65 |
| 4.3. A circulação e publicação de livros | 68 |
| 5. Quem é Hecateu? Para uma datação aproximada do Milésio | 73 |
| 6. Hecateu e seus antecessores | 80 |
| 6.1. Homero e Hesíodo | 80 |
| 5.2. A Escola de Mileto e Xenófanés | 83 |
| 5.2.1. Tales de Mileto | 84 |
| 5.2.2. Anaximandro | 87 |
| 5.2.3. Anaxímenes | 91 |
| 5.2.4. Xenófanés | 96 |
| 6. Entre <i>mythos</i> e <i>logos</i> . O problema do racionalismo hecataico | 100 |
| 6.1. O florescimento da Razão no mundo grego | 100 |
| 6.2. Hecateu e sua racionalidade histórica | 108 |

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO II – HECATEU E SUA OBRA | 119 |
| 1. Os <i>corpora</i> de Hecateu: edições e estudos modernos | 119 |
| 2. As obras: <i>Periegesis</i> e <i>Genealogias</i> . Seu legado na Antiguidade | 122 |
| 3. Os fragmentos: análise tipológica | 130 |
| 3.1. As temáticas geográficas | 132 |
| 3.1.1. Indicações de póleis | 132 |
| 3.1.2. Indicação da localização de uma cidade ou povo em relação a outra cidade, povo ou referencial geográfico | 138 |
| 3.1.3. Indicações específicas de relevo e outras formações naturais | 142 |
| 3.1.4. Indicações hidrográficas | 146 |
| 3.2. Indicações de história natural | 154 |
| 3.3. As temáticas etnográficas | 156 |
| 3.3.1. Indicações de povos e costumes | 156 |
| 3.4. As temáticas históricas | 167 |
| 3.4.1. Indicações de epônimos e dados históricos | 167 |
| 3.5. As temáticas mitográficas | 169 |
| 3.5.1. Os principais mitos hecataicos | 170 |
| 3.5.2. Temáticas genealógicas | 173 |
| 3.6. As temáticas lingüísticas | 175 |
| | |
| CAPÍTULO III – HECATEU NAS FONTES ANTIGAS | 181 |
| | |
| 1 A importância das fontes no estudo de Hecateu | 181 |
| 1.1. Heráclito | 181 |

| | |
|---|------------|
| 1.2. Píndaro | 184 |
| 1.3. Ésquilo | 185 |
| 1.4. Eurípides | 186 |
| 1.5. Helânico de Lesbos | 188 |
| 1.6. Heródoto | 189 |
| 1.6.1. Heródoto fonte de Hecateu | 188 |
| 1.6.2. Hecateu, fonte de Heródoto | 194 |
| 1.6.3. As influências metodológicas – os proêmios | 205 |
| 1.7. Aristóteles | 215 |
| 1.8. Eratóstenes | 216 |
| 1.9. Calímaco | 217 |
| 1.10. Demétrio ou Pseudo-Demétrio | 218 |
| 1.11. Estrabão | 218 |
| 1.12. Plínio, o Velho | 220 |
| 1.13. Pausânias | 221 |
| 1.14. Ateneu | 222 |
| 1.15. Herodiano | 223 |
| 1.16. Valério Harpocrácio | 223 |
| 1.17. Estéfano de Bizâncio | 224 |
| 1.18. Os escoliastas | 225 |
| CONCLUSÃO | 229 |
| BIBLIOGRAFIA | 231 |
| FONTES PRIMÁRIAS | 231 |

| | |
|-----------------------------------|------------|
| COLEÇÕES | 231 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 233 |
| ÍNDICE ONOMÁSTICO | 247 |

INTRODUÇÃO

A proposta desta pesquisa, sob um prisma mais geral e consciente de suas dificuldades, enveredou, desde seu início, por dois propósitos, que no processo da investigação, cruzaram-se em um mesmo objetivo. Em primeiro lugar, ela foi motivada pelo interesse em procurar entender e situar de modo mais claro a formação do pensamento histórico grego. Na entrada do século V a.C., a história estava longe de constituir uma categoria intelectual ou culturalmente bem definida, desde que ainda não distinguiu bem entre mitologia, cosmologia, filosofia e geografia, entre outros saberes cujos estatutos também eram incertos e dependentes entre si.

Na modernidade, Heródoto vem sendo considerado o marco principal de todo um período inicial da historiografia grega, por sua importância como autor e pensador, e pela imensa quantidade de bibliografia a seu respeito, que cresce anualmente, e em várias línguas.

Em segundo lugar, a pesquisa surgiu da constatação de que não eram claros os caminhos da cultura grega que permitiram a composição da obra de Heródoto. Chamava atenção a dificuldade de se encontrar materiais que tratassem dos antecedentes histórico-literários de Heródoto. De modo que os trabalhos iniciais desta pesquisa seguiram na busca e na tentativa de restaurar a importância histórica dos chamados “logógrafos”, essas personalidades quase esquecidas e mal conhecidas da cultura grega, muitas vezes desprezadas nos estudos historiográficos da Antiguidade Clássica. Eles viveram um pouco antes ou foram contemporâneos de Heródoto, mas estão longe de ter o destaque desse autor no âmbito da história universal e da própria literatura, já que suas obras estão, hoje, em estado fragmentário e deplorável.

Desde que Heródoto tem sido denominado *pater historiae*, ele ocupa um lugar que praticamente lhe garantiu a qualificação de figurar como o “primeiro historiador” de fato, sendo os logógrafos meros *coadjuvantes* que precediam a História propriamente dita.

O projeto inicial de estudar os logógrafos e Heródoto nos levou à *École Française* de Atenas, por um mês, e a uma estadia em Roma², por outro mês, ainda no ano de 2001, após quase três anos da defesa do mestrado. O intuito foi o de pesquisar, nas bibliotecas, o máximo possível sobre esses autores, e de obter material para uma futura pesquisa de Doutorado, que apenas se concretizou em 2010, com a aceitação na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Mas, nesse grande intervalo de tempo, entre as pesquisas na Europa e o ingresso no Doutorado, outra questão se fez presente, como impulso orientador da pesquisa atual. No Congresso Internacional da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos - SBEC, edição de Ouro Preto, MG (2004), apresentamos uma comunicação intitulada “A mais antiga prosa grega” que, posteriormente, serviu de base para o artigo “Os primórdios da prosa grega”, publicado na *Revista Archai* (n.3, 2009), da Universidade de Brasília, um periódico dedicado às origens do pensamento grego. Foi possível verificar, naquele momento, que o surgimento da escrita literária grega, com a prosa filosófico-científica do século VI a.C., manteve laços estreitos com a tomada de consciência dos Gregos sobre seu passado e com a expressão historiográfica nascente. Assim, os problemas aludidos naquele trabalho influenciaram decisivamente nos objetivos da pesquisa pretendida no projeto de doutorado.

Os objetivos iniciais que motivavam o ingresso no 3º Ciclo da Faculdade de Letras de Coimbra circulavam em torno da questão dos logógrafos. Analisar se eles mereciam o estatuto de “historiadores” no mundo helênico do limiar da época Clássica, e quais deles mereceriam maior atenção. Para tal, foi preciso engendrar o amplo debate sobre o próprio sentido da historiografia grega, desde suas características e exigências centrais até a discussão moderna que o tema envolve. O objetivo era poder verificar se, e em que medida, a obra dos logógrafos cumpria ou não tais características e exigências. Foram cruciais as contribuições obtidas junto às doutoras Maria do Céu Fialho e Carmen Leal Soares, mencionadas como professoras orientadora e coorientadora, das quais recebemos grande apoio nos campos filológico e historiográfico, relativo às diversas questões que o tema exigia.

² Basicamente, cito as pesquisas que realizei na *Biblioteca Nazionale Centrale Vittorio Emanuele*, na biblioteca do *Dipartimento di Studi filosofici ed epistemologici/Sapienza*, da Universidade de Roma, e na biblioteca da *Pontificia Università Salesiana di Roma*.

O principal aspecto ao qual chegamos nesses estudos preliminares, que envolvia diversos elementos, ora arcaicos, ora clássicos, míticos ou racionais, gregos ou bárbaros, lendários ou históricos, orais ou escritos³, ia, aos poucos, se tornando extraordinariamente nítido na figura e na obra de Hecateu de Mileto, o mais antigo dos logógrafos reconhecidos. Como navegador, cartógrafo, conselheiro político e mitógrafo, Hecateu foi considerado “um dos fenômenos mais importantes na história da mais antiga literatura em prosa” e “realmente o fundador da historiografia dos gregos”, segundo as palavras do famoso filólogo e erudito alemão Felix Jacoby⁴, em seu artigo sobre o Milésio, de 1912. Antes disso, em 1908, o historiador britânico John B. Bury⁵ tratava da “fundação da história grega por Hecateu”, em conferência realizada na Universidade de Harvard, na primavera daquele ano, um grande passo para um maior reconhecimento do autor de Mileto nos livros de história antiga, sem desmerecer os nomes mais conhecidos, como Heródoto, Tucídides e Políbio. Certamente, essa posição de Hecateu, como “primeiro historiador grego”, não passa de um dado bem recente, não sendo reconhecido na Antiguidade, pelo menos antes de Suda (século X d.C.). Como bem escreveu Roberto Nicolai⁶, as fontes geralmente incluem Hecateu no grupo dos mais antigos autores de história, “mas nunca lhe atribuem a paternidade”.

Em suma, como já foi mencionado, os dois propósitos iniciais nos trouxeram até Hecateu, no momento em que ele representa o retrato fiel de uma época ao mesmo tempo agitada, politicamente, mas também culturalmente efervescente. Quando as Guerras Pérsicas atingiram seu auge, com o assalto bárbaro aos Gregos da Ásia Menor, muitos filósofos e poetas espalhados em solo grego já tinham feito fama, educando seu público e divulgando sabedoria⁷. Mileto, dentre as cidades asiáticas, foi o centro das atenções, quando os gregos asiáticos tentaram se libertar do jugo persa, nos inícios do século V a.C. Não é demais afirmar que, por esse tempo, Hecateu representava uma das principais figuras da *intelligentsia* jônica, herdeiro do pensamento da Escola de Mileto;

³ Trata-se das verdadeiras ‘linhas -de- força’ orientadoras desta pesquisa, que continuamente estarão presentes em nossa discussão, seja em termos de confronto, complementação ou troca entre si.

⁴ Jacoby, 1912:2667: “Hekataios ist eine der bedeutendsten Erscheinungen in der Geschichte der älteren Prosaliteratur und der Wissenschaft“ e “Hekataios ist wirklich, der Begründer der Geschichtsschreibung bei den Griechen“. p.2737.

⁵ Conferências editadas em 1909: J.B. Bury. *Early Greek Historians* (Harvard Lectures). New York: The Macmillan Company, 1909.

⁶ Cf. Nicolai, 1997:143

⁷ Com a entrada do século V a.C., ainda corria a fama de homens como Tales e Anaximandro, Anaxímenes, Pitágoras e Xenófanes, que haviam vivido décadas antes, e a de outros nomes que ainda faziam carreira, como Heráclito e Parmênides. Entre os poetas, para essa época, citamos Anacreonte, Simônides de Céos e Baquilídes, seu sobrinho.

e participante ativo do movimento político e militar antipersa, conforme o testemunho de Heródoto⁸. De modo que foi para essa personalidade não pouco controvertida que nos voltamos, como objeto central e escopo desta pesquisa, no intuito de contribuir para o desenvolvimento dos Estudos Clássicos e, ao mesmo tempo, tentar restaurar a importância dos logógrafos para a formação do pensamento grego.

O interesse de trazê-lo à pauta em uma pesquisa de doutoramento de quatro anos na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, de certa forma, termina por ser uma continuação não premeditada da dissertação de mestrado realizada Na Universidade Federal do Rio de Janeiro, entre 1996 e 1998, cujo título foi “Os physikoi jônios e o saber na Grécia arcaica”, sob orientação da Professora doutora Neyde Theml. Basicamente, este estudo tratou do discurso e do papel social de Tales, Anaximandro e Anaxímenes, personalidades arcaicas que, ao se apropriarem de certas temáticas e formas de expressão sobre uma diversidade de fenômenos visíveis, carregaram seu discurso de autoridade e ocuparam um lugar social de saber, em seu tempo e sociedade, criando uma tradição em torno de seus nomes por toda a posteridade. Entretanto, na pesquisa atual, a abordagem dada a Hecateu, o “quarto” dentre os mais famosos pensadores Milésios, como bem definiu Estrabão⁹ no século I a.C., seguiu um viés diferente, pela importância dada à escrita e à literatura, para a sua análise.

Enquanto a bibliografia sobre os três primeiros Milésios se apresenta de forma muito diversificada e farta¹⁰, em vários idiomas, e com produção acadêmica crescente nas últimas décadas, a pesquisa sobre Hecateu logo se revelou um caminho árduo, pela exiguidade de fontes e de discussões contemporâneas sobre sua personalidade e importância na história da cultura grega. Grande parte dessas fontes corresponde a trabalhos oriundos de estudiosos dos finais do século XIX e primeira metade do século XX¹¹, que produziram materiais por si difíceis de dispor e interpretar. Situação que decorre tanto do fato da obra de muitos desses estudiosos representar, atualmente, artigo de “antiquaristas”, quanto do alto grau de erudição necessário ao estudo desses

⁸ Cf. V 36 e 125-126.

⁹ XV 1.7

¹⁰ Por exemplo, ver Y. Lafrance, L. Paquet et M. Roussel, *Les Présocratiques : bibliographie analytique (1879- 1980)*, Vol.I. Montréal-Paris, Bellarmin : Les Belles Lettres, 1988. Não duvidamos do fato de que, de 1980 até hoje, tenha surgido mais bibliografia sobre os três Milésios e sua Escola do que as apresentadas nesta obra.

¹¹ O trabalho de trazer o historiador Milésio a lume deve-se, em grande parte, aos esforços dispendidos há muito tempo por grandes eruditos dos séculos XIX e XX, como H. Diels, F. Jacoby, G. Nenci e A. Momigliano, no campo da história, filologia e filosofia.

documentos. São obras de grandes filólogos que pertenceram a uma época distante da nossa, mas cujas produções são indispensáveis à pesquisa histórica, pela profundidade e amplitude de suas abordagens.

Exemplo notório desses aspectos citados foi vivenciado no decurso do estudo realizado sobre o artigo em alemão de F. Jacoby, na entrada “Hekataios von Milet”, editado na *Paulys Realencyclopädie der Classischen Altertumswissenschaft*, vol. VII, de 1912, que, nas suas mais de cem páginas, ainda consegue ser um dos melhores guias para os estudos hecataicos e seus problemas. Na mesma linha, foi o estudo do artigo do erudito americano William Heidel (1868-1941), *Anaximander’s Book, the earliest known geographical treatise*, de 1921¹², cuja versão para o português¹³ ocorreu no início do doutoramento, conforme anteriormente mencionado. Esse texto quase esquecido tornou-se a chave para a nossa aproximação dos estudos hecataicos, pois, para aquele autor americano, Anaximandro, como predecessor direto de Hecateu, havia tratado em sua obra, basicamente, de geografia histórica e não filosofia pura. Essa visão de Heidel, apesar das críticas que lhe cabem, ajudou bastante a formar o nosso olhar sobre Hecateu, o qual a tradição considerou realmente famoso pelo saber geo-histórico na Antiguidade.

A busca apurada de Heidel pelo livro de Anaximandro, da Ásia Menor a Atenas, do Liceu à Biblioteca de Alexandria, nos serviu de estímulo suficiente para buscar os possíveis roteiros que as obras de Hecateu tomaram, da Antiguidade até praticamente a modernidade. Não podemos nos esquecer de outros estudiosos da mesma época ou anteriores a Heidel e Jacoby, cujas posições acerca dos problemas hecataicos foram importantes nesta pesquisa, como é o caso de K. O. Müller (1813-1894), H. Diels (1848-1922), J. Wells (1855-1929), M.O.B. Caspari (1881-1958), Arnold W. Gomme (1886-1959) e Gaetano de Sanctis (1870-1957), entre outros que, igualmente, mereceram nossa apurada atenção.

Mas, sem a mais leve dúvida, qualquer estudo sobre a historiografia grega deve passar, inevitavelmente, pelos estudos de Felix Jacoby (1876-1959), considerado, em

¹² *Proceedings of the American Academy of Arts and Sciences*, Vol. 56, n.7 (1921). Pp. 239-288. Versão em português de minha autoria: W.A. Heidel. *O Livro de Anaximandro. O mais antigo tratado geográfico conhecido*. Trad.e apêndices K. Koike. Mogi Mirim/SP: Ixtlan, 2011. 166pp. Resenhas em: G. Cornelli. Resenhas. *Revista Archai*, n. 8 (2012), PP. 143-144. Rodolfo Lopes. *Humanitas*, LXIV (2012), pp.272-273.

¹³ W. A. Heidel. *O Livro de Anaximandro. O mais antigo tratado geográfico conhecido*. Trad., apresentação e apêndices K. Koike. Mogi Mirim-SP: 2011, 166pp.

seu tempo, “o homem mais erudito da Europa”¹⁴. Foi ele quem dispôs as grandes linhas de explicação para o surgimento e a evolução do pensamento historiográfico grego, em sua vastíssima obra, bem como ordenou e comentou o material literário sobre Hecateu no primeiro volume de seu *Fragmente der griechischen Historiker*.

Para a realização desta pesquisa, manteve-se o empenho de tentar contribuir para a renovação dos estudos clássicos, ao revisitar, divulgar e confrontar as velhas e as novas posições sobre Hecateu, com o objetivo de lhe conferir um ponto de vista atualizado e coerente. Vale salientar que materiais específicos sobre a formação da historiografia grega e os logógrafos são quase inexistentes na literatura lusófona. Obras, livros e artigos, mas também títulos de divulgação mais ampla, sobre Heródoto ou Tucídides, por exemplo, se fazem presentes e são geralmente acessíveis em português, na maioria das vezes provenientes de traduções do francês ou do inglês¹⁵, ou pela edição de estudos acadêmicos¹⁶. No entanto, após realizar pesquisas sobre a historiografia logográfica e fragmentária em língua portuguesa, incluindo livros, artigos, teses e dissertações, no Brasil e em Portugal, onde o campo de Estudos Clássicos do mundo lusófono é mais desenvolvido, chegou-se a resultados desapontadores. Mas, precisamente isso tornou-se mais uma motivação para prosseguir nesta pesquisa, tendo servido como base para o projeto de Doutorado apresentado à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

A título de apresentação, os resultados da investigação estão ordenados em três capítulos, com subdivisões que expressam tanto os caminhos da pesquisa quanto pretendem indicar o alcance e os limites da análise realizada. O primeiro capítulo inicia-se considerando a importância da investigação da historiografia arcaica anterior ou

¹⁴ Segundo Robert Dundas, em conferência na Christ Church de Oxford. Citado por Mortimer Chambers. *La vita e carriera di Felix Jacoby*, in: C. Ampolo (ed.) *Aspetti dell'opera di Felix Jacoby*. Pisa: Scuola Normale Superiore, 2006. P.05.

¹⁵ Por exemplo, Catherine Darbo-Peschansky. *O Discurso do Particular: Ensaio sobre a investigação de Heródoto*. Tradução: Ângela Martinazzo. Editora da UnB, 1998. Jacqueline Romilly. *História e razão em Tucídides*. Trad. Tomás Rosa Bueno. Brasília: UnB, 1998. F. Hartog. *O espelho de Heródoto. Ensaio sobre a representação do outro*. Trad. Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999. A. Momigliano. *As Raízes Clássicas da Historiografia Moderna*. Trad. Maria Beatriz B. Florenzano. Bauru-SP: EDUSC, 2004. Marshall Sahlins. *História e Cultura. Apologias a Tucídides*. Trad. Maria Lucia de Oliveira. Rio de Janeiro Jorge Zahar, 2006. Há igualmente uma série de artigos em revistas científicas sobre historiografia, muitos dos quais de qualidade, principalmente no Brasil e em Portugal, mas a maioria tratando dos “grandes historiadores”: Heródoto, Tucídides, Xenofonte ou Políbio.

¹⁶ Citemos *A Morte em Heródoto*, de Carmen Isabel L. Soares. Lisboa: Fund. Calouste Gulbenkian, 2003. Cynthia Moraes. *Maravilhas do mundo antigo – Heródoto, pai da História?* Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004. Camila da Silva Condilo. *Heródoto, as Tiraniás e o Pensamento Político nas Histórias*. São Paulo: Annablume, 2010. Paulo Ângelo M. Sousa. *O debate persa em Heródoto*. Teresina: Ed. UFPI, 2010.

contemporânea a Heródoto, no contexto da discussão sobre a própria historiografia grega e os problemas relativos aos inícios do sentido histórico helênico.

Em grande parte dos manuais modernos, a produção histórica grega começa e é apresentada, efetivamente, a partir da composição das *Histórias* de Heródoto. Já Hecateu, quando muito, surge, geralmente, lembrado como uma figura menor, apenas referido com pouca ênfase, como uma mera introdução ao pensamento *realmente* histórico. A obra hecataica, além de fornecer os primeiros traços do enciclopedismo e de erudição do mundo grego, é uma das fontes cruciais, dentre as de que se tem notícia em sua época, para a compreensão dos primeiros passos na formação do sentido histórico clássico. O tratamento que ele dedicou aos *logoi* gregos, em seus dois escritos, terminou servindo como fonte e padrão de expressão para toda a sorte de autores, desde poetas a outros logógrafos mais recentes, do porte de Helânico; dos trágicos famosos, como Ésquilo, Sófocles e Eurípides, a historiadores como Heródoto e Tucídides; de mitógrafos e viajantes tardios, como Paléfato, Apolodoro e Pausânias, a geógrafos, como Eratóstenes e Estrabão.

A avaliação do impacto cultural e historiográfico da obra hecataica perderia seu nexu histórico se não fosse relacionada ao próprio surgimento da escrita na Grécia, com a inserção do alfabeto, o aparecimento das primeiras obras em prosa e o aumento da circulação de “livros” pelo território grego. São esses os pontos tratados ainda no primeiro capítulo, de fundamental importância para os objetivos da pesquisa. O fato de que Hecateu “escrevia” prosa conduz a uma série de questões sobre a história do letramento grego, e de como foi transmitida sua obra. Ele foi o primeiro autor a declarar expressamente que “escreve”, no contexto arcaico. Sua sociedade, ainda não razoavelmente letrada, continuou a depender da leitura pública das obras. Torna-se legítimo, então, entender a relação entre o oral e o escrito naquele mundo, bem como o uso de rolos e a natureza dos primeiros tratados escritos, no modelo produzido pelos logógrafos.

Mostrou-se fundamental, ainda, fazer uma discussão do que se sabe sobre a vida e a época de Hecateu, segundo as informações provenientes dos antigos testemunhos. De forma similar, a pretensa afinidade e a relação com os pensadores jônicos Tales, Anaximandro e Anaxímenes, além de Xenófanes, mereceram atenção. A tendência de tratar separadamente “filósofos”, “poetas” e “historiadores”, no âmbito da história do pensamento antigo, tem limitado bastante o entendimento geral da cultura grega.

Tentou-se oferecer, nesta seção, algumas pistas sobre a formação intelectual de Hecateu, em consonância com sua época e possíveis influências intelectuais.

Para concluir o primeiro capítulo, investigou-se em que o velho jargão “do mito ao *logos*” ainda pode oferecer à discussão historiográfica. De modo que, começando pelo surgimento da “razão” grega com os chamados filósofos pré-socráticos, chegamos a considerar a constituição do saber histórico, que, se não deve mais ser visto como *evolução* ou *passagem* do *epos* à história científica, pelo menos pode representar o crescimento da crítica realista contra os absurdos do mito (e não contra o mito inteiro), na busca de preservar a memória e construir a própria imagem de passado. Não deve ser mera coincidência que, tanto no caso dos pré-socráticos, quanto no da historiografia, a pesquisa tenha nos levado até Mileto, a pólis que viu nascer os primeiros filósofos, os primeiros logógrafos (Hecateu e o obscuro Cadmo são Milésios), e onde, tudo indica, surgiu o estilo prosaico.

Portanto, não sem razão, e como se pode ver, muito da postura desse Milésio diante dos mitos parece indicar certa reserva crítica acerca do que as tradições míticas narravam. Mas, nunca há a negação cabal do universo mítico, nem se questionam certos pressupostos ancestrais que levam à época dos heróis, à Guerra de Troia ou à viagem do Argonautas, por exemplo, eventos considerados “história”, não apenas na mente da comunidade grega em geral, mas também para os homens mais cultos, os autores de *lógoi* ou logógrafos.

O segundo capítulo inicia-se com a apresentação de Hecateu segundo as fontes antigas, pelo que foi atestado em seus testemunhos. É crucial investigar os autores que o tomaram como fonte, além de Heródoto, mas de épocas mais próximas, como Estrabão, Pausânias, Apolodoro e Ateneu, entre outros, até o período dos Escólios tardios, sem data certa de composição. Tentou-se, de modo não exaustivo, estabelecer os contornos literários e de pensamento do Milésio dentro da cultura grega, no decorrer dos tempos.

Dos mais antigos autores logógrafos, genealogistas e periegetas, apenas restam raros fragmentos, espalhados em obras diversas posteriores. Tal é o caso de Hecateu, Dionísio, Cílix, Ferécides, Acusilau, Xanto e Helânico, entre outros menos conhecidos ainda, cujas referências não passam de meras citações de nomes. As obras desses homens perderam-se quase por completo, segundo as desventuras e as fatalidades

históricas que terminam por extinguir muitos livros¹⁷, para grande prejuízo da literatura grega. Na verdade, alguns autores e títulos lançavam mais interesse que outros ou, como disse Finley¹⁸, alguns foram julgados dignos de serem copiados e recopiados durante séculos de história grega e, depois, bizantina. O mais curioso é que, por algum motivo, parte das obras de Hecateu de Mileto nos chegou e, dentre os fragmentos supérstites dos logógrafos, os do Milésio estão entre os maiores. Por sua antiguidade, ele, geralmente, tem encabeçado as listas das coletâneas modernas feitas para os historiadores gregos fragmentários¹⁹.

Apesar de terem sido editados os fragmentos de Hecateu em anos mais recentes, como por Nenci (1954), Moscarelli (1999) e por R. Fowler (2000)²⁰, utilizamos, nesta pesquisa, a notável coleção de Felix Jacoby, *Die Fragmente der griechischen Historiker*²¹, Bd. 1,1: *Genealogie und Mythographie*, editada em 1923, reeditada pela Brill's, em 1957 e agora pelo projeto Brill's New Jacoby, atualizado, revisado e comentado. A descoberta que fizemos da existência da reedição da monumental obra do professor alemão proporcionou um grande impulso na realização desta investigação. As pequenas adições e os comentários às passagens foram acolhidos em nossa pesquisa, por considerar o sério trabalho realizado pela competente equipe de filólogos e historiadores que se dispuseram a trazer a lume os milhares de fragmentos que Jacoby havia colecionado. De grande contributo foi a disponibilidade *on line* desta edição²², que em muito agilizou os trabalhos da pesquisa. Basta lembrar que a edição original de Jacoby apenas traz o texto grego, sem tradução e com os respectivos comentários do autor, em alemão.

¹⁷ Um livro bastante sugestivo que fornece uma ideia geral sobre isto é o de Fernando Báez, *História Universal de la Destrucción de libros, de las tablillas sumerias a la guerra de Irak*. Barcelona: Destino, 2004. Existe a versão em português, *História universal da destruição dos livros, das tábuas sumérias à guerra do Iraque*. Trad. de Léo Schlafman, Rio de Janeiro: Ediouro, 2006. Para uma abordagem mais específica: G. Cavallo, *Conservazione e perdita dei testi greci: fattori materiali, sociali, culturali*, dans A. Giardina (a cura di), *Tradizione dei classici, trasformazioni della cultura* (Roma-Bari, Editori Laterza, 1986), p. 83-172.

¹⁸ M.I. Finley, *O Mundo de Ulisses*. Trad. Armando Cerqueira. Lisboa: Presença, 1988, p.18.

¹⁹ Por exemplo, as de G. F. Creuzer, 1806, K. e T. Muller, 1841 e Jacoby, 1957. *Por sinal, este último apenas seguiu e melhorou as Coletâneas anteriores*

²⁰ Trata-se do *Early Greek mythography, Volume I: Text and Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2000. Embora trazendo apenas as referências em grego das *Genealogias*, é uma excelente edição.

²¹ Felix Jacoby (1876-1959) editou esse primeiro volume do seu *Die Fragmente der griechischen Historiker*. (FGrHist) pela Weidmann, Berlin, 1923. Anos depois, foi relançado corrigido, revisado e comentado pela Brill, Leiden, 1957.

²² O Brill's New Jacoby Online é a publicação eletrônica e relançamento do FGrH de F. Jacoby, iniciada em 2006 e continua até hoje. Para consulta, deve-se acessar: <http://referenceworks.brillonline.com/>

A parte I-III da reedição do Brill's New Jacoby (citado BNJ), na qual se encontra Hecateu, saiu sob direção do professor Ian Worthington, da University of Missouri, a partir de 2006. Os testemunhos e os fragmentos originais dos autores da edição de Jacoby trazem, ao lado, a tradução para o inglês, bem como comentários críticos e abaixo, uma bibliografia atualizada. A edição revisou partes da versão de Jacoby, e cada referência tem vários *links*, como uma enciclopédia interativa, para que o leitor possa consultar as informações necessárias, em simultâneo à sua leitura. A parte relativa a Hecateu foi elaborada, traduzida e comentada pela professora doutora Frances Anne S. Pownall, da University of Alberta, Canadá.

As maiores diferenças entre essa versão e a original alemã estão na adição de algumas passagens testemunhais que Jacoby não havia inserido em seu texto e que ajudam como informação sobre Hecateu, como a referência de Isidoro Hispalensis, o bispo de Sevilha do século VII d.C. (T1b); a de Solino, gramático latino do século III d.C. (T3a) e a do erudito bizantino Teodoro Metochites, do século XIV, que comenta sobre o estilo de Hecateu. Nos fragmentos, as mudanças são poucas, também, sendo preservada a numeração da edição original (cada entrada nova é inserida com um *a*, *b* ou *c* ao lado da numeração de Jacoby). A inserção mais notória diz respeito a quatro²³ passagens do mitógrafo italiano Natalis Comes, do século XVI, que não constavam nem da edição de Muller, nem na de Jacoby, muito embora sejam interessantes os motivos de Pownall e de outros para ceder algum crédito ao autor italiano.

Em seguida, são abordadas as obras de Hecateu, a *Periegesis* e as *Genealogias*, e seu legado na Antiguidade. Hecateu foi respeitado, na tradição clássica, como um dos mais antigos geógrafos, grande viajante e herdeiro de seu concidadão Anaximandro na arte de confeccionar mapas da Terra. Por isso, ele, geralmente, figura como um capítulo importante nas abordagens sobre viagens e viajantes gregos, sobre o desenvolvimento do conhecimento geográfico e sobre os primeiros passos da cartografia grega²⁴. Seu escrito chamado *Periegesis* constituiu um marco dentro da literatura de viagens e de exploração do mundo. Mas, o que esse saber agregou ou representou à cultura de seu

²³ F6a, F6b, F25a e F35b.

²⁴ H.F. Tozer. *A History of Ancient Geography*. New York, 1971. W.A. Heidel. *The Frame of the Ancient Greek Maps*. New York: American Geographical Society, 1937. P. Pédech. *La Géographie des Grecs*. Paris: P.U.F., 1976. G. Marasco. *I viaggi nella Grecia antica*. Roma: Ateneo & Bizzarri, 1978. M. Sordi. *Geografia e Storiografia nel mondo classico*. Milano: Univ. Católica Sacro Cuore, 1988. F. Javier Gómez Espelosín. *El descubrimiento del mundo: geografía y viajeros en la antigua Grecia*. Madrid: Akal, 2005. F. Cordano. *La Geografia degli antichi*. Roma-Bari: Laterza, 2011.

tempo? Como a geografia-cartografia pode ser enquadrada no esquema geral das obras de Hecateu? O que podemos retirar dos fragmentos, em termos de conhecimento do espaço, do mundo, dos povos e da história?

A segunda obra de Hecateu, comumente intitulada *Genealogias*, *Heroologia* ou *Histórias*, foi uma empresa do mais alto valor para a cultura helênica e, provavelmente, a de maior impacto dentro da produção mitográfica arcaica e clássica. Foi nela que Hecateu demonstrou maturidade intelectual, quando deixou sua marca metodológica no tratamento historiográfico que preconizou. Segundo o que se pode apurar dos indícios históricos, essa obra deve ter sido composta em época ligeiramente posterior, em relação à *Periegesis*²⁵, talvez já no século V a.C. Diferentemente das descrições geotnográficas do texto anterior, esse segundo escrito tratava, basicamente, das grandes temáticas mitológicas e genealógicas da tradição grega, das importantes famílias e de heróis notáveis que se acreditava, um dia, terem pisado em solo grego.

A pesquisa segue o caminho de oferecer um tratamento de ordenação e análise tipológica dos fragmentos, quando é feita uma breve discussão de cada corpo temático separadamente, e é apresentada uma tabela para a visualização das passagens citadas. É que a simples leitura da lista dos fragmentos hecataicos, no estado deplorável em que se apresentam, e cuja época, contexto, fonte e qualidade são tão diversos, não nos permite alcançar uma percepção sistemática e profunda acerca do que realmente aqueles escritos foram e representaram para a cultura grega, nem acerca da personalidade de seu autor dentro da história da literatura.

De tal modo, a investigação proposta neste trabalho pretendeu tanto identificar seu papel na tradição literária grega e na própria historiografia, bem como retirar algumas conclusões sobre a transmissão e a natureza de seu texto. Os mais de trezentos e setenta breves fragmentos da *Periegesis* e das *Genealogias*, em sua maioria presentes na obra tardia de Estéfano de Bizâncio, foram ordenados por temáticas, considerando o equilíbrio entre o que a tradição antiga atribuiu, o que os fragmentos podem revelar e o que os estudiosos atuais têm escrito sobre Hecateu. Os temas mitográficos, geotnológicos, genealógicos, linguísticos e históricos são mostrados em tabelas, para que se visualise o estado atual dos fragmentos hecataicos e, assim, de sua obra.

²⁵ Essa temática será tratada com mais cuidado no Capítulo II, sobre a obra hecataica. Mas, adianto que, embora não resolvida a questão, vence a posição de que o escrito *Genealogias* deve ter sido composto anos após a *Periegesis*, segundo defendem Jacoby (1912, p.2741-2), De Sanctis, 1951:11, e P. Tozzi, 1966:51, S. Mazzarino, 1990:60.

O terceiro capítulo inicia-se com a apresentação e breve discussão sobre as fontes que preservaram notícias e fragmentos de Hecateu. Mas, a pesquisa reservou um espaço mais amplo para a análise da relação entre Hecateu e Heródoto na antiga tradição. Todo aquele que pretende estudar Hecateu precisa estar com a obra de Heródoto aberta ao lado, dado que muitas lacunas dos fragmentos do Milésio podem ser preenchidas pelas palavras do historiador de Halicarnasso. Em nossa pesquisa, não buscamos a fonte Hecateu para entender a escrita de Heródoto, nem simplesmente buscamos o que supostamente Heródoto “tomou” de Hecateu. Não sem razão, e na maioria das vezes, o que se fez foi ler atentamente Heródoto para, desse modo, nos aproximar de seu predecessor. Também foram motivos de atenção as antigas denúncias de plágio de Heródoto, e são investigadas, não exaustivamente, as passagens em que as *Histórias* de Heródoto supostamente dependeram de algum modo dos escritos de Hecateu.

Por fim, se Hecateu tem sido considerado, por alguns autores, o fundador²⁶ oficial do mais antigo método científico de investigação histórica, o fato decorre do pequeno texto exposto em seu principal fragmento, o F1 na antologia de Jacoby, que inicia as *Genealogias*. As poucas palavras presentes nesse pequeno trecho são comemoradas como um marco dos estudos históricos antigos, inegável expressão da racionalidade jônica nos inícios da historiografia, e têm recebido a atenção de muitos autores modernos, principalmente italianos²⁷. Foi a partir dele que Heródoto e muitos outros puderam realizar seu projeto histórico de modo crítico e aberto, nas devidas proporções histórico-temporais.

A natureza desse proêmio é investigada em comparação com outros trabalhos mais ou menos contemporâneos a Hecateu, dentro da literatura grega, para situá-lo historicamente e para verificar seu alcance metodológico. A forma despojada, independente, às vezes irônica ou, mesmo, arrogante de se colocar é bastante condizente com o espírito livre de pensamento cultivado na Jônia – o verdadeiro berço da filosofia. Tales, Anaximandro, Anaxímenes, Xenófanes, Hecateu, Focílides e Heráclito são

²⁶ Por exemplo, W. Nestle. *Vom Mythos zum Logos*. Stuttgart: Alfred Kroner: 1940, p.134. Apud R. Nicolai, Pater semper incertus. *Appunti su Ecateo*. *Quad. Urb. Cult. Class.* NS 56 n.2 (1997), p. 152.

²⁷ G.De Sanctis. *Intorno ao razionalismo di Ecateo*, *RFIC*, 11 (1933), pp.1-15 ; G.Nenci. *Ecateo di Mileto e la questione de suo razionalismo*. *RAL* s.VIII, VI (1951), pp.51-58; A. Momigliano, *Il razionalismo di Ecateo di Mileto*. In: *Atene e Roma*, n.s.XII (1931), pp. 133-142. R. Fertonani. *Ecateo di Mileto e Il suo razionalismo*. In: *La Parola del Passato*, VII (1952), pp. 18-29. A. Gitti. *Sul proemio delle “Genealogie” di Ecateo* – *RAL Ser.8*, Vol. 7 (1952), 389–98.

exemplos desse ímpeto de afirmação das individualidades aristocráticas na Jônia Arcaica.

Para facilitar a consulta, a análise e o tratamento da obra de Hecateu, foi inserido como apêndice uma versão livre, do grego para o português, dos fragmentos do Milésio, como parte da pesquisa durante o ano de 2012, sob supervisão e orientação das doutoras Maria do Céu Fialho e Carmem Leal Soares, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, a quem agradecemos pela paciência e contribuição ao esforço de trazer esse autor para a língua portuguesa. A não existência de uma edição completa em português dos fragmentos de Hecateu exigiu executar esse duro trabalho de tradução, que tomou quase um ano de trabalho. A não tradução dos testemunhos de Hecateu foi uma opção refletida, por três motivos: primeiramente, não havia a intenção de editar os fragmentos e testemunhos completos de Hecateu, no modelo apresentado por Moscarelli (1999), pois se assim fosse, o trabalho de doutoramento deveria ater-se, basicamente, a este propósito, o que não foi o caso; em segundo lugar, pela existência de excelentes traduções de boa parte dos testemunhos hecataicos, seja em português²⁸, espanhol²⁹, italiano³⁰ ou inglês³¹; terceiro, os fragmentos constituíam o foco da investigação e, como tal, precisaram ser traduzidos e analisados, pois, caso contrário, seria impossível a realização dos objetivos propostos na pesquisa, como oferecer um panorama das duas obras e, ainda, realizar a análise de sua tradição temática ou a discussão da obra literária hecataica. De toda forma, quando necessário, os testemunhos estão citados, na maioria das vezes, de forma indireta.

²⁸ Por exemplo, em relação às passagens de Heródoto, nas edições do Brasil (Mário da Gama Kury, Brasília: UnB, 1988) e de Portugal, para os volumes existentes até o momento: I, III, IV, V, VI, VIII, pela Editorial 70, Lisboa. Participaram das traduções: José Ribeiro Ferreira e Maria de Fátima Silva (I), Maria de Fátima Silva e Christina A. Guerreiro (III e IV), Maria de Fátima Silva e Carmen Leal Soares (V), José Ribeiro Ferreira e Delfim Ferreira Leão (VI), José Ribeiro Ferreira e Carmen Leal Soares (VIII). Em português, também nos foi útil a tradução do latim de Avieno, *Orla Marítima*, pelo professor José Ribeiro Ferreira, Coimbra, 1985.

²⁹ Traduções da Gredos, basicamente as de Estrabão (*Geografia, libros I-II (1991), V-VII(2001); VIII-X (2001); XI-XIV (2003)*), por J.L. García Ramón e J. García Blanco (I-II); José V. Tejada y Jesús Gracia Artal (V-VII), Juan J. Torres Esbarranch (VIII-X); M^a Paz de Hoz García-Bellido (XI-XIV); Pausânias (*Descripción de Grecia, libros III-IV*), por Ma. Cruz H. Ingelmo (1994); Diodoro de Sicília (*Biblioteca Histórica*), por J. J. Torres Esbarranch; Plínio, o Velho (*História Natural, libros I-II*), por A. Fontán, A. M^a Moure Casas et alii (1995). Também utilizamos Diodoro Sículo (*Biblioteca Histórica, libros I-II*), trad. Manuel S. Espinosa, pela Editoral Alianza, 2004.

³⁰ Citamos a edição de E. Moscarelli, em seus livros: *Ecateo di Mileto. Testemoniaze e Frammenti* (Napoli, 1999) e *I Quattro Grandi Milesi* (Napoli: Liguori, 2005).

³¹ Basicamente para Ateneu (*The Learned Banqueters*), nos volumes da Loeb Classical Library, de Harvard, tradução de S. Douglas Olson, e Dionísio de Halicarnasso, edição de W.Kendrick Pritchett. *Dyonisius of Halicarnassus: On Thucydides*, Berkeley: Univ.of California Press, 1975.

CAPÍTULO I – ANTECEDENTES LITERÁRIOS DE HECATEU

1. A historiografia grega antiga: o problema dos inícios

É uma “premissa errônea”, como declarou M. Finley³², crer que os antigos Gregos e Romanos tivessem a mesma concepção que temos hoje do estudo e escrita da história. Mas o facto é que o recorte moderno e contemporâneo do que seja ‘história’ constitui o padrão de classificação e análise para o que seja historiografia antiga. Nesse sentido, alguns afirmaram que os Gregos cultivavam tendências “a-históricas”, segundo a percepção do historiador britânico Robin Collingwood, em seu livro póstumo *The Idea of History*, de 1946³³, ou que a civilização greco-romana foi a-histórica, como colocou E.H. Carr em seu *What is History?*, de 1961³⁴.

Comparativamente a nós, os Gregos possuíam várias limitações de método de tratamento e percepção do passado: suas fontes eram poucas e duvidosas, eles foram crédulos acerca dos mitos e tradições orais, seu referencial de tempo passado era estreito, e não concebiam uma história em amplo sentido. Mas esses questionamentos acerca da natureza e método da historiografia grega, feita por vários autores contemporâneos, possuem seu fundamento nas características científicas ou não científicas da prática histórica dos antigos³⁵. Ao modelo da filosofia, que rompe com o mito do século VI a.C., a história entre os Gregos também tem sido vista como um processo de passagem do *mythos* ao *logos*. Nesse sentido, como bem notou F. Hartog³⁶, sempre somos levados ao mundo da epopéia, seja para indicar continuidades, seja para acentuar rupturas. Mas o que pode ser dito sobre a historiografia grega anterior a Heródoto e Tucídides?

³² M.I. Finley, *Homer, the poetry of the past*. Ithaca: Cornell Univ. Press, 1994:21

³³ Cf. Edição portuguesa, *A Ideia de História*, trad. Alberto Freire, Lisboa: Presença, 1994.

³⁴ Cf. Edição portuguesa, E.H. Carr, *Que é a História?* Trad. Ana Maria P. Dias da Rocha, Lisboa: Gradiva, 1986:120.

³⁵ Por exemplo, J. Bury. *The ancient Greek historians*, New York: Dover Pub., 1909; F. Châtelet. *El nacimiento de la historia. La formación del pensamiento historiador en Grecia*. Buenos Aires: Siglo XXI, 1978; J.L. Cassani – A.J. Perez Amuchastegui. *Del Epos a la historia científica*. Buenos Aires: Nova, 1971. (; J;L. Tuero. Orígenes de la historiografía, In: .A. López Ferez (org.): *História de la Literatura griega*, cap.IX) – J, Madrid: Catedra, 1988.

³⁶ F. Hartog, 1999:11.

Sabemos que, antes da aparição dos logógrafos no século VI a.C., eram os poetas que tinham o encargo de construir o passado e divulgar as tradições. Os poemas homéricos representam a forma literária dos mitos, das lebranças ancestrais, independentemente de ter realmente existido ou não um poeta chamado “Homero”, ou se uma guerra entre Gregos e Troianos foi real ou imaginária. Importa considerar que muitos Gregos tinham nos mitos heroicos a sua “história antiga”³⁷. Quando Hípias³⁸ discursava sobre “assuntos do passado” para os Lacedemônios, o termo que usou para referir-se a isso foi *archaiologia*. Tucídides utiliza as palavras gregas *palai*, *palaiá*³⁹ e seus correlatos para expressar os tempos passados, desde a época mítica. No entanto, seus comentaristas nomearam “*archaeologia*” esse trabalho prévio na obra de Tucídides (I 2-19)⁴⁰. Alguns séculos depois, no ano I a.C., Diodoro Sículo referia-se a “antigas lendas” gregas e bárbaras com essa mesma palavra. Também o historiador Flávio Josefo⁴¹ (c. I d.C.) classificava entre os autores que escreveram sobre “antiguidade” (*archaiologia*): Hesíodo, Hecateu, Helânico, Acusilau, além de Éforo e Nicolau.

A distinção entre a provável consciência histórica dos antigos gregos e o que hoje julgamos de suas conquistas historiográficas torna-se importante na medida em que a perspectiva grega do próprio passado foi diferente da nossa. Impor para eles os modernos critérios de cientificidade histórica é prejudicial para um entendimento crítico daquele pensamento. A questão do surgimento do pensamento histórico grego está envolvida pela postura diante da tradição sobre o passado, visto como manifestação da memória ancestral, registros do passado real ou lendário, que ao ser sistematizado, tenta se libertar dos absurdos e contradições.

A base da sistematização realizada pela historiografia nascente teve como ponto de partida o abandono das incertezas temporais da tradição mítica e a passagem para a tentativa de encontrar referências concretas e mais objetivas para o tempo⁴². Os mitos, para os Gregos arcaicos e clássicos, em sua percepção basicamente religiosa, estavam longe de ser meras fabulações da imaginação, como narrativas de eventos irrealis de um passado perdido. Pelo contrário, os mitos são o referencial de ligação com o passado,

³⁷ J.A. Caballero López. *Inícios y desarrollos de la historiografía griega*. Madrid: Síntesis, 2010, p.17.

³⁸ Plat. Hp. Ma. 285e.

³⁹ Tuc. I 2-4, 20-21, etc.

⁴⁰ Sobre esta temática específica: Juan J. Moralejo. “La Archaeologia de Tucídides: balance crítico”. *Cuadernos de la Fundación Pastor* 27, Madrid: Fundación Pastor, 1981, pp 11-52.

⁴¹ *Ioseph.ant.lud.* I 107. Cf. 9DK23B.

⁴² Cf. Perea Yébenes, 2000: 117. Na visão deste autor, “o problema do tempo está na origem da historiografia” (ibidem, p.131).

como uma forma de memória primitiva, de fundo histórico, embora carregassem características extremamente simbólicas e atemporais⁴³. Cada povo tem suas maneiras de vivenciar as próprias referências ao seu passado, em termos de experiência de memória; a religião, nesse contexto, tem um papel determinante, pois tanto organiza os simbolismos míticos diante da vida, quanto assegura sua tradição. Todo agrupamento humano tem seus métodos de lidar com a tradição, que precisa ser passada através das gerações e assim manter a própria identidade. O que se questiona é: de que forma se constitui o sentido de “história” entre os Gregos? Ao contrário do que se pode pensar, a poesia épica não cantava apenas um mundo irreal ou idealizado. Há nele um fundo histórico que os Gregos não podiam ignorar. Nem os autores mais críticos como Heródoto e Tucídides duvidaram da realidade da Guerra de Troia, o marco fundamental para o sentido histórico-temporal helênico. Segundo López Eire, esse confronto assinalava a linha divisória entre o mito e a história, e representava simplesmente o “coração da mitologia grega”⁴⁴. Nem os dois famosos historiadores citados acima, nem seu público, precisavam acreditar em tudo o que cantavam os poemas homéricos: que os deuses participaram de batalhas, ou que os heróis podiam fazer tudo o que se dizia. No entanto, não podiam negar que houve um longo e duro combate⁴⁵, que mobilizou muitos homens, dos quais centenas morreram em batalha, que um rei chamado Agamêmnon liderou as forças gregas, e assim por diante. Os mitos, por si, não são falsos, e necessariamente não são opostos à história. Mesmo com suas alegorias e exageros, o mito grego não se resume a uma completa invenção ou falsidade⁴⁶. Seria preciso interpretá-lo para alcançar seu fundo de verdade, ou seja, a sua historicidade⁴⁷. Pelo

⁴³ Para M.I. Finley (1994, p.07), o épico não era história, mas uma narrativa detalhada, que descrevia banquetes, funerais, guerras, viagens, etc, tudo acontecendo no estilo “era uma vez”, ou seja, isolado de critérios temporais, como soltos no nada. Como exemplo, cita o rapto de Helena, para ele “fundamentalmente atemporal”.

⁴⁴ A. López Eire, 2005: 91 e 98.

⁴⁵ Afirma P. Veyne, “Para os gregos, a guerra de Troia existira porque uma guerra não tem nada de maravilhoso; se extirparmos Homero do maravilhoso, resta essa guerra”. Cf. P. Veyne. *Acreditaram os Gregos nos seus mitos?* Trad. A. Gonçalves, Lisboa: Ed. 70, 1987, p.77.

⁴⁶ Cf. P. Veyne, 1987:7.

⁴⁷ Ainda é Veyne (op.cit. p.89), quem define essa postura: “Para depurar o mito e fazer dele uma tradição exclusivamente histórica, bastará eliminar tudo o que não tem equivalente detectado na nossa era histórica”. Para exemplificar, este autor cita Tucídides, Paléfato, Cícero, Tito Lívio e outros. Porém, a tendência de criticar o mito no pensamento grego é um tanto anterior aos nomes citados acima. Embora Hecateu, que viveu no final do século VI a.C., seja visto como o pioneiro na racionalização do mito (Cf. Manuel S. Morales. *Mitógrafos Griegos*. Madrid: Akal, 2002, p. 205), Santo Mazzarino propõe recuar no tempo para entender essa tendência; afirma este autor, “le origini di quella che noi chiamamo ‘critica storica’ consistono dunque in un travaglio di poeti e profeti, tra il 650 e il 580 a.C. all’incirca”. S. Mazzarino, *Il Pensiero Storico Classico*, T.1. Roma-Bari: Laterza, 1990, p.50.

menos será essa a tendência crítica que vai se projetando na mente de alguns dos homens cultos da pólis grega dos séculos VI e V a.C. em diante. Segundo essa corrente, seria preciso reconhecer o que de verossímil há nos mitos, e daí apurar o que nele é histórico⁴⁸.

Em sentido rigoroso (ou se quisermos, em sentido moderno), os Gregos são considerados os criadores do “fazer história”, bem como provém deles a noção do historiador, aquele que exerce o ofício de historiador⁴⁹. Eles ultrapassaram a barreira do simples arquivamento de dados, da divulgação das lendas tradicionais de um passado indefinido, para chegar ao registro crítico e à interpretação dos feitos humanos passados, mas não porque quiseram fundar uma ciência, mas sim para tornar seu passado verossímil.

O interesse crítico de observar o passado, fruto da cultura grega, surge desde o momento que foram separados os feitos humanos dos divinos⁵⁰, e quando os mitos foram questionados em nome de uma verdade. É preciso assinalar, no entanto, que os Gregos não se tornaram céticos racionalistas, escravos da verdade absoluta, nem se separam completamente da palavra mito-poética, dentro de seu contexto cultural. Com efeito, o saber histórico grego, relaciona-se com o estatuto do “historiador” no mundo grego. Ninguém negaria o nome de “historiador” para Heródoto ou Tucídides. Collingwood⁵¹, após defender Heródoto como “pai da história”, por ter sido o fundador da história científica, polemiza ao afirmar que “na Grécia não havia historiadores, no sentido que existiam artistas e filósofos. Não havia pessoas que dedicassem a vida ao estudo da história. O historiador era apenas o autobiógrafo de uma geração”.

Primeiro, falar de atividades “profissionais” no mundo grego não é algo prudente, em especial se tomarmos como padrão de referência a ideia de “profissão” enquanto ocupação especializada. Citar o “filósofo” como exemplo de identidade profissional estabelecida já é algo problemático, principalmente se nos referirmos ao período anterior à sofística. Se observarmos quem *professava* a memória e o passado do

⁴⁸ Essa postura metodológica acerca dos contos míticos, que Hecateu já praticava, chega com vigor, por exemplo, no século I a.C., mais precisamente em Plutarco. As palavras deste autor em sua *Vida de Teseu* são mais que confirmadoras nesse aspecto: “Seja-me, então, permitido, submeter o elemento mítico, à depuração da razão de modo a assumir, assim, uma perspectiva de História”. Tradução de Delfim F. Leão e Maria do Céu Fialho. Plutarco. *Vida de Teseu e Rómulo*. Coimbra: CECH, 2008.

⁴⁹ F. Hartog, 2003:14 declara que “os Gregos foram mais os inventores do historiador que da história”.

⁵⁰ É famosa a passagem de Heródoto (III 122) onde ele reconhece um tempo mítico, o de Minos de Cnossos, e o tempo da chamada “raça dos homens” (τῆς δὲ ἀνθρωπίνης λεγομένης γενεῆς).

⁵¹ R.G. Collingwood, 1994:34 e ss.

grupo, na época arcaica, chegaremos ao nome dos poetas, cantores das tradições. Os primeiros logógrafos também se ocupavam daquilo a que chamamos *história*, na medida em que eles pesquisavam o passado, a fim de lhe dar sentido, coerência e registro. Mas seu trabalho tinha nas tradições míticas a referência fundamental de acesso ao passado do grupo, embora não se acreditasse em tudo o que elas diziam. Suas pesquisas podiam envolver geografia, etnografia ou genealogia, além de mitologia, provando que a história grega em suas origens não foi uma disciplina com identidade própria. Era um exercício que enveredava tanto pelo interesse no passado, quanto pela necessidade de registrar o mundo presente, numa mistura de historiografia, política, jornalismo e história natural, se quiséssemos utilizar termos modernos para sua atividade. Essa tendência será bem visível nos historiadores posteriores, como Heródoto e Tucídides.

É difícil saber com certeza de quais atividades viveram aqueles homens, os que “escreviam história”; o fato é que trataram sobre assuntos que interessavam a algum público da pólis, e nenhum deles foi teórico ou filósofo da história. O escritor Luciano, que viveu na época do imperador romano Marco Aurélio, afirmava que o historiador ilustre devia gozar de duas características principais: inteligência política e capacidade expressiva⁵². É bastante perceptível a presença desses dois elementos entre os autores antigos de história, muito embora a geração de Luciano na historiografia já estivesse basicamente inserida dentro da ideia de história política e de retórica.

Pelos poucos dados biográficos de que dispomos dos mais antigos “historiadores”, não parece difícil crer que todos eles foram pessoas abastadas, de grandíssima instrução, que apesar de não viverem para escrever sobre o passado, tiveram condições de produzir obras de grande valor nesse campo. Tanto Hecateu, quanto Helânico ou Heródoto, Tucídides, Xenofonte, entre outros, estiveram, durante a vida, envolvidos com o poder, ou participaram de lutas políticas, em guerras, atuando ora como políticos e conselheiros, ora como militares. Portanto, mesmo na época clássica, ser um historiógrafo não representava uma atividade profissional, nem havia uma formação oficial como requisito para ele exercer a sua atividade⁵³. Tudo dependia

⁵² Luciano. Come si scrive la storia. Trad. L. Canfora, in: *Teorie e Tecnica della storiografia classica*. Roma-Bari: Laterza, 1996. Pp. 41-80.

⁵³ Segundo Hartog (2003:14): “Em momento algum uma instituição (escola ou outra qualquer) encarregou-se dela, codificando-lhe regras de credenciamento ou controlando seus modos de legitimação”.

da experiência de vida, do grau de instrução e da determinação em averiguar o passado, para alguém se tornar um historiador.

A questão que se coloca é se os logógrafos, e entre eles Hecateu, podem ser considerados realmente “historiadores”, e em que sentido essa denominação lhes é cabível ou não. A resposta dependerá dos critérios que se coloque para a função social, o papel intelectual, o método de pesquisa utilizado, e as intenções dessa figura, o *historiador*.

A própria palavra grega “história” (em jônico *historíe*) não denota a pesquisa histórica como a entendemos hoje em dia, nem mesmo no sentido utilizado por Heródoto⁵⁴. A sua obra representa basicamente, uma história de tradição oral sobre o passado⁵⁵. Mas a historiografia antiga não pretendia reconstituir o passado; quando muito ousou criar uma narrativa verossímil do que se passou, com base em evidências. Apesar de não duvidarmos da herança grega⁵⁶ e de sua grande contribuição para a noção de historiografia e de pensamento histórico, os séculos que nos separam dela exercem um peso que não se pode negligenciar⁵⁷. Tantas foram as correntes, os conceitos e teorias sobre a história surgidas depois dos Gregos, que é legítimo perguntar qual o seu legado, e o que dele ainda subsiste. Algumas “fraquezas” do pensamento histórico greco-romano se tornaram visíveis diante das novas exigências metodológicas modernas⁵⁸: a) a amplificação da retórica e o gosto pelos discursos fabricados. Essa tendência, que aproximava e quase confundia história e exercício retórico entrou em choque com os rigores da história científica moderna; b) o excesso de pragmatismo, que confiava demais no caráter pedagógico e exemplar da história. Por consequência,

⁵⁴ L.Pearson, 1975:27. J.Le Goff explica o sentido do termo grego *historía* puxando para a sua raiz indo-européia *wid-, weid-, “ver”*, e afirma que a história teve em seus inícios o sentido de “um relato, o relato daquele que pode afirmar “eu vi, eu ouvi”. J. Le Goff. *História e Memória*. Vol. I Trad. Ruy Oliveira, Lisboa: Ed. 70, 2000, p.10).

⁵⁵ C. Schrader. *Historiografia: Heródoto*. In: .A. López Ferez (org.). *História de la Literatura griega*, cap.XII – Madrid: Catedra, 1988, p.519.

⁵⁶ Momigliano (1984, p.09) inicia assim seu livro *La Historiografia Griega*: “Como os antigos romanos, somos conscientes de termos herdado a *historia* dos Gregos”. Também M-I.Finley (1989, p.03) começa o seu *Uso e Abuso da História* afirmando: “Os pais da história foram os Gregos”.

⁵⁷ Christian Meier, ao falar da história ao modelo de Heródoto, afirma que: “...he did not observe the phenomenon which we call “history” today. Not only did our idea of history not yet exist; history itself as we understand it did not yet exist (unless in very rudimentary form), history namely as a radical change in all conditions of life (...)”. C. Meyer. *Historical Answers to Historical Questions: the origins of history in ancient Greece*, " *Arethusa* 20, ns. 1 -2 (1987), pp.43.

⁵⁸ Cf. P. Veyne – P. Villar et alii. *História e Historicidade*. Trad. Ana I. Buescu. Lisboa: Gradiva, 1988, p.39. Apesar do termo “moderno” ser ambíguo (Le Goff, 2000, pp. 163 e ss.), a distinção para o que seja “antigo” diante do que seja “moderno” é necessária, na medida em que nos auxilia a sistematizar as épocas, ao menos na História Ocidental.

pressupunha a possibilidade de repetição dos fatos; c) estreita visão do campo da história, causando graves prejuízos na escolha e nos critérios de escolha dos objetos dignos se serem historiados. Se cobrarmos dos historiadores antigos os rigores das teorias e metodologias da história moderna, as que foram elaboradas principalmente desde o século XIX, chegaremos à conclusão de que eles não produziram uma historiografia propriamente dita⁵⁹. Para T. Gomperz, que escrevia nos finais do século XIX, o método de Hecateu, por exemplo, “não podia ser outro, senão o que se tem chamado de *semi-histórico*”⁶⁰. Este autor não esclarece devidamente a sua expressão, em relação a Hecateu (por que *semi*?), mas afirma que prefere tal expressão no lugar do termo “método racional”. No máximo, Gomperz reconhecia que o Milésio não havia se libertado a contento dos aspectos legendários ou míticos, pelo menos como exigiria um erudito europeu do século XIX.

Ora, seria deveras limitante para a compreensão da atividade grega acerca da história buscar em seus textos apenas o que se adequasse a uma “ciência do passado”. Aqueles autores que viveram entre os séculos VI a.C. e V a.C., mesmo sendo homens esclarecidos para seu tempo, dentre os poucos letrados daquela sociedade, ainda assim não puderam se libertar totalmente do passado mítico. Pelo contrário, eles tentaram incorporá-lo como fenômeno histórico⁶¹. Por exemplo, ao que sabemos, nem Hecateu, Heródoto ou Tucídides questionaram a realidade da Guerra de Troia como um evento histórico, nem a existência real de Hércules e Minos, em um passado distante. Mas eles tentaram “criticar” muitos mitos em sua inverossimilhança e incongruência, aliás, tendência que já mostrava presença, por exemplo, em um contemporâneo mais velho de Hecateu, Xenófanes de Cólofon, mas que será cultivada por muitos outros, nas gerações

⁵⁹ Kurt Von Fritz, em um pequeno artigo de 1936 (*Herodotus and the Growth of Greek Historiography*, in: *TAPhA*, Vol. 67, p.315), lista as condições gerais para que se tenha uma obra “histórica”. Em resumo: a) que seja crítica; b) que busque dispor as coisas em sua ordem real; c) que não se limite a declarar dados, mas apresente e explique as causas e conexões dos eventos; d) que identifique as forças vitais por trás do processo histórico. Por sua vez, o historiador inglês Robin Collingwood, em seu escrito publicado postumamente em 1946 e chamado *The Idea of History*, apresenta os requisitos para uma história científica e humanista: a) deve fazer questionamentos, “a história é uma espécie de investigação ou inquérito”; b) trata sobre o que os homens fizeram no passado; c) atua através da interpretação de provas; d) a história serve, basicamente, para o auto-conhecimento humano; ela ensina o que o homem tem feito, e assim, diz o que ele é. R.G.Collingwood. *A ideia de História*. Trad. Alberto Freire. 8ª Ed. Lisboa: Presença, 1994. Pp. 20-21.

⁶⁰ T.Gomperz. *Pensadores Griegos*, I. Barcelona: Herder, 2000, p.296.

⁶¹ A. Diaz-Tejera, Los albores de la historiografia griega *Emérita*, LXI, 2, 1993, p.366.

posteriores⁶². No fundo, eles não quiseram ser “cientistas”, mas sim narradores e intérpretes do passado humano e divino, tendo como veículo seus escritos, sua literatura, e utilizando recursos para agradar os ouvintes de seus discursos, que seriam lidos em público⁶³. Portanto, na explicação do alvorecer da historiografia grega concorrem dois fatores gerais, que, se considerados isoladamente, não nos permitem atingir uma análise criteriosa da questão: a forma como os Gregos tinham lidado com seu passado mítico propagado pela poesia e a maneira como usaram a linguagem escrita para registrar, interpretar e divulgar os eventos humanos e míticos do passado.

Para entender como alguns homens instruídos da aristocracia políade se tornaram os primeiros historiadores, é preciso compreender como se deu a difusão da literacia na Grécia, bem como a relação disso com o crescimento da racionalidade na Grécia. Eric Havelock⁶⁴, em mais uma de suas expressões incisivas, escreveu que “o verdadeiro pai da história não foi um *escritor* como Heródoto, mas o próprio alfabeto”. Mas não se pode esquecer que a primeira literatura a ser gravada por escrito não foi a dos logógrafos, e sim a dos poetas e rapsodos. Os logógrafos começam a produzir no rastro da prosa nascente, a utilizada nos primeiros tratados filosóficos e mesmo nos decretos legais, mas sempre tendo diante de si as fontes poéticas de Homero, Hesíodo e outros. Mas chegamos a um ponto crítico da compreensão da formação do sentido de história grego.

Muitos povos antigos tinham escrita, mas a utilizaram fazendo registros de crônicas reais, diários de templos e calendários sagrados, listas de reis e governantes, comemorações de batalhas. Fazendo assim, expunham o acontecido, gravavam monumentos, mas não escreviam história⁶⁵. A historiografia grega está mais próxima da nossa, conforme entendemos o sentido de história hoje em dia, do que daquela praticada no oriente. A história é um saber que exige visão alargada dos fatos passados, suas causas, relações e sentido humano, enfim, tem em sua essência o próprio significado de

⁶² Cf. Manuel S. Morales. *Paléfato* y la interpretación racionalista del mito: características y antecedentes. *Anuario de estudios filológicos*, 22 (1999), pp.403-424.

⁶³ De fato, como bem colocou F. Hartog (2003, p.14), entre os séculos VI e V a.C. na Grécia a história se transforma gênero, não em uma disciplina. Quer dizer que quem produziu historiografia na Grécia dos inícios do século V a.C. em diante, produziu obras literárias que obedeciam a regras de estilo e composição, e intencionavam causar efeito estético em seu público. Ver ainda Marincola, *Greek Historians*, Cambridge: Univ. Press, 2001, pp. 23ss.; Sobre a temática do público, vide Inmaculada P. Martín. *Lectores y público de la Historiografía Griega. Est. Clás.* 44, n.121 (2002), 125-148.

⁶⁴ Havelock, 1996, p.30.

⁶⁵ W. Schadewaldt. Los Orígenes de la historiografía entre los griegos. In: *La Historiografía Griega, estudios, documentación y selección de textos. Revista Anthropos. Suplementos* 20 (1990), p.04.

inquérito ou investigação. Os Gregos, por sua vez, ao contrário dos orientais, não utilizaram a técnica da escrita como mero instrumento de registro de dados oficiais, religiosos ou tradicionais. Eles escreveram para agradar seu público, sem deixar de produzir conhecimentos dos mais variados, inclusive o histórico. Hecateu, não por acaso, é o primeiro autor antigo a dizer expressamente “eu escrevo”, segundo seus intuítos investigativos. Foi o começo da longa jornada da História.

Sobre Hecateu, em especial, e seu lugar na historiografia antiga, Felix Jacoby lançou hipóteses e realizou comentários em seus diversos escritos que até hoje demonstram influência nos autores mais modernos, senão em termos de segui-lo, em termos de criticá-lo. Mas vale a pena apresentar algumas posições significativas do pensamento historiográfico de Felix Jacoby, dentro de sua vasta obra, acerca das questões em voga⁶⁶:

a) Há uma continuidade linear e natural entre o pensamento mítico de Hesíodo e os representantes da historiografia propriamente dita, como Hecateu, Heródoto e Tucídides⁶⁷;

b) Na Grécia, a história universal precede a história local; esta última apenas aparece com a obra de Heródoto, no último terço do século V a.C.; as crônicas locais surgem como um ramo da história geral⁶⁸;

c) A historiografia grega mais antiga trata de temas próximos no tempo, e não de tempos longínquos;

d) A chamada ‘grande historiografia’ foi inaugurada com as obras de Hecateu, as *Genealogias* e a *Periegesis*;

e) A *Periegesis* trata do mundo grego como um todo, e atenta para os povos bárbaros que rodeavam os helenos, indicando suas localizações, etnias, cidades e

⁶⁶ Para o estudo da vida e obra de F. Jacoby, indico o livro coordenado por C. Ampolo (cura), *Aspetti dell'opera di Felix Jacoby*. Pisa: Scuola Normale Superiore, 2006. Tais concepções fundamentais da historiografia grega de Jacoby constam basicamente em seus trabalhos de 1909 (Über die Entwicklung der griechischen Historiographie und den Plan einer neuen Sammlung der griechischen Historikerfragmente". *Klio* 9: 80–123); no artigo de 1913 ("Herodotos" in *Pauly-Wissowa Real-Encyclopedie*, suppl. 2 col., 205-520, e no seu livro *Atthis*, de 1949 (*Atthis : the local chronicles of ancient Athens*. Publisher: Oxford: Clarendon Press, 1949).

⁶⁷ F. Jacoby, 1909, p. 101, n.67.

⁶⁸ Ver a discussão em: L. Porciani. *Prime forme della storiografia greca: prospettiva locale e generale nella narrazione storica (Historia: Einzelschriften; H. 152)*. Stuttgart: Steiner, 2001.

costumes. Em seguida, essa obra vai originar o tratamento específico e etno-histórico de povos; o trabalho de Heródoto demonstraria bem essa tendência;

As posições levantadas por Jacoby são complexas, e já geraram muitos debates no campo da historiografia contemporânea, por exemplo, em G. Nenci, A. Momigliano, L. Pearson, L. Porciani entre outros. Talvez nem haja solução possível acerca da ordem “correta” de evolução do pensamento historiográfico grego, tendo em vista a exigüidade dos materiais, embora seja viável pensar a questão em termos de hipóteses mais ou menos verossímeis. A lógica que predomina é a de que o pensamento histórico surgido no ambiente cultural da Jônia, no século VI a.C. trazia vínculos estreitos com o surgimento do pensamento filosófico e científico, que aflorou na figura dos mais antigos pré-socráticos. Por analogia, a História também havia surgido em decorrência da passagem do *mythos* ao *logos*. Seria mera coincidência que os mais antigos historiadores gregos reconhecidos nas fontes, Cadmo, Dioníso e Hecateu, fossem de Mileto, na Jônia, pátria dos três primeiros filósofos gregos? Durante muitos anos, a prioridade nas interpretações historiográficas foi que a racionalidade surgida na Jônia em forma de filosofia terá sua expressão na História pela forma crítica de pensar o passado. Em um artigo de 1926, Jacoby⁶⁹ (apud Nicolai, 1997, p.148) já salientava que Hecateu havia utilizado o método crítico dos naturalistas jônicos em suas pesquisas históricas.

Nas últimas décadas, no entanto, tem-se dado cada vez mais importância à historiografia grega nascente enquanto expressão do discurso escrito, segundo os interesses culturais da pólis. Com efeito, a historiografia grega não surge apenas como um produto do esforço intelectual de algumas mentes privilegiadas, mas é resultado de todo um processo literário que emerge com a expansão do uso da escrita alfabética, conforme já foi falado.

É fundamental, para esta pesquisa, inteirarmo-nos dos mais recentes estudos acerca de Hecateu. Há duas tendências bastante notórias entre os modernos estudiosos da historiografia grega, especificamente em relação a esse Milésio e aos mais antigos logógrafos. Por um lado, cresce o interesse por esse pensamento mais antigo, pelo motivo de que a cada dia se aprofundam mais as pesquisas principalmente sobre Heródoto e sobre os autores que conviveram com ele ou que o sucederam. Por outro

⁶⁹ F. Jacoby. Griechische Geschichtsschreibung“, *Die Antike* 2 (1926) 1-29 (apud Nicolai, 1997:148, n.13)

lado, a historiografia grega tem sido abordada pelo aspecto do desenvolvimento da literacia grega, na “revolução” gerada com o advento e difusão da escrita alfabética⁷⁰.

Primeiramente, não se pode contornar o referencial “Heródoto”, que é reconhecido como “Pai da História” desde a antiguidade, mas que tem sido comemorado como um epíteto em tempos recentes, como no livro de John L. Myres, *Herodotus: Father of History* (Oxford, 1953). A importância dada a Heródoto é tanta, que o historiador italiano G. Nenci chega a chamar a primeira historiografia grega de “*storiografia preerodotea*”, em artigo de 1967⁷¹. O curioso é que o próprio Heródoto foi contemporâneo de muitos autores de “história”, no contexto do século V a.C., como Helânico, Xanto, Cáron, Damastes, entre outros⁷². Mas quais as efetivas ligações entre Heródoto e esses logógrafos anteriores e contemporâneos? Há uma evolução “natural” até Heródoto, em termos de conteúdo e forma, ou houve rupturas importantes? Heródoto não só cresceu e foi educado na Jônia, quanto escreveu em dialeto prosaico jônico. Todos aqueles autores fizeram parte da mesma tradição cultural, e saber, com algum grau de razoabilidade, o que Heródoto utilizou, negou ou transformou de suas fontes logográficas é um trabalho de resultados que podem se mostrar frutíferos, pelo menos assim pensa Robert Fowler⁷³, atual pesquisador de Heródoto, da Universidade de Princeton, nos E.U.A.

Robert Fowler⁷⁴ declara que, nos escritos anteriores a Heródoto, havia já um forte senso de história local, que circulava nas cidades gregas, mas também um nítido sentido de história pan-helênica. Para ele, o caráter de etnicidade havia surgido entre os gregos no decorrer dos séculos VIII e VII a.C., e a quantidade de obras escritas disponível na Grécia na altura do século V a.C. tem sido subestimada. Ele chama atenção para Hecateu, que ao escrever, alega o que para ele parecia verdade, e exige autoridade, conforme se nota em seu famoso próêmio (F1)⁷⁵.

Unindo essa questão com o problema de Heródoto, o professor Donald Lateiner, da Universidade Ohio Wesleyan, já havia atentado para a disputa de Heródoto com suas

⁷⁰ Por exemplo, Fowler, 2007: 95-114. C. Darbo-Peschanski, 2007: 27-38.

⁷¹ G. Nenci. La Storiografia Preerodotea. In: *Critica Storica*, VI (1967). Pp.1-22.

⁷² Cf. Fowler (1996): 62-87; Toye (1995):279-302.

⁷³ Ver seu artigo: Herodotus and his prose predecessors. In: C. Dewald- J. Marincola. *The Cambridge Companion to Herodotus*. Cambridge. Univ. Press., 2008. Pp. 29-45. Ainda: D.L.TOYE, 'Dionysius of Halicarnassus on the first Greek historians', *AJP* 116 (1995). Pp. 279-302.

⁷⁴ R.L. Fowler. 2007, pp.95 e 99

⁷⁵ R.L. Fowler, 2007, p.102.

fontes escritas, as quais ele mesmo procurou rever, questionar e contradizer ao escrever as *Histórias*⁷⁶. Portanto, Heródoto já demonstrava amadurecimento no manejo da escrita, como ainda possuía livros como fontes de consulta e estudo. Nada mais apropriado que investigar como autores da estatura de Hecateu, Helânico ou Heródoto alcançaram o nível de letramento que demonstram em suas obras.

2. A inserção do alfabeto na Grécia

A adaptação grega efetuada sobre o alfabeto fenício foi decisiva para a difusão da escrita no ocidente, pois seu resultado serviu de modelo para todas as escritas alfabéticas ocidentais⁷⁷. A grande vantagem da escrita alfabética sobre outros tipos de escrita repousa no fato de que, com cerca de duas dúzias de símbolos combinados entre si, seja possível representar todas as palavras de uma língua. Além disso, a facilidade que alguém terá, mesmo sendo criança, para aprender esses poucos símbolos é incrivelmente grande, seu aprendizado será rápido, ao contrário, por exemplo, dos alunos de ideogramas chineses e japoneses, que podem levar anos para dominar milhares de símbolos, cada qual com vários sons.

Além dos próprios símbolos gráficos do alfabeto, o uso da superfície de peles curtidas de animais e de tiras de papiro para a prática da escrita também foi uma experiência oriunda do Oriente Próximo, inclusive o costume de guardar tais peças coladas em rolos, alguns com até cinco ou seis metros de comprimento.

Os próprios Gregos criaram várias versões, sempre ligadas a seu passado mítico e a uma personagem heroica, para explicar a chegada das letras na Grécia. Heródoto (V 58), reconhecendo a aparência das letras gregas com as fenícias, atribuiu a Cadmo, o rei legendário fenício, fundador de Tebas, a inserção do alfabeto no mundo grego. Antes dele, no entanto, três Milésios de grande reputação, Anaximandro, Dionísio e Hecateu, testemunharam que havia sido Dânao, o mítico irmão de Egito, quem trouxera o alfabeto para a Grécia desde as terras do Nilo, na época de Cadmo⁷⁸. O dramaturgo

⁷⁶ Lateiner, 1991, p. 91-108.

⁷⁷ D. Diringer, *A Escrita*. Tradução Armando Luiz. Lisboa: Verbo 1985, p.130.

⁷⁸ Notícia proveniente de Apolodoro, em seu *Catálogo das Naves* (Schol. Dionys. Thrac. 183, 1 = FGh 1 20). Cf. G. Naddaf "Anthropogony and Politogony in Anaximander of Miletus" In: D. L. Couprie – R. Hahn

Ésquilo (Pr.459-461) foi mais longe, ao mencionar que Prometeu havia presenteado o alfabeto aos humanos, como havia feito com o fogo roubado dos deuses. Diodoro Sículo (III 67, 5) afirma que Orfeu e Pronópides, mestre de Homero, usaram um alfabeto pelásgico e que Cadmo havia trazido as “letras” da Fenícia para a Grécia, sendo o primeiro a adaptá-las à língua grega⁷⁹. Todas essas versões, afora outras que circulavam, viam no alfabeto um recurso ora trazido do exterior (Oriente), ora como dádiva dos deuses, ou ambos⁸⁰.

Nos dois ou três séculos desde a adoção do alfabeto em território grego, foi notório o desenvolvimento da literacia e de suas mudanças naquela sociedade⁸¹. Até o momento em que a escrita passou a exercer um importante papel, mais significativo, na educação grega, pelo menos a partir do século VI a.C.. No decorrer desse século foram muitas as transformações ocorridas no mundo helênico: o início da cunhagem de moedas, a expansão colonizadora, a afirmação da vida política, além do surgimento da postura filosófica de conhecimento e da escrita em prosa. Todos esses processos convergem não para Atenas, mas para as regiões costeiras da Ásia Menor: Jônia, Eólia e Dória. O estreitamento das relações com países orientais mostrou-se bastante prolífico para os Gregos asiáticos, pois herdaram, dentre outras coisas, o uso da moeda (vinda da Lídia) e o da escrita (Fenícia). Para Lilian Jeffery⁸², autoridade em escrita grega antiga, a Jônia deve ter sido a primeira região a receber o alfabeto, e uma pólis como Mileto já devia estar familiarizada com o alfabeto jônico no século VIII a.C. Para Mario Burzachechi⁸³, o alfabeto jônico usado em Mileto terminou por predominar sobre os outros, “tornando-se aos poucos o alfabeto oficial de todo o mundo grego”⁸⁴. De fato, o formato das letras gregas mais antigas usadas na Jônia se aproxima notoriamente da ancestral fenícia.

– G. Naddaf. *Anaximander in Context: New Studies in the Origins of Greek Philosophy*. Albany N.Y.: State University of New York Press, 2003, pp.43-44.

⁷⁹ Em outra passagem do mesmo livro III, Diodoro afirma que os fenícios aprenderam o alfabeto dos sírios, e quando vieram com Cadmo para a Europa, o apresentaram para os Gregos (Bibliot. III 67, 1).

⁸⁰ No mito platônico narrado por Platão no Fedro (274c-275d), o deus egípcio Theut foi o inventor da escrita (*grámmata*), e ofereceu sua invenção ao Monarca do país, o deus Tamuz (Amon), dizendo ter descoberto “o remédio para a memória” (*mnemes phármakon*).

⁸¹ L.Casson, 2001: 18.

⁸² L. Jeffery, 1990:326.

⁸³ M. Burzachechi, 1975:102.

⁸⁴ Em reforço a isso, E. A. Havelock defende que a escrita cursiva foi precoce na Jônia (em relação ao uso da escrita monumental), provavelmente, diz ele, pelo estímulo da crescente presença do papiro para escrever, e pela necessidade de aumentar a rapidez da escrita neles efetuada. Cf. *A Revolução da Escrita na Grécia e suas Conseqüências Culturais*. São Paulo: EDUSP, 1996, p.29.

Menos de uma dezena de inscrições fragmentadas, poucos grafitos escritos sobre pedra ou argila, praticamente resumem os resquícios descobertos da época mais antiga da escrita grega. Consistem em inscrições de nomes, frases possessivas, dedicatórias a divindades e comentários breves⁸⁵. A escrita parece dar vida própria ao objeto. Por exemplo, em uma taça de barro em estilo subgeométrico proveniente de Rodes (c.700 a.C.), está grafado: “*sou a taça de Chorachos*”⁸⁶. Em uma estátua de figura humana sentada, do séc.VI a.C., encontrada perto de Dídima (Mileto) escreveram: “*Sou Khares, filho de Kleisis, o chefe (archós) de Teichiussa. A estátua é para Apolo*”⁸⁷.

Segundo a tese de Havelock⁸⁸, houve um longo período de resistência ao uso do alfabeto depois de sua invenção, e que a “Grécia deve ter permanecido consideravelmente não letrada até pelo menos 650 a.C.”⁸⁹. Basta perceber que após quase dois séculos de sua introdução na região, alguns setores importantes da Pólis, ainda muito timidamente, utilizariam a escrita como um instrumento realmente útil segundo fins artísticos, estatais, práticos e intelectuais. Os poetas arcaicos começaram a guardar seus versos escritos em meados do século VII a.C. ou mesmo antes disso. Apenas um século depois disso, haverá notícias sobre obras escritas em prosa. Se uma tecnologia nova não encontra espaço de utilidade para um grupo, estará sujeita a tornar-se desprezada ou supérflua. E não foi o que aconteceu naquele contexto. Gradativamente a escrita passou a ocupar lugares mais distintos por parte de certas classes, bem como viajou nas naus gregas para pontos distantes do Mediterrâneo e Mar Negro. Por isso, não devemos supor que em épocas atrasadas do século VIII ou VII a.C. já houvesse na Hélade uma consideração ou valorização exagerada sobre a arte de escrever, ou que ela já fizesse parte da educação formal da sociedade, e muito menos que existissem “livros”.

É hoje um consenso de que a partir de Anaximandro, Anaxímenes e Hecateu, no século VI a.C., já havia se disseminado na Jônia a prática da escrita mais aprimorada. No fundo, a elite intelectual grega apropriou-se da arte da escrita para expressar seus pensamentos, seu saber, afirmando sua relação com os mais antigos “livros”. Pelo que

⁸⁵ L.Jeffery, 1976:26)

⁸⁶ L.Jeffery, 1976, fig. 33)

⁸⁷ J. Boardman, 1996, fig.95).

⁸⁸ E. A. Havelock 1995: 114-117

⁸⁹ E. A. Havelock, 1996: 99

informam as fontes historiográficas, os intelectuais gregos que se tornaram autores de obras filosóficas ou históricas fizeram parte da cultura aristocrática, em amplo sentido.

Em primeiro lugar, importa conhecer o novo papel da escrita na instrução da intelectualidade políade e o surgimento dos livros como veículo cultural do saber grego. A função dos antigos livros não se resumia ao registro ou fixação de ideias, nem à simples difusão de conhecimento, mas é também marcante por ter tornado possível a exposição dos saberes tratados ao julgamento e crítica da sociedade, em seu próprio tempo e posteriormente.

3. A História: entre o oral e o escrito

Quando o alfabeto é introduzido na Hélade, os Gregos já experimentavam há milênios toda uma estrutura oral de comunicação; eles haviam desenvolvido estratégias de arquivamento de saber para garantir a manutenção e transmissão da memória histórica, dos valores e crenças. A fala, o canto e os gestos dominavam a vida cotidiana, no ensino e transmissão de conhecimento na Grécia. Antes da escrita, a forma de manter a informação consistia basicamente no canto poético, em fórmulas oraculares e sagradas, que obedeciam ao ritmo e à métrica, ou no saber proverbial, que guardava a essência da sabedoria acumulada, como enciclopédias vivas. Mas a escrita, desde o início, ultrapassou os limites da poética, pois mostrou ser uma técnica que permite a fixação formal e absoluta de dados, tornando-os visíveis e disponíveis sem o recurso da memória ou do canto. Por exemplo, as letras podem guardar, em ordem, a lista de nomes de atletas vencedores, de mortos de guerra, de governantes, datas importantes em um calendário, produtos vendidos e comprados, oferendas sacras depositadas em um templo, sem o perigo de “falhas” de memória. A comunicação oral é momentânea e natural, enquanto o registro escrito é permanente e artificial, pois depende de uma técnica. É famosa a crítica de Platão à escrita⁹⁰, quando a coloca como inimiga da memória: guardando-se as informações “fora da mente”, as pessoas confiariam em um saber que não trazem consigo; com isso, a memória se enfraqueceria; “tornar-se-ão

⁹⁰ Platão critica a fixidez de todo texto escrito, mas sua crítica não parece ser, no fundo, contra a “escrita” em si, mas contra certo tipo de escrita, como aquela que visa o discurso principalmente para persuadir e manipular o público. Interessante notar que nesse diálogo, é que Platão chama a “palavra escrita” como *logographia*, escrita de *lógoi* (*Phdr.* 257e, 258b). Mas aqui o termo é dirigido aos autores que escreviam discursos para terceiros. Sobre essa crítica platônica, ver O. Rabbas. *Writing, memory and wisdom: the critique of writing in the Phaedrus. Symbolae Osloenses*, vol. 84 (2010), pp. 26-48.

sábios imaginários ao invés de sábios verdadeiros”⁹¹. Mas ele reconheceu que “uma vez escrito, um discurso sai a vagar por toda parte”⁹².

A oralidade na Grécia havia desde sempre sido o veículo da educação, das tradições e do saber ancestral. A chegada da escrita não conseguiu mudar muito esse quadro, pelo menos naquele início. O conhecimento apurado da tradição poética foi o melhor indicador para se atribuir a alguém a condição de “intelectual” neste mundo grego arcaico. E tal condição, nesse contexto, não deve afastar qualquer obrigação com a instrução pela via escrita, mas estará longe de nos fazer pensar nos parâmetros atuais de “educação escolar”. Platão, agora no *Protágoras* (338e) chega a confessar que a parte principal da *paideia* humana é ter familiaridade com a poesia épica (*epon*).

A multiplicação de registros escritos a partir do século VI a.C. não tornou “letrada” aquela sociedade, pois os textos eram divulgados ou “publicados” oralmente, a partir de leituras feitas diante de um auditório restrito de ouvintes. A relação oralidade/escrita está longe de ser excludente ou radical. Somos seres naturalmente “orais”, por causa do uso da voz que comunica ao ouvido, que capta e reconhece os sons e sentidos da língua. Mas a fala pode conviver e convive bem com outros tipos de estímulos lingüísticos, gestuais, musicais, visuais. Se nós ouvimos antes de aprender a falar, há quem defenda que o ato da leitura antecede o da escrita⁹³. É preciso, primeiro, reconhecer com a visão os símbolos gráficos, ou seja, saber relacionar o símbolo com o som adequado, nas palavras. É este o suporte inicial para a representação gráfica da língua. Não foi por pura coincidência que o símbolo de A, o fenício *aleph*, foi trazido para a Grécia como “*alpha*”.

Conforme defendeu I-H. Marrou⁹⁴, o uso da palavra escrita havia se tornado tão presente na vida comum das pessoas que “a educação não pôde continuar ignorando-o”. A formação completa do homem, no século VI a.C., não dependia do saber ler e escrever, como é corrente hoje. O conhecimento das tradições passadas pelos poetas, o valor aos *nomoi* da pólis, e o saber fazer garantiam um lugar destacado na vida social. Portanto, o homem grego, na Grécia Arcaica, para ser reconhecido socialmente não dependia apenas do sangue nem de suas posses, nem do estudo, mas da “utilidade

⁹¹ *Phdr.* 274 a -b

⁹² *Phdr.* 276a.

⁹³ R. Barthes- E. Marty, “Oral/escrito”. In: Romano, Ruggiero (dir.). *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1987. v. 11, pp.32-57.

⁹⁴ H. I. Marrou, *História da educação na Antiguidade*. São Paulo:EPU, 1990, p.76.

pública” de que desfrutava. Desse modo, a escrita não era concebida com a importância que lhe atribuímos atualmente⁹⁵.

Defende Havelock⁹⁶ que no início do século IV a.C. ainda predominava a comunicação oral na sociedade ateniense. Quer dizer que a maioria da população era iletrada e os que sabiam ler o faziam direcionado à oralidade, quando o costume era ler em público e em voz alta. Ainda que a palavra escrita fosse um auxílio para a memória, ou que alguém, com um livro em mãos pudesse “estudá-lo” sozinho, o objetivo de quem escrevia, desde o período arcaico, foi a declamação em público, na praça do mercado, durante jogos e festividades ou diante de amigos e interessados, em local privado. Entretanto, a minoria letrada já dominava a prática da escrita, produzia livros e os utilizava como elemento de instrução.

Realmente, são exíguos e desanimadores os fragmentos que nos chegaram dos “homens cultos” mais antigos. É fato que até c. 500 a.C., não foi preservado nenhuma obra completa da literatura grega, nem de poetas, nem de filósofos ou historiadores. Mas nas duas gerações seguintes, até meados do século V a.C. os materiais escritos estão em maior quantidade, mesmo havendo notáveis lacunas⁹⁷.

A falta de dados abundantes não invalida, no entanto, os poucos indícios que restam, seja na forma de relatos tardios, seja nas poucas frases que se atribuem àqueles autores. A vastidão dos testemunhos de autores relativamente tardios não pode ser considerada de maneira uniforme, já que muitas são as fontes incertas e suspeitas sobre o pensamento historiográfico dos logógrafos, enquanto algumas se mostram bastante confiáveis.

Os Gregos estavam habituados a ouvir poetas e cantores, dramaturgos e comediógrafos. É razoável supor que os autores de história também fossem ouvidos, seguindo o mesmo costume. Informantes tardios atestam que Heródoto chegou a ler seus trabalhos em público, ora em Atenas, ora em Olímpia, e em outros sítios⁹⁸. Mesmo

⁹⁵ K.Koike. Os Primórdios da Prosa grega. *Revista Archaï*, n. 3 (2009), p.85.

⁹⁶ E.A.Havelock, *A Revolução da Escrita na Grécia e suas Conseqüências Culturais*. São Paulo: EDUSP, 1996, p.34.

⁹⁷ H. Frankel, *Poesía y Filosofía de la Grecia Arcaica*. Madrid: Visor, 1993, p.137

⁹⁸ Essas referências são tardias, e embora baseadas em tradição mais antiga, foram claramente romanceadas, como o relato de que Tucídides, ainda muito jovem, chorou ao ouvir Heródoto ler sua *História* em Olímpia. O registro vem de um autor desconhecido do séc. VI d.C.(um milênio após Tucídides), no seu escrito *A Vida de Tucídides*. Cf. Judith Maitland. *Marcellinus" Life of Thucydides: criticism and criteria in the biographical tradition*. *CQ* 46 (02) (1996):538- 58. Plutarco (*De Malig. Hdt.* 26) afirma que Heródoto recebeu 10 talentos pela leitura pública de seus escritos, em um

sem a garantia testemunhal dessas notícias, muitas vezes nem lembradas por autores modernos que tratam de Heródoto, não podemos descartar a possibilidade de verdade desses relatos⁹⁹. Pelo menos, no mesmo contexto, Tucídides fornece o melhor testemunho sobre a recitação pública de obras históricas. Quando ele declara, a fim de criticar seus antecessores, que a ausência do mito deixa sua obra menos agradável aos ouvidos, está a reconhecer que o destino natural da obra historiográfica, em seu tempo, era a leitura pública¹⁰⁰, e passa a reconhecer, de outra parte, que o seu livro não ia fazer ou já não havia feito sucesso. Para ele, o próprio Heródoto havia sido um logógrafo. Heródoto compôs as *Histórias* já em idade madura, inclusive, se ele começou a projetar sua obra em meados do século V a.C., até cerca de 425 a.C., como se costuma dizer¹⁰¹, ele bem pode ter atuado como logógrafo¹⁰², embora sua obra principal e final haja superado os livros logográficos que então circulavam, como os de Hecateu, Acusilau, Helânico ou Xanto.

Havia ainda as leituras em ambiente privado, conforme os autores clássicos relatam, tomando Sócrates como exemplo. Xenofonte (*Mem.* I 6, 14) conta como Sócrates formava grupos para ler os “tesouros (*thesauroi*) que os homens sábios de outrora, que eles deixaram escritos nos livros (*biblíois*)”, leio-os, desenrolo-os juntamente com meus amigos e selecionamos o que encontramos de bom”¹⁰³. Mas quem seriam os *palai sophoi* a quem Sócrates se refere? Provavelmente, autores de uma ou duas gerações anteriores, como Heráclito, Empédocles, Parmênides, Diógenes de Apolônia ou Anaxágoras, e cujas obras ou resumos poderiam ser conseguidos em Atenas. Nesta mesma obra, Xenofonte também relata que o sofista Pródico costumava

festival em Atenas, além de que havia se apresentado em Tebas. Luciano e a Suda testemunham sobre a recitação de Heródoto no grande festival de Olímpia. Por fim, Dion Crisóstomo (*Or.*37) o coloca em Corinto a ler também.

⁹⁹ Claro, com algumas ressalvas, como por exemplo, que Heródoto ou outro leitor não recitou a *História* completa, pois segundo alguns autores, seriam precisas pelo menos cinquenta horas para tanto, improvável demais para ser aceito.

¹⁰⁰ Tuc.I 22. Cf. Inmaculada Pérez Martín. Lectores y publico de la historiografia griega . *Est. Clás.*, Tomo 44, Nº 121, 2002, p.127.

¹⁰¹ No entanto, há indícios históricos, textuais e de unidade estilística mostrando que a obra de Heródoto parece ter sido feita em processo contínuo, na direção de uma conclusão. Não há aqui aparência de que ele ia retrabalhando o texto ao longo do tempo. Cf.W.Rösler. The Histories and writing. In: E.J. Bakker-I.J.F. de Jong – Hans van Wees. *Brills Companion to Herodotus*. Leiden-Boston: Brill, 2012, p.80.

¹⁰² W.Rösler, professor da Humboldt Universität de Berlin, acredita que Heródoto tenha sido um logógrafo, mas não aceita que a *História* fosse um depósito de narrativas para uso em recitações orais: “the author intended the work to be received as a whole, as the result of an individual act of reading”. W. Rösler. The Histories and writing. In: E.J. Bakker-I.J.F. de Jong – Hans van Wees. *Brills Companion to Herodotus*. Leiden-Boston: Brill, 2012, p.81.

¹⁰³ Tradução de Ana E. Pinheiro. Xenofonte. *Memoráveis*. Coimbra: Cehc, 2010.

apresentar seu escrito (*syngrammati*) sobre Hércules em público em inúmeras ocasiões. Já Platão (*Parm.*127a) narra um suposto encontro de Sócrates ainda jovem com Parmênides de Elea e seu discípulo dileto Zenão, na casa de Pitodoro (um dos comandantes atenienses enviado para a Sicília em 427 a.C.), que morava além dos muros do Cerâmico (o cemitério de Atenas). Para lá se dirigiram Sócrates e outros interessados em ouvir a leitura dos escritos (*grammáton*) de Zenão, pois pela primeira vez os tinha levado a Atenas¹⁰⁴. Mesmo que esse encontro tenha ou não sido inventado por Platão¹⁰⁵, para proporcionar um belo motivo para o diálogo e seu drama, importa de momento considerar que, no tempo dele e de Sócrates, ainda eram comuns as leituras em ambiente privado, onde participavam pessoas de várias cidades. No diálogo, quem lê é o próprio Zenão, autor da obra, mas o comum era que um serviçal treinado lesse¹⁰⁶.

Bem antes de Sócrates, surge um indício em Heráclito (F108)¹⁰⁷, registrado por João Estobeu, antologista do séc. V d.C., sugerindo que ele conhecia a obra de Hecateu, provavelmente por tê-la ouvido. Heráclito reconheceu o enciclopedismo do Milésio¹⁰⁸, e não acreditamos que tenha sido apenas por meio de boatos, mas pela circulação de sua obra, que bem pode ter sido lida na vizinha Éfeso, naquele tempo. No seu fragmento 108 ele diz: “de todos aqueles de quem ouvi discursos (*lógois*)”, nenhum havia reconhecido que quem é sábio vive separado de todos”¹⁰⁹. Como já notara M. West¹¹⁰, ele não havia dito “de todos aqueles a quem li”. Esse fragmento condena certo tipo de intelectual, que produz discursos mas não sabe ser sábio, justamente a crítica que o Efésio fez em outra parte, sobre os enciclopédicos (polímatas) que não sabem ser inteligentes, como Hesíodo, Pitágoras, Xenófanes e Hecateu. Portanto, é razoável acreditar que em algum momento Heráclito ouvira a leitura da prosa de Hecateu.

O fato de todos esses historiadores terem composto suas obras utilizando discursos – *lógoi* – mantém estreita ligação com o desenvolvimento do pensamento discursivo e com a própria história da leitura.

¹⁰⁴ Tradução de Carlos A. Nunes. Platão. *Parmênides*. Belém: UFPA, 1974.

¹⁰⁵ Cf. F. M. Cornford. *Plato and Parmenides: Parmenides' Way of Truth and Plato's Parmenides*. London: Routledge – Kegan Paul, 1977.

¹⁰⁶ Por exemplo, no *Teeteto* de Platão (143b).

¹⁰⁷ 22DK108B

¹⁰⁸ 22DK40B

¹⁰⁹ Trad. de Gabriele Giannantoni. *I Presocratici. Testimonianze e frammenti*. T. 1. Roma-Bari: laterza, 1986.

¹¹⁰ *Early Greek Philosophy and the Orient*. Oxford: Clarendon Press, 1971, p.05.

4. O surgimento da prosa grega¹¹¹.

Importa, no momento, tentar perceber o surgimento da prosa como forma de expressão historiográfica, e assim nos aproximar da produção literária de Hecateu. A prosa é tradicionalmente vista como um modo de linguagem escrita usada para expressar conceitos, contar histórias, tendo por base o discurso livre, direto¹¹². Por não seguir as regras de versificação, a prosa aproxima-se da fala comum, cotidiana. Sua função principal não é expressar história, filosofia ou ciência como salientou J. Denniston¹¹³, pois essas temáticas podem ser muito bem escritas em verso, principalmente quando falamos do mundo grego. Qualquer narrativa, novela, drama, romance ou conto também pode ser expresso em prosa. Portanto, suas possibilidades foram múltiplas, desde seu surgimento.

O dialeto que se destacou como o padrão da escrita em prosa na Hélade foi o jônico, fato que não deve passar despercebido, pois esse dado vem a ser importantíssimo para compreendermos a própria evolução da alfabetização do mundo grego. A maior parte dos homens cultos da época em que a escrita se fixava na Hélade utilizava esse dialeto, seja na poesia ou na prosa. O interessante é que a prosa não surgiu nas cidades do continente balcânico, mas sim na costa da Anatólia, que como o nome diz, ocupa a parte “oriental” do mundo helenizado, onde hoje é a Turquia. Eólios, dórios e jônios habitavam aquelas terras, tendo fundado dezenas de pequenos estados. Cultural e economicamente, foram os Jônios, no período arcaico, que conseguiram alcançar um maior desenvolvimento econômico e cultural, basicamente devido à expansão colonizadora e comercial que séculos antes eles haviam empreendido por todo o Mediterrâneo. Das suas doze principais cidades¹¹⁴, Mileto foi a que mais se destacou pelo enriquecimento com o movimento de colonização, quando a região viveu sua “época de ouro”, nas palavras de Paul Faure¹¹⁵. A prosperidade da Mileto arcaica é

¹¹¹ Já tratamos deste tema da prosa no artigo: Os Primórdios da Prosa Grega, publicado em *Revista Archai*, n. 3 (2009), pp. 83-89. Todavia, o que aqui se apresenta não consiste naquele texto *ipsis litteris*.

¹¹² No *Dicionário de Termos Literários*, de Massaud Moisés (12ª Ed. revisada. São Paulo: Cultrix, 2004, p.372) lemos: Prosa. Discurso direto, livre, em linha reta. Genericamente entendida como oposta ao verso, a prosa apresenta, segundo as retóricas tradicionais, dois tipos básicos: a narrativa (correspondente à História e à prosa de ficção: conto, novela e romance), e a demonstrativa (que compreende a Oratória e a prosa didática: tratados, diálogos, cartas e ensaios).

¹¹³ J. Denniston, 1960:01.

¹¹⁴ A chamada Dodekapolis jônica: Focea, Quios, Éritras, Clazômenas, Téos, Lêbedo, Cólofon, Éfeso, Mileto, Samos, Priene e Miunte. Cf. Alan M. Graves. *The Land of Ionia. Society and Economy in the Archaic Period*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010, pp. 95 e ss.

¹¹⁵ P. Faure, 1978:13.

condizente com os achados arqueológicos realizados naquele sítio¹¹⁶. A proximidade com povos orientais, como Lídios, Fenícios e Egípcios também favoreceu seu crescimento geral. Conforme vimos, a região foi uma das primeiras a receber e desenvolver o alfabeto, a moeda e os calendários. Também pôde, em toda parte, demonstrar uma grande produção artística e arquitetônica, como os grandes templos de Ártemis em Éfeso e o de Apolo, em Mileto. Em termos intelectuais, foi o lugar de grandes poetas, filósofos, geógrafos e historiadores que floresceram, sobretudo no século VI a.C. Todos eles foram peças importantes para a evolução da prosa grega, em seus primeiros passos literários¹¹⁷.

Não é fácil acreditar que mesmo após o tempo de Homero ou Hesíodo, os autores elegíacos e líricos, como Arquíloco, Mimnermo, Tirteu, Safo, Alceu ou Sólon, só para citar os mais famosos, tivessem usado largamente o recurso da escrita para compor seus versos. A escrita teria sido um importante aparato apenas posteriormente, quando serviu para transcrever as poesias que tinham se tornado conhecidas pela recitação oral. Quase não há indícios cabais nas próprias poesias de que seus autores usaram a escrita, sendo o mais conhecido o exemplo de Teógnis. A dificuldade em saber como a poesia arcaica foi transmitida e preservada decorre de nossa falta de informação sobre os inícios da literatura grega. As possibilidades mais razoáveis, historicamente falando, agrupam-se em pelo menos dois estágios não excludentes entre si, em termos da relação da poesia com o aparato da escrita: 1) houve a transcrição das poesias mais famosas que circulavam oralmente, de autores renomados, talvez realizada por terceiros, posteriormente à sua morte; provavelmente foi o caso de Homero, Hesíodo, Arquíloco, Sólon, Terpandro ou Calino; 2) alguns daqueles antigos autores, já educados na arte da escrita, compunham seus versos por escrito, para lhe servir como auxílio de memória, e para fixar uma versão da própria obra. O espanhol Francisco Adrados (1986, p.17), autoridade em poesia grega antiga, supõe que na criação da lírica literária, os poetas devem ter tido uma forte tentação em fixar seus versos por escrito para sempre. Para Adrados, a existência da escrita possibilitava que os textos fossem maiores, mais complexos e mais ricos. Ora, não é exagero nem insensatez acreditar que todos os poetas acima listados, pelo menos os do século VI a.C. em diante, usassem a escrita

¹¹⁶ V. Gorman. *A History of Miletos from 500 to 432 B.C.* Ann Arbor (MI): Univ. Microfilms International., 1993:74.

¹¹⁷ Cf. A. Bernabé. "Los filósofos *presocráticos* como *autores literarios*", *Emerita* 47 (1979), pp. 357-394. Os mais antigos Pré-socráticos saíram de Mileto: Tales, Anaximandro e Anaxímenes. Outros nomes como Heráclito, Xenófanes e Pitágoras também são Jônios.

como apoio técnico em seu trabalho poético. Basta pensar que outros nomes como Xenófanos, Íbico ou Anacreonte, todos altamente educados no espírito aristocrático, viveram em um tempo no qual a escrita já não era mais novidade nas cidades.

O mais marcante na cultura dessa época foi o ímpeto individualista e crítico que se transformaria no símbolo da liberdade de pensamento jônica¹¹⁸. Tal tendência foi particularmente notável com o surgimento da lírica grega, quando o poeta, consciente de seu papel de homem sábio, coloca-se pessoalmente em seus versos. Diz F. Adrados¹¹⁹ que este foi o início do uso da “*sphragís*” ou selo de autenticidade e autoria, que será bastante difundido nas gerações seguintes. Não foi incomum, portanto, o acesso de orgulho e a afirmação do “eu” entre os autores do século VI e V a.C., em poetas como Focílides, Alcman ou Teógnis. Na prosa, temos também o grande exemplo do próêmio do historiador Hecateu, que depois serviu de modelo a Heródoto e Tucídides na arte de iniciar suas obras, conforme será mostrado mais adiante.

Em paralelo ao que acontecia na poesia e na história, os estados gregos foram aos poucos ampliando o domínio sobre a escrita cursiva, para fins mais práticos que literários. As muitas inscrições arcaicas e clássicas encontradas dizem respeito aos interesses estatais, seja em legislações, tratados, listagens de magistrados, sacerdotes ou atletas e outras formas que atendiam às necessidades civis, expressões geralmente de natureza epigráfica¹²⁰. Para Carla Schick¹²¹, os mais antigos documentos, infelizmente perdidos, da prosa jônica deviam ser “as crônicas, as cartas de arquivo e as relações de mitos e tradições locais”, na verdade textos anônimos e de função muito prática, em que a linguagem usada deveria ser bem simples. Aliás, a autora crê que esse material foi o utilizado pelos logógrafos e por Heródoto para conseguir notícias históricas. A autora lembra a passagem de Heródoto (III 45 e ss.) na qual há o aceno sobre uma crônica de Samos que trazia o registro de costumes e ritos da ilha. Esse tipo de “anotação” foi chamado *hypomnemata*¹²², e não tinha uso apenas como documento formal, porquanto foi usado desde muito cedo como *aide-memoires* pelos rapsodos e outros autores que surgiam. A suposição aqui é que os primeiros autores de prosa usassem notas de aula

¹¹⁸ E. Zeller- R. Mondolfo. *La Filosofia dei Greci nel suo Sviluppo Storico*, P. I. I Presocratici, 1. *Origini, caratteri e periodi della filosofia greca*; 2. *Ionici e Pitagorici*; Firenze: La Nuova Italia, 1967, p.48

¹¹⁹ F.R. Adrados, *Orígenes de la lírica griega*. Madrid: Revista de Occidente, 1976, p.133.

¹²⁰ R. Thomas. “Writing, Law and Written Law”. *The Cambridge Companion to the Greek Law*. Ed. M. Gagarin and D. Cohen. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 2005. Pp.41-60.

¹²¹ C. Shick, “Studi sui Primordi della Prosa Greca”. *AGI* (1955), Vol. XL; pp. 89-135, p.90.

¹²² W. Greene. “The Spoken and the Written Word”. In: *Harvard Studies in Class. Philology* (1951), v.LX; p.39.

para auxiliar a memória. Mas as informações que dispomos dessa fase da literacia grega são tão escassas que apenas podemos apostar na verossilhança de tal possibilidade. Havelock¹²³ foi severo em declarar que não existem testemunhos acerca da produção literária dos filósofos Milésios. O que podemos dizer é que se Tales está no limite entre um mundo oral e um mundo da escrita, já Anaximandro e Anaxímenes deixaram indícios muito bons de que produziram livros, como também Hecateu e Ferécides, outro prosista famoso, mitógrafo do século VI a.C. O fato de não ter restado *quase* nada de seus textos não nos autoriza a desmerecer o material que ainda subsiste, e nem desacreditar o que foi dito pela tradição erudita antiga. É difícil supor o que Platão, Aristóteles ou Eratóstenes, Plutarco, Ateneu ou Diógenes Laércio alcançaram da mais remota literatura grega.

Para o estudioso italiano G. Nieddu¹²⁴, para que houvesse condições de se usar a escrita de forma mais elevada, ou seja, realmente em termos literários, foi necessário que surgisse uma elite versada na arte de escrever e ler. Há uma grande distância entre gravar nomes em jarros e túmulos (os artífices), e fazer um tratado de história natural como o de Anaximandro (aristocrata). Portanto, tudo indica que a escrita elevada – mesmo que houvesse escolas para a alfabetização dos cidadãos – tornou-se domínio da aristocracia, justamente o grupo que produziu a literatura grega.

Não há certeza de quando surgiram os primeiros centros de ensino das letras na Grécia, nem se sabe qual a relação delas com o Estado. Pelos indícios das fontes, tudo leva a crer que foi entre os finais do século VI a.C. e o V a.C. A escola de Quios que ruiu em um terremoto, citada por Heródoto (VI 27), foi dessa época. As cenas de pessoas lendo ou aprendendo a ler, e os exemplos retirados da tragédia e comédia gregas¹²⁵ em Atenas nos levam a essa mesma época. Tal constatação, no entanto, não retira a possibilidade bastante concreta de que, bem antes disso, havia gente perfeitamente letrada e instruída no mundo grego.

O desenvolvimento da prosa, diz Havelock¹²⁶, abre caminho para uma ‘revolução’ tanto psicológica quanto epistemológica. Podendo ser guardados visualmente, os discursos aliviavam a memória do esforço da lembrança, sem precisar utilizar o metro como recurso da memória. O resultado disso foi o considerável aumento

¹²³ E. A. Havelock, 1996: 246.

¹²⁴ G.F.Nieddu, 1984:213

¹²⁵ L. Casson. Las Bibliotecas del Mundo Antiguo. Trad. Ma. José Aubet, Barcelona: Bellaterra, 2005, pp.

¹²⁶ E. A.Havelock, 1996: 85

do conhecimento, que se tornará disponível em larga escala. O caráter revolucionário apoiado por Havelock tem sentido apenas enquanto resultados ou conseqüências advindos da inserção do alfabeto naquela sociedade, quando o surgimento da prosa foi mais um desses efeitos. O impacto social e mental que a escrita exerce em uma sociedade letrada foi bastante trabalhado, e com sucesso, pelo antropólogo britânico John Rankine Goody¹²⁷, ainda vivo e cujas obras foram conhecidas por Havelock. Goody tem demonstrado que a escrita é o grande auxiliar da memória humana, e facilitou a vida em amplos sentidos, desde a organização estatal até o comércio, a religião e o direito¹²⁸. Tomando uma visão mais realista, se entre a inserção da escrita na sociedade grega até esta chegar a ser considerada uma sociedade letrada, ou seja, somente após meados o século V a.C. e no IV a.C., temos uma distância temporal de mais de trezentos anos; portanto, não é apropriado falarmos em “revolução”, como propôs Havelock. A conquista da escrita representou sim, um processo lento e gradual na sociedade grega¹²⁹ e, jamais (nem mesmo hoje em dia)¹³⁰, transcorreu de modo uniforme ou igualitário. Quer dizer que a prosa não representou apenas uma mudança estilística, mas também de pensamento.

Apenas não devemos cair no erro de pensar que o pensamento racional grego foi uma conseqüência da prosa, pois dificilmente será possível lançar provas suficientes para tal proposta. Se reconhecermos que prosa foi um meio apropriado para expressar dados científicos e filosóficos, então os primeiros filósofos, astrônomos ou logógrafos

¹²⁷ Sobre a antropologia da escrita, vale citar o clássico de J. Goody e I. Watt: *The Consequences of Literacy*, artigo lançado primeiramente em 1963, na *Comparative Studies in Society and History*, vol.5, n.3, pp. 304-345, e em seguida na coletânea editada por J. Goody: *Literacy in Traditional Societies*. Cambridge: Cambridge UP, 1968, pp.27-68.

¹²⁸ Cf. J. Goody. *A Lógica da Escrita e a Organização da Sociedade*. Trad. Teresa L. Pérez. Lisboa: Ed.70, 1987 (Ed. ing. 1968, Cambridge), onde Goody busca mostrar as mudanças sociais que a palavra escrita promoveu, comparativamente, em duas realidades, uma antiga, a o Oriente Próximo, e outra contemporânea, a dos grupos iletrados da África Ocidental. O autor busca os efeitos da alfabetização na religião, na administração pública, no comércio, na economia, e no direito. Ele é prudente ao reconhecer, no final do livro, que “não pretendi também afirmar que a introdução da escrita conduz imediata ou necessariamente às alterações que selecionei. A tradição escrita é cumulativa, edifica-se ao longo do tempo” (205).

¹²⁹ Cf. M. Detienne. *A Invenção da Mitologia*. Trad.A. Telles- Gilza M.S. da Gama. 2ª Ed., Rio de Janeiro:José Olímpio, 1998, p.68.

¹³⁰ Mesmo com o desenvolvimento do mundo moderno, com os programas educacionais dos governos, da tecnologia a serviço do ensino, da multiplicação das escolas, da formalização da instrução escolar e tudo mais, o que chamamos “alfabetização” ainda é uma grande questão de nossa civilização. Esse termo abrange desde o simples assinar mal o próprio nome até a capacidade de interpretar textos e escrever obras literárias espetaculares, reportagens brilhantes em jornais, revistas e na Internet. Não seria nem um pouco ousado supor que Platão era mais letrado e instruído que milhões de alfabetizados de hoje.

deveriam ter preferido esse estilo para compor. Porém, os indícios literários demonstram que a escolha por poesia ou prosa não dependeu de temática. Também houve astronomia, filosofia e “história” em poesia¹³¹. Como não lembrar a posição declarada de Aristóteles, em sua *Poética* (1451 a 39 ss)? Diz ele:

“não diferem o historiador e o poeta por escreverem em verso ou prosa (pois bem poderiam ser postas em verso as obras de Heródoto, e nem por isso deixariam de ser história, se fossem em verso o que eram em prosa) – diferem, sim, em que diz um as coisas que sucederam, e outra as que poderiam suceder”¹³².

Aristóteles era um dos homens mais instruídos de seu tempo, dono de um centro de ensino no qual era mantida uma biblioteca particular respeitável¹³³, e assim conhecia a grande variedade da literatura grega em verso ou prosa. Todavia, ele demonstrou clara falta de interesse sobre o conhecimento histórico¹³⁴, problema que não nos convém discutir no momento.

O fato é que os primeiros historiadores escolheram a prosa para se expressar, e manifestadamente, tal posição pede explicação. Esses intelectuais recolhiam, tratavam e ordenavam, às vezes interpretavam e ofereciam sua versão sobre mitos, contos, tradições sobre heróis, povos bárbaros e fundação de cidades, dados ancestrais, genealogias, fábulas, entre outros elementos que formavam a memória do grupo. Suas fontes podem ter sido basicamente o canto poético e os registros locais que encontravam nas cidades que visitavam (genealogias e listas de atletas ou sacerdotes, por exemplo). Os Gregos chamaram esses ‘discursos’ de *lógoi*. Lembremos que o verbo grego *legein*, da mesma família de *logos*, e que significa “dizer”, “contar”, “juntar”, “falar em

¹³¹ Por exemplo, Parmênides e Empédocles expressaram seu pensamento em poesia, bem como Xenófanés. Este último parece ter escrito em versos uma *Fundação de Cólofon* (*Κολοφῶνος κτίσιν*), segundo informa Diógenes Laércio (IX, 2). Sobre esses três filósofos-poetas, e sua escolha pelos versos, ver C. Kahn. *Writing philosophy. Prose and Poetry from Thales to Plato*. In: H. Yunis. *Written texts and the rise of literate culture in ancient Greece*, New York: Cambridge Univ. Press, 2003. Pp. 155 e ss. Cleóstrato de Tênedos, da escola de Tales, o Milésio, foi autor de um poema astronômico (6 A 4DK), e Aristéas escreveu em versos sobre o extremo norte do mundo, no poema *Arimaspea*, que Heródoto conheceu (Hdt. IV 14). De outra parte, e igualmente, houve filosofia em prosa, com as obras de Anaximandro e Anaxímenes, Anaxágoras, Heráclito, entre outros.

¹³² Tradução de Eudoro de Sousa, in Aristóteles, *Poética*. Lisboa: Imprensa Nacional- Casa da Moeda, 2010.

¹³³ L. Casson, 2003: 39 e ss.

¹³⁴ Por isso, geralmente tem-se difundido que ele em nada contribuiu para a filosofia da História, que considerava menos séria que a narrativa poética. Ver a discussão em Jonathan Lavery "Clio in the Lyceum: Making room for history in Aristotle's thought". In: W. Sweet (ed.) *Philosophy of History: a re-examination*. Burlington: Ashgate Publishing Co., 2004. Pp. 79-94.

público”, “chamar”, passou a indicar também “ler” e “recitar”, com a chegada da escrita¹³⁵.

Mas praticamente não havia distinção entre o que alguém *disse* porque falou, e o que alguém *disse* porque escreveu. Heródoto usa dessa dubiedade¹³⁶ em muitas passagens de sua obra, por exemplo: “φέρει νῦν καὶ ἄλλο εἶπω περὶ τῶν Κόλχων” (Vamos lá! Agora vou referir ainda um outro aspecto sobre os Colcos). Em outra parte, ele afirma, sobre a posição de Hecateu a respeito dos Pelasgos: “ἐν τοῖσι λόγοισι λέγων ἄδίκως” (em suas histórias, ele declara injustamente)¹³⁷. As “histórias” de Hecateu referidas nessa passagem são claramente um material escrito, relatos que Heródoto utilizou como fonte¹³⁸. Na própria obra de Heródoto são identificados vinte e oito *logoi* (discursos ou histórias) sobre temáticas específicas exploradas em sua pesquisa, como sobre os Egípcios, Lídios, Citas, ou sobre Ciro, Cambises, Dario, entre outros¹³⁹. Às vezes, ele é explícito em afirmar que “escreve”: “τάδε δὲ κατὰ τὰ λεγόμενα ὑπ’ Ἑλλήνων ἐγὼ γράφω” (o que vem a seguir, escrevo de acordo com o que afirmam os Gregos em geral) (Hdt. VI 53); dizer que “escreve” nessa e noutras passagens¹⁴⁰, no contexto em que ele realiza sua composição, impõe sua intenção de que produz para ser lido¹⁴¹. No entanto, o argumento contrário pode muito bem ser aceito, de que ele expressa que “escreve” como forma de auto-confirmação diante de seus ouvintes, como também o fez Hecateu, em seu fragmento 1. Onde Heródoto deveria, por rigor, usar *graphein*, ele usa *legein*: ao contar sobre a carta que o rei persa Ciro recebeu de Hárpagos¹⁴², ele põe: “τὰ δὲ γράμματα ἔλεγε τάδε” (o escrito dizia assim). O principal é

¹³⁵ J. Svenbro trabalhou outros verbos que em vários contextos significavam também “ler”, como *ananemein*, *ananemesthai*, *analegesthai*, *epilegesthai*, *anagignosken*, entre outros. Cf. J. Svenbro. “A Grécia Arcaica e Clássica: A invenção da leitura silenciosa”. In: G. Cavallo – R. Chartier: *História da Leitura no Mundo Ocidental*, v. I. São Paulo: Ática, 41-69.

¹³⁶ É muito comum em Heródoto o uso de *lego*, *legetai*, *legousi*, em dubiedade com a situação escrita (*graphein*). W.Rösler. The Histories and writing. In E.J. Bakker-I.J.F. de Jong – Hans van Wees. *Brills Companion to Herodotus*. Leiden-Boston: Brill, 2012, p.88-89.

¹³⁷ Hdt. VI 137

¹³⁸ Cf. W.W.Hows- J.Wells. *A Commentary on Herodotus*. V.I. Oxford: Clarendon Press, 1928, pp. 22 e 24.

¹³⁹ Ver o trabalho de Silvana Cagnazzi, Tavola dei 28 Logoi di Erodoto. *Hermes*, 103, H. 4 (1975), 385-423.

¹⁴⁰ Por exemplo, Hdt. I 95; II 123, VII 214, VI 14.

¹⁴¹ Posição do autor alemão com o qual dialogamos nesta parte, Wolfgang Rösler (2012, p.89), entre outros que ele aponta em nota (n.28), como C.Rose e J.E. Powell.

¹⁴² Hdt.I 124

saber que a falta de distinção rigorosa entre os verbos *legein* e *graphein* retrata perfeitamente a relação aberta entre o escrito e o oral, até a atualidade¹⁴³.

De forma que, aquele que se ocupava dessa atividade ordenadora da memória (e ao mesmo tempo da cultura) foi chamado *logopoiós* ou *logográphos*¹⁴⁴. É assim que Heródoto vai se referir por três vezes a seu predecessor Hecateu¹⁴⁵, e uma vez ao fabulista lendário Esopo, que teria vivido na época de Creso da Lídia, no século VI a.C. Pode parecer contraditório que Heródoto tenha usado a mesma denominação para esses dois autores, mas não há qualquer contradição, pois se existiu mesmo um Esopo, ele era um contador de fábulas¹⁴⁶ muito antigas e, à semelhança de Hecateu, buscava reunir e divulgar tradições, de modo próprio.

Como já foi frisado anteriormente, a opção pela prosa para compor, da parte desses autores, não partiu, necessariamente, do desejo premeditado de racionalizar os mitos. Há duas possibilidades que não se anulam mutuamente, para compreender esse caso. Em primeiro lugar, poderiam ter escolhido a prosa para seguir o novo estilo de comunicação escrita que era utilizado por homens cultos em Mileto (escola milésia) e por outros autores (Ferécides, Acusilau, Cílix). Em segundo lugar, quiseram se expressar na forma da comunicação cotidiana¹⁴⁷, livre do ritmo e da métrica, no sentido de serem mais diretos e simples. Esses homens se tornarão conhecidos como aqueles que produzem *lógoi* por escrito¹⁴⁸, serão os “narradores de histórias”, e mais tarde já serão distinguidos dos poetas¹⁴⁹. Estrabão (I 2, 6) chama a prosa de *pezós lógos* que significa “discurso pedestre” ou “linguagem a pé”, por causa de sua simplicidade e falta

¹⁴³ Não somos diferentes, ainda hoje em dia, quando se nos referimos a um autor com expressões como “o Autor diz em seu livro...” ou “em seu novo texto, o Autor fala sobre cultura”, muitas vezes despercebidos da contradição.

¹⁴⁴ Literalmente “produtor” ou “escritor” de *lógoi*. Na versão inglesa de A.D. Godley, vem traduzido *logopoiós* por “the historian” (*The Histories*, Cambridge, 1920); também está “historien” na tradução francesa de Pierre-Henri Larcher (*Histoires*, Musier, 1786) e na espanhola de Bartolomé Pou, do século XVIII, “el historiador”. Moscarelli traduz em italiano esta palavra como “lo scrittore” (Test.IV Hdt.V 36). Cf. E. Moscarelli. *Ecateo de Mileto. Testimonianze e frammenti*. Napoli: Città del Sole, 1999. Em português, tradução de Ma. de Fátima Silva e Carmen L. Soares (Lisboa, Ed. 70), sugerem “o logógrafo”, enquanto na versão brasileira de Heródoto, por Mário da Gama Koury, manteve-se “o historiador” (*História*. Heródotos. Brasília: UnB, 1988). Aliás, esse termo, do grego *logográphoi* surge registrado de Tucídides (I 21) em diante, para indicar os autores de história anteriores a ele próprio.

¹⁴⁵ Hdt.V 36 e 125.

¹⁴⁶ Cf. Niklas Holzberg. *The Ancient Fable: An Introduction*. Trans. by Christine Jackson-Holzberg. Bloomington: Indiana University Press, 2002. Pp. 72 e ss.

¹⁴⁷ G. Pascucci. Il Surgere della prosa iônica: storiografia e scienza. In: R. Bianchi Bandinelli. *Storia e Civiltà dei Greci. Origini e sviluppo della Città*. Milano: Bompiani, 1978, p. 614.

¹⁴⁸ J.Bury, 1958: 14-15.

¹⁴⁹ Por exemplo, como fará Platão, da *República* (392b1), ao separar entre *poetai* e *logopoiói*.

de solenidade¹⁵⁰. Para esse geógrafo, a prosa na verdade era nada mais que imitação da poesia. O interessante da prosa é que, ao se libertar do metro, ela se aproximou da linguagem comum de seu público, embora nos seja difícil medir o grau de divulgação que obras como a de Anaximandro ou Ferécides tinham naquela sociedade. Para L. Pearson¹⁵¹, em discordância com o que foi dito acima, a expressão *logógráphoi* ou *logopoiói* não foi direcionada àqueles autores pela razão de que eles escreviam *lógoi* em prosa; antes, porque significava “story-teller”, “raconteur”, “chronicler” e até “historical novelist”. Mas é preciso reconhecer, com J. Bury¹⁵², que eles foram autores escritores, e os testemunhos antigos o atestam. Os testemunhos antigos incorrem contra Pearson, pois é o mesmo Heródoto, que após nomear Hecateu e Esopo de *logopoiói*, vai chamar Homero de “*epopoiós*”, o “fazedor de *epos*”, sabendo que ele era um poeta¹⁵³. Podemos concluir daqui que Heródoto sabia distinguir quem fazia discursos “comuns” e quem cantava poesia épica; ele não precisava separar quem falava e quem escrevia. Também Platão, na *República* (392 b 1), fará essa distinção, entre quem é poeta (*poetaí*) e quem produz discurso em prosa (*logopoiói*).

Se considerarmos a postura e o pensamento do Grego arcaico diante do passado, podemos aceitar a posição de Santo Mazzarino¹⁵⁴ em afirmar que nunca existiu uma clara contraposição entre poesia e prosa na idade arcaica grega. O autor alega que pertenceu ao poeta Mimnermo (início do séc. VI a.C.) o escrito em verso que podemos considerar a primeira obra de história no sentido como nós, modernos, o entendemos: “uma história dos fatos verdadeiros”. Trata-se do seu poema elegíaco chamado *Esmirdeida*, onde o poeta canta a história dos jônios no século VII a .C., quando a

¹⁵⁰ É o próprio Estrabão quem explica o fato de a prosa ter recebido o nome de “pedestre”: “alude evidentemente à palavra que desceu de certa solenidade, desde um carro para o solo” (Strab. I 2 6. Trad. de J. R. García Ramón e J. García Blanco. Estrabón. Libros I e II. Madrid.: Gredos, 1991).

¹⁵¹ Pearson, 1975:05-06.

¹⁵² Em favor de Bury, pesa o fato de que Heródoto, em meados do século V a.C. considera seu antecessor Hecateu de Mileto uma autoridade literária, e não mero “contador de histórias” (Cf. VI, 137): (...) *os pelasgos tinham sido expulsos da Ática pelos atenienses; que eles o tenham feito justamente ou injustamente eu não posso dizer; posso apenas repetir o que se conta: Hecateu, filho de Hegesandro, adotou em seus escritos a palavra injustamente*; Que Heródoto dispôs de vários tipos de fontes para compor suas Histórias é um fato pacífico; mas que ele consultou trabalhos escritos da intelectualidade de seu tempo e de antes, também deve ser colocado fora de dúvida. (Cf. D. Lateiner, *The Historical Method of Herodotus*. Toronto: Toronto Univ. Press, 1991, p.94; R. Fowler, *Herodotus and his prose predecessors*. In: *The Cambridge Companion to Herodotus*, Eds. C. Dewald and J. Marincola. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 2008, p.29-45.

¹⁵³ Hdt. VII 161 e II 23

¹⁵⁴ S. Mazzarino, *Il Pensiero Storico Classico*, T.1. Roma-Bari: Laterza, 1990, p.37.

cidade de Esmirna sofre um ataque do rei lídio Gíges, evento que mais de um século depois será lembrado por Heródoto, no Livro I das *Histórias*.

Xenófanes, poeta posterior à Mimnermo, por sua vez, utilizou seus versos para criticar a tradição religiosa grega e a poesia homérica naquele período. A diferença fundamental, então, não estava no estilo ou temática, mas sim na postura diante do mundo, da sociedade e das tradições, quer se usasse a poesia ou a prosa.

Não há acordo entre os antigos acerca de quem foi o primeiro a publicar um texto literário em prosa no mundo grego, e os modernos ainda discutem sobre o tema¹⁵⁵. Os principais nomes lembrados são o do cosmólogo Ferécides de Siros¹⁵⁶, com suas obras *Heptamychos* (*Os Sete Recessos*), *Theocrasia* (*A União Divina*), e *Teogonia*¹⁵⁷, conhecida até no tempo de Diógenes Laércio, no século III d.C., que cita seu início: “Zas, e Cronos sempre existiram; e Ctonia veio a chamar-se *Ge*, depois que Zas lhe deu a terra como presente”¹⁵⁸. Teopompo de Quios¹⁵⁹, historiador do séc. IV a.C., declarava que Ferécides de Siros havia sido o primeiro a compor “sobre a natureza” e sobre a “origem dos deuses”. Anaximandro é outro sério candidato a ser o primeiro prosista grego. Sua obra conhecida como *Peri Physeos* se perdeu muito cedo, mas ao que tudo indica, algum resumo chegou até a época clássica, pois foi lido por Aristóteles, Teofrasto e depois por Simplicio¹⁶⁰. Outros nomes são referidos pela Suda, como Cadmo de Mileto¹⁶¹, que escreveu uma *Fundação de Mileto e de Toda Jônia*, da qual nada restou.

¹⁵⁵ Por exemplo, Felix Jacoby. *The First Athenian Prose Writer, Mnemosyne*, 13 (1974) 13-64. Charles Kahn. “Note: The First Greek Prose Treatise”, in: *Anaximander and the Origins of Greek Cosmology*. New York: Columbia University Press, 1960. P.240. G.S. Kirk e J.E. Raven, *Os Filósofos Pré-socráticos*, Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1990, pp.43-44. D.L. Toye. “Pherecydes of Syros: Ancient Theologian and Genealogist”. *Mnemosyne*, L (1997), pp. 530-560.

¹⁵⁶ Ferécides é, como Pitágoras, uma figura das mais obscuras; era vivo em meados século VI a.C. Apolodoro refere o seu *floruit* em torno da 59ª Olimpíada (544-541 a.C.) (7DK 1A). Ao que parece, sua obra era famosa ainda na época romana. Cf. K. Freeman. *The Presocratics Philosophers*, Cambridge (Mass.): Harvard Univ. Press, 1966, pp. 36-38. Para os testemunhos, fragmentos e discussão, ver a edição portuguesa de Fernando Bastos: *A Teogonia de Ferécides de Siro*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2003.

¹⁵⁷ Kirk-Raven-Schofield, 2010, pp. 46-47.

¹⁵⁸ Diog. L. I 119. Tradução do trecho por Fernando Basto, 2003.

¹⁵⁹ Em Diog. L. I 119. Sobre Teopompo, ver A. Momigliano. *La Historiografia Griega*. Barcelona: Crítica, 1984. Pp. 168-194; Michael A. Flower. *Theopompus of Chios: history and rhetoric in the fourth century BC*. Oxford, 1994.

¹⁶⁰ Sobre a obra de Anaximandro, ver W. A. Heidel. *O Livro de Anaximandro*. Trad. K. Koike. Mogi Mirim/SP: Itlan, 2011.

¹⁶¹ Outra figura obscura, que tinha vivido em meados do século VI a.C. (Cf. Joseph. *C. Apion*. I, 2 e Clem. *Strom.* VI), pouco antes da invasão persa. Plínio ora o põe na conta do mais antigo prosista (N.H. V 31),

Por fim, M. West¹⁶² não vê qualquer importância em se discutir a primazia da prosa grega. Pelo menos, essa incerteza das fontes sobre os iniciadores da prosa demonstra que não houve um “inventor” do estilo, mas um movimento em várias partes, que o utilizaram para compor obras diversas.

Apesar do estado fragmentário e da escassez de dados acerca desse período da literatura grega, a mais antiga prosa grega manteve certa unidade. O que se criou em todo esse processo não foi apenas um gênero literário, nem ainda uma “ciência da história”, e sim o desejo de investigar o passado, e confrontá-lo com o mundo da experiência.

As primeiras experiências da prosa literária, ainda no século VI a.C. seguiram o modelo da escrita que já era praticada nos principais centros políticos da Hélade. É bem possível que produção e publicação de leis escritas pelas autoridades da pólis tenham servido, de certa forma, como importantes “modelos de referência” para os primeiros filósofos¹⁶³ escreverem seus tratados em prosa. Mas pela análise dos primeiros exemplos de escrita grega em prosa que temos em monumentos e objetos, poderemos ter pistas sobre o nível de escrita do período. Porém, surpreende que a produção escrita literária em poesia e prosa fosse tão rarefeita até meados do século VI a.C., e passado apenas um século, a quantidade de literatura produzida, principalmente em Atenas, mostrasse um aumento tão significativo, sinal do aperfeiçoamento da técnica e fluência de escrita.

Em seus inícios, o caráter da prosa grega era estático, pouco dinâmico, já que não apresentava formação de parágrafos, mas sim expressão de sentenças¹⁶⁴, cujas fórmulas tendiam a ser sintéticas. A contradição em relação a essa condição é que, a crer nos testemunhos antigos e nos fragmentos mais antigos dessa “prosa”, foram produzidas composições de elevada elaboração, por exemplo, o livro perdido de Anaximandro, onde não se nota aspecto sintético do escrito, pelo menos por seu início. Mas a produção milésia, incluindo a de Hecateu e Anaxímenes, devem ter se tornado,

ora no mais antigo historiador (N.H. VII 56), comprovando a falta de segurança na tradição sobre este nome. Estrabão o considera um dos primeiros prosistas gregos, junto com Hecateu e Ferécides (Strab. I, 2, 6). Para Dionísio de Halicarnasso (*Thuc.* 23), a obra que circulava em sua época sob o nome Cadmo era uma falsificação.

¹⁶² M. West. *Early Greek Philosophy and the Orient*. Oxford: Clarendon Press, 1971, p.30, n.3.

¹⁶³ Cf. R. Caballero, “Las musas jonias aprenden a escribir: ley escrita y tratado en prosa en los milesios y Heráclito”. *Emerita* 76.1 (2008) 1-33.

¹⁶⁴ J. Denniston, 1960: 2.

em algumas décadas, já “antiquadas”, segundo a difusão da escrita, que do século V em diante será de muito maior volume e elaboração, sobretudo com a produção dos sofistas. Os eruditos alexandrinos do século III em diante, ao se interessarem pela literatura antiquária, vão lançar seu juízo sobre o estilo daqueles primeiros prosistas, logógrafos, mitógrafos, os primeiros historiadores, no que ainda puderam encontrar: “sua língua era clara, comum, pura, concisa, adequada aos feitos, sem qualquer artifício retórico” (nas famosas palavras de Dionísio de Halicarnasso, em sua obra *Sobre Tucídides* (5)).

Esse autor denomina *syngrapheis* os escritos em prosa dos narradores de história anteriores a Tucídides. O termo servia para designar os tratados, composições e obras, sobretudo os escritos em prosa, de historiadores e mitógrafos, filósofos ou genealogistas. Não se sabe ao certo quando os Gregos passaram a utilizar esse termo (e outros próximos, como *syngramma*), mas Diógenes Laércio (VIII 6) põe na boca de Heráclito a afirmação de que Pitágoras havia extraído sua erudição pesquisando em certos escritos (*syngraphas*). Nas palavras do mesmo Diógenes Laércio, Anaxágoras de Clazômenas tinha sido o primeiro autor a “publicar um livro em prosa (*syngraphes*)”¹⁶⁵. As obras assim chamadas, conforme os Antigos, eram as que se opunham aos escritos em verso¹⁶⁶. Pode-se interpretar essa colocação sobre Anaxágoras considerando que foi mesmo uma novidade em Atenas a publicação de livros em prosa sobre filosofia natural até meados do século V a.C., época da publicação da obra do Clazomênio em Atenas. De um dado mais certo dispomos em Heródoto, que utiliza o verbo *syngrapho* com o sentido de anotar, registrar por escrito: quando Creso da Lídia mandou consultar os mais famosos oráculos da Grécia, sobre a situação de perigo com o avanço persa, ordenou que fossem registrados por escrito, para que se lhe mostrassem. Usa-se aqui a forma *grapsamenos* (Hdt. I, 47).

Por fim, se a primeira prosa jônica foi uma concorrente estilística da poesia, não necessariamente o foi quanto aos interesses, pois ambas envolviam o mundo épico, os feitos humanos e heroicos, e tentavam se afirmar, cada qual a seu modo, no espaço

¹⁶⁵ Diog. L. II, 11: πρῶτος δὲ Ἀναξαγόρας καὶ βιβλίον ἐξέδωκε συγγραφῆς. Também é testemunha disso Clemente de Alexandria (Strom., I 78. Cf. 59 DK 36 A.). Outra interpretação das passagens presentes em Diógenes e Clemente sugere que Anaxágoras havia sido o primeiro autor a publicar um escrito com “desenhos” ou com ilustrações acompanhando o texto (basta considerar a expressão *syn + graphei*, “com desenhos” ao invés de *syngraphês*, “em prosa”). Apesar da grande discussão sobre a questão, por parte de muitos comentadores modernos de história da filosofia, não há motivos para negar que pudesse haver desenhos na obra, embora os indícios sejam magros e duvidosos. Uma pista interessante está no relato de Vitruvius, de que Anaxágoras havia tratado de perspectiva em cenografia, o que exigia conhecimentos geométricos e desenhos (59 DK 39 A.).

¹⁶⁶ C. Diano, La data di pubblicazione della *syngraphe* de Anassagora. Firenze: Sansoni, 1955, p.235.

político-literário da pólis, apresentando suas visões de mundo e formas de saber. A identificação polarizada e simplificada que separa, de um lado, poesia/mito/irracional, e de outro lado, prosa/ciência/racional é limitativa para a compreensão do mundo cultural grego da época arcaica. O olhar positivista que buscava encontrar na Antiguidade a vitória da razão sobre o mito vê na prosa símbolo deste momento. A medida de importância de um evento histórico é proporcional à eleição que a geração dos historiadores de determinada época lhe concede. Em seguida, é oportuno ater-nos na especificidade da prosa dos logógrafos.

4.1. Livros e Rolos

O artigo conhecido na Antiguidade por *bíblōs* indicava, na prática, uma espécie de tira ou corte de papiro, no qual era feito o registro escrito de textos como decretos, cartas, listagens ou qualquer tipo de documento¹⁶⁷. Na passagem de Ésquilo, nas *Suplicantes* (vv.946-947), são mencionados os “decretos da cidade” (Argos), cujas palavras

“não foram gravadas em tabuinhas (*pinax*) nem escritas em rolos de papiro (*en ptuchais biblon*) selados, mas antes as escutas, com clareza, de uma boca livre”¹⁶⁸.

A informação contida nesta passagem tanto os produzidos por um Heráclito ou Hecateu era mais pessoal, na forma de *aide-mémoire* (gr. *hypomnêmata*) tanto os produzidos por um Heráclito ou Hecateu era mais pessoal, na forma de *aide-mémoire* (gr. *hypomnêmata*) tanto os produzidos por um Heráclito ou Hecateu era mais pessoal, na forma de *aide-mémoire* (gr. *hypomnêmata*) constitui uma feliz referência sobre as condições da escrita em seu tempo (não no “tempo” das Danaides); quase um século antes desta peça, Anaximandro e Hecateu de Mileto haviam inscrito, sobre um *pinax*, o desenho do mundo conhecido. Também a citação do *bíblōs* é importante, pois demonstra que já era usual para o registro de leis e decretos. E Ésquilo estava muito próximo do tempo de Hecateu, que deve ter escrito em papiro também.

Na visão de E.Havelock¹⁶⁹, é um equívoco traduzir por “livro” ou “rolo” o que, no século V a.C., era chamado *biblíon*, nada mais que tiras de papiro colocadas umas

¹⁶⁷ E.G.Turner. *Libros en la Atenas de los siglos V y IV a.C.* In: G. Cavallo (dir.): *Libros, Editores y Publico en el Mundo Antiguo*. Madrid: Alianza, 1995, p.32, n.23.

¹⁶⁸ Ésquilo. *Suplicantes*. Vv.946-947. Trad. Calos A. Martins de Jesus. Coimbra: Festeia, 2012.

dentro das outras. O *biblíon* era, comumente, guardado em forma de rolo, sendo esta a prática comum desde os egípcios e, depois, entre os gregos¹⁷⁰. Quando os gregos começaram a fazer uso do papiro para a escrita, a prática já era usada no Egito há mais de um milênio. O uso de papiro como material para escrita no Egito servia, basicamente, para uso estatal-religioso, presente em muitos túmulos de faraós. Segundo o professor Frederick Kilgour¹⁷¹, o mais antigo fragmento de papiro contendo escrita data do reinado de Djedkare Izozi, o oitavo Faraó da V Dinastia (c. 2409-2383 a.C.).

Lilian Jeffery¹⁷² não acredita que os gregos tenham entrado em contato com esse material por meio das relações comerciais com o Egito, ocorrida no tempo de Psamético I (c.660 a.C.), quando, de fato, houve um estreitamento das relações entre os dois povos e explica: “o nome para o rolo de papiro era *biblos*, *biblíon*, o que mostra claramente que sua fonte original não fora o Egito, mas o porto fenício de Gebal, o qual eles chamavam Biblos”. Mas, pouco se conhece, ainda, das relações entre gregos e fenícios, que, sem dúvida, foram os maiores comerciantes e navegadores do Mediterrâneo. Ao menos, próximo dessa região, temos o testemunho do uso de rolos de papiro segundo narrado no Antigo Testamento, no livro do Profeta Jeremias, que depositou suas profecias nesses rolos. Depois que foram lidos em público, os livros foram queimados pelo Rei de Judá, Joaquim (609-598 a.C.)¹⁷³.

Entretanto, gregos devem ter conhecido a planta do papiro (*Cyperus papyrus*) em tempos remotos, pois Homero, na Odisseia (XXI, 390-1), cita o termo *biblíon* pela primeira vez na literatura grega, mas usado como corda vegetal, não como material de escrita. A Grécia deve ter iniciado o uso de papiro para a escrita em época mais recente, por volta do século VII a.C. Depois, com o estreitamento das relações com o Egito, terra natural daquela planta, permitiu aos Gregos um comércio de *bibloi* mais amplo e rentável, quando o papiro foi se tornando um artigo mais procurado nos centros gregos.

O papiro é um material muito leve e flexível. Isso facilitou seu transporte e comercialização, bem como favoreceu a circulação de conhecimento. A escrita em

¹⁶⁹ E. A. Havelock . (1996: 30)

¹⁷⁰ Heródoto (I 48) refere que, quando o Rei Creso foi ler os oráculos que ele havia mandado consultar e registrar por escrito, ele os “desenrola” para ler. O verbo usado, *anaptyssō*, descreve bem o formato dos “escritos”: eram rolos. Cf. a nota (63) à tradução da passagem no Livro I das *Histórias* de Heródoto, por José Ribeiro Ferreira e Maria de Fátima Silva. Coimbra, 2002.

¹⁷¹ Frederick G. Kilgour: *The Evolution of the Book*. New York: Oxford University Press, 1998, p.

¹⁷² L.H. Jeffery. op.cit.p.56

¹⁷³ Jer.36: 21-26. Sobre o Rei Joaquim (Jehoiakim), ver Watson E. Mills, *Roger Aubrey Bullard*. *Mercer Dictionary of the Bible*. Macon: Mercer Univ. Press, 1997. P.432.

monumentos precisa da presença de público *in loco*. Afora isso, é muito mais simples e ágil o transporte de alguns rolos de papiro do que o de um grande jarro de cerâmica ou de uma estátua de pedra contendo inscrições. Também ocorreu o aumento na quantidade de material escrito. Com o papiro, a escrita vai se tornar, paulatinamente, mais cursiva e rápida. Em uma estátua ou muro, as mensagens eram relativamente curtas, enquanto apenas um capítulo das *Histórias* de Heródoto podia ocupar centenas de linhas em várias folhas de um *biblíon*.

De outra parte, lembra Heródoto (V, 58) que os antigos jônios chamavam os antigos livros de *diptheroí*, que significa, em grego, “pele curtida, couro”. Disse ele que, no passado, os gregos usavam essas peles de cabra ou carneiro em decorrência da raridade do papiro para livros: “ainda em minha época, muitos bárbaros escrevem nessas peles”. Se Heródoto compôs a sua obra entre 450-425 a.C.¹⁷⁴, sabemos que, dois séculos antes disso, os jônios começavam a estabelecer entrepostos comerciais na costa egípcia, justamente quando teria aumentado o fluxo de papiro na Hélade. O termo *biblos*, que indicava, a princípio, corte ou tira de papiro, passou a se referir a qualquer documento escrito, como cartas, listagens, decretos, inclusive denominando, de modo geral, os pergaminhos *díphtheroí*⁴. Isto quer dizer que os *biblia* podiam comportar qualquer mensagem; seu conteúdo não estava restrito a obras literárias¹⁷⁵. O próprio Heródoto (III 40-43) achava totalmente normal o uso de papiro como material para escrita: era com isso que o tirano de Samos Polícrates trocava cartas com o Faraó Amásis. Mas, Platão (Ap. 26d) chama de *bíblia* os livros de Anaxágoras.

É bastante sugestiva a asserção de Diels¹⁷⁶, segundo o qual, Heródoto viajara para o Egito levando consigo os *biblia* de Hecateu na mão, e questionou os sacerdotes sobre sua veracidade. Essa possibilidade explica muitas posturas de Heródoto no Egito, como sua ida aos Butos, para averiguar a famosa “ilha flutuante” que Hecateu havia registrado entre as maravilhas egípcias (F305), ou a visita a Tebas, no mesmo templo

¹⁷⁴ A visão mais aceita é a de que Heródoto não compôs sua obra de uma só vez, mas pode ter levado cerca de uma geração para completar esse trabalho. Pode ter iniciado a escrita de sua obra por volta de 450-444 a.C. e chegou a concluir algumas partes dela apenas por volta de 430 e 425 a.C., segundo calculam os estudiosos. Cf. Sobre a data da composição de Heródoto: R. Lattimore, *The Composition of the History of Herodotus. Classical Philology*, 53, n.1 (1958), p.19; D. Sansone, *The Date of Herodotus' Publication. Illinois Classical Studies, Vol.X, 1 (1985), p.01.*

¹⁷⁵ Cf. E.G. Turner “Los Libros en la Atenas de los siglos V y IV a.C.” In: G. Cavallo (dir.): *Libros, Editores y Publico en el Mundo Antiguo*. Madrid: Alianza, 1995. P.32, n.23.

¹⁷⁶ H. Diels, *Hermes* 22, 1887, 434.

em que Hecateu havia conversado com os sacerdotes. Como um verdadeiro guia de terras estrangeiras, escrita por um Grego para outros Gregos, a obra de Hecateu serviu perfeitamente a Heródoto, pois ele seguiu os roteiros que aqueles escritos traziam. Heródoto também quis notícias sobre a fauna do Nilo, os hábitos egípcios e outras curiosidades. Para J. Wells¹⁷⁷, é duvidoso que “ancient tourists” pudessem levar consigo livros-guias, e argumenta que cadernetas de anotações com páginas em branco ao lado para apontamentos e correções eram inconcebíveis no século V a.C. As razões de Wells, no fundo, são mais fracas que a suposição que Heródoto viajara com as obras de Hecateu. Se livros com cinquenta anos de existência como o do Milésio ainda serviam, faz-se necessário investigar a circulação de obras dessa natureza no mundo antigo.

4.2. A natureza da literatura logográfica

Não são muitos os historiadores modernos que se ocuparam da antiga “logografia” grega, seja pelo peso histórico das obras de autores gregos mais reconhecidos, como Heródoto, Tucídides, Xenofonte e Políbio, seja pela exigüidade de materiais referentes às épocas mais recuadas da historiografia. Arnaldo Momigliano¹⁷⁸ já fazia ressaltar que mesmo os antigos autores como Cícero, Dionísio de Halicarnasso ou Dion Crisóstomo tinham a noção de um “cânone” de historiadores. Enquanto Cícero, por exemplo, em seu *De Legibus* (I 1, 5) chama Heródoto de “*pater historiae*”, outro autor da época romana (séc. II d.C.), Luciano, sírio de Samósata, declara que em seu tempo, os literatos de história que proliferavam queriam ser verdadeiros “Heródotos, Tucídides e Xenofontes”¹⁷⁹. É igualmente famosa a passagem de Dionísio, na sua obra *De Tucídides* (V), onde é feita uma clara separação da produção historiográfica grega tomando como referência a Guerra do Peloponeso e o tempo de Tucídides. Após listar doze nomes (entre os quais Hecateu, Acusilau, Helânico e Xanto da Lídia), Dionísio declara que eles não utilizavam qualquer recurso retórico nos temas que tratavam. Já com Heródoto, continua o autor, era claro o contraste com aqueles nomes, dado que este

¹⁷⁷ J. Wells, 1909: 48.

¹⁷⁸ A. Momigliano, “Tradition and the Classical Historian”, *History and Theory* 11 (1972), 279

¹⁷⁹ Trata-se aqui de uma crítica anedótica a todos os aspirantes a escritor daquele tempo, que, como se tivessem contraído uma doença (referência a uma peste em Abdera), já não se interessavam em recitar tragédias, e sim escrever história, para serem como os grandes historiadores gregos do passado.

havia conseguido expandir e tornar mais esplendoroso o objetivo da matéria tratada¹⁸⁰. Tal concepção é muito próxima da que Cícero defendeu, talvez com base em Teofrasto¹⁸¹, de que era por esse motivo “*quo magis sunt Herodotus Thucydidesque mirabiles*”, desde que eles foram os primeiros a dar equilíbrio à história e a torná-la mais abundante e eloqüente do que haviam feito os autores anteriores¹⁸².

Nas obras modernas em que é lembrada ou citada, a primeira logografia helênica tem sido concebida como um mero “apêndice”, na transição entre os motivos míticos da poesia de Homero e Hesíodo e a escrita da história científica posterior, de quem Heródoto seria o primeiro representante. Também ela é vista como uma introdução *sui generis* aos renomados historiadores citados, pertencente ao tempo em que se mesclavam as narrativas míticas e a história dita científica. Por exemplo, na obra de J. Bury¹⁸³, *Ancient Greek Historians*, de 1909, as páginas iniciais nas quais ele se propõe abordar a antiga logografia apenas servem de preparação para os “grandes” historiadores. Por coincidência, naquele mesmo ano, o filólogo e classicista alemão Felix Jacoby publicava um conhecido artigo na revista *Klio*¹⁸⁴, no qual postulava que entre Hecateu e Heródoto houve uma fase intermediária na historiografia grega, dominada pela etnografia, na passagem da descrição à narração. Segundo sua interpretação, se em Hecateu destacava-se a descrição como projeto de investigação, em Heródoto a narrativa é quem predomina. Também podemos lembrar a obra de A. Toynbee, *La Naissance de l'Histoire*, primeira edição francesa de 1976, na qual mal são citados os logógrafos, para logo em seguida passar à análise da obra de Heródoto e Tucídides em diante¹⁸⁵.

¹⁸⁰ *De Thuc. V*, tradução em W. Kendrick Pritchett: Dionysius of Halicarnassus, *On Thucydides*. Berkeley and London: University of California Press, 1975.

¹⁸¹ Acredita-se que Teofrasto (c.371-287 a. C.), o aluno de Aristóteles, havia tratado de metodologia histórica em sua obra perdida *Peri Historias*, que foi citada por Diogenes Laércio (V, 47) na lista de livros de Teofrasto, e provavelmente seja este escrito que Cícero consultou em seu Orator (12, 39).

¹⁸² *Cicerón, El orador*; int., trad. y notas de E. Sánchez Salor, Madrid: Alianza, 1991

¹⁸³ J. B. Bury foi um historiador irlandês e classicista, que viveu entre 1861-1927. A edição original do *The Ancient Greek Historians: Harvard Lectures* foi editada pela Mcmillan and Co. Ltda, em Londres, 1909.

¹⁸⁴ Jacoby, 1909: 80-123.

¹⁸⁵ Mesmo em anos mais recentes, essa tendência continua, por exemplo, em F. Hartog, que em seu artigo “*Premières Figures de l'Historien: historicité et histoire*” (editado em 1998 dentro da obra *Figures de l'intellectuel en Grèce ancienne*. Nicole Loraux et Carles Miralles (dir.), Paris: Belin), passa da epopéia à Heródoto. Também A Momigliano, em seu *La Storiografia Greca* de 1982, antes de citar os logógrafos, apresenta o decreto de que “não houve um Heródoto antes de Heródoto” (p.136 da edição em espanhol, *La Historiografia griega*, trad. J. Martínez Gásquez, Barcelona: Crítica, 1984).

Dentro da evolução da literatura grega, os escritos históricos podem basicamente ser classificados em cinco tipos¹⁸⁶: genealogia, etnografia, história, horografia e cronologia, muito embora tais classificações não sejam excludentes entre si, além do que apareceram inseridos dentro dos vários gêneros literários produzidos pelos gregos. A logografia do século V e VI a.C., por exemplo, foi uma modalidade literária que envolveu praticamente todos esses tipos, pois enquanto narrativa (em prosa), ela buscou organizar o conjunto de lendas herdadas, de fundo mítico, mas onde ecoavam indistintos traços de historicidade. Os feitos divinos e heroicos, as fundações de cidades, as descrições de viagens (lugares, povos e seus costumes), os parentescos ancestrais, as lendas locais e serviram diretamente de material a quem se ocupava de logografia. Mas é importante reconhecer que nem toda prosa grega naquele período foi logográfica, por exemplo, obras técnicas, como as de arquitetura ou astronomia, os primeiros textos filosóficos, as listagens de nomes de atletas ou sacerdotes, são exemplos lembrados de momento.

Se centrarmos nossa atenção sobre os logógrafos, para questionar sobre sua natureza literária, por um lado, e por outro lado, supostamente “historiográfica”, na relação com o passado, é possível chegar a conclusões interessantes, sobre esse trabalho e o lugar sócio-cultural de seus autores: 1) o material de trabalho logográfico é o passado, mas sem isolar os feitos humanos em relação aos divinos, em sua pesquisa: os heróis e deuses ainda mereciam seu lugar nos eventos¹⁸⁷, e explicavam muito da realidade humana concreta; mesmo em Heródoto este aspecto é notório; 2) em suas obras, os logógrafos tiveram a preocupação em contabilizar/sistematizar o tempo passado, utilizando as referências possíveis, aquelas que a memória tradicional ainda era capaz de lembrar. Aqui, a Guerra de Troia¹⁸⁸, a Viagem dos Argonautas, o assalto dos Sete contra Tebas e os trabalhos de Hércules serviam de referência temporal e fática, se

¹⁸⁶ J.L. Tuero, Orígenes de la historiografía, In: .A. López Ferez (org.): *História de la Literatura griega*, cap.IX) – J, Madrid: Catedra, 1988, p.259.

¹⁸⁷ O que a tradição divulgava sobre o Ciclo Épico, por exemplo, sobre deuses, heróis e homens era “história” para grande parcela dos Gregos. Cf. J. A. Caballero López. *Inicios y desarrollo de la historiografía griega*. Madrid:Sintesis, 2010, p.15.

¹⁸⁸ Este foi o marco principal dos Gregos sobre seu passado, Guerra de Troia e alguns outros “eventos” que ocorreram em torno dela. Para A. López Eire (“La Mitología de los héroes y la cronología”. *Humanitas* 57, 2005, pp.57-115), esta guerra é a maior referência para o passado grego, é ela que assinala a linha divisória entre o mito e a história (p.98).

assim podemos falar¹⁸⁹. Iniciava-se, desse modo, o trabalho cronológico que teve como elemento de contagem as gerações, desde o passado mítico e heroico até o tempo presente, ou seja, o século V a.C.¹⁹⁰. Era preciso preencher o vazio entre o tempo remoto heroico e o mundo da pólis atual. Foi muito útil nesse esforço a conexão entre os “eventos” citados para o estabelecimento de uma cronologia mais ou menos coerente, que relacionasse o que era passado ou sincrônico. 3) os logógrafos deram rasgos de racionalidade quando criticaram alguns aspectos míticos do passado. Esse é o aspecto mais lembrado para qualificar esses antigos autores como representantes da primeira forma de historiografia grega, muito embora haja ressalvas, pois eles foram crédulos e a-críticos em muitos aspectos, em sua coleta das tradições míticas herdadas. 4) suas obras eram compostas com fins estéticos, além do interesse técnico de dispor informações. Isso quer dizer que eles tinham consciência que aquele texto iria ser ouvido (ou lido) por um público, conforme o costume da época.

4. 3. A circulação e publicação de livros

Pensa-se que o uso dos antigos tratados, tanto os produzidos por um Heráclito ou Hecateu era mais pessoal, na forma de *aide-mémoire* (gr. *hypomnêmata*) para ajudar em exposições orais (aulas), mantendo a ordem do que deveria ser discutido e lembrando os tópicos a tratar. As ideias condensadas nas poucas frases escritas precisavam de explicação¹⁹¹. Esse método exigia ou que o leitor fosse um iniciado naqueles assuntos ou que houvesse no público alguém entendido naquelas matérias. Caso contrário, ou seja, se a pessoa indicada para ler apenas soubesse “dizer as letras” e não fosse um iniciado naquela matéria, gerava-se o mal-estar denunciado por Platão em sua crítica à escrita, de que um texto não pode responder nada, somente repetir: “precisa do auxílio

¹⁸⁹ Qualquer grego devia saber que Hércules “existiu” antes da Guerra de Troia, bem como antes dela foi a Viagem dos Argonautas e os Sete contra Tebas. Depois da Guerra estavam o retorno dos Heraclidas e as viagens de Ulisses para Ítaca.

¹⁹⁰ Não precisamos lembrar que as cosmogonias gregas, em um tremendo exercício metafísico-mítico, já haviam exposto as origens do mundo e dos deuses, conforme fez o seu mais famoso divulgador: Hesíodo, com a *Teogonia*. Mas não era possível contabilizar com qualquer grau de segurança o tempo dos princípios, quando reinava Caos. Por outro lado, lembremos do Mármore Pário, famosa crônica grega, que pretendeu registrar o tempo desde o reinado do lendário rei Cécrope em Atenas (por volta de 1580 a.C.) até o arcontado de Diogneto, em Atenas, c. 263 a.C. Portanto, praticamente seguia a linha dos logógrafos, partindo da época heroica, passando pelo Dilúvio de Deucalião, a Guerra de Troia, o reinado de Teseu, e assim por diante. Cf. J. A. Caballero López, 2010: 38-39.

¹⁹¹ H. Frankel, 1993:247, n.9

do pai, pois é incapaz de defender-se sozinho”(Phdr. 275d). Nesse sentido, continua Platão, ficava difícil a compreensão e explicação sobre algum ponto exposto.

Além do mais, pelo menos até meados do século V a.C., acredita-se que a circulação daqueles primeiros textos em forma de livro ocorria em círculos muito restritos de pessoas próximas, que partilhavam interesses comuns na vida prática ou na investigação especulativa. Uma prova disso foi que se iniciou um tipo de relação de convivência e investigação que será depois chamado de “escola” pelo círculo peripatético¹⁹². Naquela época, muitos livros arcaicos já tinham se perdido completamente, ou tornado-se muito raros. Sua circulação, materialmente falando, era mantida em poder da elite intelectual, mas o público em geral podia ter acesso, ouvindo, os ensinamentos que se divulgava. Um exemplo que nos vem à mente é o de Aristófanes, que na peça *As Nuvens*, datada de 423 a.C., satirizou as explicações dos físicos de seu tempo, como Anaxágoras, Diógenes de Apolônia e outros. As informações que Aristófanes coloca na boca de Sócrates decorrem de fontes eruditas, que ele lera ou ouvira, mas ele as tornou ridículas ao divulgá-las para seu público. Por outro lado, em certa época do final do século V a.C., nota-se que o acesso a obras escritas eruditas tornara-se mais comum. Lemos na *Apologia*, de Platão (26d), que os *bíblia* de Anaxágoras eram vendidos “na orquestra do teatro” por um dracma. Mesmo que esses *bíblia* fossem sumários doutrinários do mestre jônio, conforme defende Havelock¹⁹³, houve uma divulgação daquelas ideias de modo mais aberto, naquela sociedade. Com o passar dos anos, aqueles pequenos manuais tornavam-se algo como “documentos”, pois uma vez registrado por escrito, o livro tornava-se independente de seu autor estar vivo ou não: seria lido por quem soubesse ler. Anaxágoras morre em 428 a.C., na cidade de Lâmpsaco, no Helesponto, e a defesa de Sócrates passa-se em 399 a.C., em Atenas.

Uma obra escrita na Grécia arcaica com certeza não possuía “tiragem” de edição, ao contrário do que é comum hoje em dia a reprodução de quantidade razoável de volumes de um livro editado. A tiragem é exigência do mercado atual de massa, da indústria dos *best sellers*, da produção em larga escala de textos escolares, acadêmicos, técnicos, artísticos, voltados ao mercado consumidor. No contexto grego arcaico, a tiragem inicial dos livros devia ser única, um único registro escrito, o exemplar do

¹⁹² W. A. Heidel, 1921:267; J. Burnet, 2006:39

¹⁹³ E. A. Havelock. 1996:341

autor. Se depois a obra se tornava famosa, é possível que se produzissem mais cópias devido à procura. Isso vai alimentar, em algumas décadas, a difusão e o comércio desses volumes. Assim poderemos explicar que obras escritas em uma pólis como Mileto ou Éfeso aparecessem em Abdera, Apolônia, Atenas e até em partes mais distantes, como a Magna Grécia. Devemos crer que as poesias, as narrativas míticas, os dados geográficos e históricos, as concepções cosmológicas viajassem por toda a Hélade, não apenas via oralidade, mas também contidas em suporte material, em formato de livros. Quando pensamos na instrução de intelectuais como Hecateu, Píndaro, Ésquilo, Empédocles, Heródoto, Górgias entre outros, é coerente crer que eles já fizessem uso do suporte escrito, ainda em uma sociedade da oralidade. Não há dúvidas, no entanto, que alguém como Hecateu tenha tido acesso a muito menos material escrito que um Eurípides. O auge do primeiro aconteceu em Mileto, por volta de 500 a.C.; já o do segundo em Atenas, entre 440 e 420 a.C., e esse intervalo de tempo foi crucial, em termos de desenvolvimento da literacia na sociedade grega.

Existe um aspecto que precisa ser considerado e que vai a favor da publicidade cada vez maior dos livros antigos. Os primeiros autores sabiam de antemão que seus escritos iam ser declamados e “ouvidos” por uma audiência. Logo, eles trataram de “agradar” o público, versando sobre tudo o que era do gosto de todos. Os temas contidos nas obras nos fazem acreditar nisso. Mesmo na época clássica, os Gregos gostavam de ter notícias curiosas de terras distantes, adoravam anedotas, sagas, descendências heroicas, tradições. Isso explicaria, em parte, temas ligados a viagens, mitos, *thaumásia* (coisas espantosas, maravilhosas). É o que explica a sobrevivência de muitos textos. Portanto, torna-se difícil aceitar a tese de Jacoby¹⁹⁴ para a obra geográfica de Hecateu, que segundo o autor alemão, registrara suas viagens com vistas a realizar pesquisas para fins científicos, como os escritos *Peri Physeos*, embora não descartasse os propósitos práticos das viagens. Há dois equívocos, a nosso ver, na posição do filólogo alemão. O primeiro é não considerar as relações sócio-históricas da escrita prosaica no período arcaico, pois quem escreve devia certamente considerar seu público, no caso, os ouvintes. O segundo, é a falta de dados seguros sobre a natureza e os fins das obras *Peri Physeos*¹⁹⁵ naquela época, embora seja possível declarar que seus autores não estavam escrevendo intencionalmente “para o bem da ciência”. Os indícios

¹⁹⁴ F. Jacoby, 1912

¹⁹⁵ L. Rossetti. Caratteristiche tipologiche dei trattati PERI PHYSEOS nei secoli VI-V a.C. «Nova Tellus» [México] XXIV.2, 111-146.

daquela “literatura” nos levam a crer que eles nunca ignoraram certo público da pólis, claro, o das pessoas razoavelmente instruídas.

Sabemos que Heródoto escreveu sobre esses temas variados e interessantes e, portanto, sua obra sobreviveu não apenas enquanto mero “documento” antigo, mas também enquanto literatura histórica. Hípias de Elis, o sofista (c.420 a.C.) dizia que os espartanos gostavam de ouvir discursos sobre genealogias de homens e heróis, fundação de cidades (*ktíseis*) e outros dados antigos¹⁹⁶, ou seja, justamente aquilo que agradava os públicos de Heródoto, Hecateu, Ferécides, Acusilau, Íon, etc.

Alguns autores, entretanto, podiam cair no esquecimento e sua obra sair de circulação geral. Foi o caso de Tales, Anaximandro e depois Anaxímenes, todos de Mileto. O motivo para tal pode ser que suas obras fossem mais “técnicas” do que realmente literárias, causando um efeito de rápido desinteresse das gerações futuras.

No século VI a.C., quando começaram a se multiplicar trabalhos escritos na Grécia, e mesmo depois, os autores não tinham ainda o costume de intitular seus escritos. Desse modo, as obras mais antigas foram intituladas posteriormente, ou de acordo com o assunto que traziam, ou por alguma sentença expressiva no início do texto. Eram formas de identificação dos escritos, principalmente na época das grandes coleções, como as de Alexandria. Por exemplo, foi o que ocorreu com Heródoto, em suas *Histórias* e até com o lendário Homero, em relação à *Ilíada* e à *Odisseia*¹⁹⁷. A partir do período helenístico, com a difusão dos trabalhos de catalogação de obras antigas, foi comum a nomeação de vários títulos de obras e de autores, usados em cabeçalhos, como tópicos de identificação, e que podiam pertencer a uma obra única maior. Dessa forma, os compiladores, cronistas ou eruditos tardios como Diógenes Laércio ou Hesíquio de Mileto, por exemplo, puderam multiplicar os títulos de pretensos livros da autoria dos pré-socráticos.

A circulação de livros na Grécia ganhará impulso após as guerras pérsicas, e será notável na época dos chamados sofistas. Não é difícil supor que intelectuais desses, que viajavam bastante entre os estados gregos, levassem consigo obras escritas, e que as apresentassem a seu público, através de palestras e aulas.

¹⁹⁶ Plat. *Hp.Ma.* 285 d

¹⁹⁷ Cf. W. A. Heidel, *On Anaximander's book*, p.241; In: *PAAAS*, 56, n.7, 237-88.

Indivíduos que concentraram muitas obras e criaram em torno de si um grupo de alunos e um local próprio para o ensino iniciaram o surgimento das primeiras bibliotecas, tal como as de Platão e Aristóteles, ou até outras anteriores, como as de Eurípidés e Hípias, conforme se supõe. Nessa altura, o comércio de livros já estaria estabelecido¹⁹⁸. O aumento da diversidade de trabalhos escritos no séc. V a.C. sugere que a procura por boas obras por um público interessado de leitores ou ouvintes vinha crescendo. Reconhecer que a leitura na Grécia foi por um bom tempo uma prática oral pública não invalida ou contradiz a tese de que a educação de alto nível na Pólis, em meados do século V a.C., foi livresca, dependente dos *bibliá*, baseada em textos escritos em papiro ou pele. Não havia necessidade de um público amplo de leitores para que as obras circulassem e difundissem seus conteúdos. É preciso, então, estudar a presença da escrita e do livro na Grécia não em sentido da alfabetização geral da sociedade, mas em termos de uma elite que se apropriou da arte escrita para expressar sua produção intelectual.

O grande problema de livros e rolos era o da degradação. Por isso, nem sempre uma obra inteira escrita sobrevivia, fisicamente ou espiritualmente, através dos séculos. Em um tempo em que não se intitulavam os escritos, nem havia direitos autorais, e os materiais para escrita eram rústicos, a divulgação de um trabalho era muitas vezes confusa, superficial ou desordenada. No entanto, uma obra poderia passar à tradição conforme fosse preservada e difundida na memória social, segundo o reconhecimento da autoria e da autoridade que um autor houvesse conquistado em certa área. Tudo dependia da quantidade e qualidade das testemunhas sociais, que acabavam servindo para garantir não apenas a sobrevivência da obra, mas atestando ainda a autoria, segundo a autoridade intelectual, social ou cultural de certa personalidade. Do mesmo modo, ideias, poemas, frases atribuídas a certas personalidades, como se fossem verdadeiros ensinamentos de homens sábios, podiam não ter registro escrito durante a vida de seu autor, mas transformando-se em tradição, após gerações, terminavam sendo registradas conforme concebidas na memória social. Por exemplo, Geoffrey Kirk, em seu clássico *Heraclitus, The Cosmic Fragments*, de 1954, defendia que em relação à obra de Heráclito., o estilo “aforístico” do filósofo de Éfeso devia-se, na verdade, a uma coleção de *gnômai* ou ditos proverbiais, talvez reunidos por algum discípulo após a morte do mestre. Para Kirk, Heráclito não havia escrito um livro no sentido que

¹⁹⁸ T. Kleberg. “Comercio Librario y Actividade Editorial en el Mundo Antigo”. In: G. Cavallo (org.): *Libros, Editores y Publico en el Mundo Antigo*. Madrid: Alianza, 1995. Pp.51-99.(p.55)

entendemos o termo hoje. Em sua opinião, os fragmentos, pelo menos em sua maioria, pareciam mais expressões isoladas, tendo existido originalmente na forma oral. Por isso, haviam sido produzidos para serem facilmente memorizados¹⁹⁹.

Porém, quando pensamos na natureza e tipo das obras de Hecateu, as quais não tratavam de ensinamentos morais e gnômicos, esse tipo de preservação podia ser mais difícil. As listagens de cidades, povos, de prováveis genealogias e de intrincados relatos míticos, quando fora do canto poético, precisam de suporte escrito.

Analisadas que foram as condições materiais de produção e divulgação das obras ao tempo de Hecateu, passemos a centrar a atenção em nosso autor.

5. Quem é Hecateu? Para uma datação aproximada do Milésio

A escassez de dados é o maior empecilho para uma devida aproximação sobre a vida e a carreira de Hecateu na Jônia, na passagem do século VI para o V a.C. Ele praticamente tem sua memória biográfica preservada por ter sido citado pelo nome quatro vezes nas *Histórias* de Heródoto²⁰⁰. Também foi lembrado por Heráclito de Éfeso²⁰¹, que escrevia sua obra na primeira metade do século V a.C., e na qual condenava a fama enciclopédica de alguns nomes importantes da intelectualidade grega.

Que Hecateu era natural de Mileto, está mais que aceito pela tradição, nas fontes antigas, como em Diodoro (X, 25, 4), Eratóstenes (Strab.I, 1.11), Estrabão (XV 1.7), na Suda (s.v), e principalmente no próêmio das *Genealogias*, preservado em Pseudo-Demétrio (F1a), no qual o próprio escritor declara que é “Milésio”. Em Heródoto, não é dito expressamente a naturalidade de Hecateu, embora o contexto em que ele é citado não nos deixe dúvidas a que cidade pertencia. Também nenhuma outra pólis grega requisitou para si a procedência de Hecateu, como era frequente nas biografias de nomes famosos de poetas ou filósofos²⁰². Mas Heródoto (VI 137) fornece o nome de seu pai: Hegesandro, um nome não muito comum na Grécia²⁰³. Hecateu devia pertencer à

¹⁹⁹ G. S. Kirk, 1954, p.07 e 45

²⁰⁰ Cf. Hdt.II 143; V 36 e 125-126; VI 137.

²⁰¹ 12DKB40

²⁰² O exemplo mais conhecido é o do poeta Homero, em que várias cidades reivindicavam ser a sua pátria: Quios, Esmirna, Rodes, Salamina, Argos, Cólofon e até Atenas (Cf. Ana E. Pinheiro. Homero. Tentativas de (re) construção biográfica na Antiguidade. *Mathesis* 14 (2005), 111-127. Leucipo, filósofo atomista, de Mileto, Abdera ou Eleia (Cf.Diog. L. X, 7), entre outros.

²⁰³ Há referências de outros homônimos de Hegesandro: citados por Tucídides (IV 132; VII 19; VIII 91) e um historiador de Delfos citado por Ateneu (II 21 e 37; FHG IV); curioso é que no leão de pedra

aristocracia milésia, caso contrário não apresentaria uma árvore genealógica tão extensa, em sua visita ao Egito (Hdt. II 143), e tampouco expressaria de forma tão presunçosa a sua individualidade, logo no início de suas *Genealogias* (F1a).

O Léxico Suda determina seu nascimento para c. 520-516 a.C., na 65^a Olimpíada, época da subida de Dario ao reino persa, e informa ainda que Hecateu fora discípulo do sofista Protágoras de Abdera, e que vivera no tempo do historiador Dionísio de Mileto. Temos aqui uma *vita* tardia e bastante confusa. A crer em Heródoto, Hecateu já era um homem maduro e político experiente por volta de 500 a.C., no tempo da Revolta Jônica. Heidel²⁰⁴ presume que a confusão decorreu da perda de uma ou duas frases nesta biografia. Para esse autor, a Suda teve claramente como fonte cronológica as *Crônicas* de Apolodoro, e fica óbvio que não se quis indicar o nascimento do Milésio na 60^a Olimpíada (c.520-516 a.C.), mas sim seu *floruit*, quando então contaria com 40 anos²⁰⁵. Desse modo, alcança-se total concordância com Heródoto, ao considerar que Hecateu contava com cerca de 60-56 anos de idade na época da Revolta, tendo nascido de fato em torno de 560-556 a.C.²⁰⁶. A relação com Protágoras é impossível, posto que esse sofista apenas nasceu nos inícios do século V a.C., em torno de 492-1 a.C., segundo os cálculos dos estudiosos²⁰⁷.

Se a época do nascimento de Hecateu é incerta, muito mais o é a da sua morte, já que não é referida por nenhuma fonte antiga, nem mesmo tardia. Os modernos tentam, por suposição, encontrar uma data limite de sua vida. Nenci²⁰⁸ sugere que ele não deve ter vivido para além do ano 480 a.C., com base na citação de Heráclito (F40), que já o considerava um homem ilustre e enciclopédico, bem conhecido na região, por essa

desenterrado pelos ingleses no século XIX, na estrada de Dídimas, perto de Mileto, aparece inscrito o nome de certo "Hegesandro filho de Órion" (listado junto com outros nomes). Por datar essa inscrição de c. 560 a.C., nada impede que ela indicasse o pai e o avô de Hecateu. Cf. H.B. Walters (Ed.), *A Guide to the Department of Greek And Roman Antiquities In the British Museum*. London: William Clowes & Sons, 1928, p.05.

²⁰⁴ W. A. Heidel presume que a confusão decorre da perda de uma ou duas frases nesta biografia. W. Heidel. *O Livro de Anaximandro*. Trad. K.Koike. São Paulo: Ixtlan, 2011, pp.49-50, n.55

²⁰⁵ O cronologista Apolodoro (séc. I a.C.) supôs que o *acme*, ou seja, o auge das atividades de uma personalidade (filósofo, escritor, etc), era a idade de 40 anos, e determinou que este fosse o período que em geral separava um mestre e o discípulo. Cf. G.S.Kirk-J.Raven- M.Schofield, *Os Filósofos Pré-Socráticos*. 7^a. Ed. Trad. Carlos A. L. Fonseca. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2010, pp.xvi-xvii.

²⁰⁶ Posição aceita por Nenci, 1954, p. IX. Jacoby (1912, p.2670) sugere algo parecido para a vida de Hecateu, com seu nascimento em 548 a.C.

²⁰⁷ J. A. Davison, "Protagoras, Democritus, and Anaxagoras." *CQ*, NS 3 (1953), 38. Segundo Heidel (2011, p. 49, n.55), "Protágoras provavelmente entrou na passagem como tendo acompanhado Heródoto na ida a Túrios".

²⁰⁸ G. Nenci, 1954, p.x.

altura. É que o Efésio teria se referido ao Milésio em sua obra, escrita em torno de 480 a.C.²⁰⁹, embora não possamos decidir se Hecateu estava ainda vivo ou não nesse tempo em que foi citado. O certo é que sua juventude ocorreu em meio à grave crise que assolou Mileto por duas gerações, após o desaparecimento do tirano Trasibulo²¹⁰. A cidade foi tomada por violentas lutas civis, envolvendo duas *hetaireiai*, duas facções de representação política: por um lado, os ricos (*ploutei*), os quais, tudo leva a crer, detinham as grandes terras e haviam acumulado riqueza suficiente para ter navios²¹¹ que levavam seus produtos para outras paragens; daí sua denominação *aeinautes*, os “sempre navegantes”. De outro lado, os *cheiromacha*, “os que combatem com as mãos”²¹², se assim podemos chamar, que estariam envolvidos no trabalho rural²¹³. O mesmo Plutarco lembra o nome de dois tiranos milésios que dominaram nesta época: Toas e Damasenor, dos quais nada mais sabemos.

Segundo Heródoto (V, 28-29), os violentos conflitos duraram duas gerações²¹⁴, até uma delegação de Paros restabelecer a paz, quando governava o tirano Histieu. Em seguida, Mileto retomará a prosperidade, tornando-se “a jóia da Jônia” (Hdt. V 28) perto do final do século VI a.C.²¹⁵.

Não é preciso cogitar muito para saber a qual grupo Hecateu pertencia em sua cidade. Para quem era de nobre família, e foi chamado *anêr poluplanês* (Agath.I, 1), um “homem muito viajado”, autor de mapas e herdeiro de Anaximandro, que foi outro navegador e aristocrata de Mileto²¹⁶, ele muito provavelmente fazia parte dos *aeinautai*.

Na época em que Mileto se preparava para se insurgir contra os Persas, os principais nomes da política milésia lembrados por Heródoto se chamavam Histieu e

²⁰⁹ G.S. Kirk. *Heraclitus: The Cosmic Fragments*. Introduction and Commentary G. S. Kirk. New York: Cambridge University Press, 1954, p.03.

²¹⁰ Não se sabe muito sobre o governo de Trasibulo em Mileto. Heródoto relata que ele conseguiu um acordo de paz com o rei lídio Aliates, e que era aliado de Periandro, o tirano de Corinto (Hdt. I 21 -23). A data do final de seu governo é incerto.

²¹¹ L. Braccesi. Le tiranide e gli sviluppi politici ed econômico-sociali. R. Bianchi Bandinelli. *Storia e Civiltà dei Greci. Origini e sviluppo della Città*. Milano: Bompiani, 1978, p.350.

²¹² Plut. *Q.G.*32; Athen. 524a. Essa denominação dada por Plutarco não deve estar longe da realidade, pois o próprio Hecateu utiliza o termo *cheirogástores* (os que trabalham com as mãos) para indicar quem trabalhava de modo sedentário (F367).

²¹³ Cf. Heraclides Pôntico (Fr. 50 Werhli) chama a segunda facção, que resiste aos ricos navegantes, de *gergithes*, que é um nome cario, e representava a classe dos trabalhadores da terra, os pequenos proprietários. Ver a discussão sobre as lutas desse período em C. Talamo. *Mileto. Aspetti della città arcaica e del contesto ionico*. Roma: Carocci, 2004, pp.18-29.

²¹⁴ C. Talamo (ibidem, p.18) fixa essa época entre c. 580 a.C. e 525 a.C.

²¹⁵ L.H. Jeffery, 1976:214.

²¹⁶ Segundo o relato de Cláudio Eliano, autor romano do séc. III d.C. (V.H. III, 17 = 12DK3A), Anaximandro liderou uma expedição milésia até Apolônia, no Ponto (Mar Negro).

Aristágoras. O primeiro servira ao rei Dario em sua expedição à Cítia (IV 138-139), sendo recompensado pelos serviços prestados. Logo em seguida, ele é visto a incitar a revolta dos Jônios (V 30, 35-36), mas termina morto por Artafernes, então sátrapa da Lídia. O segundo conheceu Hecateu pessoalmente, foi o principal articulador da Revolta, na passagem do século VI ao V a.C., conforme narra Heródoto em todo o seu livro V.

Não devemos esquecer que, nesse tempo todo, os Jônios eram súditos do Império Persa. Isso pode ter facilitado o acesso de Hecateu às terras asiáticas, possibilitando-lhe conhecer algumas satrapias desse império. Com a conquista do Egito em 525 a.C. por Cambises, o sucessor de Ciro, Hecateu, na condição de súdito jônio dos Persas, pôde visitar aquele país com mais tranquilidade²¹⁷. Aliás, o Egito é o único país que declaradamente ele visitou, pois Heródoto (II 143) é testemunha de que ele esteve na terra dos Faraós antes dele próprio. É bastante famoso o evento que Heródoto conta, de modo bastante colorido e vivo, sobre o encontro de Hecateu com os sacerdotes de Tebas.

Uma informação preservada na passagem do historiador Diodoro (X, 25), que provavelmente a havia lido em Éforo, diz que Hecateu fez parte de uma embaixada jônica enviada para negociar com o governante Artafernes, sátrapa da Lídia e irmão de Dario, durante a revolta, para tratar acerca das medidas persas em relação às cidades que haviam se sublevado. Graças a essa intervenção de “sábio”, naquele momento de crise, bem no estilo narrativo de Heródoto²¹⁸, as cidades jônias conseguiram um tratamento menos violento da parte dos Persas, que lhe restituíram as leis e impuseram tributos segundo as possibilidades de cada uma²¹⁹.

²¹⁷ W. A. Heidel, Hecataeus and Xenophanes. *The American Journal of Philology*, Vol. 64, No. 3. (1943), p.263) acredita que Milésio havia acompanhado Cambises na expedição de conquista do Egito. Apesar de provável, não possui garantia de certeza. Hecateu pode muito bem ter visitado o Egito quando o rei persa já era Dario I. Pelo menos, concordaria com a época de seu *floruit* baseado na Suda, 520-516 a.C. Dario vai governar entre 521 a.C. e 486 a.C.

²¹⁸ É um tópico comum em Heródoto apresentar homens “sábios” ou de larga experiência a lançar conselhos estratégicos em momentos críticos, tanto na época de Creso quanto no tempo da conquista persa da Grécia. Por exemplo, lembramos das propostas de Bias ou Pítaco, para Creso (I 27) e as de Tales de Mileto e Bias, diante do avanço de Ciro (I 170;). Os últimos não foram ouvidos, para a desgraça dos Gregos, e assim não foi diferente com Hecateu, segundo o mesmo Heródoto (V 125-126). Por exemplo, R. Lattimore. *The wise adviser in Herodotus*. *Class. Phil.* 34 (1939), pp.25-35.

²¹⁹ Essa passagem, por não ser referida por Heródoto, é pouco considerada pelos estudiosos modernos da Revolta Jônica. Heródoto (VI 42) acena para a obtenção de paz em meio à crise entre os Jônios já depois da queda de Mileto, por interferência direta de Artafernes, o governador de Sardes. “Naquele ano” (c.492 a.C.) ele havia mandado chamar àquela capital “os representantes das cidades” (jônicas),

Por fim, as fontes se calam sobre o destino do Milésio após a tomada e destruição de Mileto pelos Persas, em 494 a.C. A Suda refere que o famoso logógrafo Helânico de Lesbos, que havia sido contemporâneo de Heródoto, Sófocles e Eurípides, havia *sucedido* Hecateu, tendo nascido nos anos das guerras pérsicas ou pouco antes. Esse dado também pouco contribui para qualquer exatidão da cronologia hecataica.

A figura de Hecateu enquanto político e articulador milésio se destaca especialmente pelos conselhos que forneceu no contexto da Revolta Jônica, e sua participação naqueles dias agitados é crucial para nos aproximar de sua figura histórica. Primeiro, vemos Hecateu a desaconselhar os Jônios a guerrear contra os Persas, pelo menos por terra, onde a resistência dos gregos seria quase impossível (V 36). O Rei Dario comandava um gigantesco exército de muitos povos reunidos, e Hecateu explicou em assembleia, aos seus concidadãos e aliados, o poderio dos inimigos. Heródoto também é explícito ao afirmar que ele conhecia a insuficiência das forças milésias. Sua autoridade de geógrafo, navegador e político tornava legítimas as suas alegações. Por mar, Hecateu enxergou uma grande chance de conseguir afrontar os invasores, pois os mesmos não possuíam frota própria, e nem eram navegadores tradicionais. Eles teriam que utilizar navios de povos conquistados e aliados, como os Fenícios. Para assegurar a realização dessa empresa, ele aconselhou os Jônios utilizarem os tesouros consagrados pelo rei Cresos, guardados em território milésio, no templo dos Brânquidas (antiga família de adivinhos ligada ao deus Apolo), e assim poderem investir na construção de uma frota. Essa passagem já foi lembrada como argumento para demonstrar o espírito anti-religioso de Hecateu²²⁰ embora isso não seja convincente nem determinante. De fato, como argumenta Moscarelli²²¹, se Hecateu não fosse uma figura notável e estimada entre os seus concidadãos, essa proposta colocada no plenário de uma assembleia o teria levado a arriscar a própria vida. Basta observar a circunstância da proposta para expor a debilidade da tese de Momigliano: a tensão do iminente desastre jônico necessitava que

para que chegassem a um acordo sobre suas divergências. Heródoto não cita nomes. Não parece haver concordância com a passagem de Diodoro, que supõe a embaixada de Hecateu antes da tomada de Mileto. Segundo Moscarelli (1999: 52, n.4), há espaço para ambas as versões, de Heródoto e Diodoro: quando Hecateu tratava com os Persas, ainda havia espaço de negociação, antes de se pensar em abandonar Mileto, e antes da destruição dessa pólis em 494 a.C. Não custa recordar que o que se chama “Revolta Jônica” durou de 499 a.C. a 494 a.C., portanto, pelo menos cinco anos. O que Heródoto narra em VI 42 passa-se dois anos após a queda de Mileto. Ao menos, Heródoto confirma que Artafernes era um líder que negociava com os Jônios. Sobre o assunto, ver P. Tozzi, *La Rivolta Ionica*. Pisa: Giardini, 1978, p.58, n.28. Também vide E. Moscarelli, 1999, p.26. Para a participação de Mileto na revolta, V.B. Gorman. *A History of Miletos from 500 to 432 BC*. Ann Arbor: UMI, 1993.

²²⁰ A. Momigliano, 1966:73

²²¹ E. Moscarelli (1999: 25.

as propostas fossem bem mais objetivas e duras do que esperaríamos em tempos de paz. Não precisava ser adivinho para ter a certeza que em caso de derrota para os persas, os tesouros seriam saqueados, como de fato o foram.

O terceiro conselho de Hecateu em Heródoto (V 124) foi um tanto mais drástico, pois se aproximava o final da luta dos Jônios diante dos Persas. Talvez porque a situação do ataque fosse iminente e irreversível, Hecateu propõe que Aristágoras, o governante de Mileto e articulador da revolta, fizesse uma retirada estratégica, com um grupo de Milésios, para a vizinha Ilha de Leros, antiga colônia de Mileto. Dali, eles poderiam planejar a retomada da cidade. Para Moscarelli²²², Heródoto demonstrava sua antipatia pelas atitudes de Aristágoras, que após rebelar a Jônia, pensava em fugir com os seus, discutindo tão somente onde seria a próxima sede dos revoltosos. E na visão de Stephanie West²²³, em seu artigo sobre a figura de Hecateu em Heródoto, essa proposta “não faz sentido como tática anti-persa”, parecendo uma “estranha ideia” naquele contexto. Por mais estranha ou ridícula que possa parecer a proposta do Milésio, que sugeria a rochosa e pequena Leros como base de apoio, um olhar mais próximo dessa ilha pode mostrar que a ideia não era algo tão fora de propósito. Primeiro, por ser uma ilha, já estaria fora do alcance imediato do exército terrestre dos persas; segundo, sua localização: não distava do cenário da luta (já que se encontra a 70 km de Mileto); terceiro era uma colônia milésia, onde seriam bem recebidos; em quarto lugar, se a proposta fosse seguida, deixaria as lideranças a salvo de morrerem ou serem apanhadas pelos inimigos. Quinto lugar: a história mostra que a geografia da ilha seria de grande ajuda para a resistência em caso de ataque persa ao local. E Hecateu, grande conhecedor da geografia da região, não daria um conselho despropositado.

Na verdade, Leros tem uma topografia acidentada e rochosa, contando ainda com uma elevação (acrópole de Agia Marina) que seria o local ideal para a construção de uma fortificação²²⁴. Esse ponto abriga atualmente o famoso Castelo de Panaya, construção medieval que suportou muitas invasões. Tal constituição física não passou despercebida nem por Hecateu, nem depois por Tucídides, que considera a importância dos portos e baías de Leros na época da Guerra do Peloponeso²²⁵. A inscrição

²²² E. Moscarelli, 1999:54, n.5

²²³ S. West, 1991: 144-160.

²²⁴ Jack L. Benson, *Ancient Leros*, Durham: Duke Univ., 1963, p.4

²²⁵ Tuc.VIII 26. Sem querer ser anacrônico, basta lembrar o papel decisivo de Leros na II Grande Guerra, quando a ilha foi um foco de resistência aos alemães no Mar Egeu, em 1943 (Batalha de Leros), favorecido justamente por sua geografia, com portos abrigados e por ser um lugar estratégico diante da

encontrada naquela ilha por L. Ross no século XIX e editada em 1842, em uma estela de pedra que ficava na praça central dos insulares, que celebra certo Hecateu “e seus descendentes”, já foi motivo para se propor que era uma feliz referência ao famoso Milésio. A inscrição, provavelmente do século IV a.C. fala em um legislador e forasteiro que mereceu notoriedade em Leros. A passagem de Heródoto (V 124) em que Hecateu havia aconselhado Aristágoras a se refugiar na ilha alimentou ainda mais a tese de que ele próprio tivesse se refugiado lá após a destruição de Mileto²²⁶.

Outro indício sobre os últimos dias de Hecateu é encontrado em relação à escrita de seu último trabalho, embora sirva apenas de limite aproximativo, já que não se sabe quantos anos ele viveu após a composição da obra. Em seu fragmento 13²²⁷, no qual a referência a certo filho de Deucalião chamado Maratônio, que não é lembrado pelos autores antigos. Por não haver explicação para a adoção dessa tradição hecataica, em propor uma geração diferente para Deucalião, incluindo ainda outro filho de nome Proonos, pai de Hélén²²⁸, Jacoby sugere que o Milésio havia criado esse nome em vista da batalha de Maratona, de 490 a.C., quando essa localidade ficou em evidência. Essa data, então, segundo o classicista alemão, consistiria no *terminus post quem* para o livro *Genealogias*²²⁹.

Por fim, é curioso que não tenha se criado nenhuma anedota sobre o final de Hecateu nas obras biográficas da Antiguidade tardia, obras que foram bastante criativas nesse sentido, acerca de homens ilustres do século VI a.C. e V a.C.. Por exemplo, pode-se citar o autor Diógenes Laércio²³⁰ diante de sábios como Tales de Mileto, Pitágoras de Samos ou Empédocles. O certo é que sua fama foi reconhecida e atestada na época

costa turca. Cf. Anthony Rogers: *Churchill's Folly: Leros and the Aegean — The Last Great British Defeat of World War II*. United Kingdom: Cassell Publications, 2003.

²²⁶ Tese defendida por G. Nenci (1954, p.109-110), a favor da inscrição se referir a Hecateu de Mileto, apoiado igualmente por E. Moscarelli (1999, p. 54-55, n.6). Jacoby já era contra tal suposição (1912, p.2669). Para Tozzi (1978, p.93 e n.93), com base em outros estudiosos (N. Chaviaras e G. Manganaro) está suficientemente comprovado não se tratar do antigo Hecateu, mas de outro, que ainda era vivo quando a homenagem foi feita.

²²⁷ Proveniente de *Scholia ad Thucydidis* 1.3.2

²²⁸ Em outra tradição, Hélén é filho de Deucalião, como em Helênico F6 e F125.

²²⁹ O indício é frágil demais, pois sabemos praticamente nada sobre esse Maratônio, que como afirmou Pearson, bem poderia ter sido inventado pelo Milésio a fim de fazê-lo trazer a população pelásgica para a Ática em épocas remotas, antes de Hélén. Cf. L. Pearson, 1975:99.

²³⁰ A ausência de Hecateu em Diógenes Laércio é compreensível, pois autor milésio nunca constou entre os Sete Sábios, nem foi considerado filósofo pela tradição antiga. O biógrafo apenas o cita em IX, 1, quando declara o trecho de Heráclito condenando a *polymathía*. O Hecateu citado por Laércio no próêmio das *Vidas* (8) é tido como o de Abdera, e Jacoby não considerou a passagem para Hecateu de Mileto, bem como M. Gigante, em sua tradução de Laércio. Cf. E. Moscarelli, 1999: 173, n.3.

helenística. Eliano refere uma história pitoresca ocorrida séculos antes dele, quando um rico político de Megalópolis chamado Cercida, que estava no leito de morte e após refletir, declarou aos amigos estar feliz por se libertar da vida, e que esperava em breve conversar com Homero, entre os poetas, Pitágoras, entre os sábios, Hecateu, entre os historiadores, e Olimpo, entre os músicos. E logo depois disso, ele morreu²³¹. Dos nomes citados, todos foram expoentes em suas artes, mas é estranho que o personagem da história, Cercida, ter lembrado de Hecateu nesse tempo (século III a.C.), como figura emblemática da história, ao invés de Heródoto ou Tucídides. Isso apenas confirma a fama do Milésio naquele período.

6. Hecateu e seus antecessores.

6.1. Homero e Hesíodo

Com certeza, Hecateu foi criado e educado dentro dos padrões elevados da poesia homérica e hesiódica, e não é demasiado supor que ele aprendeu com esses autores, seja por fontes escritas, das quais ouvia a leitura, seja pela recitação de aedos profissionais. Um fragmento preservado por Estrabão surge que Hecateu era interessado nas referências geográfico-históricas de Homero²³². O Milésio quis acreditar que a referência da *Ilíada* (II 868) ao monte dos Ftires queria indicar o monte Latmo, no passado, posto que aquele ficava junto deste (F239). Também é homérica a sua concepção do Oceano como um rio (*potamós*) a fluir em torno de toda a Terra (F18a, F36b), como ainda o interesse pelas lendas dos Pigmeus (F328a), além de algumas descrições de Homero, como as de Zone e Maroneia, cidades trácias dos Cicones, um povo familiar na *Odisseia*, mas que havia desaparecido em épocas anteriores²³³.

A obra homérica, mesmo tratando das aventuras heroicas e seus feitos fabulosos, com seres incríveis, atuações divinas e locais imaginários, parecia trazer, no fundo, uma realidade geográfica que causou admiração em autores tardios, como Políbio, Crates de

²³¹ Ael. V.H. XIII, 20. Cf. BNJ 1 T 8.

²³² F239

²³³ L. Pearson, 1975, p.58.

Malos (ambos do séc.II a.C.) e Estrabão (séc. I a.C.)²³⁴. Mas, Hecateu, conhecedor da cultura ancestral poética, tinha total noção de que muitos dos dados geográficos fornecidos por Homero existiam realmente. Ele, no entanto, foi capaz de realizar viagens por si mesmo e de averiguar se as informações épicas eram ou não verossímeis. Ele demonstra interesse, pelo que notamos nos fragmentos, de investigar os povos e os lugares citados no *Catálogo* homérico das naves²³⁵, do livro II da *Ilíada*, bem como outros pontos.

Jacoby²³⁶ afirma que seu desejo era encontrar os lugares homéricos épicos conciliando-os com a realidade geográfica. Se por um lado era praticamente impossível localizar as ilhas de Circe e Calipso, ou a terra dos Ciclopes²³⁷ e dos Lotófagos, que atendiam sobremaneira aos intuitos épicos da viagem de Ulisses, por outro lado, muitos aspectos culturais e antropológicos serviram de base para a descrição periegética de Hecateu. Por exemplo, o autor da Odisseia refere que os Cíclopes eram basicamente pastores rudes, que viviam em terras férteis, mas não plantavam nem comiam pão (ἀνδρὶ γε σιτοφάγοι); alimentavam-se de leite e queijo. Os Ciclopes possuem várias marcas de selvageria²³⁸ e monstrosidade, que o poeta alinha, como por exemplo, eram homens monstruosos, de um olho só, gigantes com força descomunal, que viviam sem fazer leis e sem praticar agricultura, não tinham cidades, nem construía barcos. O pior, sua selvageria os fazia antropófagos²³⁹. Apesar do floreamento poético e dos aspectos fantásticos, a viva descrição fornecida nessa passagem constitui, se podemos dizer, uma verdadeira lição de antropologia cultural e geografia. A região do Ciclopes tem “prados junto às margens do mar cinzento”, e “há um porto com bom ancoradouro”²⁴⁰. Ora, será sobre esses padrões descritivos que a geografia e a etnografia nascentes vão se guiar, na

²³⁴ No entanto, outros ilustres autores alexandrinos praticamente não aceitavam como real a geografia homérica, tal como Eratóstenes de Cirene e Aristarco de Samotrácia. Ver a discussão em Prontera, 2003:13-26.

²³⁵ Esse catálogo representa um apanhado extenso das regiões e populações gregas, divididas em 48 rubricas, cada uma delas sendo uma ou mais designações geográficas relacionadas a um continente, constando ainda o nome dos comandantes das naves. C. Jacob, 2008: 45.

²³⁶ F. Jacoby. RE (1912), p. 2696.

²³⁷ Nas palavras de C. Jacob, “tentar localizar o país dos Ciclopes é o mesmo que pretender identificar a toca do coelho pela qual Alice conseguiu entrar no País das Maravilhas”. C. Jacob (2008:31). Porém, muitos autores supõem que essa terra era bem real, na costa da Itália, perto de Nápoles ou na Sicília. Ver P. Grimal, *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*, Ed. V. Jabouille. Lisboa: DIFEL, 2009: 86; W. Smith, *Dictionary of Greek and Roman Biography and Mythology*. Vol. 1. London: Murray, 1858: 909.

²³⁸ Od.IX 105-135.

²³⁹ O exemplo é Polifemo, um ciclope, que devorou companheiros de Ulisses “como um leão criado na montanha”.(Od.IX 292-293). Trad. F. Lourenço.

²⁴⁰ Od. IX 133 e 136. Trad. de Frederico Lourenço.

Grécia. Estrabão preservou as palavras de Hecateu, no F217: “perto da cidade de Halázia corre o rio Odrisses que atravessa a planície de Migdônia”. Assim, Hecateu fará as descrições de muitas regiões. Ele ainda vai relatar que os Egípcios eram *artóphagoi*, comedores de pão (F 323a), já que *artos* é o termo comum para “pão” em grego antigo. Mas ele diz os habitantes de Gérasa, cidade da Líbia, são comedores de pão e lavradores (F335). E aqui, o termo que usa é *sitóphagoi*, o mesmo que aparece em Homero, uma palavra composta que utiliza como raiz *sítos*, (trigo, farinha, grão ou pão) para denominar aqueles que vivem do que plantam, nesse caso, dos grãos. Seguindo essa tendência, Heródoto vai descrever povos *andróphagoi*, como os habitantes do norte da Cítia (IV 106), que se alimentavam de carne humana; ele ainda falará dos Lotófagos da costa Líbia, que viviam basicamente do fruto do lótus (IV 177), os Ictiófagos da Índia, cuja dieta principal era peixe, ou os Líbios nômades, que eram *galaktóphagoi* e *kreophagoi*, o seja, bebedores de leite e comedores de carne (IV 186).

Portanto, a “geo-etnografia” presente em Homero não pode ser negligenciada, e nem considerada inteiramente uma fábula, desde que seus versos referiam não apenas muitos padrões conhecidos pelos Gregos, bem como muitas regiões existentes de fato, como os estados que participaram da expedição contra os troianos²⁴¹. A obra homérica também citava povos e lugares exteriores ao mundo grego, que depois serão objeto de tratamento pelos geógrafos e historiadores, do século VI em diante: os Etíopes, os Líbios, as Amazonas, os Egípcios, além de regiões como a Fenícia, a Líbia, Chipre, Trácia, entre outras²⁴². Apesar de tudo, a obra hecataica expandiu sensivelmente o horizonte geográfico propagado por Homero, de forma bem mais segura, tecnicamente falando, do que aquela apresentada nos poemas ancestrais. Se Homero existiu, ele foi um poeta, enquanto Hecateu foi um navegador de não pouca experiência.

²⁴¹ L. Paretti, 1961:64

²⁴² Por exemplo, ver Il. II 682-875; Il. IX 381-384; Od.IV 85-89; Od.XIII, 272; Od.XIV, 285. Para Estrabão, o grande geógrafo alexandrino, Homero havia sido o “iniciador do conhecimento geográfico” (I, 2), e se por um lado aquele autor reconhecia que o poeta maior se utilizava relatos fabulosos, por outro lado, sabia que sempre havia um fundo de verdade naquilo que retratava (II, 9). De outro modo, é o próprio Estrabão (VII, 3,6) quem registra a posição de Eratóstenes, o bibliotecário de Alexandria (c.230 a.C.), segundo a qual Homero e outros autores antigos tinham o conhecimento direto das regiões helênicas, mas eram bem ignorantes sobre o mundo circundante a este. Em épocas mais recentes, outros autores têm reconhecido a geografia homérica com seriedade, como por exemplo V. Bérard, em *Les Navigations d’Ulysse*, em quatro volumes (Paris: Armand Colin, 1927-1927); C. Jacob (1991: 16-24) discute a concepção de que a Odisseia era vista pelos Gregos como a obra fundadora da geografia e antropologia gregas.

Além disso, não é demais supor que Hecateu conheceu bem a obra de Homero²⁴³, como ainda a de Hesíodo e de outros poetas menos famosos, não apenas em termos dos conhecimentos cosmológicos e geográficos que a poesia continha, mas principalmente pela tradição sobre deuses e heróis.

Hesíodo é um poeta arcaico extremamente influente na cultura grega, não apenas do tempo de Hecateu, e exerceu sobre este um grande papel, sobretudo nos assuntos geneo-mitológicos. Mas, a sua postura diante do famoso Beócio era, na maioria das vezes, crítica, como se quisesse revisar o material legado pelo poeta. Ele não parecia acreditar muito na verdade ditada pelas Musas, conforme canta o poeta. Por exemplo, sobre o caminho de retorno dos Argonautas, o Milésio critica a concepção geográfica daquele autor, que acreditava que o rio Fásis ligava-se ao Mediterrâneo, o que não era verdade (F18b). Pôs-se contra a crença hesiódica de que os filhos de Egito eram cinquenta, quando, para ele, não passavam de vinte (F19), e não seguiu a tradição hesiódica que tinha Helen como filho de Deucalião, quando para o Milésio, ele era seu neto (F13)²⁴⁴. Mas, nem sempre, ele foi contrário a Hesíodo: ambos acreditaram no rio Oceano, bem como na estranha concepção narrada por F. Josefo (F35) de que os “antigos viviam mil anos”²⁴⁵.

6.2. A Escola de Mileto e Xenófanes

Estrabão (XIV 1, 7) refere que, em Mileto, haviam nascido homens dignos de recordação (*mneme*), como Tales, Anaximandro, depois Anaxímenes e Hecateu, “o autor das *Histórias*” (no caso, as *Genealogias*). Se ele foi educado nessa Pólis no decorrer do século VI a.C., tudo indica que foi marcante a herança dos seus ilustres concidadãos sobre ele, a ponto de ser lembrado, pela tradição, como o quarto grande Milésio. Portanto, pretendemos, daqui em diante, avaliar as possíveis relações intelectuais e históricas entre a chamada Escola de Mileto e Hecateu.

²⁴³ Passagens em que Hecateu verifica e pesquisa de Homero, como disse Bertelli (1998:20), apesar de que as referências à tradição homérica são apenas indiretas: F10, F21 e F22, F128, F307, F308 e F309.

²⁴⁴ Outras passagens em que polemiza com a tradição hesiódica: F14, F18b, F19 e F26; sobre Hércules e os Heraclidas: F23 a F30; com chance de remontar à tradição hesiódica: F10a e F233.

²⁴⁵ Segundo C. Pownall BNJ 1 F 35, Hecateu não tem nenhuma passagem na qual discuta algo assim. A citação de Josefo bem poderia pertencer a Hecateu de Abdera, que tratou dos Judeus. No entanto, se fosse assim, não seria citado primeiro e ao lado de Helânico de Lesbos. A questão difícil de entender é como o Milésio acreditaria nesse tipo de posição.

Não basta dizer que ele herdara o racionalismo nascente, como pensou Jacoby²⁴⁶, mas é preciso avaliar quais as suas reais dívidas com aqueles pensadores e, se for possível, encontrar alguma. Dois fatores se fazem aqui cruciais para este trabalho de investigar a tradição jônica que se consolidou como uma das mais importantes referências de pensamento da Hélade. Primeiramente, distinguir e definir a *historie* como padrão de formação intelectual, comparando a postura e as escolhas dos três Milésios com as de Hecateu; depois, seguindo os propósitos da presente pesquisa, tentar acompanhar a evolução da escrita e a transmissão dos supostos escritos Milésios, até chegar na prosa Hecataica. A vocação marítima de Mileto, com toda a bagagem de conhecimento e experiências que ela implica, de ampliar o conhecimento do mundo passou de forma vigorosa para o campo literário. E, na altura das Guerras Pérsicas, esse saber se torna estratégico.

A opção por incluir Xenófanés, outro filósofo jônico, para nos aproximar da figura de Hecateu²⁴⁷, vem da constatação de que o pensamento dele é muito próximo daquele dos quatro Milésios, dos quais foi contemporâneo. Cada Milésio e Xenófanés, estudados separadamente em comparação com Hecateu, podem trazer novas luzes para a compreensão dessa personalidade que desejamos abordar.

6.3. Tales e Hecateu

Tales de Mileto²⁴⁸ é um bom exemplo de homem instruído, símbolo da sabedoria grega arcaica. Grande parte das notícias que temos dele remonta a antigas tradições recheadas por lendas e perpetuadas por autores que viveram do século V a.C. em diante. Com os dados à disposição, é possível apenas traçar um esboço da sua figura histórica. Se o cronologista Apolodoro de Atenas (séc. II a.C.) estava certo, Tales contava com cerca de quarenta anos na época do eclipse que, segundo a tradição, ele havia predito (c. 585 a.C.), o que nos fornece sua data de nascimento em torno de 625 a.C. Notícias de sua vida cessam após a tomada de Sardes por Ciro, c. 546 a.C. Portanto, os estudiosos calculam que, provavelmente, a vida de Tales tenha decorrido entre 625/4 e 546/5 a.C.

²⁴⁶ Para este autor, o caráter científico da física jônica parece ter sido transferido para a geografia de Hecateu. Cf. F. Jacoby. RE (1912), p.2682.

²⁴⁷ Cf. W. A. Heidel. *Hecataeus and Xenophanes. American Journal of Philology*, n.64 (1943), pp. 257-277.

²⁴⁸ Para os fragmentos de Tales comentados, cf. G. Colli. *La Sapienza Greca*, T. II. Milano: Adelphi, 1994.

Segundo as fontes antigas, da mesma forma que Hecateu, Tales também foi um homem proeminente na política jônia, tanto na relação com seus vizinhos, os Lídios, como na época da invasão persa sobre a região, pois foi capaz de lançar conselhos sábios aos seus concidadãos naqueles tempos de crise, o que lhe rendeu grande reputação. Ao que parece, sua instrução não decorreu de ensinamentos de mestres, mas sim das viagens que realizou pelo Mediterrâneo Oriental, no exercício de atividades comerciais, segundo refere Plutarco (*Sol.* 2). A visita de Tales ao Egito parece ser a mais segura, segundo os testemunhos antigos²⁴⁹.

A tradição filosófica ocidental reconheceu o milésio como fundador do monismo jônico a partir do decreto de Aristóteles, em sua *Metafísica* I (983 b 19-20), segundo o qual Tales foi *o iniciador de tal filosofia*, ou seja, daquela que investiga as causas primeiras. Para Aristóteles, Tales havia elegido a *água* como elemento fundamental do cosmo, iniciando, assim, a reflexão grega sobre os princípios existenciais. Mas, é notório como os registros mais antigos, dos séculos V e IV a.C., o viram como homem prático²⁵⁰, não como um cientista ou filósofo especulativo.

Nos testemunhos de Heródoto²⁵¹, ele foi um político de sábios conselhos, um engenheiro audacioso e um astrônomo renomado em toda Jônia. É o próprio Heródoto que vai remeter a Hecateu, em momento posterior, na Revolta Jônica (c. 500 a.C.), a atuação de conselheiro político que lança propostas que nunca são atendidas.

Se Hecateu é um homem letrado, nada sabemos sobre Tales. Quando o suíço Olof Gigon (1985:45-48) escreveu sobre ele no seu famoso livro *Der Ursprung der*

²⁴⁹ P. Tannery. Thales de Milet ce qu'il a emprunte a l'Egypte," *Revue Philosophique*, vol. IX, 1880, pp. 299 à 318. Há vários indícios nos testemunhos e fragmentos de Tales que o aproximam do Egito. Ver em especial: J. A. Faure. *L'Egypte et les Présocratiques*. Paris: Librairie Stock, 1923, pp. 49-74.

²⁵⁰ Na comédia *Aves* (1009), de Aristófanes, foi lembrado como exemplo proverbial de geômetra. Na *República* (600a) de Platão, seu nome é referido como modelo de homem habilidoso e, no diálogo Protágoras (342e) é posto entre os eminentes Sete Sábios da Grécia. Aliás, Tales consta em todas as listas de sábios da Antiguidade, juntamente com Sólon, Bias e Quílon. Tudo isso nos leva a supor que sua notoriedade na Antiguidade não se baseava sobre teorias filosóficas, mas, principalmente, porque era alguém que encerrava a perfeita imagem do *sophós*, um sábio respeitado por sua arte e pelos admiráveis conhecimentos que demonstrava. Mesmo para Aristóteles, Tales tampouco foi visto apenas como o "filósofo da água". Foi também recordado como modelo de homem previdente que, se valendo da própria experiência na observação dos astros (*ek tês astrologias*), soube antever uma grande colheita de azeitonas, e assim ficar rico (*Polit*, 1259a 5-18). Na *Ética à Nicômaco* (1141 b 2-8), ele é retratado na conta de um sábio que conhece coisas admiráveis, difíceis e divinas, juntamente com Anaxágoras. Ver a discussão em L. Rossetti. "Gli onori resi a Talete dalla città di Atene". *Hypnos*, n.27 (2011), pp.205-221.

²⁵¹ Cf. Herod. I 74 e 75, 170.

griechischen Philosophie von Hesiod bis Parmenides, de 1945, dispensou bastante tempo reforçando a ideia de um livro de autoria desse sábio milésio. Para o autor, aquela obra se perdera muito cedo, deixando atrás de si uma tradição que, na falta de textos autênticos, havia se mesclado ao universo anedótico pré-literário. O escrito seria, na verdade, uma “espécie de narrativa de viagens ou livro de geografia”²⁵², que tratava de descrever ou explicar as maravilhas que o Milésio havia encontrado em suas andanças pelo Mediterrâneo, como as cheias do Nilo, as pirâmides egípcias, a pedra ímã, além de terremotos e eclipses. Ao que tudo indica, essa linha de escrever sobre as maravilhas de lugares distantes é completamente identificável em Hecateu que, menos de uma geração após a morte de Tales, também foi ao Egito e, de forma semelhante, falou das cheias do Nilo²⁵³, de seus animais exóticos, de seus templos e de suas histórias.

Em uma passagem do livro *Do Céu* (294 a), Aristóteles cita a ideia de Tales de que a Terra estava flutuando sobre a água, à maneira de uma madeira que bóia: *Este é o mais antigo lógon que recebemos da tradição, que se atribui a Tales de Mileto*. O termo *lógon* pode ser traduzido nessa passagem por opinião, discurso ou narrativa. Não há como garantir, no entanto, que a ideia da Terra flutuante estivesse contida em alguma obra de autoria de Tales; apenas sugere-se que ela provinha da tradição referente aos seus ensinamentos, que podiam existir por escrito ou não.

O detalhe da analogia feita entre a Terra e um pedaço de madeira não deve passar despercebido, principalmente quando falamos dos primeiros pensadores jônios. O uso de metáforas já era comum na poesia arcaica, mas Tales e seus seguidores as utilizaram como imagens simples para descrever o mundo objetivamente.

Cerca de três séculos depois de Aristóteles, o escritor latino Sêneca refere-se à mesma passagem, nos seguintes termos: “a opinião de Tales é ridícula” (*Thaletis inepta sententia est*): diz que a Terra se sustém na água e sobre ela se move como um barco, e que quando se diz que treme, é devido à movimentação da água”. Não foi surpresa para alguns autores²⁵⁴ que Hecateu, em visita à terra dos Butos, no Egito, tenha acreditado

²⁵² O. Gigon, 1985, p.47

²⁵³ Cf. Diod. I 38; Aet.IV 1,1 = 11DK 16B

²⁵⁴ P. Tozzi, 1966, pp. 60-61.

que a ilha de Quembis flutuava de verdade, uma maravilha que merecia ser registrada²⁵⁵.

As aproximações entre Hecateu e Tales não podem ser mera coincidência: eram dois aristocratas milésios, quase contemporâneos²⁵⁶, ambos foram navegadores e fizeram registros de viagens, estiveram no Egito e falaram de suas maravilhas, como as cheias do Nilo. Por fim, podemos seguramente afirmar que a investigação, tanto para um como para o outro, se resume no termo *historié*.

6.4. Anaximandro

A afinidade intelectual entre Anaximandro e Hecateu também constituíram uma marca na tradição antiga, conforme asseveram Eratóstenes e Estrabão²⁵⁷.

Mas, Anaximandro²⁵⁸ é, antes de tudo, uma figura arcaica magistral, com imensa bibliografia em torno de seu nome. Natural de Mileto, de origem aristocrática, ele é tradicionalmente referido como discípulo e sucessor de Tales, e não existe dúvida de que foi o maior representante da escola milésia. Pela cronologia, ele era cerca de quinze anos mais jovem que seu mestre, mas ambos morreram em torno na mesma época, c. 546 a.C.

Exceto pela influência científica desde a Antiguidade, em astronomia, geografia, biologia ou meteorologia, a fama moderna de Anaximandro é essencialmente filosófica e decorre da sua teoria do Ilimitado (*ápeiron*), pela qual fornecia uma explicação metafísica dos processos cósmicos. Visto na perspectiva de personagem histórico, envolvido naqueles dias agitados da costa asiática, Anaximandro é menos um filósofo que um sábio (*sophós*), no mais estrito sentido do termo. Sua postura não foi meramente especulativa, interessada apenas em construir e legar um elevado sistema filosófico.

O mais razoável é que a maior parte das suas preocupações fossem práticas, voltadas para as atividades comerciais e políticas da Mileto de meados do século VI a.C.

²⁵⁵ Hdt. II 156.

²⁵⁶ Tales morreu em torno de 546 a.C. e Hecateu nasceu por volta de 560 a.C.

²⁵⁷ Estrab. I, 1, 1 e XIV 1, 7.

²⁵⁸ Para os fragmentos de Anaximandro comentados, também indico G. Colli, *La Sapienza Greca*. Milano: Adelphi, 1994. Mas a bibliografia deste pensador é imensa. Ver por exemplo, em W.A. Heidel, 2011, pp.148-166.

Sobre isso, há um relato de Cláudio Eliano²⁵⁹, autor romano do século III d.C., de que Anaximandro fora chefe de uma expedição a Apolônia, colônia milésia no Ponto (Mar Negro). Embora seja essa uma citação fortuita e isolada, é aceita como histórica pela maioria dos especialistas modernos, e demonstra que ele foi navegador como Hecateu. Com efeito, os interesses investigativos de Anaximandro eram bem parecidos com os de seu mestre Tales, e os de seu sucessor Hecateu, totalmente relacionados a assuntos náuticos, astronômicos, climáticos e geográficos, ou seja, os saberes práticos úteis na época da expansão colonial jônica.

Outra tradição proveniente de Eratóstenes²⁶⁰ remete que Anaximandro foi o primeiro grego a desenhar sobre uma placa ou prato (*pínax*) o mapa do mundo conhecido, melhorado anos depois por Hecateu. Impossível supor que, naquele tempo, alguém desenhasse um mapa da Terra sem ter viajado por muitos lugares ou, no mínimo, sem ser navegador (para quem esses objetos mais serviam). E não é supor demais que, para compor a *Periegesis*, Hecateu tenha se baseado tanto na obra de Anaximandro quanto nas próprias viagens que realizou. Quando Heródoto (IV 36) ridiculariza “os que desenham circuitos da terra (*ges períodos*)”, sem dúvida estava a pensar naqueles dois Milésios.

De outra parte, Anaximandro tornou-se famoso por ter introduzido os relógios de sol na Hélade e até instalou um em Esparta, segundo Favorinos (séc. II d.C.), para medir solstícios e equinócios²⁶¹. Cícero²⁶² confirma a relação de Anaximandro com Esparta, citando o aviso que ele fizera aos lacedemônios para deixarem suas casas certa noite, pois estava na iminência de ocorrer um terremoto. O tremor realmente veio a acontecer e foi de tal potência que destacou uma grande pedra do Taígetos, a enorme cadeia montanhosa com mais de dois mil metros de altitude localizada nas cercanias de Esparta. Assim, Anaximandro ganhou fama por ter salvo grande número de vidas e por ter prognosticado tamanho acontecimento.

Pelo relato de Diógenes Laércio (II, 1-2), o Milésio havia deixado uma “exposição sumária” de suas opiniões, que Apolodoro de Atenas, no século II a.C., teve em mãos. Não há referência nem que se tratava de uma obra em verso, nem que tivesse título específico. Teofrasto e, depois, Simplício, o comentador de Aristóteles do século

²⁵⁹ Aelian. Var.Hist. III 17 = 12DK 3A.

²⁶⁰ Em Agathem. I, 1.

²⁶¹ Diog. L. II, 1-2

²⁶² Cic. de div. I 50, 112 = 12DK 5aA

IV d.C., podem ter tido acesso a esse suposto resumo da obra de Anaximandro. Segundo o classicista suíço Olof Gigon²⁶³, Anaximandro e Anaxímenes foram descobertas de Aristóteles e de sua escola, pela necessidade de obter documentação sobre as opiniões dos antigos fisiólogos jônios. A obra de Hecateu, mesmo que existisse no Liceu, não chamou a atenção de seu diretor, pois ele não achara nela nenhuma metafísica. O único fragmento existente de Anaximandro foi preservado literalmente no contexto do Liceu, quando mereceu a citação de Teofrasto, que até pôde fazer um juízo do estilo presente no escrito: “um tanto poético”(poiêtikôtérois)²⁶⁴, talvez como uma crítica ao tipo enigmático, difuso e solene do trecho. A forma como esse fragmento se apresenta, em sua linguagem, não nos faz supor que fizesse parte apenas de notas de “aula”, de frases condensadas que mereciam explicação²⁶⁵, mas seria um tipo de exposição cosmológica de pequena extensão. Geoffrey Kirk²⁶⁶, por seu turno, duvida de que Teofrasto, ou qualquer outro autor tardio, tenha visto uma obra completa do séc. VI a.C.: (...) *com o declínio de Mileto no século V a.C., o livro de Anaximandro pode muito bem ter saído de circulação direta, especialmente se ele nunca ganhou popularidade no continente.*

A tradição alimentou, por muito tempo, a concepção de que esse escrito teria sido a primeira obra realmente filosófica do Ocidente. Contra tal visão colocou-se William Heidel, em seu artigo de 1921. Segundo ele, “os assuntos tratados na obra de Anaximandro não condizem propriamente com os de um tratado filosófico”²⁶⁷. Ele defende que o suposto “livro” do milésio consistiria em um tratado de geografia, indissociável do desenho do mapa²⁶⁸, e muito semelhante ao que haveria de produzir Hecateu de Mileto na geração seguinte.

O escritor e retórico Temístio de Paflagônia (no Mar Negro), no século IV d.C., relata que “Anaximandro foi o primeiro entre os gregos que conhecemos que ousou divulgar um discurso escrito *acerca da natureza*”. O autor não está aqui se referindo a qualquer título de obra, como pode parecer, mas ao tema tratado, *perí physeôs* ou

²⁶³ O. Gigon, *Los Orígenes de la Filosofía Griega. De Hesíodo a Parmênides*. Trad. Esp. Manuel Carrión Gútiéz. Madrid: Gredos, 1971, p. 48.

²⁶⁴ Ver Teofrasto (*De Phys.Op.fr.2*) (Colli, 1994:174 e 247). Para Heidel (op.cit.,p.265, n.64): “Não há nada realmente ‘poético’ na fraseologia de Anaximandro; o estilo é imaginativo e mais ou menos elevado”.

²⁶⁵ E. G.Turner, 1995:38

²⁶⁶ G. S. Kirk, 1955:35

²⁶⁷ W. A. Heidel, 2011, p. 54.

²⁶⁸ W. A. Heidel, 2011, p.14.

acerca da natureza. A tradição reconheceu, de fato, Anaximandro como “geógrafo”, segundo assegura o erudito Eratóstenes. O problema é que não restaram fragmentos de Anaximandro fazendo qualquer descrição geográfica, ao contrário do que restou da obra de Hecateu, em cujos fragmentos existem mais de trezentas referências a lugares, cidades e povos.

Esse dado poderia enfraquecer a tese de Heidel sobre a obra de Anaximandro, embora a presença do mapa seja um argumento bastante sólido sobre o saber geográfico do Milésio. O livro *Da Natureza* devia ser, entre outras coisas, um tratado técnico contendo uma coletânea de descrições de *metéora* ou fenômenos naturais, de *astrologia* e *cosmologia*, sem a descrição geográfica no modelo hecataico.

O escrito de Anaximandro devia estar em papiro egípcio²⁶⁹ de Náucratis, provavelmente “barato em Mileto”, além de representar uma obra curta e de letras grandes. Os referidos autores reconhecem ignorar quantas palavras conteria “um rolo de papiro do século VI a.C.”. Se considerarmos o que restou dos testemunhos e dos fragmentos de Anaximandro ou Hecateu, e pelas considerações históricas feitas até aqui, é possível extrair algumas conjecturas a respeito, como:

a) suas obras não seriam meras coletâneas de tópicos resumidos, mas, realmente, constituíram um discurso amplo no sentido da investigação jônica. Podemos supor que o texto de Anaximandro fosse menor em comparação com as obras de autores posteriores, como Hecateu ou Heródoto, ao menos com base nos indícios;

b) elas não têm aparência de simples manual técnico e estavam longe de ser “científicas”, como quis Jacoby²⁷⁰. Definir um gênero para essa primeira prosa grega é um tanto complicado. A de Anaximandro mais parece uma verdadeira *historia mundi*, uma cosmologia em conjunto com história natural, que tratava do movimento celeste, da dimensão, da forma e da posição do mundo, e também do surgimento da vida animal e dos homens sobre a Terra. O primeiro escrito de Hecateu surgiu como narrativa de viagem, de inspiração técnico-estratégica, mas, em seguida, torna-se um gênero que iria agradar a muitos na pólis;

c) livros assim, de início, não devem ter circulado amplamente, mas apenas serviram a poucos homens instruídos da sociedade. Essas diferenças práticas e literárias

²⁶⁹ G.S. Kirk, J.E. Raven e M. Schonfield, 1990, p.98

²⁷⁰ F. Jacoby. RE (1912), p.2688.

vão orientar os destinos das duas obras: a de Anaximandro será lembrada no meio filosófico, e as de Hecateu, entre os de cultura aprimorada, da época clássica até a bizantina.

Pelo pouco que sabemos da vida e obra de Anaximandro, pode-se dizer que ele deixou um grande legado para Hecateu, no contexto cultural da Jônia arcaica. Para além do modelo cartográfico, também é nítida uma abertura de visão diante do mundo, bem como sua obra em prosa seguramente serviu como padrão literário, embora Hecateu não tenha seguido o tipo de escrita solene de seu predecessor²⁷¹.

6.5. Anaxímenes

As notícias sobre Anaxímenes de Mileto são bastante escassas, dentro da doxografia pré-socrática. Considerado companheiro e discípulo de Anaximandro, ele tinha por pai Eurístrato e, segundo a tradição mais aceita, sua vida deve ter ocorrido entre 586/5 e 528/5 a.C.²⁷². Assim, foi um contemporâneo mais velho de Hecateu e, muito provavelmente, os dois tenham chegado a se conhecer. A suposição não é vazia de razão, pois Anaxímenes decerto convivera com os dois grandes mestres da Escola que influenciou posteriormente Hecateu, além do que os interesses de todos eles não eram díspares.

Mileto arcaica se destacou na economia grega pela expansão marítimo-colonizadora pois, desde o século VIII a.C., iniciara a fundação de colônias e postos comerciais, sendo a primeira delas Cízico, no Mar de Mármara. Em seguida, vieram outras de grande importância, como Istros, Olbia, Apolônia Pôntica etc. Sabe-se que na época do tirano Trasíbulo (c.600-590 a.C.), Mileto dispunha de dois portos²⁷³, e foi uma pólis que, desde cedo, se destacou na expansão colonial grega. Hecateu cita Cízico

²⁷¹Na concepção do autor italiano Giorgio Colli (1992, p.27-28), Anaximandro foi um tipo novo de sábio, no mais claro estilo trágico, que praticava ações dramáticas de alucinação. Entre misticismo e adivinhação, esse sábio era terrível, já que ninguém conseguia alcançar a profundidade de seu saber sobre as coisas. Colli parece confiar demais na passagem citada por Diógenes Laércio (VIII, 70), em referência ao desconhecido Diodoro de Éfeso, segundo o qual Empédocles imitava Anaximandro, *ao adotar uma arrogância trágica e exibir vestes majestosas*. Apesar de fortuita e duvidosa, essa passagem não é de todo sem fundamento, se pensarmos na aristocracia milésia do século VI a.C., cuja arrogância é visível, por exemplo, em Hecateu, no seu proêmio, e na pretensão de descender de um deus. Talvez tenha sido essa arrogância que Heródoto combateu e ironizou.

²⁷²R. Laurenti. *Introduzione a Talete, Anassimandro, Anassimene*. Roma-Bari: Laterza, 1971, pp. 171-172. Também: G.B. Kerferd. *The Date of Anaximenes*. *Mus. Helv.* 11 (1954), 117-121.

²⁷³D. Fanini, "Okeanos. Dalla scudo di Achille alla mappa di Anassimandro". In: Capizzi, A. e Casertano, G., *Forme del sapere nel presocratici*. Roma: Edizione dell'Ateneo, 1987, p.81.

fundada em 676 a.C. (F218) e Amisos, fundada em 564 a.C. (F199). A atividade colonizadora Milésia não se encerrou no decorrer no século VI a.C., mas há indícios de que continuou²⁷⁴ de meados desse século até sua derrocada, em 494 a.C.

A arte da navegação²⁷⁵, na qual supomos que Hecateu atuou por toda vida, requer outros preparos além da catografia, como o conhecimento preciso das estações, dos climas, das marés, dos ventos e dos astros. Não se duvida de que Hecateu, como viajante, tivesse conhecido os escritos dos maiores astrônomos e meteorologistas em atividade do mundo grego, Anaximandro e Anaxímenes. É evidente que esse último tenha se empenhado muito tempo em observações de fenômenos do céu e da Terra²⁷⁶ (*gr.metéora*), e que foi capaz de anotar em um tratado as suas concepções e conclusões.

Se, em astronomia, suas teorias foram, muitas vezes, ingênuas, para não dizer absurdas, alguns dos resultados alcançados em meteorologia foram apurados e corretos. Sua autoridade “científica” foi reconhecida pelos antigos nesses assuntos e a preservação escrita de suas ideias abriu caminhos frutíferos para outras investigações, conforme atestaram estudiosos contemporâneos do nível de Paul Tannery²⁷⁷, T. L.Heath²⁷⁸ e W.K.Guthrie²⁷⁹. Hecateu, portanto, teve fortes motivos para não tratar de fenômenos físicos e astronômicos em seus próprios escritos, provavelmente pelo peso das obras que encontrou²⁸⁰. Por isso, seguiu para produzir livros de descrição de viagem e de genealogias.

²⁷⁴ D. V. Grammenos, E. K. Petropoulos, *Ancient Greek Colonies in the Black Sea. Vol.2 .Publication of the Archaeological Institute of Northern Greece, no. 4.* Thessaloniki: Greek Ministry of Culture, 2003, p.1318: “The nex stage os the Ionic (Milesian) Colonization of the Black Sea area accured in the second half of the 6th century B.C. down to 495 a.C. (i, e. the destruction of Miletus)”.

²⁷⁵Segundo Plínio (N.H.V 112), Mileto foi responsável por fundar noventa colônias, enquanto Sêneca (*Cons. Ad Helv. Mat.* VII 2) falava em setenta e cinco. Os estudiosos modernos calculam que esta Pólis estabeleceu cerca de quarenta assentamentos primários e trinta colônias secundárias e postos comerciais. Cf. V. Gorman *A History of Miletos from 500 to 432 B.C.* Ann Arbor (MI): Univ. Microfilms International., 1993, p.22; A. J. Grahah. *Colony and Mother City in Ancient Greece.*Chicago: Ares Publishers, 1983P.98, n.2.

²⁷⁶Na época de Anaxímenes, outros peritos em astronomia se destacaram por suas observações experimentais, merecendo, inclusive, admiração e registro da parte de Teofrasto: o mais famoso deles se chamava Cleóstratos, da ilha de Tênedos, que acompanhou solstícios desde o alto do monte Ida, na Tróade, e foi autor de um poema astronômico. Outro nome foi Matricetas de Lesbos, que observara os céus desde o monte Lepétimnos, ao norte desta ilha, a quase mil metros de altitude. Cf. Teofrasto em 6 DK 1 A.

²⁷⁷ P. Tannery. *Pour l’Histoire de la Science Hellène*; Paris: Gauthier-Villars, 1930, Pp. 154 e ss.

²⁷⁸ T.L. Heath. *Aristarchus of Samos.The ancient Copernicus*, Oxford: Clarendon Press, 1997, pp.40-45.

²⁷⁹ W.K.C. Guthrie.*A History of Greek Philosophy, v.I.The Earlier Presocratics and the Pythagoreans.* Cambridge: Univ. Press, 1967, pp.132-140.

²⁸⁰ W.A. Heidel. *Hecataeus and Xenophanes.**American Journal of Philology*, n.64 (1943), p.262.

A época final da vida de Anaxímenes é, geralmente, estabelecida entre 528-526 a.C. e, nesse tempo, Hecateu mal entrara em seus trinta anos. Sem dúvida, eles viveram durante a grave crise política pela qual passou Mileto após a morte do tirano Trasíbulo, em meados do século VI a.C., quando a cidade foi tomada por violentas lutas partidárias. Segundo Heródoto, os conflitos duraram duas gerações, até uma delegação vinda da ilha de Paros restabelecer a paz.²⁸¹ Em seguida, Mileto retomará a prosperidade, perto do final do século VI a.C.²⁸², quando Hecateu já aparecia como uma das figuras mais proeminentes da sociedade milésia.

Segundo os poucos testemunhos doxográficos existentes, o ar exerce um papel central na cosmologia de Anaxímenes, sobretudo no que se refere ao processo de rarefação e condensação, essencial para a formação do mundo e de suas partes²⁸³. O mundo, envolto pelo ar, “respirava” como um ser vivo²⁸⁴. Para o Milésio, o ar não se resumia ao simples vento ou vapor, mas era uma espécie de força divina²⁸⁵ que constituía a própria alma humana, a terra e os corpos celestes. Os principais comentadores das doutrinas de Anaxímenes partem dos poucos excertos citados por Aristóteles e Teofrasto, dentre outras passagens mais ou menos alteradas, que foram preservadas por compiladores tardios como Hipólito, Écio e Simplício.

Nada se sabe das atividades práticas de Anaxímenes, além de que havia deixado um livro, uma espécie de tratado escrito em prosa sobre assuntos físicos. Olof Gigon²⁸⁶ aposta que o livro de Anaxímenes havia saído de circulação muito cedo e reaparecido na época helenística. Mas, o mais provável é que, antes disso, tanto Anaxágoras quanto Diógenes de Apolônia, outros representantes do pensamento jônico, tivessem alcançado seus escritos ainda na primeira metade do século V a.C., dada a clara influência que Anaxímenes provocou nas doutrinas desses dois pensadores. Em particular, a presença filosófica de Anaxímenes em Diógenes de Apolônia é, no mínimo, curiosa. Apolônia, no Mar Negro, era uma colônia milésia e, de alguma forma, Diógenes pode ter se

²⁸¹ *Hist.* V, 28.

²⁸² L. Jeffery, 1976, p.214

²⁸³ W.K. C. Guthrie. *History of Greek Philosophy: Volume 1, The Earlier Presocratics and the Pythagoreans*. Cambridge: University Press, 1979, pp.115 e ss.; G.S Kirk - J.E. Raven.- M. Schofield. *Os Filósofos Pré-Socráticos*. Trad. Carlos A. L. Fonseca, Beatriz R. Barbosa e Maria A. Pegado; 3ª ed., Lisboa: Gulbenkian, 1990.

²⁸⁴ Aet. I 3, 4 = 13DK 2B.

²⁸⁵ Cic. *De Nat. d.* I 10, 26 = 13DK 10ª.

²⁸⁶ O. Gigon. *Los Orígenes de la Filosofía Griega. De Hesíodo a Parmênides*. Trad. Esp. Manuel Carrión Gútiéz. Madrid: Gredos, 1971, p.110

instruído naquelas doutrinas por meio de obras que chegavam à cidade, trazidas por navios milésios.

O mérito de alguns fragmentos da obra de Anaxímenes persistirem deve-se a Aristóteles e Teofrasto, provavelmente devido a seus esforços na obtenção obras raras e poderem comentar aquelas antigas doutrinas. Em reforço a isso, há o relato de que Teofrasto havia redigido uma monografia intitulada *Dos Escritos de Anaxímenes*²⁸⁷, seguramente um feito inviável, caso não dispusesse de material para tal. De outra parte, Diógenes Laércio (II, 3) pôde comentar o estilo da prosa de Anaxímenes, ao afirmar que ele “escreveu em jônico de forma simples (*aplê*) e concisa (*aperitto*)”. De fato, apesar de os fragmentos restantes não mais permitirem confirmar essa opinião, os símiles que o milésio utilizara na explicação dos fenômenos demonstram que sua prosa era mesmo simples, de terminologia popular e fácil²⁸⁸. Plutarco²⁸⁹ testemunha que Anaxímenes usou pessoalmente o termo *halarós*, “frouxo”, em grego, quando explicava a rarefação do ar quente, o que sugere ter estado diante do texto original²⁹⁰. Écio (séc.II d.C.) também nos faz crer que ele próprio dispôs de algum trecho da obra, provavelmente não do original, pois suas referências já aparecem reformuladas, e em estilo não jônico²⁹¹.

Os fragmentos da suposta obra de Anaxímenes são escassos, mas são capazes de demonstrar claramente que seu autor era um Milésio de educação elevada, perito em astronomia e meteorologia. Seu nome foi, geralmente, lembrado quando se falava de questões naturais, envolvendo clima, estações, ventos, geadas, relâmpagos e trovões, bem como de assuntos acerca da composição, da estrutura e dos movimentos da Terra, do mar e dos astros.

²⁸⁷ Diog. L. V, 42

²⁸⁸ Alguns exemplos podem confirmar isso. Para ele, o sol era *plano como uma folha* (13 A 15DK) e a Terra, por também ser plana *como o tampo de uma mesa* (13 A 20DK) flutuava transportada pelo ar (13 A 7DK); os astros estariam pregados na abóbada cristalina do céu *tal como cravos* (13 A 14DK). Quando quis dizer que os astros giravam em torno da Terra, em vez de por baixo desta, como acreditavam outros, ele lembrou o giro de *um gorro em volta de nossa cabeça* (13 A 7DK). A escuridão da noite decorria, então, da passagem do sol pelas partes altas do norte da Terra (KIRK-RAVEN 157). Ele explicou os relâmpagos comparando-os com o reluzir da água quando *se bate com um remo na sua superfície* (13 A 17DK). Tais imagens demonstram uma forte penetração de construções do saber popular empírico. Anaxímenes “parece ter vulgarizado toda obra milésia”, coloca Abel Rey. *La Juventud de la Ciencia Griega*. Mexico: UTEHA, 1961, 64.

²⁸⁹ 13DK 1B

²⁹⁰ Kirk-Raven-Schofield, 1990, p.147

²⁹¹ G.S. Kirk, 1955, p.37

Na conclusão do professor britânico Jonathan Barnes²⁹², Anaxímenes fora mais profundo, sistemático, rigoroso e de postura mais científica que seu mestre, amigo e concidadão Anaximandro. Provavelmente, isso tem relação com a forma de sua expressão escrita, simples e clara, ao contrário do que os antigos viram no discurso de seu mestre, mais obscuro e poético²⁹³. O abandono dos ícones poéticos (*dikê*, *apeíron*, *ananke*, *chronos*) e a preferência por um estilo mais simples e sintético sugerem que ocorreram mudanças e discussões dentro do círculo intelectual milésio²⁹⁴. Não pode ser coincidência que essas características de estilo da prosa de Anaxímenes sejam semelhantes às enumeradas por Dionísio de Halicarnasso, em seu tratado *Sobre Tucídides*²⁹⁵, para os autores mais antigos, entre os quais Hecateu. Eles usaram uma linguagem clara, comum, pura, concisa e adequada ao assunto, sem uso de qualquer recurso técnico”. A intenção de uma expressão “comum”, tanto da parte de Hecateu quanto de Anaxímenes, visava um maior alcance de público, quantitativamente falando. Infelizmente, a quase inexistência de fragmentos de Anaxímenes, bem como o estado arruinado dos textos de Hecateu praticamente não nos permitem maiores comparações entre as duas obras, inclusive pela via lexical. A comparação estilística, no entanto, leva-nos a crer que ambos utilizavam o dialeto jônico com a segurança de quem era perfeitamente letrado e instruído. Há um testemunho de Écio, doxógrafo do século II d.C., bastante duvidoso, mas pode constituir o único relato de concepção astronômica de Hecateu, que o aproxima de Anaxímenes: “Heráclito e Hecateu dizem que o sol é uma massa inteligente de natureza ígnea, e alimentado do mar”²⁹⁶. É o próprio Écio²⁹⁷

²⁹² J. Barnes, 2006, p.38.

²⁹³ Laurenti, 1997, p.174

²⁹⁴ B. Sandywell. *Presocratic Reflexivity: The Construction of Philosophical Discourse c. 600 – 450 BC*. Vol. III. Londres: Routledge, 2003, p.172. Para o autor: “By deliberate choosing to write in a prosaic and laconic style, Anaximenes may be regarded as the first self – conscious stylist of scientific prose. He may be regarded as the true harbinger of the age of prose” (ib., p.172)

²⁹⁵ *De Thuc.* V e XXIII

²⁹⁶ A passagem não consta como fragmento na edição do FGrH de Jacoby de 1957, mas foi incluída no Brill’s New Jacoby, de 2006, como F302d. Para Frances Pownall, comentando a passagem: “As this fragment indicates, Hekataios apparently open-minded enough to absorb the new ideas in cosmology circulating around Miletos, the intellectual centre of the Greek world in his day, although he did adhere to the traditional beliefs of the poets in some matters, including the concept of an Ocean surrounding the earth, for which he incurred the criticism of Herodotos”. No entanto, a passagem deve ser comparada, pela completa semelhança, com a visão de Zenão de Cítio (séc. IV-III a.C.), um dos grandes nomes do estoicismo, segundo atestado por Diógenes Laércio (VI 145): “o sol, que é uma massa ígnea provida de intelecto, nutre-se do grande oceano”. Se for verdade que Zenão conheceu os escritos de Heráclito e tomou deles essa ideia acerca do sol, resta crer que Heráclito, por sua vez, pode ter aprendido a doutrina em Hecateu, cuja obra ele conheceu. Portanto, faz sentido que Écio os coloque juntos na referência dessa doutrina.

²⁹⁷ 13DK15A

que registra a visão do sol para Anaxímenes: “o sol é de natureza ígnea”, embora não haja indícios de que o Milésio tivesse lhe atribuído alguma inteligência.

6.6. Xenófanes

A tradição jônica de pensamento e certo estilo de expressão aproximam Hecateu do poeta-filósofo Xenófanes de Cólofon, seu contemporâneo. Arnaldo Momigliano chega, mesmo, a afirmar que “Sem Xenófanes não haveria Hecateu”. Segundo o autor italiano, do mesmo modo que Xenófanes, Hecateu interessou-se pela pesquisa das fronteiras entre homens e deuses, ou seja o campo do mito, e ambos lhe deram algum tratamento crítico. Mas Hecateu utilizou a prosa, enquanto Xenófanes foi um poeta.

A poesia arcaica, conforme salientou W. Jaeger²⁹⁸, serviu de instrumento de expressão para o poeta publicar suas convicções, críticas e ensinamentos. Na realidade, o período arcaico grego caracterizou-se pela afirmação das personalidades, aspecto notável em autores como Arquíloco, Sólon, Teógnis, Focílides e Xenófanes, na poesia, além de Anaximandro, Ferécides e Hecateu, na prosa.

Tudo leva a crer que Xenófanes fosse um aristocrata, aliás, como todo filósofo pré-socrático, segundo se nota pela formação educacional que recebeu em Cólofon e, provavelmente, em Mileto²⁹⁹ e que, depois, vai transparecer em sua poesia. Outras marcas de seu gene aristocrático podem ser visíveis em seu estilo poético arcaizante e digno, no gosto refinado pela sátira, e no convívio em ricos ambientes que detalhadamente descreve em seus versos.

Karl Popper³⁰⁰ considerou Xenófanes o fundador da ilustração grega, enquanto Abel Rey³⁰¹ teve-o na conta de um dos maiores representantes do pensamento livre daquela época. Apesar de tudo, Aristóteles³⁰² parece não ter levado as doutrinas de Xenófanes muito a sério, pois mal dispensou tempo em avaliá-las, afirmando que ele e Melisso deviam ser deixados de lado, por serem autores “demasiado grosseiros”

²⁹⁸ W. Jaeger. *La Teología de los Primeros Filósofos Griegos*. Mexico: F.C.E., 1992, pp. 44-45, p. 43

²⁹⁹ Diógenes Laércio (IX, 21) menciona, com base em Teofrasto, que o colofônio foi ouvinte de Anaximandro, algo provável antes da invasão meda à Jônia. A Pólis de Cólofon fica a cerca de oitenta quilômetros ao norte de Mileto, por terra, muito embora a viagem por mar fosse mais rápida e fácil.

³⁰⁰ K. Popper. *The World of Parmenides: Essays on the Presocratic Enlightenment*. New York: Routledge, 2012, p. 37.

³⁰¹ A. Rey. 1961:87

³⁰² *Met.* I 986b 18 = 21DK 30B

(*mikron agroikóteroi*). Provavelmente, a perplexidade de Aristóteles decorre de não ter encontrado na poesia de Xenófanos uma elaboração discursiva de sua teologia³⁰³.

Xenófanos foi uma mistura de rapsodo, filósofo e teólogo, e seu contexto histórico-intelectual foi o mesmo de Hecateu. Quando o rei Ciro enviou seu general Harpago para capturar Cólofon, por volta de 545 a.C., Xenófanos contava com apenas 25 anos de idade, segundo ele próprio informa por meio de versos. Em vista dos terríveis acontecimentos, narrados vivamente por Heródoto um século depois, Xenófanos deixou sua terra natal e dirigiu-se para a Magna Grécia, aos territórios em torno de Zancle, Catânia e Siracusa³⁰⁴. Passou, então, a viver como cantor errante, apresentando suas elegias, versos épicos e sátiras em ocasiões festivas, como em banquetes. Diz-se que costumava recitar os próprios versos, ao modo dos rapsodos (Diog. L. IX, 18) que, pela tradição, eram poetas recitadores em estilo homérico. Mas, em Xenófanos, é notório o discurso de um típico espírito livre, criativo, ilustrado e crítico, da mesma forma que Hecateu, em seu proêmio.

Em Xenófanos, a verdade não provém diretamente de inspiração divina, nem dos deuses, nem das musas. Como mordaz provocador da religião tradicional e dos poetas mais antigos, como Homero e Hesíodo, Xenófanos prefere uma verdade que surge da investigação, como ele mesmo declara: *Desde o início, os deuses não revelaram logo todas as coisas aos mortais, que investigando com o tempo, descobrem o que é melhor* (DK18). As críticas que Hecateu faz em especial a Hesíodo, em algumas ocasiões, também o identificam com o pensador de Cólofon.

Xenófanos viveu até idade avançada, pois, segundo consta, ainda era literariamente ativo aos 92 anos. Com os dados biográficos que temos, os mais

³⁰³G.S. Kirk- J.E. Raven – M. Schofield. *Os Pré Socráticos*. Trad. Carlos A. L. Fonseca. Lisboa: FCG, 2010, p.176.

³⁰⁴I. Pozzoni vê nessa postura de exílio, de Xenófanos, como na de Hecateu, de “não resistência” ao avanço persa, um prisma político para a condenação de Heráclito. Cf. Ivan Pozzoni. Discriminazione, antropomorfismo e “agathé sophie”. Le ramificazioni etiche della narrazione culturale senofanea. *Información Filosófica*, Vol 5, No 10 (2008), p. 34-35. No entanto, devemos convir que essa visão, apesar de criativa, não é cabível, pois não há indícios sobre isso nos fragmentos de Heráclito, e nem Hesíodo tem nada a ver com os Persas, para constar na lista. O ataque do Efésio não foi contra posturas políticas, mesmo se Pitágoras deixara Samos após conflitos políticos. Tampouco Hecateu pregou simplesmente a não resistência, mas desaconselhou a insensatez de uma guerra por terra contra o inimigo bárbaro; ele planejava o domínio dos mares, como forma de fazer frente ao poderio terrestre persa. Quando já não havia mais solução, ele aconselhou fortificar Leros, uma ilha, como meio de criar um centro de resistência (Herod. V 39 e 125-126).

importantes contidos em sua própria obra, constata-se, com alguma segurança, que ele nascera em torno de 570 a.C. e que alcançou o primeiro quarto do século V a.C.³⁰⁵.

Ele havia escolhido os versos elegíacos e iâmbicos para escrever, e não a prosa dos Milésios, que era a novidade em seu tempo, usada por poucos autores. As suas composições, feitas, em geral, na forma de hexâmetros, foram projetadas para serem declamadas em público, na forma de canto. Dentre suas obras, além da já citada *Colonização de Élea*, havia uma *Fundação de Cólofon*, totalizando, ambas, dois mil versos (Diog. L. IX, 18), hoje totalmente perdidas³⁰⁶. Grande parcela desses poemas foi chamada de *Síloi* (em latim, *satirae*)³⁰⁷, mais um estilo poético do que o nome de algum título de obra, que rendeu muita fama ao nome de Xenófanes. Consistia no modo do autor expressar, de fundo bem humorado, para não dizer crítico, versos sobre temas tradicionalmente controvertidos, como mitologia, religião e comportamentos sociais.

O mais significativo para o estudo dos escritos de Xenófanes é o suposto livro atribuído a ele, talvez um poema didático, conhecido, na idade helenística, por *Perí Physeos* ou *Da Natureza*, título comum a quase todos os pré-socráticos e cuja autenticidade tem sido frequentemente colocada sob suspeita³⁰⁸. O título é tardio, pois somente apareceu na época cristã, citado por João Estobeu, compilador do século V d.C. Há fragmentos que confirmam a presença de matérias relativas à *physis* na poesia de Xenófanes, muito embora a opinião de que tenha existido uma obra separada sobre tais assuntos seja controversa. Xenófanes tratou, em seus versos, dos corpos celestes e sua constituição, das nuvens, ventos, arco-íris, chuva, mar e terra. Conta que observou fósseis em locais montanhosos da ilha de Malta³⁰⁹, além de fazer poeticamente outras especulações físicas do cosmo. Como homem que viveu errante, na função de poeta, acumulou muito conhecimento sobre muitas terras e povos, semelhante a Hecateu. No

³⁰⁵ O historiador siciliano Timeu, do século IV a.C., declarou que ele foi contemporâneo do rei Hierão de Siracusa, que governou entre 478-467 a.C., bem como do poeta Epicarmo, ativo em torno de 486 a.C. (K. Freeman, 1959, p.89).

³⁰⁶ Na contabilidade de E. Havelock, o que sabemos da obra de Xenófanes baseia-se no total de 190 versos e partes de versos citados por outros autores. E. Havelock. *A Revolução da Escrita na Grécia e suas Consequências Culturais*. São Paulo: EDUSP, 1996, p. 246.

³⁰⁷ É provável que o nome *síloi* tenha sido dado pelo filósofo cético e poeta Tímon de Flius, do século II a.C., um admirador tardio de Xenófanes. Mas nem há segurança que o próprio Xenófanes tenha usado esse título para seus poemas, nem há referência desse termo antes de Tímon. D. E. Gerber, *A Companion to the Greek Lyric Poets*, Leiden: Brill, 1997, p.130.

³⁰⁸ É possível que os gramáticos e eruditos tardios, na ânsia de catalogar as obras antigas por temas, houvessem nomeado de *Perí Physeos* o conjunto dos testemunhos que dissessem respeito ao mundo natural, coletados entre os poemas restantes de Xenófanes. Cf. José L. Mena. *Jenófanes y la crisis de la objetividad griega*. Bogotá: Carlos Valencia Editores, 1986, p. 198.

³⁰⁹ 21DK33A.

fragmento 21DK16B, ele descreve a constituição física de Etíopes e Trácios, no contexto de sua crítica às crenças religiosas gregas, da seguinte forma: *Os Etíopes dizem que os seus deuses são de nariz achatado e negros, os Trácios, que os seus têm os olhos claros e o cabelo ruivo*³¹⁰. Hecateu citou vários povos do mundo conhecido e, muitas vezes, agregava informações sobre sua vestimenta, costumes alimentares e outros. Por exemplo, sobre os Peônios, povo trácio, ele menciona: *os Peônios bebem cerveja que tiram das cevadas e da quebra de milho (painço) e de ênula. E ungem-se de gordura de leite* (F154).

John Burnet³¹¹ argumenta que as opiniões científicas de Xenófanes eram incidentais, presentes em suas sátiras, e os fragmentos sobre corpos celestes, em grande parte, não eram nem filosóficos³¹². Além disso, tanto Aristóteles quanto Teofrasto não tiveram Xenófanes na conta de verdadeiro *physikós*, do estilo de um Anaxímenes ou Anaxágoras³¹³, embora tardiamente ele seja designado assim por Estrabão e Luciano. Porém, é preciso reconhecer que as colocações de Xenófanes não parecem invenções ou fabulações, mas sim o olhar de quem investiga e observa, movido pelo mesmo espírito, se assim podemos chamar, que cultivava Hecateu em suas andanças. As semelhanças com as teorias de Anaximandro são incontestáveis, como supõem as referências ao mar que seca, ao lodo, e ao ciclo de surgir e extinguir-se³¹⁴. As informações físicas, geológicas ou meteorológicas nas poesias de Xenófanes demonstravam a instrução elevada que ele recebera na juventude, na Jônia, e visavam entreter, na forma de versos, os convivas de banquetes e de outros festivais. Seus escritos não foram tratados técnicos, como os dos Milésios e suas composições parecem não ter a intenção de criar um sistema filosófico, mas criticar as tradições populares gregas. A forma encontrada pelo poeta, claramente herdada da *historie* jônica, foi transformar as então

³¹⁰ F168 Kirk-Raven. G.S. Kirk–J. Raven–M. Schofield. *Os Pré Socráticos*. Trad. Carlos A. L. Fonseca. Lisboa: FCG, 2010, p.173.

³¹¹ J. Burnet. *O Despertar da Filosofia Grega*. Trad. Mauro Gama, São Paulo: Siciliano, 1994, pp. 102 e 106.

³¹² W. Jaeger também era contrário à existência de uma obra filosófico-física de Xenófanes, e a compara a uma referência que Plutarco fez ao pensamento “físico” presente em um poema de Sólon (*Sol.* 3), no qual o poeta ateniense cita a fúria da neve e do granizo, o trovão que ocorre junto com o relâmpago, e o vento que conturba o mar. Plutarco qualifica esse saber *en tois physikois*, ou seja, um saber “nos assuntos físicos” de Sólon, e o rotula de “simples e primitivo”. Jaeger foi infeliz, no entanto, em comparar o conhecimento natural de Sólon com o de Xenófanes, já que esse último demonstrou estar muito mais informado na *historie* jônica que o primeiro. W. Jaeger. *La Teologia de los Primeros Filósofos Griegos*. Mexico: F.C.E., 1992, pp. 44-45.

³¹³ Cf. *Simpl. Phys.*, 22, 26

³¹⁴ G.S. Kirk–J. Raven–M. Schofield. *Os Pré Socráticos*. Trad. Carlos A. L. Fonseca. Lisboa: FCG, 2010, p.182-184.

manifestações divinas, do trovão e dos ventos, do mar e da terra, em fenômenos naturais.

O que identifica o poeta de Cólofon com o logógrafo Hecateu é sua crítica sagaz, que se transforma em bem humorada postura filosófica, dentro de uma visão relativista, livre e, até certo ponto, cética, com a qual ele presenteou as futuras gerações de pensadores. Se ambos se conheceram na juventude, não se chegou a saber; mas como receberam a mesma educação jônica, fica difícil definir em que medida um pode ter influenciado o outro.

7. Entre *mythos* e *logos*. O problema do racionalismo hecataico.

7.1. O florescimento da Razão no mundo grego

Em maio de 1987, aconteceu em Nice, França, um congresso internacional dedicado ao pensamento grego, em que se discutiu o nascimento da razão na Grécia antiga. Reuniram-se, na ocasião, nomes de relevo nos estudos clássicos, como Monique Dixsaut, Luc Brisson, Olof Gigon, Franco Volpi, Pierre Aubenque e Richard Bodéus, entre outros³¹⁵. O que chamou a atenção em um encontro dessa envergadura foi o interesse acadêmico então demonstrado acerca dos mais variados problemas referentes aos primeiros passos da reflexão racional na Europa. Há duas considerações bastante marcantes nesses trabalhos: primeiro, a presunção de que “nascimento” sugere uma espécie de ruptura com o pensamento anterior, da própria Grécia e do vizinho Oriente Próximo. O modelo teórico baseado na oposição *mythos/logos*, embora debilitado nos dias atuais, quer historicamente ou epistemologicamente, ainda tem algum peso, seja psicológico ou ideológico nas pesquisas, útil ao menos quando se pretende denunciar uma postura não racional³¹⁶. A razão, hoje, é considerada uma categoria histórica, culturalmente concebida, não resumida a essências e a faculdades espirituais, mas também como sistema de pensamento, modos de validação e reconhecimento dos discursos verdadeiros³¹⁷.

³¹⁵As atas do congresso foram editadas apenas em 1990, pela Presses Universitaires de France, sob a direção do professor Jean-François Mattéi, com o título *La Naissance de la raison en Grèce. Actes du Congrès de Nice, 1987*.

³¹⁶J-F.Mattéi, *La naissance de la raison en Grèce. Actes du congrès de Nice, mai 1987*. Paris: Presses Universitaires de France, 1990, p.7

³¹⁷Wolff, 1996: 68.

A segunda consideração consensual refere-se à proeminência do *logos-palavra* nas interpretações e abordagens contemporâneas. Um *logos* que realça não o ser, o mundo ou deus, mas o espaço recíproco, homogêneo e igualitário da *polis*³¹⁸. Basicamente, este projeto enfatiza as questões suscitadas nessa segunda questão.

A palavra – *logos* – torna-se um recurso ou direito cidadão, não apenas um canal comunicativo, mas um canal de confronto de ideias e de expressão de racionalidade. A palavra-verdade, ritualizada, tradicional, divinizada e solene vai, aos poucos, cedendo lugar à palavra dialética, laica, comum, em um espaço comunicativo de igualdade político-jurídica³¹⁹. A opinião de qualquer um sobre qualquer assunto pôde ser questionada, posta em dúvida e refutada por outras personalidades, podendo, cada um, oferecer melhores argumentos sobre as questões³²⁰. Também o público não podia ser ignorado como atores da comunicação, nesta nova organização política. O esforço cognoscitivo nas argumentações dos pensadores pré-socráticos foi, basicamente, voltado para a compreensão de fenômenos atmosféricos e físicos, em geral na forma de enunciados explicativos. Neles, os conteúdos do discurso racional não chegaram ao grau de “puros enunciados anônimos, sem indicadores e sem temporalidade”, conforme defende Francis Wolff³²¹, em seu artigo sobre o nascimento da razão. Entre os séculos VI e V a.C., é bastante marcante, ainda, a autoridade demonstrada para se expressar um saber no espaço social poliade, não somente em termos de “legitimidade” jurídica, mas ainda no contexto político-intelectual da época. Mesmo com grandes lampejos de racionalidade, a cultura dos primeiros pensadores estava permeada de aspectos religiosos e místicos³²². Basta pensarmos em um Empédocles, que se dizia divino, ou Parmênides, que se via como homem divinamente inspirado, ou Pitágoras, líder de uma seita mística. Em outro plano, por exemplo, na história, lembraremos que Hecateu era um aristocrata milésio referido como um dos pioneiros da prosa racional, mas acreditava descender de um deus na décima sexta geração.

³¹⁸ Mattéi, *Ibidem*.

³¹⁹ F. Wolff, Nascimento da razão, origem da crise . In: A. Novaes, org. *A Crise da Razão*. São Paulo: Comp. Das Letras, 1996, p. 68 e ss.

³²⁰ Claro, a partir dos “lugares” sociais dos que estavam legitimados a se colocar, a confrontar as outras autoridades de saber no meio da Pólis.

³²¹ F. Wolff, *op. cit.* p. 69.

³²² O livro clássico sobre esse tema foi o de W. Jaeger, *La Teologia de los Primeros Filósofos Griegos*. Trad. José Gaos. Mexico-Buenos Aires: FCE, 1952. Para o autor: “ A teologia dos primeiros filósofos se apresenta como uma parte não menos importante da religião grega do que da história da filosofia” (p.14).

Desde o século XIX, com a construção do suposto “milagre grego”, os estudiosos da ciência e da filosofia tentavam explicar as causas históricas do surgimento da postura racional de saber. Primordialmente, deu-se a tentativa de reconstruir o legado “científico” dos gregos, ou seja, de toda a produção intelectual em termos físicos, astronômicos, geométricos, matemáticos, históricos e médicos, que havia restado na forma de uma imensa literatura, muitas vezes bastante fragmentada. Autores como P.Tannery, G.Milhaud, P-M.Schuhl, W.Heidel, J.Burnet, T.Heath, L.Robin, A.Rey e, depois, K.Popper, B.Farrington, G.S.Kirk e G.E.Lloyd, entre outros, nos legaram uma grande contribuição para o estudo daquela “ciência” grega.

Os historiadores identificavam, na presumida passagem *mythos-logos*, um amadurecimento do espírito, um evidente sinal de evolução da mente humana. O *logos* surgido na Jônia, iniciado com a reflexão sobre os fenômenos visíveis do céu e de sobre a terra (*meteora, physis e historie*) marcava definitivamente o começo da ciência e do pensamento filosófico no ocidente. Os gregos haviam racionalizado a compreensão do mundo, dando à realidade um sentido ordenado segundo leis causais que regiam os fenômenos naturais. Enfim, eles haviam *naturalizado* a realidade pelo desejo em explicar, imprimindo efeitos físicos às causas, e não a interferência direta de forças sobrenaturais. Fala-se na época da *laicização* da palavra na Grécia, nos termos de M. Detienne, em seu livro *Les maîtres de vérité dans la Grèce archaïque*, de 1967, ou antes disso, na passagem do *mythos* ao *logos*, segundo se tornou emblemático pelo livro *Vom Mythos zum Logos*, de W. Nestle, de 1940³²³.

Foi possível medir o mundo com o *lógos* e com ele dar sentido aos acontecimentos visíveis, segundo as causas reais. Geralmente, as interpretações científicas acentuam o abandono da postura mitológica, para dar espaço ao modelo

³²³ Sem dúvidas, o principal trabalho de Wilhelm A. Nestle (1865-1959). A preocupação expressa na obra, coerente com sua época, foi a de explicar a história da evolução do pensamento grego de Homero aos sofistas e Sócrates. Inicia falando dos pólos que sustentam a vida espiritual humana, de um lado o *Mythos*, representado pelo pensamento religioso, e do outro lado, o *Logos*, na figura da ciência e da filosofia. O primeiro se identifica com a infância do mundo, o segundo com sua fase adulta. Para o autor, no entanto, ambos são irmãos, filhos do mesmo espírito grego, e vão alcançar um mesmo objetivo, por caminhos diferentes, que é o da criação de uma “cosmoteoria”. No final, ele não duvida que o vencedor da disputa foi o *Logos*. Nestle, no entanto, age diferente de F.M. Cornford (em *From Religion to Philosophy*, editado em 1912) já que não tem a filosofia como foco, mas tratou ainda de poetas, historiadores e médicos. Hecateu figura no capítulo V da obra, quando Nestle se ocupa da “interpretação racional do mito”, e tem no Milésio um exemplo marcante de pensamento racional. A edição utilizada para consulta foi a grega moderna: W. Nestle. Από τον Μύθο στον Λόγο. Μεταφ. Άννα Γεωργίου. Αθήνα: Γνώση, 2010. Ver as páginas 13, 15, 38, 39, 188.

racionalista ou analítico de pensamento. Apesar do caráter muitas vezes imaginativo, inexato ou confuso da antiga ciência grega no campo natural, os historiadores modernos identificaram nela o surgimento dos processos demonstrativos e lógicos da razão. O discurso chamado *racional* encarnava a transparência e a certeza na correção do conhecimento sobre o que acontecia sobre a Terra e no céu. Essa glória foi confiada a nomes como Tales, Anaximandro, Anaxímenes, Xenófanes, Anaxágoras e Empédocles, entre outros reconhecidos, desde o século XIX, como filósofos “pré-socráticos”. A partir deles, outros campos seguiram a tendência de abordagem crítica ao mundo mítico, como a medicina e a história.

As abordagens sobre aquelas antigas personalidades marcantes alimentaram a visão dos gregos como verdadeiros cientistas *iluminados* e como os primeiros pensadores materialistas naturalistas da história. Cada um dos primeiros filósofos havia fornecido o princípio material gerador de todas as coisas – as *αρχαί*, segundo Aristóteles. No caso de Hecateu, lembramos a bem humorada caracterização de Moscarelli³²⁴, de que ele fora um pensador “desprovido de *arche*”, e portanto, nunca chegou a ser enquadrado como “filósofo” segundo os critérios de Platão e Aristóteles. Momigliano, de sua parte, concebe Hecateu com se ele fosse um iluminista moderno, vivendo entre pensadores racionalistas³²⁵.

O tema da razão, da racionalidade e do que vem a ser racional tem se mostrado um campo controverso dentro da filosofia e da história da ciência. A razão humana não permaneceu concebida apenas como “faculdade” do espírito, instrumento da ciência e “luz da inteligência”, como os iluministas pregavam. Também não é em função da ciência que a razão trabalha e existe. Em sua historicidade, a razão passou a ser objeto de conhecimento, forma de proceder e conhecer no mundo, meio de vida, expressão intersubjetiva. Em *Rationalism in Greek Philosophy*, George Boas apresenta a racionalidade em termos de um sistema de princípios e métodos que geram consequências epistemológicas em dado tempo histórico. Para o autor, o racionalismo deve ser oposto às posturas míticas e mágicas da religião³²⁶.

³²⁴ E. Moscarelli. *I Quattro Grandi Milesi. Talete, Anassimandro, Anassimene, Ecateo. Testim. e Framm.* Napoli: Liguori, 2005, 27.

³²⁵ A. Momigliano, Il razionalismo di Ecateo di Mileto. *Atene e Roma* 12 (1931), 135. Para ele, Xenófanes é comparável a Voltaire (p.135).

³²⁶ G.Boas, 1961: ix-xi

Qualquer pesquisa racional separada de seu contexto histórico, tradicional, social, cultural, intelectual, torna-se inviável. Quer dizer que as justificações fornecidas pela pesquisa racional são essencialmente históricas, ou politicamente constituídas, não pura criatividade intelectual.

Nessa linha, pensamos que, no mundo grego, a razão nascente não deve ser avaliada fora do contexto da *polis*, como bem lembrou o professor inglês G.E.R. Lloyd³²⁷. Do mesmo modo, o francês J-P. Vernant assume a questão, afirmando que a razão grega é filha da cidade e, sendo assim, é uma razão eminentemente “política”, pois foi no plano político que ela “primeiramente se exprimiu, constituiu-se e formou-se”³²⁸. A postura racional estreia definitivamente na história do pensamento como um proceder crítico, ou seja, capaz de uma avaliação da inteligência de modo independente e livre acerca dos assuntos de interesse. Não é adequada a compreensão desse processo como uma passagem *mythos-logos*. O principal erro é considerar que “os Gregos”, em sentido geral, foram mais ou menos míticos, mais ou menos racionais, em certa época, tomando como referencial de “povo grego” alguns intelectuais que a literatura bem ou mal preservou em textos, como alguns filósofos ou dramaturgos, poetas ou prosistas antigos. Outro equívoco é considerar que mesmo essa classe de intelectuais cultivou aquelas categorias discursivas (*mythos e logos*) isoladamente, quando, na realidade, eles nunca se esforçaram para separá-las, como bem salientou Calame³²⁹.

A filosofia grega expressa pela razão nascente não foi puramente teórica, nem apenas uma razão técnica. Ela não se resumia apenas ao plano formal, mas esteve sempre implicada em um modo de vida, de participação política, eticamente fundamentada e jamais totalmente independente da teologia.

Os primeiros filósofos pré-platônicos já são cidadãos da *polis* e suas vivências intelectuais de racionalidade geraram modos de saber, sistemas de pensamento e métodos de investigação dos quais até hoje somos devedores. Os intérpretes modernos³³⁰ do pensamento grego têm reforçado a questão da racionalidade

³²⁷ G.E.R. Lloyd, 1993: 227 e ss..

³²⁸ J.P. Vernant. *Les origines de la pensée grecque*, 1962

³²⁹ C. Calame. The rhetoric of *mythos* and *lógos*: forms of figurative discourse. In: Richard BUXTON, (ed.). *From myth to reason? Studies in the development of Greek Thought*. Oxford: Oxford University Press, 1999, pp.119-144.

³³⁰ Por exemplo, cf. G.F. Nieddu. Testo, scrittura, libro nella Grecia Arcaica e Classica: note e osservazioni sulla prosa scientifico-filosofica – *Scrittura e Civiltà*. 8, 1984, 213–261. Nicholas Denyer. *Language, Thought and Falsehood in Ancient Greek Philosophy*. London and New York: Routledge, 1991. Barry Sandywell. *Presocratic Reflexivity: The Construction of Philosophical Discourse C. 600-450 Bc*, Vol. 3.

argumentativa, desenvolvida e iniciada pelos prosadores jônicos e filósofos do século VI a.C. até a época da sofística, já que, a partir daí, e depois com Sócrates, Platão e Aristóteles, há uma quantidade relevante de literatura sobre a qual é bem mais “evidente” a problemática da racionalidade.

Nesse período tardio, dos finais do século IV a.C., de fato, os intérpretes da filosofia antiga encontram material suficiente para satisfazer aos seus anseios acerca do desenvolvimento da retórica e da oratória, da ciência e da lógica. É que, nesse período, é realmente bastante notável o predomínio do discurso “racional” sobre a vida na *polis*, incluindo na sua vida intelectual; não mais o predomínio da palavra mítica, divinatória, poética, e, sim, o da palavra em sentido controverso, dialético, disputável, de caráter eminentemente laico, argumentativo e oratório-retórico. Os acontecimentos no campo político, cultural e tecnológico, vivenciados desde o século VI a.C., favoreceram, se não quisermos dizer que “causaram”, uma revolução cultural que pode ser medida pelo caráter da argumentação que se desenvolveu concomitantemente com todos esses fatores, visível e constatável claramente no século V a.C., entre físicos, médicos e historiadores.

O intrigante nisso tudo é que, na época arcaica, algumas cidades jônicas e eólias não viveram anos de liberdade e abertura democrática em suas instituições políticas, mas vivenciaram tiranias, como em Mileto, Samos e Mitilene. Geoffrey Lloyd³³¹ argumenta que o desenvolvimento intelectual grego, incluindo o aspecto crítico de pensamento, esteve estreitamente vinculado à evolução dos processos políticos, com o debate sobre a natureza caminhando paralelamente aos assuntos da vida política. Para ele, a pesquisa filosófica e científica não se concentrou tão somente dentro de sistemas democráticos, mas foi um fenômeno extenso, visível em diversas constituições políticas. Ao que parece, as próprias tiranias gregas prezaram as manifestações intelectuais de seus cidadãos, e alguns tiranos fomentaram, inclusive, as artes e a cultura em seus domínios, como Polícrates em Samos, e Trasíbulo em Mileto; outros até ficaram conhecidos como “sábios”, como foi o caso de Pítacos em Mitilene, e Periandro em Corinto, incluídos nas famosas listas dos Sete Sábios da Grécia (Diog. L. I, 13).

London: Routledge, 2003. Edward T. Jeremiah. *The Emergence of Reflexivity in Greek Language and Thought: From Homer to Plato and beyond*. Leiden: Brill, 2012.

³³¹Geoffrey Lloyd (1993, pp.236 e ss.)

A argumentação é uma prática discursiva marcante das sociedades com certo grau de liberdade política, de abertura intelectual e de igualdade mínima entre os atores sociais. Enfim, ela é própria dos espaços democráticos. Por isso, Vernant pode afirmar que a razão surgira na Grécia como consequência de uma forma bem original de instituições políticas, a qual chamamos *polis*³³².

Haverá certo desejo de observação empírica, da parte dos primeiros pensadores gregos, seja sobre os fenômenos, sobre a geografia do mundo, e sobre toda sorte de eventos, do céu e da terra. O que se notará em suas colocações, em muitos casos, não é o que deriva apenas de crenças tradicionais, nem de pura imaginação ingênua. A sua preocupação era dar sentido ao mundo e, aqui, aos elementos dos corpos celestes, da chuva ou do relâmpago, ou sobre rios e mares; não se baseará mais em entidades sobrenaturais, muito embora alguns pontos de partida fossem realmente míticos. Para Olof Gigon³³³, essa abordagem que se diz “crítica” não estava mais de acordo com a realidade que aquela do mito: o sol nem é um “homem sobre uma carruagem” (mitologia), nem uma “roda que gira” (Anaximandro)³³⁴.

Tentar encontrar racionalidade “do argumento” no pensamento arcaico é assaz problemático, pois é preciso uma minuciosa e cuidadosa aproximação interpretativa e filológica, histórica e filosófica dos fragmentos que restaram daqueles mais antigos autores. Grande parte das interpretações modernas sobre aquele período segue a tendência positivista ou pragmático-cientificista, que procura encontrar nos gregos o *seu* modelo de racionalidade lógica, de padrão científico ou positivo. A razão grega, no entanto, como categoria teórica, apenas recebe o estatuto de “lógica” no pensamento de Platão, quando este tratou da função da alma que calcula³³⁵. Naqueles mais antigos filósofos, médicos e historiadores, cujas categorias nem eram distintas ainda, não havia a consciência do rigor lógico, mesmo que, algumas vezes, eles fossem logicamente bem rigorosos. A sua razão corresponde ao que os franceses traduzem por *sagesse*, em grego *sophía*, *phrónesis*, *episteme*. O sábio é aquele que “se entrega à ordem racional do mundo, a uma normatividade superior de origem divina”, segundo Jean Grondin³³⁶. A

³³² J.P. Vernant, 2001, p.194.

³³³ P. Gigon, 1985, p.43

³³⁴ 12DK21B. Em outra visão, G.Vlastos, 1996, p.120 bem nota que no caso dos *phisikoi*, as teorias não são tão vulneráveis à refutação pelo simples apelo à observação dos nossos sentidos.

³³⁵ Cf. José Wilson da Silva. *A Tripartição da Alma República de Platão*. 09-03-2012. 136pp. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo – São Paulo-SP, 2012, pp. 48 e ss.

³³⁶ J. Grondin, 1996, p.11

razão clássica grega era mais que o conjunto de regras do correto pensamento, mais que os meios de validar raciocínios. Ela era também a ordem do mundo, o princípio de existência, o sentido da realidade, a busca por sentido na vida.

O campo conceitual do que seja “racional” é tão amplo e “aberto” que, ao ser inserido no debate histórico, seja dos filósofos pré-platônicos ou dos primeiros logógrafos, pode causar alguma confusão ou prejuízo teórico-epistemológico e, até mesmo, histórico. Podemos enxergar racionalidade em qualquer ato inteligente? Em qualquer discurso ordenado, por exemplo, em uma narrativa mítica? Ou apenas em posturas consideradas “científicas”?

O estudo da razão argumentativa não deve encerrar-se na racionalidade formal, pois, como linguagem que interage no real, torna-se inseparável do contexto cultural e histórico da reciprocidade sócio-comunicativa. Argumentação não é pura retórica, nem se resume à dialética ou à lógica; é um discurso no qual essas três categorias ou disciplinas historicamente coexistiram. Também se manifesta na abstração metafísica ou no mundo prático, no campo da *physis* ou no do *nomos*, na religião ou na ciência. O discurso dos mais antigos pensadores compreende pontos de partida muitas vezes “dogmáticos” ou míticos, lançados como “opiniões” que mereceram recordação da posteridade, muito embora esse discurso fosse munido de raciocínios e enunciados explicativos da realidade.

Na sua relação com os fenômenos naturais, a argumentação surge como “justificativa” do que é observado, em um esforço de dar sentido às coisas que acontecem, às que são aprendidas ou às observadas. Sua racionalidade advém dos meios de raciocínio utilizados, também da forma com que se ordena o pensamento, e da maneira como cada posição (opinião ou “verdade”) é disposta para que o público aceite ou acredite no que diz a exposição.

Então, pelo contexto da *razão-palavra*, da mais antiga argumentação, as primeiras obras escritas em prosa foram construídas. O esforço daqueles antigos autores não era outro senão utilizar recursos discursivos geradores de confiança, pela forma com que cada um deles ordenou seu pensamento para expor suas ideias (teses ou verdades) e como tentou fazer aprovar o seu discurso para a comunidade.

7.2. Hecateu e sua racionalidade histórica

Os logógrafos, os mitógrafos e os cronologistas tomarão para si as tradições ancestrais gregas que estavam a cargo dos poetas divulgar à sociedade e, por um processo de coleta, ordenação, revisão e, às vezes, correção, de tais narrativas, eles farão com a história o que os físicos fizeram com os fenômenos. Nas palavras de F. Jacoby, a correção das lendas dos Helenos era “um passo muito natural na história”³³⁷. Mas, os poetas não trabalhavam com a memória de forma a deixar as tradições íntegras ou intactas, em sua transmissão. Eles davam as próprias cores, retocavam, alteravam ou construía sua percepção das lendas. Não sem razão, o mundo da oralidade também é o mundo da transformação, muito embora existissem núcleos de eventos que, provavelmente, passaram de geração a geração sem tantas alterações. Quatrocentos anos após Homero, o historiador Heródoto ou o sofista Górgias ainda falavam de Helena, Menelau, Troia e todo o resto, como se fossem sua história antiga. Todos eram considerados verdadeiros na medida em que não se duvidava deles.

Os logógrafos, por seu turno, fizeram um levantamento dessas tradições, no intuito de ordená-las e, de certo modo, interpretar as versões existentes. Fizeram pesquisas genealógicas para ligar o poder aristocrático das cidades às gerações divinas e heroicas, e, em seguida, tentavam explicar os nomes dos lugares, dos povos, segundo eventos tradicionalmente conhecidos que haveriam ocorrido nesses locais. Portanto, esses homens são lembrados pelo esforço de “historicizar” o *epos*, um processo que teria se iniciado antes deles, como defende Santo Mazzarino³³⁸, com os trabalhos de Calino, Mimnermo e Epimênides, nos quais seriam encontrados os primeiros indícios da historiografia crítica grega.

A poesia elegíaca dos dois primeiros poetas era recheada por informações históricas e lendárias acerca de eventos antigos no mundo grego e bárbaro. Ao contrário de Arquíloco, que se preocupava mais com eventos pessoais, aqueles poetas deram passos importantes no sentido de trabalhar a memória coletiva, como também de estabelecer a continuidade entre passado e presente, conforme farão os logógrafos.

³³⁷ F. Jacoby. RE (1912), p.

³³⁸ S. Mazzarino. *Il Pensiero Storico Clássico*. V. I. Roma-Bari: Laterza, 1990, pp.44-52.

Esses poetas usaram o canto para falar sobre a invasão dos Cimérios na Anatólia, sobre a história dos Pelasgos (habitantes primitivos do Peloponeso), a fundação de Esmirna, a história do reino vizinho dos Lídios, entre outras, e terminaram servindo como fontes para historiadores posteriores, como Hecateu e Heródoto.

Epimênides, figura quase lendária segundo a tradição, natural de Creta, era um teólogo inspirado, um místico entendido acerca dos assuntos divinos, não um logógrafo ou historiador. Mas, é ainda S. Mazzarino³³⁹ que vê nele um profeta do passado, alguém que se preocupou com a verdade pregressa para alcançar um melhor entendimento do presente e do futuro. A atenção por ele concedida ao passado o capacitava a prever, interpretar e analisar os eventos humanos em jogo, apesar da abordagem religiosa típica de sua personalidade. Foi assim que o iniciado Epimênides trabalhou para purificar Atenas de uma pestilência que assolava o lugar, atribuindo, como causa da desgraça, o assassinato dos Cilônidas (Diog. L. I, 109), nos finais do século VII a.C.

Após suas viagens e o registro da *Periegesis*, que devem ter ocorrido antes da virada do século VI a.C., e mesmo após a derrocada de sua Pólis natal, Hecateu resolveu tratar da variedade dos mitos gregos locais, desde os que aprendera em sua formação, em Mileto, até os que ouvira das pessoas por onde andara. Ele teve a oportunidade, como poucos, de poder visitar os locais aos quais os aedos atribuíam os grandes eventos do passado grego, desde as Colunas de Hércules até a Ibéria e Magna Grécia, a Grécia, o Mar Negro, a Fenícia, o Egito e Líbia, regiões que a mitologia acolheu para as suas narrativas. A obra em que ele depositou todo esse material foi, claro, as *Genealogias*. Mas, como disse Pearson³⁴⁰, a presença de geografia é bastante sensível nesta obra. Ele tentou achar o verdadeiro roteiro dos Argonautas, pelo conhecimento dos rios e mares³⁴¹; buscou localizar a região das Amazonas em Temiscira do Termodonte³⁴² ou, ainda, propôs uma localização aceitável para o rebanho de Gerião, na Ambrácia e nos Anfílocos³⁴³.

O início das *Genealogias*, o F1 de Hecateu, que analisamos detalhadamente no capítulo III desta pesquisa, tem causado fascínio em mais de um historiador moderno, tanto pela audácia e a força da expressão, como pela personalidade que o autor

³³⁹ S. Mazzarino, 1990:46-47.

³⁴⁰ L. Pearson, 1975:98 e ss.

³⁴¹ F18a e F18b.

³⁴² F7a e F7b.

³⁴³ F26.

demonstra na construção de seu saber. Eis a passagem: “Hecateu de Mileto declara o seguinte: escrevo as coisas que, em minha opinião, são verdadeiras, pois as histórias dos gregos, como a mim se apresentam, são demasiadas e ridículas”.

Assim ele preconizava a primeira descrição metodológico-crítica da historiografia grega. Como bem define A. Roveri³⁴⁴, se tem falado do “racionalismo” que se encontra embutido aqui, nas suas mais diversas tonalidades, com aspectos de “iluminismo, irreligiosidade, investigação por verossimilhança ou univocidade do mito, probabilismo ou posicionamento crítico dedutivo, conforme o desejo de se descobrir o equivalente crítico do proêmio”, ou seja, o pretense caminho que Hecateu havia deixado para se interpretar a sua obra.

A revisão dos mitos, como aparece em pouquíssimos fragmentos das *Genealogias*, e pelo que pode inspirar o famoso proêmio, não deve ser confundida com sinais de irreligiosidade de Hecateu. Nem sua proximidade com Xenófanés é capaz de comprovar isso, pois a relação intelectual entre ambos, conforme veremos adiante, é apenas suposição.

Não há como dizer que o poeta de Cólofon transmitiu sua crítica teológica para o Milésio, quando os fragmentos que temos não indicam isso. Hecateu não criticou os mitos ou as genealogias heroicas porque eles eram de fundo religioso. Ele o fez porque se baseavam em narrativas absurdas e contraditórias diante da experiência humana³⁴⁵. Para Momigliano, em seu ensaio de 1931³⁴⁶, a intenção de Hecateu era, certamente, afastar os aspectos religiosos da tradição e, com isso, trazer a realidade física que contradizia os mitos, em uma postura mais naturalística de mundo³⁴⁷.

Certamente Hecateu se referiu a povos considerados fabulosos, estranhos ou meio mitológicos, como os Pigmeus (F328a), as Amazonas (F7b, F34, F226), os Ciápodés (F327) e os Cimérios, muitos deles conhecidos da poesia mais antiga e por autores próximos de sua época, como Ésquilo (c. 525-456 a.C.) e Píndaro (c.522-443

³⁴⁴ A. Roveri. *La nascita delle forme storiche*

³⁴⁵ F. Jacoby resume a questão dizendo que ele buscará fazer a crítica contra os ingredientes milagrosos e não naturais dos contos épicos, sendo, nisto, bastante influenciado pelo movimento filosófico do século VI a.C., que “priorizava a razão ao invés da tradição”. F. Jacoby. RE (1912), p. 2738.

³⁴⁶ A. Momigliano. Il razionalismo di Ecateo di Mileto. *Atene e Roma* 12 (1931), p.135

³⁴⁷ Segundo R. Nicolai, Hecateu não era ateu ou irreligioso, mas se limitava a excluir os deuses dos eventos humanos. Na sua linha naturalista, de confrontar os mitos, ele havia sido mais avançado que Heródoto, segundo o autor, já que este admitia a intervenção dos deuses na história, precedendo Tucídides. R. Nicolai. “Pater semper incertus. Apunti su Ecateo”. *Quaderni Urbinati di Cultura Classica*. 56, n.2 (1997) pp. 148.

a.C.). Porém, o fato a destacar é que não vemos Hecateu propagar os seres meio humanos e monstruosos, do tipo que são atribuídos a outros autores, como Hesíodo, Cílix e Ésquilo³⁴⁸, ou dos que Heródoto registrou³⁴⁹.

Depois de apenas dois anos do ensaio de Momigliano, Gaetano De Sanctis³⁵⁰ demonstrou que Hecateu não havia se afastado do sobrenatural, uma vez que não se libertara da tradição hesiódica, uma vez que não se libertara da tradição hesiódica, porque, por exemplo, suas informações genealógicas não eram totalmente críticas, pois seu autor continuava a acreditar nos mitos. Ele próprio se via como descendente de um deus na décima sexta geração, como conta Heródoto (II, 143), e citou até um carneiro que falava (F17), e a cidade lendária dos Cimérios (F219).

Além do mais, a crítica grega à tradição estava longe de constituir uma inovação de Hecateu, tendência esta já observada em Hesíodo, Sólon e Xenófanes, por exemplo³⁵¹. Hecateu caiu nas graças dos modernos, pois passou a representar o retrato fiel do crítico do mito nos inícios da história científica. Os fragmentos que restaram foram preservados graças ao interesse de historiadores e eruditos antigos ou tardios³⁵² sobre a memória dos mitos ancestrais gregos.

A nosso ver, é um exagero considerar a sentença de Hecateu como uma expressão racionalística, pelo menos na medida em que se tem acreditado. A visão de um Hecateu revolucionário da historiografia levou os autores modernos a ingressarem num grande mal-entendido. Parece que Hecateu era contrário ao grande número de

³⁴⁸ Para isso, ver Estrabão VII 3, 6, onde se critica a inclinação de Homero e outros antigos (*palaioi*) para o que era fantástico e mítico: homens metade cão e metade gente, com cabeça de cão, com cabeça enorme mas anões, de um olho só, ou com olhos no tórax, etc. A lista de seres fantásticos em Cílix também foi grande, conforme o testemunho do gramático bizantino João Tzetzes, do século XII d.C., como os Ciápodes (literalmente “pés-de-sombra”, também citados por Hecateu, talvez do próprio Cílix), os homens de orelhas imensas, homens de um olho só, outros que só propciam uma vez, entre outras “inumeráveis maravilhas extraprdinárias”, ditas como se fossem verdadeiras, e não invenções, segundo o erudito (cf. *Chiliades* 7.629-630, 7.640 - BNJ 709 F 7b)

³⁴⁹ Por exemplo, Heródoto refere, descrente, notícias de homens sem cabeça na Líbia (IV 191), outros com pés de cabra e que dormem por seis meses, na Cítia e norte da Europa (IV 24-25), por exemplo.

³⁵⁰ G. De Sanctis. 1933:9-12

³⁵¹ Hesíodo reconhece que as Musas inspiradoras sabem tanto dizer falsidades semelhantes a verdades, quanto declarar verdades (*Theog.*27). Sólon é consciente de que “Muito mentem os aedos” (F29 West, trad. Ma.Helena da Rocha Pereira, 2009:138). Xenófanes, por seu turno, reagiu à educação dos grandes poetas, como Homero e Hesíodo, ao declarar que: “Quanto há de vergonhoso e censurável, tudo isso atribuíram aos deuses Homero e Hesíodo: roubos, adultérios, mentiras”(F11 Diels-Kranz; Trad. Ma. H. da Rocha Pereira, 2009:149).

³⁵² Por exemplo, Heródoto, Ateneu, Pausânias, Estéfano e os escoliastas.

versões de cada mito e ele até pode ter desejado não apenas ordenar a confusão das versões, como ainda salvar o que havia de “histórico” naqueles discursos³⁵³.

Uma parte dos estudiosos de Hecateu se debate sobre uma série de fragmentos em que pretensamente o autor Milésio havia demonstrado sua “racionalidade”, enquanto outra parte desses estudiosos salienta outras passagens onde fica patente a crença hecataica em fábulas, mitologia e feitos miraculosos. A questão de “decidir” se Hecateu era ou não “racionalista”, a nosso ver, é mal colocada, pois para os autores desde o século XIX até metade do século XX, o racional tem a ver com o pensamento científico, no modelo em que o ocidente o considera, uma postura ausente de crença religiosa e de atuação sobrenatural ou divina, com base em objetividade, coerência lógica, crítica, verdade e prova. Embora haja traços dessa Razão em Hecateu, seria exigir demais de um autor grego arcaico os padrões científicos modernos. Muitos estudiosos não atentaram para o tipo de racionalidade que aparece em Hecateu, de fundo basicamente prático, desde que tratou com o que estava a seu alcance, seja por meio de suas viagens, seja por meio da investigação do passado, com base na narrativa mitológica. O próêmio das *Genealogias*, para muitos estudiosos, é considerado suficiente para ilustrar o racionalismo hecataico, porém, a sentença nem é clara nem foi preservada inserida no contexto da obra, e sim como uma citação isolada. Portanto, vale a pena tentar verificar, nos fragmentos, até que ponto seu autor cumpre o que promete na famosa sentença. Passemos em revista os fragmentos que supõem apoiar a tese de um Hecateu racionalista:

F26: Gerião não vivia em uma ilha no meio do rio Oceano chamada Eriteia, no extremo ocidente, e sim no continente, nos arredores da Ambrácia e Anfíloquia (região do Épiro). Retrata-se aqui o décimo trabalho de Hércules segundo os *lógoi* gregos tradicionais. Esse passo foi registrado por Arriano, no século II d.C., e não sabemos o estado do texto que ele supostamente havia consultado. Mas ao fornecer a posição de Hecateu, é claro em afirmar que o Milésio negava qualquer relação desse trabalho com a terra dos Íberos e nem Hércules havia estado em qualquer ilha do Oceano, fora do Grande Mar (Mediterrâneo).

Como argumento para confirmar a colocação de Hecateu, Arriano declara conhecer a região à qual o Milésio localizou o reino de Gerião onde hoje é o Épiro: “Eu mesmo sei bem que tal região possui desenvolvida agricultura e que ali é criado

³⁵³R.Fertonani, 1952:28

excelente gado”. É provável que, se Hecateu não seguiu uma tradição mais antiga³⁵⁴, tenha percebido os absurdos dessa empresa de Hércules, sobretudo após visitar os extremos do ocidente, e também após conhecer Ambrácia e Anfilóquia, regiões propícias para gado, nas planícies da costa adriática. Como lembra Tozzi³⁵⁵, o Gerião do mito possui qualidades fabulosas, como ter três cabeças³⁵⁶ e viver em uma ilha fora do alcance humano, no Oceano. Na abordagem da compreensão mítica hecataica, Hércules é ainda um grande herói, mas trabalha dentro das capacidades humanas, e Gerião não é mais um monstro, mas um rei do Épiro.

O Milésio não nega a existência dos trabalhos do filho de Alcmena, e eleva o feito magistral do roubo dos bois de Gerião declarando que Hércules trouxe o rebanho da Ambrácia, “e esse trabalho não foi de pouca importância”. Ou seja, *mesmo* Hércules não tendo ido à Ibéria buscar os bois para entregá-los em Micenas, ele não desmereceu a importância do seu feito, nem o destituiu de sua divindade³⁵⁷. Em sua tarefa de correção dos mitos, tenta interpretar de modo mais crítico, na medida em que oferece uma versão menos “exagerada” da tradição, pelo menos quanto aos padrões humanos. Jacoby³⁵⁸ viu nessa passagem um forte indício de que a composição das *Genealogias* ocorreu em algum tempo posterior à da *Periegesis*.

O fragmento 76 fornece uma lenda de que Hércules havia passado pela Sicília, naturalmente vindo do Ocidente. Em F16 ele contradiz tal versão, em uma revisão posterior³⁵⁹.

F27a: Hecateu continua a tratar de Hércules e suas aventuras. Para o mitógrafo Milésio, nem o herói desceu ao subterrâneo de Hades, nem o chamado “Cérbero”, o seu guardião, era o monstro fantástico que se descrevia pela tradição³⁶⁰, no décimo primeiro trabalho do herói. A passagem vem de Pausânias, autor tardio mas igualmente crítico

³⁵⁴ L. Pearson, 1975: 104.

³⁵⁵ P. Tozzi, 1966: 65.

³⁵⁶ Hes. *Th.* 287.

³⁵⁷ G. De Sanctis, 1951: 6.

³⁵⁸ F. Jacoby, 1975: 2741-2.

³⁵⁹ De Sanctis, 1951: 11 e 17 afirma que, primeiro, ele aceita a tradição, e depois a nega. Assim, na concepção do autor italiano, à época das viagens e da composição da *Periegesis*, Hecateu estava ainda envolvido pela tradição “pseudostórica” dos Gregos: “la sua maggiore scoperta si preparò attraverso le dure esperienze degli anni maturi”.

³⁶⁰ Monstro com três cabeças de cão, cauda de serpente, e no dorso, várias cabeças de serpente levantadas. Havia também a imagem de que ele fosse um monstro de cinquenta ou cem cabeças. Cf. P. Grimal, 2009: 83. Aqui, Hecateu faz-se contrário à tradição poética, como aparece em Homero (Il. VIII 365-368; Od. XI 623 e ss.)

das tradições míticas, as quais pretendeu racionalizar, confrontando-as com a realidade do mundo atual³⁶¹. Esse autor remete à autoridade de Hecateu para fundamentar suas próprias críticas racionalistas, e ao menos atesta a importância do Milésio ainda na literatura erudita tardia. Hecateu não leva Hércules ao Hades, mas após ter visitado a gruta que há no Cabo Tênaros³⁶², reinterpreta o mito, sugerindo que ali não vivia um cão monstruoso, mas sim uma terrível serpente³⁶³, muito venenosa. Ele certamente acreditou que o herói deve ter capturado esse animal na gruta. Como bem trabalhou Nenci³⁶⁴ sobre essa passagem, ele não substituiu Cérbero por uma serpente comum, mas pela “mais terrível das serpentes”, que embora não fosse tão grande, tinha um veneno fatal. Esse comentário está tanto em Pausânias (F27a) quanto no escoliasta de Antímaco, de data incerta. O passo dado por Hecateu na compreensão das fantasias míticas, apesar de não ter sido completo e não valorizado em seu tempo, foi muito importante para o futuro do pensamento grego e ocidental.

F19: Hecateu defende que os filhos de Egito não eram cinquenta, como pregava Hesíodo, e sim que não passavam de vinte. A lenda das Danaides era uma das mais famosas da Grécia³⁶⁵, e narra como Dânao, um príncipe egípcio, fugira para Argos levando suas cinquenta³⁶⁶ filhas, perseguidas pelos cinquenta filhos do irmão de Dânao, Egito. Ele reforça que o próprio Egito nunca foi a Argos, e sim seus filhos. Tudo indica que o Milésio não aceitou passivamente tal narrativa, e faz questão de usar a primeira pessoa, tal qual no prólogo de sua obra, declarando “embora para mim” (ὥς ἐγὼ δέ). Com seu ponto de vista crítico, propôs “nem vinte”, um número bem mais razoável para a quantidade de filhos de uma pessoa.

F29a e F29b : Coloca-se contra a tradição de Hesíodo, de que Hércules raptou e violentou Auge. Os fragmentos são provenientes de Pausânias. Hecateu propõe, em sua revisão dos mitos, que Auge havia dormido com Hércules, quando este passava por

³⁶¹ P. Veyne. *Acreditaram os Gregos em seus Mitos?* Trad. António Gonçalves. Lisboa: 1987: 30 e 63.

³⁶² Esse cabo fica no extremo sul da Lacônia, no Peloponeso, na península de Mani.

³⁶³ Para Nenci (1955:134-136), a versão vulgar tinha Cérbero na conta de um “cão”, mas na tradição douta, como Hesíodo, o considerava uma serpente. Tal suposição se baseia em Hesíodo (*Th.* 311 e 769). A nosso ver, Hecateu troca um cão por uma serpente na medida em que uma gruta não é lugar nem morada para um cão, e sim para serpentes.

³⁶⁴ G. Nenci. Eracle e Cerbero in *Ecateo Milesio*. *PP.* X (1955): 130-136.

³⁶⁵ Foi motivo de peças, comentários e referências dos grandes autores da literatura grega, como Hesíodo, Ésquilo, Píndaro, Pausânias, entre outros.

³⁶⁶ Esse número era de Hesíodo, segundo Hecateu, mas Píndaro refere o número de quarenta e oito filhas (*Pyth.* IX 111)

aquela cidade. O mito tradicional narrava que esse herói havia violentado a donzela³⁶⁷, contrariamente à posição de Hecateu, que acreditava que ela havia se unido com ele voluntariamente. Mais uma vez, o Milésio propõe uma interpretação do mito, de forma bastante humanizada, segundo sua compreensão vital. Hércules se uniu à jovem de forma consciente e com seu assentimento. Quando o Rei, pai dela, soube que ela estava grávida, castigou-a, o que não ocorreria se ela houvesse sido violentada³⁶⁸. Como interpreta Moscarelli³⁶⁹, “Auge não menciona, para se justificar diante do pai, a sua ligação com Hércules”. É notório que Hecateu acreditava nesse mito como se fosse história, apenas discordava da versão que se contava em seu tempo. O curioso é que séculos depois, o monumento do túmulo de Auge era mostrado na região de Pérgamo, na Mísia, segundo atesta o próprio Pausânias (VIII 4. 9).

A postura de Hecateu diante dos mitos simboliza um trabalho de revisão e confronto entre a tradição que ele havia aprendido em sua formação e sua experiência de investigador do mundo, pela qual exprimia sua liberdade de espírito. Os critérios dessa revisão, que muitos chamam de “crítica”, baseiam-se no desejo de tornar os mitos mais humanizados, não no de negá-los. Coube a Hecateu realizar o trabalho que nenhum dos filósofos de Mileto se prestou a fazer sobre as próprias tradições, que foi o de apresentar ajustes e correções às narrativas fabulosas ou inacreditáveis, com base na experiência prática e na verossimilhança.

Jacoby³⁷⁰ já havia reconhecido que o passo racionalístico de Hecateu não havia sido completo, desde que, segundo o autor, ele continuou a acreditar em sua árvore genealógica, mesmo depois do encontro com os sacerdotes de Tebas. Ademais, ele não purificou os mitos de sua carga religiosa, conforme demonstram os fragmentos mitográficos, e alguns vão até mesmo de encontro ao modelo racionalista de interpretação mítica. O primeiro deles é o F15, onde explica a origem do nome Etólia e fornece a história do surgimento da vinha, a partir de uma cadela que gera um pedaço de tronco que plantado, tornou-se a primeira videira. Essa passagem, oriunda de Ateneu, é uma das mais lembradas de autor milésio. Hecateu recorre a uma tradição mítica, para

³⁶⁷ Cf. P. Grimal. *Dicionário da Mitologia grega e Romana*. Trad. V. Jabouille. 5ª Ed., Lisboa: Difel, 2009, p.56.

³⁶⁸ A questão de raptos e violência contra mulheres gregas era um tema recorrente e controverso, sobretudo a respeito da anuência ou não das vítimas. Assim discutiu Górgias sobre o rapto de Helena, em seu *Encômio a Helena*, e Heródoto sobre o rapto de Io pelos Fenícios (I 1-5). De modo parecido

³⁶⁹ E. Moscarelli, 1999, p.101, n.22.

³⁷⁰ F. Jacoby, 1912: 2738

ele histórica, quando Oresteu, filho de Deucalião, veio reinar na Etólia, e quando se passa um fato no mínimo estranho, que vai originar o cultivo da vinha. Antes de questionar se Hecateu acreditava que uma cadela pudesse gerar um tronco, é preciso notar que ele utiliza essa narrativa para fornecer a geração de Deucalião e demarcar o herói epônimo da Etólia, Etolo³⁷¹. Tudo indica que ele colhere esse mito em âmbito local, e não podemos decidir, pelo trecho de Ateneu, se o Milésio pretendeu declarar o mito visando uma crítica, ou se fornecia sua própria versão sobre a questão, no caso, aquela na qual acreditava. O fato é que a citação é literal, e apesar do aspecto milagroso ou fabuloso da narrativa, possui o interesse em explicar o passado de certa região, em relação aos seus mais antigos habitantes ou ocupantes, dos tempos heroicos, inclusive fornecendo a genealogia de Deucalião. Essa versão contraria a ideia de que o cultivo da vinha foi um presente de Dioniso³⁷² para Eneias, o qual depois vai introduzir essa arte na Etólia³⁷³.

Como lembrou De Sanctis³⁷⁴, Hecateu não faz uso de intervenção divina em sua narrativa, nem torna o incrível ridículo. Tal ideia tem levado mais de um autor a acreditar que mesmo esse registro hecataico esteja baseado em dados racionais. Se pensarmos que Anaximandro havia cultivado muitas teorias biológicas³⁷⁵, não é de estranhar que Hecateu acreditasse de fato que um cão pudesse gerar um tronco de vinha³⁷⁶.

Por fim, a maioria dos autores modernos prefere não chocar esse fragmento com o próêmio de Hecateu, encontrando uma solução “racional” para o evento da cadela que gera um tronco. De todo modo, é preciso fazer concessões ao racionalismo hecataico e jônico, nesse ponto.

³⁷¹ Nesse ponto, ele contradiz a visão hesiódica de que Etolo era filho de

³⁷² Segundo Heródoto, com base em algum material hecataico, Dioniso havia vivido mil e seiscentos anos antes dele próprio (II 145). O Mármore Pário define para c. 1529 a.C. o Dilúvio de Deucalião, pai de Oresteu. Assim, é possível que Hecateu soubesse que Oresteu havia sido bem mais recente que Dioniso, tendo preferido acreditar na lenda local que trazia dados do epônimo que explicavam o nome da região Etólia.

³⁷³ Ver a discussão em A. Pownall, BNJ 1 F 15 (Commentary), que refere a Pseudo-Apolodoro 1. 8. 1 e Higino, *Fab.* 129.

³⁷⁴ G. De Sanctis, 1951: 16.

³⁷⁵ Ver nossa discussão sobre a biologia de Anaximandro em W. Heidel, 2011: 106-108. Para R. Fertoni (1952:26), as pesquisas sobre a origem das espécies eram um dos temas que mais interessavam à especulação da escola jônica.

³⁷⁶ Fala-se em *generatio in utero heterogeneo*, cf. L. Bertelli, 1998: 24. Mais recentemente, essa questão foi discutida por R. Drew Griffith. "Dogs, Vines, and the Invention of Wine (Hecataeus 1 F 15 *FGrHist*)."
Mouseion: JCAC, 10.3 (2010): 429-436.

No fragmento F17, proveniente do escoliasta de Apolônio de Rodes, surge a notícia de que Hecateu havia citado a história do carneiro que falou “por desejo de Zeus”, na lenda de Frixo. O relato devia estar relacionado à viagem dos Argonautas, pois menciona o velocino de ouro, o carneiro alado que levaria Frixo e sua irmã Hele para a Cólquida (local de chegada de Jasão e seus homens). Conta-se que quando Hele caiu na água e perdeu-se, e Frixo não sabia o que fazer, o Carneiro não apenas falou, como o ajudou a chegar na Cólquida a salvo. O fato de Hecateu citar um mito não indica que ele acreditasse em toda narrativa, mas no mínimo, confirma seu conhecimento das tradições e lendas gregas. A referência a Hecateu pelo escoliasta é curta demais para decidirmos sobre uma suposta falta de racionalidade do Milésio, que talvez estivesse expondo a lenda para criticá-la. Autores como Nenci e Fertonani simplesmente não mencionam esse fragmento, em seus artigos sobre o racionalismo de Hecateu³⁷⁷, enquanto De Sanctis é explícito em afirmar que ele é dispensável para suas pesquisas³⁷⁸. O principal a destacar é que sua postura diante dos mitos não ocorre em nome de uma ciência ou razão, e sim, em tornar credível o que dizia o passado, em tornar histórico o que era lenda.

³⁷⁷ G. Nenci (1951) e Fertonani (1952).

³⁷⁸ G. De Sanctis, 1951:16.

CAPÍTULO II – HECATEU E SUA OBRA

1. Os *corpora* de Hecateu: edições e estudos modernos

Qualquer estudo sobre Hecateu e outros logógrafos é inteiramente dependente das coleções e antologias dos fragmentos de suas obras. Os principais trabalhos de reunião dos fragmentos e testemunhos dos mais antigos historiadores, realizados ainda no século XIX, são os de Friedrich Creuzer, *Historicorum graecorum antiquissimorum fragmenta* (Heidelberg, Officina Mohrii et Zimmerii Academica, 1806), e posteriormente, os cinco volumes de Karl & Theodor Müller, *Fragmenta historicorum Graecorum*, produzidos entre 1841 e 1870, em Paris, e editado pela Didot.

No século XX, sem dúvida a mais importante e influente edição dos fragmentos historiográficos antigos está na obra do filólogo e classicista alemão Felix Jacoby (1876-1959), *Die Fragmente der griechischen Historiker*, frequentemente citado *FGrHist* ou *FGrH*, escrito entre 1923 e 1959, interrompido por conta da morte do autor. Essa grandiosa antologia reúne, em quinze volumes, os fragmentos de 856 autores, além de comentários, notas, adendos e correções. No final da vida de Jacoby, seu projeto não havia sido concluído, pois ainda faltava trabalhar as biografias antigas e os autores de geografia histórica³⁷⁹. Não obstante, a obra de Jacoby constitui uma referência incontornável para qualquer estudo sério sobre a antiga historiografia grega. Interessa lembrar que Hecateu é quem inicia a lista dos autores reunidos por Jacoby porque, para ele, o milésio foi o mais antigo historiador grego.

Sobre os fragmentos e testemunhos de Hecateu foram feitos trabalhos antológicos específicos, ainda no século XIX, como o de Rudolf Heinrich Klausen,

³⁷⁹ Está em curso, no entanto, o projeto Brill's New Jacoby, dirigido por Guido Schepens, que reúne estudiosos de várias universidades para não apenas reeditar todos os volumes da obra de Jacoby, mas continuar sua obra, fazendo as atualizações, críticas e comentários ao texto, e ainda as traduções para o inglês dos fragmentos e testemunhos dos antigos historiadores, sábios, cronistas e do material autobiográfico presente na obra de Jacoby. Até o momento, já foram publicados os volumes I, II e III (Ed. por Ian Worthington -Univ. of Missouri, 1998-1999). Também esses três volumes (mais o IV e o V) estão disponíveis Online (in: <http://www.brill.com/publications/online-resources/jacoby-online>), sendo esses últimos editados sob direção de Stefan Schorn e Hans J. Gerkhe, respectivamente. Aguarda-se mais duas partes para lançamento em 2013.

Hecataei Milesii Fragmenta: Scylaxis Caryandensis Periplus (Berlim, 1831), que procurou aprimorar o material sobre Hecateu que a edição de Creuzer não satisfazia. E, em complemento ao material de Hecateu, esse autor apresentou os fragmentos do périplo de Cílix de Carianda, que viveu no mesmo contexto e época do milésio, e havia supostamente registrado as viagens que fez pelo Mediterrâneo oriental comandando uma frota a serviço de Dario I, segundo o relato de Heródoto (IV 44)³⁸⁰. Tanto a edição de Creuzer, como as de Karl e Theodor Müller e a de R. Klausen trazem uma introdução em latim sobre a vida e obra de Hecateu. Os Müller, em sua edição, trazem a tradução latina dos fragmentos ao lado do texto grego, enquanto Klausen limita-se a comentar, também em latim, a maioria dos fragmentos. Posteriormente, e após a edição do primeiro volume de F. Jacoby, que apresentava Hecateu como primeiro historiador, vale lembrar o trabalho do italiano Giuseppe Nenci, *Hecataei Milesii Fragmenta* (Firenze, 1954), no qual são apresentados os fragmentos do milésio no original grego e sem tradução, ainda constando uma introdução em italiano, bastante esclarecedora, sobre os principais problemas que emergem da figura de Hecateu e sua obra³⁸¹.

A outra antologia dos fragmentos hecataicos também saiu na Itália, no trabalho do professor Enrico Moscarelli, *Ecateo di Mileto. Testimonianze e Frammenti* (Napoli, 1999), que se baseou na edição de Nenci. Moscarelli apresenta as notícias antigas sobre o milésio e traz a versão bilíngue dos fragmentos, em grego e italiano³⁸². No campo dos estudos hecataicos, salientamos ainda uma dissertação pouco lembrada de Joseph Grossstephan, *Beiträge zur Periegesis des Hekatiös von Milet* apresentada na Kaiser-

³⁸⁰ No entanto, conforme será discutido adiante, os fragmentos que chegaram sob a rubrica de Cílix de Carianda, ou conforme outros, de um Pseudo-Cílix, eram, na verdade, provenientes de um autor desconhecido e mais recente, do século IV a.C., e não do verdadeiro almirante cário. Cf., por exemplo, Graham Shipley (ed.), *Pseudo-Skylax's Periplous: the Circumnavigation of the Inhabited World*. Text, Translation and Commentary. Exeter: Bristol Phoenix Press, 2011.

³⁸¹ Giuseppe Nenci (1924-1999) foi por décadas professor de várias disciplinas de Estudos Clássicos na Escola Normal Superior de Pisa, e também um incansável pesquisador do antigo pensamento histórico grego, deixando um legado considerável entre livros e artigos, muitos deles diretamente ligados à problemática do surgimento da historiografia. Sobre a questão hecataica e outras da historiografia grega mais antiga, temos os seguintes trabalhos de G. Nenci: Uma risposta delfica all metodologia ecataica. *Critica storica*, III (1964), pp. 269-286; La Storiografia preerodotea: *Critica storica* VI (1967), pp. 1-22; Ecateo di Mileto e la questione del suo razionalismo, *Rend. Atti della Acad. Naz. dei Lincei*, Ser. VIII, VI (1951), pp. 51-58; Callimaco e la Periegesi di Ecateo. *Parola del Passato*, VIII (1953), pp. 225-231.

³⁸² Moscarelli reeditou esse trabalho sobre Hecateu em seu *I Quattro Grandi Milesi* (Napoli: Liguori, 2005), edição bilíngue dos testemunhos e fragmentos dos três filósofos de Mileto mais Hecateu. A introdução e a tradução de notas são do próprio Moscarelli; a apresentação é de Aniello Montano. Nunca é demasiado noticiar que o Professor Eugenio Lanzillotta, da Universidade de Roma Tor Vergata, encontra-se, no momento, a trabalhar para a re-edição dos fragmentos dos antigos historiadores Hecateu, Acusila e Cáron, juntamente com as professoras Valeria Foderá e Daniela Quadrino, ambas da mesma Universidade, dentro do projeto *I frammenti degli storici greci* .que dirige nessa instituição

Wilhelm-Universität (Estrasburgo, 1915), na qual discute alguns pontos problemáticos nos fragmentos da *Periegesis*, como por exemplo a datação provável de sua composição. Em épocas mais recentes, de grande contribuição são os escritos de Pierluigi Tozzi, professor da Universidade de Pavia, que nos anos 1960 editou uma série de artigos “*Studi su Ecateo di Mileto*” pelo periódico *Athenaeum*, daquela mesma Universidade³⁸³. Basicamente, este autor desenvolve as implicações possíveis da tese de Jacoby, segundo a qual o método histórico de Hecateu derivava, em última análise, da *historie* jônica cultivada pela Escola de Mileto. Ainda entre os italianos, outra linha de pesquisa sobre Hecateu foi desenvolvida por Santo Mazzarino, segundo o qual a historiografia grega resultava dos processos sociais e políticos do período arcaico grego. O eixo de suas teses está na ideia de que o nascimento do pensamento histórico liga-se às revoluções sociais que na Grécia acompanharam cada período, cada fase de seu desenvolvimento. Em seu livro *Il Pensiero Storico Classico I*³⁸⁴ ele apresenta o contexto cultural e social que permitiu o florescimento do pensar histórico. Em sua visão, a “história antiga”, expressa em *lógoi*, era para os Gregos digna de estudo e de fé tanto quanto a história medieval o é para nós³⁸⁵. Hecateu pretendia, em sua opinião, reduzir as tradições ao ‘verossímil’, ao *eikós* (...)”³⁸⁶.

Não poderíamos deixar de apontar a importância de outras publicações e estudos sobre a historiografia antiga que também deram relevância à figura e obra de Hecateu: o artigo de Felix Jacoby sobre esse autor (s.v. “Hekataios von Milet”) na *Pauly-Wissowa Realencyclopädie*. (RE), 2667-2750 (1912), merece atenção, já que expõe as posições centrais de seu autor acerca do milésio, que se tornarão uma das principais referências para os estudos posteriores dos temas envolvidos.

No mundo anglófono, destaca-se a monografia de Lionel Pearson, *Early Ionian Historians* (Oxford, 1939), que apresenta uma vasta discussão sobre as obras dos antigos logógrafos, entre os quais Hecateu, Xanto, Cáron e Helânicos. Ele avalia dados biográficos desses autores, e em seguida passa a examinar os problemas históricos suscitados pelos seus fragmentos. Algumas posições de Pearson sobre Hecateu, em

³⁸³ P. TOZZI, *Studi su Ecateo di Mileto*, I : Ecateo ed Euripide. *Athenaeum* ns 41 (1963): 39-50; *Studi su Ecateodi Mileto*, II : Ecateo e la cultura ionica. *Athenaeum* n.41, (1963), p. 220 *Studi su Ecateo di Mileto*, III: *Lingua e stile di Ecateo Milesio*. *Athenaeum*. n.42,1964, p. 103 :*Studi su Ecateo di Mileto*, IV: *la ΙΣΤΟΡΙΗ di Ecateo*. Pp. 41-76. *Athenaeum* /n. 54/1-2 (1966); *Studi su Ecateo di Mileto*, V. *La fortuna*. *Athenaeum*. n.45 (1967), pp. 313-334.

³⁸⁴ S. Mazzarino, 1ª ed. 1966, Bari: Laterza.

³⁸⁵ S. Mazzarino. *Il Pensiero Storico Classico*. Roma-Bari: Laterza, 1990, p.93.

³⁸⁶ S. Mazzarino. *Il Pensiero Storico Classico*. Roma-Bari: Laterza, 1990, p.77.

particular, merecem menção, como sua tese sobre o silêncio acerca das obras de Hecateu em Atenas, nos séculos V e IV a.C. Segundo o autor, esse tipo de obra não podia competir em qualidade com a produção local dos dramaturgos, oradores e filósofos, e nem mesmo com obras históricas, como as de Heródoto e Tucídides, que circulavam naquela sociedade. Para ele, escritos dos logógrafos que sobreviveram haviam então teriam passado diretamente da Ásia Menor para Alexandria, sem circular por Atenas. Em sua perspectiva, os livros de Hecateu foram importantes como os primeiros escritos em prosa, mas com o surgimento da oratória, eles sumiram de circulação³⁸⁷. Pearson foi minucioso em analisar a topologia da *Periegesis*, bem como a produção mitográfica do milésio, que em sua opinião, revelava mais o orgulho aristocrático do Milésio do que racionalidade, embora mostrasse sinais de crítica sobre a tradição.

2. As obras: *Periegesis* e *Genealogias*. Seu legado na Antiguidade.

Hecateu havia depositado o resultado de suas pesquisas e explorações em escritos que segundo a tradição, formavam duas obras: a *Gês Períodos* ou *Periegesis* (*Circuito da Terra*) e as *Histórias* ou *Genealogias*³⁸⁸. Há o título *Heroologia* (estudo sobre os heróis) atribuído a ele, mas provavelmente trata-se de outro nome sob o qual a tradição terminou por conhecer e classificar seus escritos mitográficos³⁸⁹.

Na opinião de Heidel³⁹⁰, as duas obras conhecidas de Hecateu não eram de fato distintas, mas haviam sido produzidas como um único tratado, que, depois, foi dividido, ou de modo arbitrário ou por objetivos práticos³⁹¹. No entanto, segundo outros, as duas obras são diferentes e têm contradições que indicam terem sido produzidas em épocas distintas da vida do autor³⁹². Até o momento, não há solução para a datação dessas

³⁸⁷ L. Pearson. *Early Ionian Historians*. Reimp. Westport: Greenwood Press, 1975, p.30.

³⁸⁸ O título *Periegesis* ou *Periodos Ges* é atestado por Ateneu (II, 70 A e IX 410E, F15a e 15b de Jacoby), Agatêmero (Ge. Inf. I, I, F12a), por Eusébio (Pr.Ev.X 3, p.466 A; F22), por Harpocrácio (F37), e pela Suda (F2). O título *Historiai* ou *Genealogiai* é atestado também pela Suda, por Ateneu (IV 148F, F9); por Harpocrácio (F8), por Estéfano de Bizâncio (F7a, F10, por ex.), e pelo Escólios de Apolônio de Rodes (F2).

³⁸⁹ O título *Heroologia* é atestado por Harpocrácio (F8).

³⁹⁰ W.A. Heidel. 1921, p. 272, n.77

³⁹¹ Ver a posição contrária de L. Pearson (op. cit., p. 98), para quem as duas obras de Hecateu não são homogêneas nem pelo gênero literário, nem pela tradição.

³⁹² Para F. Jacoby (RE, 1912, pp.2670 -1) a publicação da *Ges Periodos* decorreu de um longo período de viagens, sendo definida antes de 500 a.C., mas não deve ter começado antes de 516 a.C., nos primeiros anos do reinado de Dario. As *Genealogias* teriam surgido depois, pois nessa obra ele não apenas desenvolveu mais sua escrita mas também revisou algumas posições adotadas anteriormente. Segundo

obras. A maioria dos estudiosos mais renomados prefere considerar a composição da *Periegesis* em data anterior àquela atribuída às *Genealogias*, ou seja, vindo primeiro um Hecateu explorador e viajante, e só em seguida, o mitógrafo. Tal linha possui bastante coerência, mas não é necessariamente correta. Para Tozzi³⁹³, a *Periegesis* apareceu anos antes da Revolta Jônica, em época de paz, quando eram fáceis as viagens, pelas relações comerciais livres entre a Grécia Asiática e o Oriente.

Jacoby³⁹⁴ traz outros argumentos sobre a ordem de composição das obras de Hecateu: o fato de as *Genealogias* usarem uma linguagem mais elaborada, referida como exemplo de estilo arcaico pelos autores tardios, e por demonstrar mais traços de racionalismo, diante da simplicidade dos fragmentos da *Periegesis*. Na sua opinião, esta obra não havia oferecido oportunidade do autor fazer uso de uma escrita mais rica, o que poderia confirmaria que esse trabalho genealógico surgira depois da obra geográfica. Também há a questão das contradições de uma obra em relação à outra. A mais lembrada é na *Periegesis*, a suposta aceitação da viagem de Hércules para Ocidente, o que depois é negada nas *Genealogias*.

Vale considerar que existe uma considerável presença de dados mitológicos em sua obra geográfica, bem como constantes referências geográficas nas *Genealogias*. Deve-se concordar que no tempo de suas viagens, Hecateu já era bastante instruído sobre as tradições da epopeia e da geografia heroica. Suas explorações serviram para por à prova esses dados, ao mesmo tempo que coletava outros. Se a *Genealogias* foi realmente escrita em separado, sucedendo a *Periegesis*³⁹⁵, não há dados citados em seu texto que possibilitem situá-la objetivamente, no tempo, a não ser comparando-se as características estilísticas de uma e outra obra. Ao que parece, a obra *Genealogias* adentra-se ao século V a.C., pois sua linguagem já surge mais próxima daquela que será cultivada pelos sofistas e por Heródoto.

P. Tozzi (1966, p.51), um escrito prepara outro: os dados colhidos nas explorações e os registros de tradições locais serão depois organizadas pelo autor nas *Genealogias*.

³⁹³ P.Tozzi, 1966:50.

³⁹⁴ F. Jacoby, 1912:2699.

³⁹⁵ A *Periegesis* cita Boriza, na costa do Mar Negro, como cidade fundada pelos persas, o que só acontece por volta de 512 a.C. Outro indício é que Hecateu referiu várias cidades enótrias, no interior da Itália, sob poderio de Síbaris. Sabe-se que essa cidade foi destruída em 510 a.C., e portanto, Hecateu deve ter passado pela região pouco antes disso, ou não muito depois. Cf. Jacoby, 1912: 2671 e Pearson, 1975: 45. Para Moscarelli (1999:31), a *Periegesis* pode ter sido produzida alguns anos antes das viagens de Cílix, considerando que foram escritas em sua maturidade, calculadas para cerca de 520-516 a.C, como defende Nenci (1954 : X).

O primeiro escrito de Hecateu se encerra na produção de uma literatura de viagem que se desenvolveu no Mundo Grego em decorrência da colonização jônica no Mediterrâneo e pela afirmação da própria escrita como técnica de produção intelectual. As viagens, como temática na literatura grega, fizeram parte de vários gêneros, como o épico, além das narrativas geográficas ou históricas, como Heródoto e depois, Pausânias. Homens viajados do século VI a.C., como por exemplo Eutímenes de Massália, Cílix de Carianda e o próprio Hecateu de Mileto, deixaram registradas as suas explorações em escritos que ficaram conhecidos em grego como *Périptoi* e *Periegesis*. O “périplo” se definia como a descrição de um itinerário marítimo, no qual o autor fornecia informações geográficas de seu caminho, bem como apontava distâncias, portos, cidades, povos e referências para os viajantes. O verbo grego *peripléo*, navegar ao redor ou circunavegar, representa bem a essência do sentido de um périplo. O *períodos gês* contém a ideia mais antiga de representação da terra habitada e conhecida, então confeccionada sobre uma espécie de prato (*pinax*), como os mapas construídos por Anaximandro e Hecateu. Vale lembrar que *períodos gês* foi também o nome dado por Heródoto aos mapas dos “jônios” (Hdt. IV, 36)³⁹⁶. A expressão, posteriormente, passou a indicar uma obra que descrevia esses mapas em seus pormenores, como vemos nos fragmentos de Hecateu³⁹⁷. Foi com a expressão *períodos gês* que Aristóteles se referiu a obras de viagens, úteis aos governantes por tratarem dos “costumes dos povos” (*Rhet.*I 1360a). Para Nenci³⁹⁸, o uso de *períodos gês* em Hecateu devia retratar especificamente a sua carta geográfica. O nome *Periegesis* parece ser tardio³⁹⁹, não havendo registros de uso desse termo anteriores a Polemon de Ílion⁴⁰⁰, do século III-II a.C. O dado real é que Hecateu pode ter sido o primeiro a fazer uma descrição geo-

³⁹⁶ Para Nenci, o uso de *Periodos Ges* como nome de obras escritas foi muito raro, sendo referido mais como nome apropriado para as cartas geográficas, como em Aristoph. *Nub.*206 e Arist. *Meteor.* I, 13, ou na Suda “Anaximandros” (s.v). G. Nenci, 1954, p.XVI.

³⁹⁷ Peretti,1990, p.91

³⁹⁸ G. Nenci, 1954, p.XVI. Contra tal visão, coloca-se Moscarelli (1999, p.27), ao alegar que não faz sentido essa obra ser apenas um mapa, quando lemos informações de que “os Císsios usam cipasses persas” (F284) ou “Peónios bebem “cerveja que tiram das cevadas e da quebra de milho (painço) e de ênula. E ungem-se de gordura de leite” (F154). A solução para entender isso é que provavelmente Hecateu fez um mapa inscrito em um pinax, mas também escreveu uma obra que se chamou *Periodos Ges* ou *Periegesis* que “descrevia” aquele mapa. A confusão é natural, pois o nome do objeto (mapa) tornou-se com o tempo, a denominação de obras escritas.

³⁹⁹ D.Marcotte. *Géographes Grecs I*. Paris: Les Belles Lettres, 2000, p.LXII.

⁴⁰⁰ Polemon de Ílion ou Periegetes, um geógrafo de formação estoíca, contemporâneo de Aristófanes de Bizâncio, e que viajou largamente pela Grécia. Cf. Suda, s.v.

etnográfica da *oikoumene*, que a partir de então, e sobretudo com Heródoto, passou a existir intimamente ligado ao gênero histórico⁴⁰¹.

O *pínax*, por sua vez, não era exatamente uma carta, mas apenas um tipo de suporte material para esta. Segundo C. Jacob⁴⁰², o *pínax* poderia ser fixo ou portátil, embora a forma que se tornou mais difundida foi a portátil, como se nota no objeto que Aristágoras levou para mostrar ao Rei de Esparta Cleômenes⁴⁰³, ou o que aparece em uma peça de Aristófanes, *Nuvens* (206).

A questão é saber se no escrito de Hecateu havia sido anexada uma carta do mundo, ou o texto e o desenho do mapa eram duas peças separadas. Se ele inscreveu o mapa em um *pínax*, como o que levou Aristágoras para Esparta, podemos pensar que sua descrição, que certamente necessitava de mais espaço de escrita, fosse feita em rolos de papiro.

Sobre as fontes que Hecateu usou, nada impede que tenha visto o escrito de Cílix (ou até mesmo conhecido esse almirante, pela proximidade entre Mileto e Carianda, e pelo contexto do reinado de Dario). Cílix⁴⁰⁴ era o periegeta cário que trabalhou para esse rei persa, mas não temos base para afirmar qual a relação, caso tenha havido alguma, entre sua obra conhecida como *Périplo* e a do geógrafo Milésio.

Para Jacoby⁴⁰⁵, por comparação, a *Periegesis* de Hecateu está mais próxima da obra de Cílix (no caso, do Pseudo-Cílix), do que da obra de Heródoto, mas não sabemos em que sentido ocorreu esse fluxo de saberes, se é que houve algum. Em pesquisas mais recentes, como a de Graham Shipley⁴⁰⁶, concluiu-se que não há como assegurar alguma relação mais direta entre os fragmentos do Pseudo-Cílix, seja com os supostos relatos do almirante cartaginês Hanão, seja com o texto da *Periegesis* hecataica,

⁴⁰¹ R. Nicolai, 1997, p.145-146. Para Jacoby (1912, p.2691), se Anaximandro foi o inventor da geografia, Hecateu criou a geografia descritiva.

⁴⁰² C. Jacob, 1992, p.284. Como exemplo de Pínax fixo, cita Plut. *Them.* V, 4 ed Ael. *V.H.* III, 28. Mas acho muito difícil que o pinax de Hecateu e Anaximandro fossem fixos em algum lugar.

⁴⁰³ Hdt.V 49.

⁴⁰⁴ Julian Garzón Diaz. La geografía antigua y Escilax de Carianda., *Memórias de História Antigua* 19-20 (1998-1999), pp.9-23.

⁴⁰⁵ F. Jacoby, 1912, p. 2700.

⁴⁰⁶ Graham Shipley. *Pseudo-Skylax's Periplus: the Circumnavigation of the Inhabited World. Text, Translation and Commentary*. Exeter: Bristol, 2011. Há controvérsias de que os escritos atribuídos a Pseudo-Cílix autor fossem provenientes do século VI a.C., e pertencentes à suposta obra de almirante cário. Em geral, tem sido mostrado que a obra é basicamente mais recente, do século IV a.C., e segundo Shipley, a única influência identificável em Pseudo-Skylax é Fileas de Atenas, um geógrafo do século V a.C. Cf. G. Shipley, 2011, p. 42.

ou mesmo, com a *História* de Heródoto, pois as informações presentes no *Périplo* não são condizentes com as daqueles autores.

Existem outros nomes importantes, anteriores ou contemporâneos a Hecateu, que também cultivaram dados históricos e mitográficos, como é o caso de Acusilau de Argos, Ferécides de Siros e Xanto da Lídia, autores que apresentam alguns fragmentos consideráveis⁴⁰⁷. Outros historiadores, como Cadmo e Dionísio de Mileto são figuras nebulosas demais para uma consideração fundamentada, já que praticamente nada restou de suas obras. Aliás, nem sabemos, ao certo, se esses autores existiram. O que é possível supor é que obra de Hecateu havia superado escritos anteriores, a exemplo da carta de Anaximandro e da poesia de Aristeas, segundo bem assinalou Mazzarino⁴⁰⁸.

Que a escrita de Hecateu constituiu “literatura” é um dado seguro, não porque simplesmente produziu material escrito, na forma de textos úteis a atividades ou profissão, mas porque formava discursos com objetivos de atingir um público, agradando-lhe, ensinando-lhe e informando-lhe⁴⁰⁹. Ele não criou o gênero literário de viagens, nem das genealogias, contudo, sua abordagem foi diferenciada do modelo épico e lírico que encontrou, sobre o qual ele mesmo certamente foi educado, em Mileto. Seguiu a tradição milésia de escrever sobre o mundo natural, em geografia e etnografia. Na genealogia que instituiu, pretendeu revisar os mitos gregos por um viés verossímil, não ficcional, mas impondo critérios de realidade.

Em seu texto, não há sinal de protagonistas, e pouco conseguimos distinguir a figura do autor colocada na obra, se não fosse pelo famoso proêmio de sua obra, e pela vaga menção de que “para ele” (ὡς ἐγὼ δέ), Dânao não teria tido nem 20 filhos, conforme citado no Escólio de Eurípides (F19). Hecateu utiliza este e outros mito, mas o faz para explicar uma realidade histórica de um lugar ou de um povo reconhecidamente existente.

⁴⁰⁷ Sobre esses autores e a logografia grega em geral, ver por exemplo, L. Pearson, 1939; G. Nenci, 1967; L. Canfora, 1993; L. Porciani, 2003; G. Canè, 2010;

⁴⁰⁸ S. Mazzarino, *Il Pensiero Storico Classico*, T.1. Roma-Bari: Laterza, 1990, p. 75.

⁴⁰⁹ Ruth Scodel, ao comparar Hecateu e Píndaro, lembra um detalhe relevante: Hecateu é o primeiro autor que temos notícia que chama sua própria atividade de “escrever”, ao passo que Píndaro, pelo contrário, compõe canções, embora ambos atuem em um mundo de “fixed texts and canonical stories”. R. Scodel. Poetic Authority and Oral Tradition in Hesiod and Pindar. In: Janet Watson. *Speaking Volumes: Orality and Literacy in the Greek and Roman World. Mnemosyne Supplement 218*. Leiden: Brill, 2001. Pp. 109-138.

Um dado que não pode ser desprezado é que a maior parte dos fragmentos de Hecateu de que dispomos (cerca de 300 dos 373 listados por Jacoby), provém de Estéfano de Bizâncio, um gramático e lexicógrafo cristão que viveu provavelmente no século VI d.C., e cuja obra em grego intitulada *Ethniká*, atualmente incompleta, foi editada pelo estudioso alemão Johann August Meineke (*Stephani Byzantii ethnicorum quae supersunt*, Berlim, 1849). O curioso é que Estéfano não era historiador nem geógrafo, mas como erudito interessado em antigos léxicos, encontrara em Hecateu (e no que dele pôde encontrar) importante material para seu trabalho sobre o nome de povos e antigos centros gregos do mundo conhecido. Com efeito, os interesses do Bizantino em fazer um léxico condicionaram muito a visão que temos hoje da obra do Milésio.

Não se pode aceitar a posição de How e Wells⁴¹⁰, de que a *Periegesis* consistia provavelmente em uma lista “pelada” de nomes, como a obra de Pseudo-Cilax. É improvável que essa obra se limitasse a uma simples lista (catálogo) de cidades e povos⁴¹¹ – como fazem parecer os quase trezentos fragmentos hecataicos de Estéfano – pois existem referências seguras que indicam que Hecateu levantou informações mais amplas dos locais por onde passava. O interesse lexicográfico é muito posterior a Hecateu, dentro da erudição grega. O próprio Estéfano preservou, sem se dar conta, alusões hecataicas a templos, como o santuário da cidade egípcia de Nilo (F319), ou o templo de Latona, na Ilha de Quemis, também no Egito (F305). É certo, portanto, que a obra original trazia listagens de cidades e povos, porém, não se limitava simplesmente a isso. É o que atestam outros autores antigos, como Heródoto, Estrabão e Ateneu, que puderam ainda consultar a obra ou partes dela, e testemunharam a riqueza de suas descrições, que citavam tradições locais, vestimentas curiosas, gastronomia, fauna, flora, monumentos, entre outros dados, diferentemente do que ocorreu em Estéfano.

Pode-se inferir ainda, que a obra de Hecateu não teve puramente uma finalidade objetiva, profissional, ou como poderíamos achar, científica, no modelo dos viajantes naturalistas e investigadores do século XIX. Certamente, Hecateu precisava tanto atrair a atenção quanto agradar seus ouvintes-leitores, o que o levou a recolher mitos, tornando sua obra, de uma só vez, um texto literário em sentido concreto.

⁴¹⁰ W.W.Hows- J. Wells. 1928, p.26

⁴¹¹ F. Jacoby chega a afirmar que a simples listagem da *Periegesis* permaneceu estranhamente, mas que sem dúvida, a forma mais simples de enumeração reinou em grandes partes dessa obra.

É improvável que Hecateu tenha visto tudo o que cita em seus trabalhos, mas ele não se limita a informar exclusivamente acerca do litoral, já que em seus fragmentos aparecem dados relativos a povos e a regiões localizados no sentido do interior⁴¹². Por exemplo, no Egito, sabemos de sua visita a Tebas⁴¹³, que fica a oitocentos quilômetros da costa mediterrânea, e igualmente dá para supor que ele conhecia todos os domínios persas, bem como suas forças, a crer no relato do mesmo Heródoto, agora em V 36.

Na época de Hecateu, as explorações geo-etnográficas não se separavam do interesse “histórico”, ou seja, do passado dos povos conhecidos. E isso não impedia que a “verdade” desejada não estivesse mesclada com os contos ancestrais, muitos deles fabulosos, de cada agrupamento humano que um viajante grego da época podia encontrar em suas andanças. Mazzarino⁴¹⁴ cita, muito brevemente, que a *Periegesis* de Hecateu era uma obra de “consulta geral”, atualizada e científica, que superava as obras poéticas e as cartas anteriores⁴¹⁵. Ora, o fato de ser escrita em prosa, por parte de um viajante e navegador milésio supõe algumas peculiaridades diferentes do que possuiria uma obra poética, como a épica *Odisseia*, ou as obras dos poetas líricos arcaicos, como Arquíloco, Mimnermo, ou Teógnis. No entanto, no tempo de Hecateu e mesmo antes dele, os escritos eram compostos para serem lidos em voz alta para certo tipo de público. Seria interessante pensar quais os atrativos que ele utilizou em seu livro para granjear o gosto do público grego. Sua obra era uma espécie de “catalogação” geo-etnográfica do mundo conhecido, de natureza mais enciclopédica do que científica, e, se fosse lida em público, provavelmente seria viável para ambientes festivos, dramáticos ou poéticos. É difícil imaginar que um livro técnico, de natureza estratégica e geográfica, pudesse causar algum deleite artístico.

Certamente, quando Hecateu inseria dados sobre plantas, animais exóticos, ou curiosidades do relevo ou de etnografia, já estava a pensar em tornar sua obra atrativa para o público. A curiosidade sobre coisas surpreendentes, estranhas, maravilhosas, era marca da literatura grega desde Homero, depois passando a poetas como Xenófanes,

⁴¹² Por exemplo, ele cita povos do Cáucaso, como os Dandários e Tipánissas (F191 e F192), povos citados como Mirgetas e Issédones (F190 e F193), e mesmo da região os Partos, como Corásmios e Gandaras (F292b e F294). Para L. Pearson (1939: 30), ele cobriu regiões afastadas do Mar em sua descrição do mundo, muito embora fosse difícil conseguir informações exatas de regiões do interior (ibidem, p.79).

⁴¹³ Hdt. II, 143.

⁴¹⁴ S. Mazzarino, 1990, p.75.

⁴¹⁵ Para G. Nenci (op. cit. XVI), a *Periodos Gês* restringia-se ao mapa ou carta de Hecateu, que vinha acoplada à sua descrição escrita, chamada *Periegesis*. Ver a posição contrária de Moscarelli (op. cit., p. 27).

além de pensadores como Tales e Anaximandro. O pouco que se percebe de história natural nos fragmentos de Hecateu é suficiente para mostrar que ele seguiu o padrão de escrita dos seus conterrâneos, os filósofos de Mileto.

Com a aproximação do desfecho da guerra contra os Persas, não seria mera conjectura imaginar a função estratégica que tais escritos passaram a ter. O confronto com os povos orientais terminou por provocar, na produção literária dos gregos mais instruídos, o tipo de registro que vemos nas obras de Hecateu e outros: a exploração mais ampla do mundo e dos seus habitantes. Os *archaioi sungrapheis*⁴¹⁶ que Dionísio de Halicarnasso cita em seu trabalho sobre Tucídides foram autores que viveram antes da Guerra do Peloponeso, e que escreveram sobre genealogias heroicas, povos bárbaros, reis de cidades gregas ou bárbaras. Hecateu, além de genealogias, havia registrado histórias locais de diferentes regiões, e dos heróis que a elas estavam ligados⁴¹⁷.

A segunda obra de Hecateu, a chamada *Genealogias* ou *Histórias* nos catálogos antigos, seguia a mesma linha da *Periegesis*. Era escrita também em prosa, baseada em tradições ancestrais gregas e fábulas antigas sobre a geração dos deuses e heróis. Dela, resta algo como trinta e cinco fragmentos, bem menos que os mais de trezentos da outra. Supõe-se que estivesse dividida em quatro partes: na primeira, trazia a história de Deucalião e seus descendentes⁴¹⁸, bem como eventos relacionados à saga dos Argonautas. As citações de Atena Itônida e de Falana talvez viessem conectadas com a lenda de Deucalião, conforme era de se esperar que esse livro contivesse⁴¹⁹. Na segunda parte, as histórias das Danaides, de Hércules e a tradição dos Heraclidas; a terceira versava sobre as tradições peloponésias. Há apenas uma citação preservada desse livro, registrada por Ateneu, na qual o Milésio descreve um banquete arcádio⁴²⁰. Por fim, na quarta parte, discorria sobre as tradições da Ásia Menor. A obra claramente se baseava no legado épico grego, que carregava em si o manancial da mitologia, e pretendia, entre outras coisas, não apenas recolher e ordenar as tradições aristocráticas, mas legitimá-las em forma remodelada⁴²¹.

⁴¹⁶ A mesma expressão utilizada por Estrabão (VIII 9, 3) para identificar os antigos mitógrafos, entre os quais ele lista expressamente Hecateu.

⁴¹⁷ Toye, 1995, p.288.

⁴¹⁸ Do livro I das *Genealogias*: F1, F2, F3, F4, F5, F13, F14, F15, F17, F18. Livro II: F6, F7a, F8, F19, F20, F21, F22, F23, F24, F25, F26, F27, F28, F29a, F29b, F30. Livro III: F9, F31, F32. Livro IV: F10, F11, F12.

⁴¹⁹ L. Pearson, 1975:97.

⁴²⁰ F9.

⁴²¹ R.Nicolai, 1997, p.160, n.45.

O pano de fundo foram os mitos gregos, na forma da memória dos povos, cidades e eventos importantes do passado. Seu formato aparenta uma coleção desses mitos, mas passados à prova do *logos*, ou seja, vistos de forma mais crítica. Não visava desbancar ou negar a existência ou o poder dos deuses, nem tinha por fim de desacreditar a narrativa mítica em si, mas pretendia trazer seus feitos ao plano do crível. Nesse sentido, Hecateu não foi anti-religioso, nem mesmo “filosófico” em sentido estrito, já que não produziu doutrinas filosóficas.

O Milésio não negligenciou as grandes temáticas mitográficas de seu tempo, como a questão dos Pelasgos (F127), Deucalião e seus filhos (F13 e F15), a viagem dos Argonautas (F17-F18a), os trabalhos de Hércules, (F4, F6, F7a, F24 e F26), as Amazonas (F40), os Pigmeus (F328a), etc.

Seu desejo foi questionar, nos contos ancestrais, os absurdos (o incrível) do ponto de vista prático. Como exemplo, podemos citar sua crítica sobre a tradição mitológica de que os Argonautas haviam passado ao Mediterrâneo através do Fásis (atual Rio Rioni). Para ele, a nave Argo tinha passado pelo Fásis, mas chegando ao Mar Oceano, entrara no Nilo, e daí ao Mediterrâneo (Frgs.18a e 18b). Hecateu não apenas se limitava a criticar mitos, mas oferecia outras versões, para ele, mais corretas. Dânao nunca havia ido a Argos desde o Egito, dizia Hecateu, nem tinha cinquenta filhos, como defendia Hesíodo, já que seu número não chegava a vinte (F19). Seu projeto termina por confrontar as versões míticas tradicionais com posições menos ingênuas, com critérios mais ou menos críticos.

3. Os fragmentos: análise tipológica

Nossa proposta de análise dos fragmentos segue o método tipológico de ordenação e classificação, seguido de avaliação e comentário textual. Acreditamos que a abordagem por temáticas dos escritos restantes de Hecateu, segundo as fontes, possam nos aproximar tanto da natureza original de sua obra, quanto dos interesses que movimentaram sua escrita nos primórdios da historiografia grega.

A disposição geral da obra hecataica que nos resta nos fragmentos revela seus principais interesses, no contexto da literatura grega da passagem da época arcaica para a clássica. Nesta pesquisa, identificamos e classificamos os seguintes campos de interesse de Hecateu:

- a) Corografia ou descrição das regiões sobre as quais ele teve motivação para registrar e investigar. É este o termo usado por Jacoby⁴²² para as descrições do Milésio acerca de cada país, que de forma simples, fornecia o nome de cidades, rios, lagos, montanhas, baías, e portos, bem como algumas curiosidades naturais (*physis* e *thaumata*). É o material nuclear da *Periegesis*.
- b) Etnografia e Antropologia Cultural. Ele registra, localiza e descreve os vários povos do mundo conhecido, apontando suas cidades e regiões. Além disso, agrega informações acerca de costumes (*nómoi*) e modos de vida (*diáita*) encontrados. Também foi matéria da *Periegesis*.
- c) Mitografia. Recolhe e revisa alguns importantes mitos e lendas que circulavam entre os Gregos, tanto em âmbito local (horografia) quanto em termos mais amplos, como as histórias sobre Hércules e os Heraclidas, Deucalião e seus descendentes, ou os Argonautas, por exemplo. Nesse campo mitográfico, é destacável o trabalho genealógico, que avança em relação ao de Hesíodo⁴²³. Sua investigação seguirá em busca da árvore genealógica das principais famílias. Segundo Jacoby⁴²⁴, teria sido essa uma das primeiras funções do historiador no mundo grego.
- d) Toponímia. As pesquisas levam a crer que Hecateu preocupou-se também com os nomes de povos e cidades, buscando saber a “história” por trás da origem de uns, e apresentando os epônimos de outros. A etimologia também configurou outra fonte de dados e um interesse que esteve realmente presente nas investigações do Milésio. A nomenclatura utilizada pelo autor, em estilo arcaizante ou invulgar serviu como exemplos de expressão antiquária nos escritores tardios, gramáticos e eruditos de outras épocas, que se ocuparam em ilustrar certa forma de locução na literatura anterior.

Algumas ressalvas, no entanto, com o tratamento dado aos fragmentos, se fazem apropriadas, a fim de evitar conclusões equivocadas. Em primeiro lugar, o estado atual do *corpus* hecataico apenas pode sugerir tendências ou indícios para a compreensão de sua obra. Se consideramos que os dois livros de Hecateu foram compostos

⁴²² F. Jacoby, 1912: 2707.

⁴²³ A mitografia de Hesíodo passa pela origem do mundo, e segue fornecendo a genealogia desde Urano até a guerra de Troia. Hecateu pretende encontrar a ligação parental entre os heróis gregos e algumas famílias do seu tempo presente, que dominavam o panorama grego.

⁴²⁴ F. Jacoby, 1912:2735.

separadamente um do outro, tanto em época quanto em temáticas básicas, mesmo assim somos obrigados a reconhecer, com Pearson⁴²⁵, que os fragmentos não nos permitem reconstruir como o autor dispôs seu material. Não se sabe como ele ordenou nem os mitos, nas *Genealogias*, nem os povos ou cidades, na *Periegesis*.

Em segundo lugar, tornam-se imprecisas as contagens feitas no plano dos fragmentos da coleção de Jacoby. Não há certeza quanto a participação do Milésio em algumas informações que surgem nesses fragmentos, sobretudo os provenientes de Estéfano. Com isso, o número de passagens em que Hecateu supostamente citava montanhas, rios, cidades ou povos, etnônimos e lendas pode variar, segundo os critérios de contagem usados por cada investigador.

Seguem abaixo a classificação e análise dos fragmentos hecataicos propostas por esta pesquisa. Sua elaboração obedece a recolha e ordenamento de cada temática identificada nas passagens que conseguimos ter acesso no decorrer da investigação:

3.1. Temáticas geográficas

3.1.1. Indicações de póleis

Fragmentos

F3, 4, 5, 7a, 38, 39, 42, 43, 44, 45, 46, 48, 54, 55, 56, 57, 58, 61, 62, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 84, 85, 86, 88, 90, 97, 98, 99, 100, 101, 104, 106, 108, 110, 111, 112, 113a, 113b, 114, 115a, 115b, 116, 117, 118, 120, 121, 122, 126, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 138a, 138b, 138c, 140, 141, 144, 146, 148, 149, 150, 152a, 153, 155, 156, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 169, 172, 184, 188, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 208, 213, 214, 217, 218, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 228, 229, 230, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 240, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 266, 267, 268, 269, 273, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 282, 283, 287, 292b, 293, 295, 296, 297, 303, 304, 306, 309, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 321, 329, 331, 333, 335, 337, 338a, 338b, 339, 340, 343, 344, 346, 348, 349, 350, 351, 352, 354, 356, 357, 359

⁴²⁵ L. Pearson, 1975: 76 e 97.

Análise:

De todos os 373⁴²⁶ fragmentos de Hecateu, essas 208⁴²⁷ referências listadas, de “cidades” (*poleis*) representam a maior parcela restante do *corpus* hecataico, e fazem parte de sua “corografia”⁴²⁸, ou seja, de sua descrição de regiões. O uso da denominação “pólis” para todo tipo de agrupamento, mesmo alguns povoados insignificantes, pode até ser uma adição tardia do próprio Estéfano, mas como defendia Caspari⁴²⁹, não há nada de estranho em seu uso para um autor do século VI a.C.⁴³⁰, além do quê esta é a mesma nomenclatura utilizada por Heródoto⁴³¹, Helânico⁴³² e Ferécides. Conforme aponta Mogens H. Hansen⁴³³, há passagens em que Estéfano remete ao uso expresso, por Hecateu, do termo “pólis”, como em F141: “Ἐκαταῖος Εὐρώπῃ «Χίος κατὰ Ἐρυθράς· ἐν δὲ πόλις Χίος» (Hecateu a menciona em *Europa*: Quios, junto a Eritra: aí se ergue a cidade de Quios); ou em F106: Ἐκαταῖος λιμένα καλεῖ Ἠπείρου τὸν Ὠρικὸν ἐν τῇ Εὐρώπῃ· «μετὰ δὲ Βουθρωτός πόλις, μετὰ δὲ Ὠρικὸς λιμὴν» (Hecateu em *Europa* chama Órico um porto do Epiro, “depois a cidade de Butroto, e em seguida o porto Órico”)⁴³⁴.

⁴²⁶ A questão do número exato de fragmentos de Hecateu depende muito de cada autor, e de considerarem-se ou não os fragmentos de posição incerta, duvidosos e espúrios, conforme haviam já separado C e T. Muller em sua edição dos *Fragmenta*. Esses dois autores, ainda no século XIX, compilaram 371 fragmentos hecataicos, incluindo os de posição incerta (*Fragmenta incerti loci*), e desses, 297 eram provenientes de Estéfano. Felix Jacoby enumerou para Hecateu “cerca de 380” fragmentos, como ele próprio afirmou (Jacoby, 1912, p.2671), dos quais 311 eram da obra de Estéfano, 333 da *Periegesis* e 37 das *Genealogias*, além de 10 duvidosos. O Brill New Jacoby conta com 410 fragmentos no total, sendo 47 das *Genealogias*. E. Moscarelli utilizou em sua antologia 389 fragmentos, contando os de posição incerta. Para T. Braun, os fragmentos hecataicos são 345, com 295 provenientes de Estéfano. Cf. T. Braun, 2004, p.290.

⁴²⁷ Dessas 208, apenas seis passagens não partem de Estéfano: duas são de Herodiano, três de Estrabão, além de uma de Eustácio (séc. XII d.C.).

⁴²⁸ Cf. F. Jacoby, 1912, p.2688.

⁴²⁹ M.O.B. Caspari, 1910, p. 241. Não havia diferença entre centro urbano e vila em Homero, e mesmo Tucídides não pensa nisso, quando descreve a situação da Ática habitada “*kata poleis*” antes de Teses (Tuc. II 15). Cf. Lepore, 1978, p.183).

⁴³⁰ O poeta Focílides de Mileto, contemporâneo mais velho de Hecateu, já utiliza o termo *pólis* (12D). Bruno Gentili - C. Prato. *Poetae elegiaci I. Testimonia et fragmenta*. Leipzig: Teubner, 1979.

⁴³¹ I 149; VII 128.

⁴³² Há muitos exemplos, embora tendo como fonte o próprio Estéfano. Cf. F57, F92, F105, etc.

⁴³³ M.H. Hansen, ‘Hekataios’ Use of the Word *Polis* in his *Periegesis*, in T.H. Nielsen (ed.), *Yet More Studies in the Ancient Greek Polis*, Papers from the Copenhagen Polis Centre vol. 4 (Stuttgart 1997), p. 17.

⁴³⁴ O autor referido acima, M.H. Hansen, conclui em seu trabalho, que pelas evidências literárias encontradas, o uso da palavra *pólis* por Hecateu é totalmente condizente com o seu uso por outros autores gregos, embora na *Periegesis* ele tenha empregado *pólis* mais como centro urbano que como “Cidade-estado”. M. H. Hansen, 1997:27.

O que logo se nota na lista é o modelo sintético das passagens, em sua maioria, consistindo de simples referências de agrupamentos humanos que figuravam no longo roteiro descrito na *Periegesis* (basicamente do contorno da costa mediterrânea) ou que foram citadas nas *Genealogias*. O desafio dos historiadores, tendo Jacoby à frente, foi justamente tentar ordenar os nomes dos locais citados por Hecateu não por ordem alfabética, como no léxico bizantino, mas na forma provavelmente constante no *Periegesis* do Milésio, ou seja, considerando que ele ia citando os agrupamentos e povos segundo um roteiro de navegação⁴³⁵. Assim, conforme Jacoby⁴³⁶ sugeriu na ordenação dos *Fragmenta* de Hecateu, era como se o autor navegasse pelo Mediterrâneo, começando da Península Ibérica, próxima às Colunas de Hércules⁴³⁷, prosseguindo em sentido horário por regiões célticas, itálicas, helênicas, áreas da Trácia e da Cítia, no Ponto, até a Ásia, que foi distinguida como outro livro nos catálogos alexandrinos. Em seguida, o escrito ocupava-se das áreas do Cáucaso, das regiões persa, fenícia e índica, além do Egito, Etiópia e a costa norte da África. O Egito para ele se resumia ao Delta do Nilo (dado criticado por Heródoto, II 15), o resto era a Líbia.

A corografia milésia caracteriza-se por inserir um dado povoamento, pequeno ou grande, em certo território maior, conhecido, ou informar sua etnia. Assim, temo F149: “Lipaxos: cidade da Trácia. Em Hecateu”; F77: “Solunte: cidade da Sicília: segundo Hecateu em *Europa*”; F64: “Arinta: cidade dos Enótrios, localizada no interior. Hecateu em *Europa*”.

Não há nos fragmentos confirmação absoluta de que Hecateu tenha visitado os lugares que citou, muito embora seja concorde entre os autores, desde a antiguidade, que ele foi um homem viajado⁴³⁸. Como navegador, foi natural que ele indicasse portos e ancoradouros do Mediterrâneo, o que ele faz em sete oportunidades⁴³⁹.

Não há motivo para crer que a maioria de suas informações geográficas fosse de segunda mão, e não decorrentes de suas próprias viagens. Há o testemunho de Heródoto

⁴³⁵ Isso é interrompido quando ele passa a descrever regiões interiores da Ásia, como a Lídia, o sul do mar Cáspio, a Índia e a Arábia. Cf. F289-F299.

⁴³⁶ F. Jacoby, 1957, pp.07-47.

⁴³⁷ Pelo menos foi este o sentido seguido pelo *Périplo* do Pseudo-Cílix (F1), o que indicaria uma tendência nesse tipo de obra. Diz o Pseudo-Cílix: “Começarei, pois, desde as colunas de Hércules que estão na Europa até as colunas de Hércules que estão na Líbia e até os magnos Etíopes”, e em seguida, passa a falar dos Íbero, Lígures, Tirrenos e assim por diante. Trad. de J. Garzón Díaz. “Escílix de Carianda” In: J. Garzón Díaz. *Geógrafos Griegos*. Oviedo: KRK, 2008.

⁴³⁸ O “*aner polyplanes*” de Agatêmero (*Ge. Inf.* I, 1) parece sugerir isso.

⁴³⁹ Cf. F54, F106, F131, F239, F242, F265, F343.

atestando que ele esteve no Egito, embora os fragmentos hecataicos relativos àquela terra sejam magros. No entanto, é possível entrever de forma bem convincente, que as descrições que ele fornece sugerem realmente um roteiro realizado por quem navega, e a sua expressão é de quem o fez em pessoa, mesmo mostrando interesse em locais do interior⁴⁴⁰: F67: Ixias: cidade dos Enótrios, no interior. Hecateu em *Europa* cita: “em seguida a cidade de Ixias, e depois a de Menecina”. F73: Catânia: cidade da Sicília. Hecateu cita em *Europa*: “depois vem a cidade de Catânia, e mais acima, o monte Etna”⁴⁴¹. F332: Psilos e Golfo Psílico: Segundo Hecateu em *Circuito da Líbia*: “o golfo Psílico é grande e profundo, [e para percorrê-lo] são precisos três dias de navegação”. Esses e outros fragmentos parecem garantir que Hecateu percorreu pessoalmente um circuito (*periegesis*), o que os fragmentos descrevem. Ele demonstra ser bem familiar acerca da costa setentrional do Mediterrâneo, em especial com as zonas da Sicília, Grécia e sudoeste da Itália, como ainda cita várias cidades da magna Grécia⁴⁴².

Estéfano, todavia, que escreveu cerca de mil anos após Hecateu, não estava interessado em expor as viagens do Milésio, mas se resume a atestar nesse autor a presença de vários nomes de lugares e povos. Na quase totalidade das passagens, o Bizantino cita uma cidade, fornece sua localização, o adjetivo pátrio referente, e apenas atesta “conforme Hecateu na *Periegesis* da Europa” (da Ásia, Líbia ou Egito) (ὡς Ἐκαταῖος Περιηγήσει Εὐρώπης\ Ἀσία\ Αἰθιοπίας\ Αἰγύπτου), e ainda utiliza expressões mais curtas, como “Hecateu em Europa” (ou Ásia) (Ἐκαταῖος Εὐρώπης\ Ἀσία)⁴⁴³. Raramente ele adiciona expressões próprias de Hecateu acerca de alguma localidade. Por exemplo, o F282: “Paricana: cidade persa. Hecateu em *Ásia* diz: “na [terra] deles existe uma cidade chamada Paricana”, ou o F141: “Quios: a mais notável das ilhas

⁴⁴⁰ O simples costear à maneira dos périplos não responde integralmente ao modelo geográfico de Hecateu, pois ele também tem interesse em agrupamentos e povos do interior, por exemplo na região da Enótria (“terra do vinho”, no sul da Itália, tradicional até hoje), em que ele faz questão de citar algumas localidades *en mesogeio*, no interior. Cf. F 64 (Arinta), F65 (Artemítio), F66(Érimon), F67 (Ixias).

⁴⁴¹ Como disse Moscarelli (1999, p.112, n.21), Hecateu, vindo da península itálica, chega à Sicília, e encontra, depois do Etna, primeiro Catania, e em seguida Siracusa, então a maior cidade da ilha. Mas devemos lembrar que antes, ele passou por Zancle, a colônia fundada por Eubeus no século VIII a.C., e a atual Messina, no estreito. Passando o estreito, ele cita Caulônia e Locros Epizefirios. Curioso é não estar citado Crotona, grande pólis na costa calábria, lugar onde vivia Pitágoras na época em que o Milésio passou pela região. Estéfano a menciona e a descreve muito bem, em sua obra. Diz que é a terceira maior cidade da Italia, onde corria o rio Esaro, e fornece-lhe pelo menos cinco etnônimos, embora sem citar qualquer fonte literária.

⁴⁴² Henry F. Tozer. *A History of Ancient Geography*. New York: Biblio and Tannen, 1971, p.73.

⁴⁴³ No corpus hecataico da *Periegesis*, a obra referente à Europa é citada expressamente 126 vezes, enquanto a referente à Ásia, é citada 93 vezes, e à Líbia, apenas 9 vezes. Apenas com título de *Periegesis*, sem indicar o continente, surgem 16 passagens. Com título de *Periegesis do Egito*, há 8 fragmentos.

jônicas, com uma cidade de mesmo nome. Hecateu a menciona em *Europa*: “Quios, junto a Eritra: aí se ergue a cidade de Quios”. A dificuldade que já foi lembrada por Caspari⁴⁴⁴, na leitura dessas passagens, é que Estéfano (ou algum copista) não foi rigoroso em apontar em suas citações as partes (e informações) que provinham da obra hecataica e as que eram aditamentos próprios ou de outra fonte. Assim, não é nada claro saber quando começa e terminam as expressões de Hecateu, ou se dada informação era proveniente dele ou não. Por exemplo, no F184: “Carcinítes: cidade cita. Refere-a Hecateu em *Europa*. Os seus habitantes chamam-se Carcinitas”. Ou no F243: “Mindos: cidade da Cária. Hecateu a refere em *Ásia*. Existe também outra cidade cária, Mindos, a Velha”. No F76 essa dúvida é patente: “Motia: cidade da Sicília cujo nome vem de Mótia, a mulher que mostrou a Hércules quem lhe levava os bois. Hecateu em *Europa*”. Aqui, podemos questionar se Hecateu apenas mencionava a cidade, como em outros tantos fragmentos, ou também informava sobre Hércules. Nesse caso específico, a maioria dos autores acredita que Estéfano toma as informações do Milésio, o qual gastara muito tempo a falar sobre o maior herói grego.

Os limitados registros de Estéfano, na maioria dos fragmentos que apresenta como sendo provenientes do corpus hecataico, praticamente aparecem em forma de “lista” de cidades, o que pode nos induzir a pensar que assim era a obra original milésia. Mesmo considerando a afirmação de Jacoby⁴⁴⁵, de que em obras como a de Estéfano viessem a ser alteradas pelo constante aumento de conhecimento, seus verbetes não são amplos, como se espera em uma enciclopédia, mas sim curtos, como em um verdadeiro léxico.

Se de fato Hecateu pretendeu descrever um roteiro geográfico, base para seu mapa, é natural que existisse na obra um verdadeiro “catálogo” de localidades e povos. Heródoto (V 36) testemunha que quando Hecateu argumentava contrariamente à empresa jônica diante dos Persas, ele enumerou, “catalogando” (verbo grego *katalegon*), todas as tribos que compunham as forças persas. Fica claro o saber geográfico-estratégico que Heródoto atribuía ao Milésio, naquelas circunstâncias críticas. Outra pista nesse sentido da forma como se estruturava a *Periegesis* surge do próprio Estéfano, no F70: “Malânio: cidade central dos Enótrios, uma das que Hecateu enumerou (*katalechtheison* do v. *katalego*: enumerar, listar, registrar, inscrever) em

⁴⁴⁴ M.O.B. Caspari, 1910:238.

⁴⁴⁵ F. Jacoby, 1912: 2700.

Europa. O etnônimo é Malânio e Malanieu”. Ou seja, ao que tudo indica, realmente Hecateu escrevia fazendo listas (catálogos) de lugares e povos, muito embora adicionasse informações de interesse não apenas geográfico, mas também histórico-mítico e até mesmo político⁴⁴⁶. Um exemplo nesse sentido é o F55: “Marselha: cidade lígure na região dos celtas, colônia dos Foceus. Hecateu a menciona em *Europa*”. Além de fornecer a etnia lígure, ele agrega dois outros dados: o domínio celta e a proveniência colonial, dos Foceus. Também no caso de Boriza, uma cidade na costa do Mar Negro mas de difícil localização⁴⁴⁷, é classificada como “a cidade dos Persas”, ou seja, de poderio persa, que provavelmente foi fundada na época da investida de Dario sobre os Citas, naquela região.

É inconcebível que Hecateu tenha apenas mencionado sua própria cidade, Mileto, nos moldes como apresenta Estéfano, no F240: “Mileto: cidade proeminente dos Jônios, na Cária. Hecateu a menciona em *Ásia*”. Seria de se esperar que ele comentasse algumas passagens interessantes da história e formação da própria pólis, que se perde nos tempos micênicos, do que infelizmente nada nos chegou⁴⁴⁸. Esse aspecto “resumido” dos fragmentos parece ser mais devido ao estilo e interesse de Estéfano e seus copistas que do próprio Hecateu. A *Periegesis* certamente continha dados históricos relativos a certas localidades, sobretudo que visavam explicar historicamente seu nome, não negligenciando referências ao passado mítico. O topônimo de Fanagória (F212), cidade na península de Taman, na entrada do Mar de Azov (sul da Rússia atual), é explicado pelo nome de seu fundador, Fanágoras de Téos, colono que se retirou naquela região para escapar do avanço persa, por volta de 545-540 a.C⁴⁴⁹. O pequeno ancoradouro de Heracleia (F239), a 25Km a oeste de Mileto, no canto superior do Golfo Látmico, era chamado de Latmo, segundo Hecateu pois ficava no pé do monte de mesmo nome. Nagidos (F266), cidade entre Cilícia e Panfília, recebeu sua denominação por causa do nome do desconhecido timoneiro Nagidos, sobre quem não existe referências na literatura, mas que Hecateu não apenas conhecia como o relacionou como tendo originado o nome de uma cidade.

⁴⁴⁶ Aspecto já lembrado por L. Pearson (1975, p. 38-39).

⁴⁴⁷ *BNJ* 1 F 166 (comentário).

⁴⁴⁸ Nas palavras de A. Pownall (*BNJ*, F240, Commentary): “It is a pity that nothing remains beyond this brief toponym of Hekataios’ remarks upon his native city of Miletos, the cultural and intellectual centre of the Greek world in the 6th century.”

⁴⁴⁹ Informação de Arriano. Cf. *BNJ* 156 F 71. Quer dizer que Hecateu também trabalhou com informações recentes, em sua obra.

É bastante duvidoso que Hecateu tenha percorrido em suas viagens toda costa mediterrânea. Algumas regiões hostis ou de circulação não liberada foram evitadas, enquanto outras, bastantes conhecidas não foram citadas (ou Estéfano não registrara sua descrição). O Milésio não fala, por exemplo, de centros famosos da península itálica, como Tarquínia, Populônia, Vetulônia e Roma⁴⁵⁰. Também, curiosamente, não há sinais de referências à Creta e às Cíclades, e mesmo Atenas não é citada, para além da questão entre os Pelasgos e Atenienses, segundo Heródoto (VI 137). Pela lista de localidades que Estéfano fornece, sua consulta a Hecateu parece centrar-se em cidades de difícil exemplificação literária, ou cujos dados sejam curiosos e característicos, incluindo os etnônimos. Centros bem conhecidos, embora acreditemos que Hecateu os tenha descrito, são referidos em Estéfano, mas sem a necessidade de acorrer ao Milésio. A questão é que o Milésio cita localidades e povos ou que não foram atestados em outros autores⁴⁵¹, ou que foram por ele grafadas de modo arcaico, com ortografia diferente⁴⁵², e esses dados interessavam aos eruditos helenísticos e romanos.

Torna-se muito difícil, portanto, restaurar a verdadeira natureza e forma da *Periegesis* com base em Estéfano, e nem ao menos sabemos o estado da obra na qual ele consultou Hecateu, um milênio depois do tempo desse autor. Mas podemos ter a certeza de que Hecateu possuiu um saber geográfico da Bacia do Mediterrâneo como poucos, no período Arcaico. Tudo indica que sua obra foi o mais antigo catálogo de base *técnica*⁴⁵³ já produzido na Hélade, considerando o esforço de seu autor para mencionar os povoados, portos, cidades, povos e etnias com base na realidade concreta.

⁴⁵⁰ E. Moscarelli, 1999, p.32. Para este autor, por causa de sua rota que costeou a Sardenha, e não a Itália Central. Mas Caspari já apostava que essa deficiência, na falta de informações, não devia causar surpresa em um autor do tempo de Hecateu, quando a talassocracia etrusca havia proibido a exploração dos Gregos em suas regiões. Cf. M.O.B. Caspari, 1910:244.

⁴⁵¹ Por exemplo, F67a (Ixias), F67b (Menecina), F 66 (Érimon), F176 (Dasilos), provavelmente os Dantelitai de Teopompo. Hekataios, *BNJ* 115 F 221; F177 (Datyleptoi), povo trácio, não atestado em outro autor; ou F188 (Cardessos), cidade cita sem referência em outras fontes.

⁴⁵² Por exemplo, F84, que ele chama "Aulônia" a Calônia, na Itália. Em F221 temos "Sige, cidade da Tróade", que parece ser o nome arcaico de Sígeu, conforme Heródoto (IV 38), e preservado por Pseudo-Cílix 95 e Avieno (*Or. Mar.* 46). F227: "Golfo Meleto: o golfo de Esmirna", também uma forma arcaica. No F228, surge o nome Cnopupoli como a designação antiga de Éritras.

⁴⁵³ Não acreditamos, como Jacoby (1912, p.2688), que ele foi movido pelos mesmos "interesses teóricos que produziram as obras *Peri Physeos*", não escrevendo para agradar um público ou por utilidade a marinheiros e comerciantes. Esses aspectos não podem ser negados para a *Periegesis*, segundo o papel prático de seu autor na navegação milésia, na época em que produziu sua obra (claramente com interesses de fundo comercial-estratégico, e não meramente pelo "bem da ciência") como ainda pelo aspecto literário que se nota naquele escrito, com uma prosa simples e agradável, apesar se sintética. O próprio Heródoto a toma como literatura, e não como "ciência", meio século depois. Um interesse

3.1.2. Indicação da localização de uma cidade ou povo em relação a outra cidade, povo ou referencial geográfico.

Fragmentos:

F7a, 67, 73, 80, 84, 86, 88, 89, 90, 92, 94, 95, 96, 100, 101, 102c, 105, 106, 110, 112, 113a, 120, 125, 138a, 141, 146, 148, 151, 155, 159, 163, 164, 168, 169, 170, 171, 172, 182, 203, 204, 205, 207, 210, 218, 255, 289, 292a, 292b, 299, 340, 333, 356

Análise:

Para Hecateu, não bastava simplesmente indicar o nome de um povoamento, inserindo-o em dada região ou conferindo-lhe uma etnia. Maior grau de exatidão foi atingido com a inserção de outros referenciais, primeiro relacionando a localização das cidades e povos entre si, e depois com a referência a acidentes geográficos de cada região, como relevos, montanhas, rios, planícies, golfos e mares. Todas essas formações serviam e até hoje servem de limites, fronteiras e referenciais geográficos, importantíssimas na ocupação e exploração do espaço humano. Dispomos no *corpus* hecataico de cinquenta e uma passagens que ilustram essa situação, o que demonstra, por um lado, o desejo de precisão em sua obra, e por outro lado, demarca de modo claro, que houve realmente um percurso inserido na *Periegesis*, que lhe fornecia certa unidade sistemática no padrão descritivo da obra, que não representava apenas um amontoado de nomes de lugares e povos. Ele sabia que os Íberos habitavam o território que conhecemos como Espanha, que os Celtas⁴⁵⁴ se localizavam na Gália, e ainda refere as principais etnias da península itálica, os Tirrênios para o norte, os Ausones na parte central, e para o sul, os Enótrios⁴⁵⁵. Na Europa do norte, em seus limites asiáticos, conhecia as tribos citas e mencionou os Hiperbóreos, Cimérios e as Amazonas, provavelmente com informações correntes de segunda mão ou baseados em mitos, e não por tê-los conhecido pessoalmente⁴⁵⁶.

teórico o faria citar oito portos, em seus fragmentos? (Cf. F54, F106, F131, F212, F242, F247, F265, F343).

⁴⁵⁴ Hecateu é o primeiro autor grego que conhecemos a mencionar os Celtas (usa o adjetivo *Keltike* como gentílico por três vezes – F54, F55, F56). Juan A. López Férez fala em seis passagens, mas se baseia em referências de outro autor, o desconhecido Timageto, citado pelo escoliasta de Apolônio de Rodes, no F18a de Hecateu. Cf. J.A. López Férez. Los celtas en la literatura griega de los siglos VI-I a.C. *Cuadernos de Filología Clásica: Estudios griegos e indoeuropeo*, 16 (2006), pp. 45-84.

⁴⁵⁵ Henry F. Tozer. *A History of Ancient Geography*. New York: Biblio and Tannen, 1971, p.73.

⁴⁵⁶ Cf. Como ainda sobre os Pigmeus, agora na Líbia. Moscarelli, 1999, p.33

Pode ser muito útil, para o comércio e para a guerra, saber os povos que dividem espaço, ou que confinam territórios entre si, estrategicamente falando. Os gregos precisaram apurar essas informações sobretudo a partir da expansão colonizadora, desde o século VIII a.C., e muito mais depois, quando diversos povos bárbaros, reunidos sob o poderio do império persa no séc. VI a.C. investirão contra a Grécia. Segundo Pearson⁴⁵⁷, por exemplo, quando falamos dos territórios do Ponto Euxino, um dos primeiros territórios colonizados pelos Milésios, não seria errado pensar que Hecateu tenha sido o primeiro a fazer conhecer os nomes das tribos da área, como os Tibarenos e Mossinicos (F204), os Mares (F205) e Macrones (F206), que se tornarão tradicionais entre os escritores posteriores.

Essa forma de localizar povos em relação a outros que se lhe fazem fronteira vez ou outra era interrompida, em Hecateu, por descrições que inegavelmente estavam relacionadas com a natureza do país e os costumes de seus habitantes. O testemunho de Ateneu em F292a, autor bem mais antigo que Estéfano, ilustra bem essa característica de Hecateu em apresentar outros interesses que mereceram sua atenção, como aspectos botânicos ou de costume alimentar ou de vestuário. Para Pearson⁴⁵⁸, Heródoto (III 117) faz uma grande digressão quando vai falar dos Corásmios, a fim de demonstrar que seu conhecimento era superior em relação ao do Milésio, embora ele confirmasse que aquela região era uma planície cercada de montanhas por todos os lados. Nos fragmentos F292a e F292b, o primeiro de Ateneu e o segundo de Estéfano, fica patente como o Bizantino simplesmente “cortava” as informações que não interessavam ao seu léxico. Vejamos:

F292a: ATHEN. II 70b. “E abaixo [*diz ainda Hecateu*]: A leste dos Partos habitam os Corasmios, em região plana e montanhosa: nos montes existem árvores silvestres, cinara espinhosa, salgueiro e tamariz”⁴⁵⁹.

F292b: STEPH. BYZ. s. Corásmia: cidade a leste dos Partos. Hecateu, em *Periegesis da Ásia*, refere: “no território dos mesmos, uma cidade de nome Corásmia”...eles (se chamam) Corásmios, como diz o próprio [Hecateu]: “A leste dos Partos habitam os Corásmios”.

⁴⁵⁷ L. Pearson, 1975:66.

⁴⁵⁸ L. Pearson, 1975:80.

⁴⁵⁹ Em continuação, Ateneu declara ainda que Hecateu dizia que a cinara se originava na região do rio Indo. Jacoby não aproveita o trecho, mas Moscarelli sim, em sua antologia, traduzindo da seguinte forma: “E aggiunge che la cinara è originaria [della regione] intorno al fiume Indo”. (F305 Moscarelli).

Nessa passagem, Estéfano apenas cita a primeira parte da sentença, a mesma que está em Ateneu, dizendo que “*A leste dos Partos habitam os Corásmios*”, aproveitando especificamente o aspecto geográfico da referência, diferentemente de Ateneu. Ao menos, poderemos pensar que ou ambos possuíam de fato a obra *Periegesis*, ou Estéfano compilou o trecho de Ateneu.

O padrão hecataico de dispor povos e lugares em relação a referenciais geográficos passará aos autores posteriores, principalmente Heródoto. Vejamos:

“Na Ásia Central habitam os Persas, que se estendem até ao mar do sul chamado Eritreia. Acima deles, na direcção norte, ficam os Medos, acima destes os Saspíres, depois dos Saspíres, os Colcos, que se prolongam até ao mar do norte, onde deságua o Fásis”.

Tal passagem, por sua expressão e conteúdo, bem poderia pertencer à obra hecataica, mas pertence a Heródoto (IV 37)⁴⁶⁰. Também os fragmentos do Pseudo-Cílix estão cheios de referências como: “Iapígia. A seguir de Lucânia, está o povo dos Iapígos, até o monte Orion no golfo de Ádria” (F14)⁴⁶¹.

De acordo com as cinquenta e uma passagens que analisamos, é notório o interesse de Hecateu em fornecer a correta localização dos agrupamentos humanos, com uso de referenciais geográficos que uma pessoa viajada deveria conhecer ou ficar a conhecer, como montes, rios ou Golfos. Por exemplo, ele localizou sítios em relação às montanhas Etna, Pindo, Atos, Hemo, Córicos e Criseo, em relação aos rios Lameto, Ádria, Lacmo, Ínaco, Aqueloo, Eante, Termodonte, Xanto, Araxo e Indo, e aos golfos Cireu, Jônio e Termaico. Também ele é claro em afirmar a direcção em que fica um povo em relação a outro ou em relação a um dado geográfico, como mostra o F207: “os Dizeres confinam a leste com os Cós”, ou ainda o F171: “Trizos: povo ao sul do Istro”, conforme fizeram bastante Heródoto e Pseudo-Cílix. Por fim, esse padrão de localização que os fragmentos demonstram sugere e concorda com a autoria de um mapa da *Oikoumene* da parte de Hecateu. Em um mapa, importa a proporção de distância entre os pontos, sejam cidades ou outras referências⁴⁶². A geometria que imperava nas cartas jônicas, segundo a descrição de Heródoto, prova essa premissa. Era

⁴⁶⁰ Trad. de Maria de Fátima Silva e Cristina A. Guerreiro. Heródoto. *História*. Livro IV. Lisboa: Ed. 70, 2001.

⁴⁶¹ Trad. Luis A. García Moreno – F. Javier Espelosín. *Relatos de Viaje en la Literatura griega antigua*. Madrid: Alianza, 1996.

⁴⁶² José R. Arana. El Mapa de Hecateo. *Veleia*, 13 (1996), pp.80-81.

possível “ver” na inscrição da carta, que Atenas era mais próxima de Corinto que de Mileto. Mas a “distância” não era dada apenas por algum padrão métrico, como é comum em nossos dias. Os gregos também usavam a duração de marcha a pé ou tempo de navegação. Das referências de Hecateu, apenas restou uma, na qual ele cita uma medida concreta: “Psilos e Golfo Psílico: Segundo Hecateu em *Periegesis da Líbia*: “o golfo Psílico é grande e profundo, [e para percorrê-lo] são precisos três dias de navegação”⁴⁶³. Conta Heródoto (V 50) que quando o tirano Aristágoras argumentava sobre o apoio espartano contra os Persas, e mostrava o mapa de Hecateu ao Rei Cleômenes, este perguntou-lhe quantos dias de marcha separavam o mar Jônio da morada do Rei. Ao ouvir a resposta de que eram necessários três meses para percorrer o caminho, Cleômenes interrompeu a fala de seu interlocutor e o ordenou que partisse de Esparta “antes do por do sol”. Esse desenlace, terrível para os Milésios, põe o mapa de Hecateu como um instrumento a serviço da retórica política⁴⁶⁴, mas a praticidade de Cleômenes em passar da escala proporcional da carta – um objeto gráfico – para uma referência concreta de viagem que ele bem conhecia, a marcha, mostrava a real e absurda dimensão da empresa proposta pelo líder milésio⁴⁶⁵. Não há dúvidas de que Hecateu era capaz de falar de relevos, rios, e outras realidades geográficas de seu mundo conhecido, conforme veremos logo abaixo.

3.1.3. Indicações específicas de relevo e outras formações naturais: montes, promontórios, istmos, ilhas, planícies.

Fragmentos:

F7a, 51, 52, 59, 60, 63, 75, 82, 102a, 105, 124, 125, 138a, 139, 140, 141, 142, 143, 167, 217, 220, 221, 227, 231, 239, 241, 271, 278, 281, 305, 307, 310, 326, 330, 332, 341, 343, 347, 353.

⁴⁶³ F332, citado por Estéfano. É assim que Homero demarca, na *Odisseia*, a duração de navegação entre Creta e o Delta do Nilo, de cinco dias (Od.XIV 255-257). Também Heródoto utilizou o tempo de navegação como medida: “Ora, para ir da embocadura do Pontos ao Fásis (a maior extensão do Pontos) consomem-se nove dias e nove noites de navegação” (IV 86). Esse historiador, no entanto, utiliza uma série de formas de medida, como o escoino, o estádio, a orgiia, entre outros. Assim, ele fez medições no Mar Negro, Egito e Grécia. Sobre o tema, ver P. Keyser. “Errors of Calculation in Herodotus”, CJ 81 (1986), pp. 230-242.

⁴⁶⁴ Ver a interpretação deste episódio por Christian Jacob. *Geografía y Etnografía em la Grecia antigua*. Trad. Gonzalo C. Adreotti. Barcelona: Bellaterra, 2008, pp. 53-63.

⁴⁶⁵ De fato, a distância entre a costa da Ásia Menor e a antiga capital persa Susa (hoje, próxima à cidade de Shush, Irã), é de mais de 2.500 km, atravessando rios, desertos, campos e montanhas.

Análise:

Dentre todas as formações naturais, as que mais estão presentes na obra hecataica são as ilhas. O Milésio cita mais de trinta nomes⁴⁶⁶ de sítios insulares, desde os localizados no Mediterrâneo ocidental, como Elba, Maiorca (Melusa), Minorca (Cromiusa)⁴⁶⁷, e outras da costa africana, do litoral da Itália, como Capri e a Córsega, além da Sicília; as ilhas no Egito e na Grécia, entre outras na Costa Asiática e do Golfo Pérsico são também referidas. O fato de não serem citadas ilhas mediterrânicas famosas como Chipre⁴⁶⁸, Creta e Rodes deve-se mais ao desaparecimento da obra de Hecateu do que a um suposto desconhecimento geográfico da parte do autor. Um exemplo claro é que a Sardenha, a segunda maior ilha do Mediterrâneo, com 24 mil quilômetro quadrados⁴⁶⁹, que fica na frente da península itálica e a apenas 200 km da costa africana (onde hoje é a Tunísia), por onde sem dúvidas Hecateu passou, não é referida nenhuma vez no corpus hecataico. No entanto, Heródoto (V 124) informa que quando Aristágoras, o líder milésio durante a Revolta Jônica, apresentou um plano de fuga no caso de serem expulsos de Mileto pelo rei Dario, propôs aos seus adeptos duas opções de destino: Sardenha ou Mircino⁴⁷⁰, na terra dos Edônios, Trácia. Décadas antes, ocorrera algo parecido diante do avanço de Ciro, quando Bias, o sábio de Priene, havia proposto em assembleia que os Jônios abandonassem a Ásia Menor e criassem um centro comum na Sardenha. Tales de Mileto, diferentemente, mas na mesma época, havia proposto a formação de um Conselho único em Téos, uma ilha no meio da Jônia (Hdt. I 170). Ou seja, a ideia de partir ou ao menos resguardar-se dos Persas em ilhas não era novidade entre os Jônios. Bias devia saber da extensão territorial e dos

⁴⁶⁶ Um número inexpressivo, já que somente a Grécia possui mais de seis mil ilhas.

⁴⁶⁷ F52 e F51. Ilhas na Ibéria identificadas com Maiorca e Minorca. Cf. T. Braun, 2004, p. 313.

⁴⁶⁸ Ele não descreve nem menciona nada desta ilha, embora é certo que a conhecesse, pois no F310, ele diz que havia na região no Nilo, várias ilhas com nomes gregos, como Éfeso, Quios, Lesbos, Chipre e Samos. Ora, aqui torna-se evidente que os Gregos que foram ao Egito não empregavam os nomes locais para chamar as ilhas que lá encontraram.

⁴⁶⁹ A Sicília é a maior, com 25.400 km². No entanto, é possível que os antigos acreditassem que a Sardenha fosse a maior ilha do Mediterrâneo, e a Sicília, a segunda, conforme refere o texto de Pseudo-Cílix (F114).

⁴⁷⁰ Com a derrocada de Mileto, Aristágoras e alguns seguidores se retiraram para Mircino, perto da embocadura do Rio Estrímon, na costa trácia, uma cidade fundada por Histieu de Mileto (Hdt.V 23-24), e de localização muito estratégica para a navegação da região. Ali havia muitos recursos naturais, como madeira para barcos e remos, além de minas de prata (Hdt.V 23). Anos depois, será fundada a cidade de Anfípolis pelos Atenienses, a cerca de 7 km dali, bem na embocadura do Estrímon. Ver as observações de Tucídides sobre o local (IV 108).

recursos naturais que os Jônios encontrariam na Sardenha⁴⁷¹, embora ela estivesse sob ocupação cartaginesa naquela época. Hecateu se colocou contrário às opções de Aristágoras, propondo a criação de um foco de resistência na ilha de Leros próxima de Mileto, proposta que não foi aceita. De modo que a passagem de Heródoto sobre os conselhos de Hecateu naquele contexto de guerra testemunham duas ilhas, Sardenha e Leros, que não aparecem citadas nos fragmentos hecataicos.

Em alguns fragmentos referentes ainda às ilhas, nota-se que Hecateu sempre prefere chamar o lugar com algum nome diferente do comum, em geral com um nome antigo ou indígena, quando possível. Foi assim com Cirno, do grego *Kyrnos*, antigo nome da Córsega (F60); a ilha de Quemis (F305) no vale do Nilo, que Heródoto depois chamará de Quemis (II 156)⁴⁷²; Capri é citada por Hecateu como *Kapriene* (F63); ainda as ilhas Fenicussas⁴⁷³ (F278), no Golfo Líbio, perto de Cartago, cuja denominação dada pelo Milésio não é atestada em outras fontes. Ele preferia os nomes antigos, como é o caso de Cna, denominação antiga da Fenícia (F272), e Heracleia, na Ásia Menor, que segundo ele era Latmos, por causa no monte próximo, o Latmos (F239).

Dos montes e montanhas, Hecateu cita pelo menos uns dez pelo nome, e outras vezes, refere apenas que essa ou aquela região era “montanhosa”, como a terra dos Corásmios (F292a). Logo na Ibéria, ele reconhece as Colunas de Hércules, dando um dos mais antigos testemunhos que se conhece a essas estruturas rochosas, na entrada do Mediterrâneo⁴⁷⁴. Ele refere o monte Etna (F73), na Sicília, o mais alto vulcão da

⁴⁷¹ Segundo Heródoto (I 170), se os Jônios houvessem seguido a sugestão de Bias, “poderiam ter-se tornado o povo mais próspero dentre os Helenos”. Trad. José R. Ferreira e Ma. De Fátima Silva. Heródoto. *Histórias* Livro I. Lisboa: Ed. 70, 2002.

⁴⁷² Como notaram W. W. How e J. Wells (1928:255), a forma usada por Hecateu (Chemis) é mais próxima do egípcio “Chebt” que a usada por Heródoto na passagem aqui, “Chemis”.

⁴⁷³ Em geral se tem chamado de Fenicussa a ilha rochosa de Filicudi, a cerca de 30 km do norte da Sicília, uma das oito ilhas do chamado Arquipélago Eólio, que pertence à Itália. Isso vai contra a descrição de Hecateu, de que eram duas as ilhas, e que ficavam no Golfo Líbio, perto de Cartago. Prefiro crer, com T. Braun (2004:330), que se tratem de duas ilhotas desabitadas na entrada do Golfo de Túnis, Djeziret El-Djamur e Djeziret es Seghir.

⁴⁷⁴ No retorno de Hércules da Ilha Eriteia, que ficava no Mar Oceano, trazendo os bois de Gerião, o herói havia erguido duas gigantescas colunas em cada parte do estreito, uma na Europa, outra na Líbia, as chamadas Colunas ou Pilares de Hércules (o Rochedo de Gibraltar e o de Ceuta). Essas formações naturais (mas que se acreditava serem obra de Hércules) representavam os limites geográficos da terra conhecida, e também os limites da navegação grega. Cf. Píndaro (N.III 21 e IV 69). Esse poeta declarava que para além dessas colunas havia uma região “inacessível para os sábios e tolos” (O. III 45). Sobre a tradição antiga das Colunas de Hércules e sua exata identificação, ver G. M. Turnquist, *The Pillars of Hercules revisited*. *BASO*, 1974: 13-15.

Europa⁴⁷⁵, como ainda monte Lacmo, cume do Pindo⁴⁷⁶, que é uma grande cadeia monstahosa no Épiro (hoje em dia, entre a Albânia, Grécia e Macedônia); o Himeto (F127), na Ática, nos arredores de Atenas é lembrado pela história dos Pelasgos; o Atos⁴⁷⁷ (F151), famoso monte na península da Calcídica é outra referência hecataica; o monte Criseu, na Fócida, que fica na Grécia Central, fronteira da Etólia e Acarnânia. Além desses, cita ainda o monte dos Ftires (F239), perto do Latmo, que o próprio Hecateu lembra ter sido mencionado pelo “poeta”, no caso, por Homero⁴⁷⁸; os montes Cóclicos (F209), lembrado quando ele falava do Cáucaso. O monte Cóclicos (F231), perto de Téos, na Jônia e o Hemo (F167, F168 e F169). Este último, conforme Estéfano, era citado por Hecateu “em toda parte”, sendo ainda referido por Helânico, Dionísio e Eudoxo. Heródoto cita o Hemo, na Trácia (IV 49), ao descrever os afluentes do rio Istros. A referência desse monte por Hecateu “em toda parte” indica que estava citado tanto na *Periegesis* quanto nas *Genealogias*. O interesse do Milésio nesse monte sem dúvidas não era apenas em termos geográficos, desde que o Hemo era local recorrente em alguns mitos⁴⁷⁹. Ele podia ter sido mencionado, por exemplo, na invasão das Amazonas na Ática (F7a e F7b), ou quando o Trácio Eumolpo, gerado pela ninfa Quione e Possêidon (F141), invadiu a Ática, reinando em Elêusis e entrando em guerra contra Atenas⁴⁸⁰.

Quanto aos promontórios, os fragmentos mencionam apenas quatro, bastante distantes entre si: o de Cibos (F343), na Líbia fenícia, o de Lilibeu (F75) e Esquileu (F82), no sul da Itália, e o de Abarnos, que segundo Hecateu era o promontório de Lâmpsaco, conforme atestará depois Xenofonte (*Hell.* II 1. 19). Já os istmos, cita apenas dois, o do Quersoneso (F163) e o mais famoso da Grécia, o de Corinto (F120), sobre

⁴⁷⁵ Possui cerca de 3.300m de altitude, sendo muito ativo até hoje. Píndaro refere sua atividade vulcânica em torno de 470 a.C.: “Das suas profundezas são vomitadas as fontes mais puras de um fogo inaproximável. De dia, os seus rios derramam uma corrente de vapor incandescente. Mas de noite, uma chama púrpura ondulante atira ruidosamente lava para a superfície do fundo do mar...monstro terrível de ver. Maravilha, contudo, para quem está ao pé dele a ouvi-lo (...)”. Trad. A. de Castro Caeiro. Píndaro. *Odes Píticas*. Lisboa: Prime Books, 2006.

⁴⁷⁶ Lembrado por Heródoto (VII 129).

⁴⁷⁷ Segundo a descrição de Heródoto, o Atos é um maciço montanhoso alto e famoso, cujas encostas mergulham no mar e são habitadas por homens (VII 22).

⁴⁷⁸ II. II 868

⁴⁷⁹ Hemo é filho de Bóreas e Orítia, casou-se com Ródope, a filha do deus-rio Estrimon. Foi transformado em monte por cometer o sacrilégio de se passar por Zeus, o mesmo ocorrendo com Ródope, por se passar por Hera (Ovid. *Metam.* VI 88). Ovídio ainda o cita, junto com várias outras montanhas do Mediterrâneo. Cf. *Metam.* II 201-226.

⁴⁸⁰ Mitos referidos por Pausânias (I 38.2 e 3). Ver a discussão em F. Pownall. “Hekataios of Mileto (1), F167, F168 e F169. In: *Brill’s New Jacoby*. Ed. Ian Worthington. Brill Online, 2013. <http://referenceworks.brillonline.com/entries/brill-s-new-jacoby/hekataios-of-miletos>.

cuja cidade o Milésio oferece o antigo nome de Éfira, de Éfira, filha de Mirmeco, mulher de Epimeteu. Embora não esteja claro que esses dados “históricos” fossem de Hecateu, pelo seu gosto de nomes antigos e genealogias, é provável que Estéfano tenha tomado os dados dele, mas sem rigor na citação. O curioso é que a versão de Hecateu diverge da do poeta Eumelo, do século VIII a.C., segundo o qual Éfira era filha de Oceano e esposa de Epimeteu (no lugar de Pandora, como acreditava Hesíodo (Op.82 e ss.)⁴⁸¹. Quer dizer que Hecateu sugeria versões alternativas, provavelmente para “corrigir” as mais tradicionais, como as de Hesíodo e Homero. Quando passamos às planícies, também contabilizamos quatro, nos fragmentos, sendo duas citadas na *Periegesis* e duas nas *Genealogias*, traço mais que comprovado de que em Hecateu estiveram mescladas informações geográficas e míticas. Ele relata nas *Genealogias* que “Temiscira é uma planície desde Cadísia até o Termodonte” (F7a). Se perguntarmos qual o sentido desse trecho constar nessa obra, e conhecendo o contexto do local em outras fontes, poderemos sugerir que ele tratava das Amazonas ou dos Cimérios⁴⁸²,

3.1.4. Indicações hidrográficas: rios, mares, oceanos, golfos e lagos

Fragmentos:

18a, 18b, 48, 49, 63, 80, 92,93,102^a,102b, 102c, 105, 145, 146, 155, 159, 211, 217, 255, 265, 289, 291, 299 301, 302a, 319, 332, 342, 353, 355.

Análise:

Como homem do mar, explorador e periegeta, Hecateu circulava basicamente de barco, pela costa mediterrânea, em rotas conhecidas pelo navegadores da época. Não é de estranhar, portanto, que ele desse destaque para o panorama hídrico em sua descrição do mundo.

Se a navegação era uma atividade perigosa e sofrível na época arcaica grega, conforme atesta a poesia de Hesíodo⁴⁸³, Sólon⁴⁸⁴, Alceu⁴⁸⁵, entre outros, ainda assim

⁴⁸¹ Cf. *BNJ* 1 F 120 (comentário).

⁴⁸² Segundo Ésquilo (*Prom.*723-732), as Amazonas habitavam a localidade de Temiscira, principal centro das lendárias mulheres guerreiras, às margens do Mar Negro (hoje em dia, Terme, no norte da Turquia), e os Cimérios, a norte, na entrada do atual Mar de Azov (Bósforo Cimério). Homero (*Od.*XI 13-20), no entanto, os colocava para os extremos do norte, onde nunca se via o sol brilhar.

⁴⁸³ O Beócio confessa sua ignorância em assuntos do mar (*Op.*648-650 e 668-70).

constituía o meio habitual de transporte, por causa dos perigos e as grandes distâncias dos percursos por terra. Mas os poetas que “reclamavam” das viagens longas de barco não eram homens experimentados nas artes náuticas, como supomos que Hecateu foi, além do que, conforme sabemos, ele seguiu os passos exploradores de homens como Tales e Anaximandro, grandes navegadores.

Ele devia saber que o limite ocidental conhecido desse mar interior, o Mediterrâneo, eram as ditas Colunas de Hércules, como pregava o poeta Píndaro, na mesma época:

“Mas não se pode atravessar para além de Cádiz, para as trevas.
Volta ao contrário as velas do navio, em direção à Europa, à Terra firme”⁴⁸⁶.

O Rio Oceano, que circulava o mundo conhecido, não era um lugar seguro de percorrer, segundo este poeta, já que não era fácil atravessar o mar “intransitável” (ἀβάταν) para além das Colunas que Hércules, o herói divino, havia construído⁴⁸⁷. Hércules, aliás, é considerado, “por definição, um herói viajante”⁴⁸⁸, dentro da tradição grega. A realização de seus famosos “trabalhos” o teria levado a percorrer os mais distantes recantos do mundo, enfrentando toda sorte de perigos, desde monstros a inimigos de toda sorte, em meio a terras desconhecidas. Ele é visto pelo mesmo Píndaro tanto como um explorador da terra⁴⁸⁹, quanto um civilizador, que sonda abismos inóspitos para facilitar a passagem dos marinheiros⁴⁹⁰ por locais desconhecidos, ou combate monstros marinhos. A presença do herói na saga dos Argonautas é bastante significativa para sua vocação de viajante, e os lugares que visitou praticamente abarcam todo o mundo conhecido. Conexão do interesse de Hecateu com as viagens de Hércules, sobretudo relativas ao ocidente do continente europeu, e com a rota dos Argonautas em sua expedição que cortou rios e mares é especialmente marcante. Sem ignorar as aventuras marítimas ancestrais, o Milésio parece ter seguido os passos de

⁴⁸⁴ Cf. Versos 43-46 do poema dedicado às Musas. Fr.13 Edmonds.

⁴⁸⁵ Cf. Fr.208 Campbell.

⁴⁸⁶ *Nem.*IV 69-72.

⁴⁸⁷ *Nem.* III 23-24

⁴⁸⁸ J.F. Gómez Espelósín. *El descubrimiento del mundo: geografía y viajeros en la antigua Grecia*. Madrid: Akal, 2008, p. 54.

⁴⁸⁹ Pelo menos em duas ocasiões ele afirma que o herói explorou e viajou pela terra, ver *Nem.*III 25: καὶ γὰν φράδασσε; e em *Istm.*IV 5: γαίης τε πάσας καὶ βαθύκρημον πολιᾶς ἀλὸς ἐξευρῶν θέναρ (...)

⁴⁹⁰ *Istm.*IV 57-58

Hércules nos limites da *Oikoumene* helênica⁴⁹¹. A crença de que o oceano (*Okeanos*)⁴⁹² era um rio que circulava a terra inteira ele tomou da tradição épica⁴⁹³, embora não haja indícios de que o considerasse, como Homero, uma entidade divina, origem dos deuses⁴⁹⁴ e distinta do mar (*Thalassa*)⁴⁹⁵. Hesíodo, por seu turno, define o Oceano como “o rio que em si mesmo acaba”, ou seja, que começa onde acaba, confirmando sua forma circular. Essa concepção vai depois ser criticada por Heródoto, que não acreditava que existisse tal rio Oceano, pela ausência de provas⁴⁹⁶. De outra parte, parece que Hecateu acreditou na concepção tradicional de que do oceano procediam todos os rios, todo o mar, bem como todas as fontes e nascentes profundas⁴⁹⁷.

Devemos considerar que em suas andanças, certamente Hecateu tenha visto a entrada do Mediterrâneo (nas Colunas de Hércules), embora não a tenha ultrapassado, além de ter visitado ou passado pela embocadura de muitos rios, pequenos e grandes, por lagos e mares interiores, como o Mar Negro. Em seus fragmentos, ele chega a citar nome de seis mares⁴⁹⁸, dez golfos⁴⁹⁹ e três lagos⁵⁰⁰. O Mar Mediterrâneo é chamado por ele “μεγάλης θάλασσης”, Grande Mar, conforme relata Arriano (F26). O Mar Negro é chamado “*Pontos*”, e apesar de constituir um local bem visitado pelos Jônios, apenas restaram quatro nomes de cidades em sua área, no *corpus* hecataico⁵⁰¹. Entre os golfos citados pelo Milésio, vale destacar alguns de certa importância, como o Golfo Jônico, o Adriático, o Líbio e o Látmico, esse último próximo a sua pátria. Amiano Marcelino⁵⁰², erudito do século IV d.C., sugere em um testemunho que Hecateu foi um dos que havia

⁴⁹¹ F.J. Gómez Espelosín, 2008:57

⁴⁹² Um nome que parece ser explicado mais facilmente por uma etimologia semítica do que por uma grega. Cf. Tozer, 1971:21).

⁴⁹³ Hom. Il. XVIII 607-608: aqui, o poeta descreve o escudo de Aquiles: “Colocou ainda a grande força do rio Oceano, à volta do último rebordo do escudo bem forjado”.

⁴⁹⁴ Hom. Il. XIV 201.

⁴⁹⁵ Ver a discussão em J. F. Ribeiro. Oceano e Tétis nos poemas homéricos e na obra de Hesíodo. In: Francisco de Oliveira et alii. *Mar Greco-Latino*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006, pp. 75-111.

⁴⁹⁶ Diz Heródoto: “Gérion morava longe do Ponto, naquilo que os Gregos chamam ilha de Eriteia, perto de Gadir, para além das Colunas de Hércules, já na margem do Oceano. Oceano que, segundo a teoria deles (porque provas concretas não as há), tem origem a nascente e rodeia a terra inteira”. Ver ainda a crítica desse historiador aos mapas Jônios, que traziam o Oceano a circular toda a terra (IV 36).

⁴⁹⁷ Hom. Il. XXI

⁴⁹⁸ Mar Mediterrâneo (F18a e F26); Mar Egeu (F197), Mar Pérsico (F281); Mar Hircânio ou Cáspio (F286 e F291), e o Ponto ou Mar Negro (F

⁴⁹⁹ F90, F91, F93, F105, F146, F211, F227, F239, F278, F332.

⁵⁰⁰ F159, F195, F355.

⁵⁰¹ Ermonassa (F208); Crosa (F213), Pátraso (F214) e Cadísia (7a).

⁵⁰² F197. Na passagem, Marcelino refere ainda Eratóstenes e Ptolomeu, além do Milésio, enquanto autoridades em medidas geográficas. Não podemos garantir se esse autor conheceu alguma medida exata na obra de Hecateu, ou se apenas o referiu como alguém reconhecido nesses assuntos.

proposto a medida da navegação costeira total do Ponto Euxino em 23 mil estádios. Da época do Milésio até o tempos dos geógrafos helenísticos e romanos, pensava-se que o Mar Cáspio não interior, mas sim um golfo do Oceano setentrional⁵⁰³. Foi seu interesse pela expedição dos Argonautas que motivou a busca por conhecer os roteiros mais distantes da terra, por mar e através de rios, outro caminho importantíssimo para os deslocamentos em seu tempo.

Nesse tempo, a mitologia era a principal fonte de informação sobre o passado humano, como ainda fornecia sentido sobre a origem das potências naturais. Segundo se lê em Hesíodo, de Oceano e Tétis se originaram os rio conhecidos:

“E Tétis gerou, do Oceano, os Rios turbulentos: Nilo, Alfeu e Eridano de profundos remoinhos, Estrímon, Meandro e Istro de belas correntes, Fásis, Resso e Aqueloo de remoinhos de prata, Nesso, Ródio, Haliácmon e Heptáporo, Grénico, Esepo e o divino Simunte, Peneu, Hermo e Ceco de belas correntes, o longo Sangário, Ládon e Partênio, Eveno e Adresco e o divino Escamandro”⁵⁰⁴. (*Th.*337-344).

De todas esses rios citados, Hecateu se refere, em seus fragmentos, a cinco: Nilo, Istro, Fásis, Estrímon, Escamandro⁵⁰⁵ e Aqueloo⁵⁰⁶, dentro de seu programa de descrever o mundo e de recolher os mitos gregos. Além desses rios, há mais quinze referidos no *corpus* hecataico, dentre os quais o Indo⁵⁰⁷ e o Araxo, já no interior da Ásia. Sobre o Vale do Indo, algumas observações são necessárias. Afirma F. Jacoby⁵⁰⁸ que seu conhecimento da região foi muito sólido, dando especial atenção ao sistema fluvial daquele país. Por volta de 515 a.C.⁵⁰⁹, desde a cidade de Gandara, Dario I havia incorporado o Vale do Indo. Foi então que mandou uma expedição com gente confiança, dentre os quais estava o almirante cário Cílix de Carianda⁵¹⁰, descer o rio Indo e seguir pelo Oceano até Suez, segundo nos informa Heródoto⁵¹¹, que reconhece a importância dessa expedição para a exploração da foz do Indo e da costa marítima

⁵⁰³ D. Asheri – A. Lloyd – A. Corcella. *A Commentary on Herodotus, Livros 1-4*. Oxford: Univ. Press, 2007, p.213.

⁵⁰⁴ Trad. Ana E. Pinheiro e José R. Ferreira. Hesíodo. *Teogonia. Trabalhos e Dias*. Lisboa: Incm, 2005.

⁵⁰⁵ Hecateu chama Rio Xanto, e não Escamandro. Na *Iliada* lemos “o grande rio de fundos redemoinhos, a quem os deuses chamam Xanto, mas os homens, Escamandro” (Il. XX 72). É o rio da planície de Troia.

⁵⁰⁶ Do Nilo(F18a, F301, F302a e F302b); Istro (F172); Fásis (F18a); Estrímon (F155); Escamandro (Xanto) (F255), e Aqueloo (F102c).

⁵⁰⁷ F296. O maior rio da Índia, com 3200Km de comprimento. Hecateu o chama *Indos* (como era conhecido na Grécia), palavra derivada do persa *Hindu*, que era a forma de denominar o termo indiano *Sindhu*. Cf. Gaṅgā R. Garg. *Encyclopaedia of the Hindu World I*. Nova Delhi: Ashok Kumar, 1992, p.03.

⁵⁰⁸ F. Jacoby, 1912:2698

⁵⁰⁹ J.O. Thomson. *History of Ancient Geography*. New York: Biblo & Tannen Booksellers, 1965:80.

⁵¹⁰ Para W.W. How e J. Wells (1928:319), a data da expedição foi 509 a.C.

⁵¹¹ Hdt.IV 44

asiática para oeste. Por essa época, Hecateu estava em franca atividade, e não era de surpreender que ele se ocupasse de uma região conquistada pelos Persas em sua própria época de vida. Ele informa de expresso a XVII satrapia persa, de Gandária, citada por Heródoto⁵¹², bem como outras cidades e grupos daquele vale, demonstrando que teve acesso a informações geográficas autorizadas. Autores modernos acreditam que Hecateu não visitou o interior da Ásia até o vale do Indo, mas pode ter obtido informações a partir do escrito de Cílix, seu contemporâneo e conterrâneo⁵¹³. Heródoto informa que esse era o outro único rio, depois do Nilo, que abrigava crocodilos. Uma informação assim devia partir de quem navegou aquele grande curso de água e viu esses animais, pelo que supomos que Heródoto obteve esse dado por Cílix, mas *via* Hecateu.

Dos cerca de vinte rios citados no *corpus* hecataico, apenas sete aparecem no texto de Heródoto, todos rios muito conhecidos: Fásis, Nilo, Istro, Estrímon, Xanto, Araxo e Indo. Mas o fato de não ter restado citações de mais cursos fluviais referidos por Heródoto não torna proibido pensar que esse autor tenha feito uso dos escritos hecataicos, por exemplo, para catalogar os principais rios da Cítia e da Trácia, terras que suponho ter Hecateu conhecido bem. No livro IV das *Histórias*⁵¹⁴, Heródoto faz uma grande digressão sobre o sistema fluvial da Cítia e regiões próximas, apresentando os oito maiores rios da região, entre os quais o Istros, o principal, além do Tiras, Borístenes e Tanais (hoje, o rio Don), e outra dezena de cursos tributários e afluentes desses rios.

Um ponto importante a salientar é que não há, nos textos hecataicos, qualquer referência aos rios míticos do submundo (Hades) ou outros rios fabulosos, como o Estige⁵¹⁵, Aqueronte, Eridanos⁵¹⁶ e Letes, por exemplo. O enquadramento que o Milésio parece aceitar e divulgar é o geográfico, e mesmo quanto trata de contar mitos, o faz de modo razoavelmente próximo da realidade palpável. A importância dos rios é esquemática e simétrica, na concepção do mapa de Hecateu. Heródoto atesta a tradição jônica de tomar alguns rios como demarcação de fronteira entre os continentes, com o Nilo, no Egito, o Fásis, na Cólquida, o Tanais, no Lago Meótis, e os estreitos Cimérios,

⁵¹² F294a de Hecateu. Ver Hdt.III 93.

⁵¹³ D. Asheri – A. Lloyd – A. Corcella, 2007:497-498. Esse escrito certamente não está representado pelos fragmentos que temos hoje do chamado Pseudo-Cílix, que seria um autor tardio, de cultura ateniense. Cf. G. Shipley, 2011:21.

⁵¹⁴ Hdt. IV 47-58.

⁵¹⁵ Rio do Hades, na Mitologia, “a terrível Água estígia dos juramentos”. Ver Hom. Il. II 755 e XIV 271.

⁵¹⁶ Rio mitológico que figura na lenda de Hércules, como ainda nas dos Argonautas: a nave Argo atravessa-o, ao cortar a terras dos Celtas (Apol. Argon. IV 627 e ss.). Não se sabe ao certo que rio europeu e ele podia representar, se o Ródano, o Reno ou o Pó. Heródoto o coloca no ocidente da Europa (III 115). Cf. H.F. Tozer, 1971:34.

no chamado Bósforo Cimério. Esse último, em Hecateu, servia de marco divisório para o Mar Egeu, segundo Marcelino⁵¹⁷. O Istros (atual Danúbio), o segundo mais longo da Europa, com quase 2900 quilômetros de extensão, e que desgua no Mar Negro, era um rio misterioso para os antigos, um dos seus limites tradicionais, que Hecateu não parece conhecer bem, segundo os fragmentos. Eles nos fala apenas dos Istros, povo do Golfo Jônico (F91), e os povos que habitavam ao sul do rio, os Crobizos (F170) e os Trizos (F171), além da cidade de Orgama (F172), que ficavam às suas margens⁵¹⁸. Heródoto é quem fornece evidências da importância do Istros para os mapas antigos e para sua própria concepção cartográfica. O Istros deságua no Mar Negro, mas suas águas procedem do ocidente, cortando a Europa do Norte. Ele funcionaria quase como um marco de meridiano a norte, ou “trópico de verão” como supôs W. Heidel⁵¹⁹, e o Nilo seria o marco meridiano sul, ou “trópico de inverno”. Heródoto concluiu, com suas próprias pesquisas (pois para ele não bastava ter visto nos mapas Jônios tal simetria, como supomos que viu), que o Nilo vinha do oeste para leste, acabando no Delta egípcio⁵²⁰. Ele declara que o Nilo⁵²¹, ao atravessar o território líbio inteiro, é semelhante ao Istro. Confrmava, então, a simetria dos mapas jônicos.

Porém, não há dúvidas, o curso de água que mais ocupou a curiosidade de Hecateu foi o Nilo. Apesar de conhecido dos Gregos, não vemos esse rio ser citado expressamente por Homero, que de toda forma refere-se ao Egito “de belas correntes”⁵²². Essa terra era, aos Gregos dos tempos homéricos⁵²³, um lugar distante, de muito difícil acesso, confinada por regiões quase fabulosas mais ao sul, como a dos Etíopes⁵²⁴. Por outro lado, o Egito é uma região de maravilhas, que causará admiração e desejo de visitaçãõ em muitos autores antigos, e tinha como sua maior atração, certamente, o Rio Nilo, o maior do mundo, que percorre quase sete mil quilômetros em sua extensão, da costa do Egito aos confins da África Central. Graças as suas enchentes anuais, ele promovia vida no Delta egípcio verdejante, no qual foi construída uma das maiores civilizações da Antiguidade. Entre os Jônios, Tales de Mileto é um dos famosos visitantes da terra dos Faraós, no decorrer do século VI a.C., e parece ter registrado sua

⁵¹⁷ F197.

⁵¹⁸ Provavelmente uma colônia milésia, no território atual da Romênia. BNJ 173 Commentary.

⁵¹⁹ W. A. Heidel. *The Frame of Ancient Greek Maps*. New York: American Geog. Society, 1937, pp.21-25.

⁵²⁰ Hdt. II 31.

⁵²¹ Hdt. II 34.

⁵²² Od. XIV 258

⁵²³ C. Froidefond, 1970: 21.

⁵²⁴ Od. IV 83-85.

curiosidade sobre as grandes pirâmides e acerca das cheias do rio. Depois dele, será Hecateu o autor a se aplicar a investigar aquela terra admirável, chegando a concluir que ela era “um presente do rio” (F301). Ele pôde certamente vislumbrar as maravilhas do Nilo, após navegá-lo cerca de oitocentos quilômetros, desde a costa do mar até Tebas, no Alto Egito⁵²⁵. Vários aspectos lhe chamaram a atenção, como animais reais e fabulosos, a exemplo do crocodilo, hipopótamo e fênix⁵²⁶, além da planta do papiro⁵²⁷ e a ilha de Quembis⁵²⁸. Hecateu ainda sondou sobre as enchentes do Nilo, que ninguém sabia informar ao certo a causa. Ele conclui que tal força da água só poderia provir do fluxo e refluxo do grande Oceano, onde o rio nascia⁵²⁹. Segundo Diodoro (I 37) essa teoria era propagada pelos sacerdotes egípcios, sem qualquer base de prova. Esse autor também afirma que homens como Cadmo e Hecateu de Mileto, além de Helânico de Lesbos trataram das causas e do lugar das fontes do Nilo de modo “mítico”⁵³⁰. É assim que Heródoto (II 21), ao criticar as posições correntes sobre tais assuntos, classifica a de Hecateu (ou dos sacerdotes) como “bem mais espantosa” que as outras, em termos de prova lógica.

Realmente. Hecateu fez uso de conhecimentos geográficos que possuía não apenas para estabelecer as feições de seu mapa do mundo, mas ainda para esclarecer várias lendas tradicionais, as quais registrou e comentou em suas *Genealogias*. Um grande exemplo, como aquele das viagens de Hércules, foi acerca do roteiro da expedição de retorno dos Argonautas, liderados por Jasão, com o Velocino de ouro que foram buscar na Cólquida, no sul do Cáucaso, a leste do Mar Negro (hoje Geórgia). Não

⁵²⁵ Percurso que Heródoto repetiu meio século depois, em visita àquele país. Ele relata, em II 9, que de Heliópolis, no Delta, até Tebas, se levava nove dias pelo rio (em uma distância de quatro mil, oitocentos e sessenta estádios, ou cerca de 900 Km). É interessante relembrar a conclusão de J. Wells, sobre essa viagem do historiador de Halicarnasso pelo rio: o fato de Heródoto nunca ter deixado seu barco levou-o a se equivocar quanto à real forma do vale do Nilo. W.W. How- J. Wells, 1929, p.163 (comentário a Hdt. II 8. 3)

⁵²⁶ F324a e F324b.

⁵²⁷ Hdt.II 92, supondo que Heródoto se baseia em Hecateu, o qual pode ter chamado a atenção do primeiro para essa importante planta egípcia. Cf. A. B. Lloyd, 1975: 139.

⁵²⁸ F305.

⁵²⁹ Pode haver aqui alguma ligação com o pensamento do explorador Eutímenes de Marselha, que percorreu no século VI a.C. a costa ocidental africana, descendo talvez até o rio Senegal, o qual pensou ser a comunicação do Nilo com o Oceano. Cf. F. Jacoby, FGrH 647 F1. As teorias antigas sobre o Nilo, de Tales, Hecateu, Anaxágoras, Enópides, Heródoto, Demócrito entre outros, está bem descrita em Luz M. García Fleitas e Germán S. Henríquez. *La Imagen de Egipto en los fragmentos de los historiadores griegos*. Las Palmas de G. C.: Univ. de las Palmas, Servic. De Public., 2002, pp. 16-41.

⁵³⁰ Por exemplo, se o Nilo provinha do Oceano, por que não era salgado? Não essa explicação no *corpus* hecataico, nem Heródoto atenta para o caso. Quem trata da questão é Diodoro, que refere à crença antiga de que o sol forte e a distância percorrida faria a água se tornar doce, o que para ele não passava de um disparate (I 40. 4).

há controvérsias quanto à ida, dos cerca de cinquenta heróis, que saíram da Tessália. Mas a volta é cheia de aventuras, desencontros, perdas, batalhas, monstros, tudo gerando uma série de versões distoantes entre os poetas e autores que citaram essa antiga lenda anterior à própria Guerra de Troia. Mas o fato mais curioso é que a viagem ocorre por meio de uma geografia bastante realista⁵³¹, em que mares, rios, relevos e povos citados eram os conhecidos entre os Gregos, mas sem precisão, já que os dados da saga se perdiam nas brumas da lenda. Nada mais natural que Hecateu entre outros⁵³² dessem suas versões sobre esse roteiro. Conforme dizem as fontes, Hecateu acreditou, estranhamente, que os Argonautas, da Cólquida, passaram do rio Fásis (atual Rioni) ao “golfo” Cáspio, e deste para o Oceano, circularam a Líbia e daí entraram pelo Nilo, que ele achava também estar ligado ao Oceano, chegando assim ao Mediterrâneo⁵³³. Esse absurdo de Hecateu por criticado por Pearson⁵³⁴, segundo o qual, esse relato de retorno dos Argonautas havia sido tratado nas *Genealogias*, e não na *Periegesis*, simplesmente porque seu autor ignorava de fato os cursos desses rios. Assim, diz Pearson, o Milésio havia exercitado sua imaginação onde era cabível, isto é, na obra mitológica, desde que a *Periegesis* era um tratado mais científico. Porém, sabemos que Hecateu não realizou qualquer divisão rigorosa entre o que era geográfico e o que era mítico. As suas temáticas ainda mesclavam todas essas questões com genealogia, história natural e etnografia. Sobre os Argonautas, F. Jacoby identificou duas passagens da *Periegesis* em que o Milésio citava essa lenda⁵³⁵, além do que tratou nessa obra de vários locais, rios, povos e cidades com alguma ligação com as lendas Argonáuticas, como o Mar Negro, o

⁵³¹ A, Villarrubia Medina, 2002:51.

⁵³² Houve várias versões de roteiro, partindo de autores famosos ou não, antigos e modernos: após Hecateu, temos o poeta Píndaro (séc. V a.C., em suas *Odes Píticas* IV), Herodoro de Heracleia Pôntica (mitógrafo do séc. IV a.C.), Timeu de Tauromênio (historiador, séc. III a.C.), Apolônio de Rodas (séc. III a.C., que escreveu a mais famosa e completa obra sobre os Argonautas, de título original *Argonautiká*), ou ainda um poema tardio (séc. V d.C.) de autor desconhecido, que tratava do ciclo argonáutico, chamado Argonáuticas Órficas. Para mais detalhes de todas as versões e de outras, ver Antonio V. Medina, 2002: 12-66.

⁵³³ F18a. Em F18b, vemos como Hecateu criticava a versão de roteiro de Hesíodo, segundo a qual, Jasão e seus homens chegaram ao Mediterrâneo pelo Fásis, pelo que Hecateu postou-se contrário, já que sabia não haver ligação direta do Fásis para esse mar. O rio Fásis desaguava no Mar Negro. Talvez Hesíodo não estivesse errado, supondo que pelo Mar Negro, alcança-se o Mediterrâneo. Hecateu, por seu turno, fez os heróis darem uma volta impossível pelo rio Oceano e Nilo.

⁵³⁴ L. Pearson, 1975:101.

⁵³⁵ F302c e F372.

Bósforo, a Cítia, o Cáucaso e a região do Mar Cáspio, os rios Istros e Fásis, a Líbia, o Adriático, entre outros⁵³⁶.

A atenção dada às estruturas marítimas, fluviais e lacustres na obra de Hecateu, seja como sua preocupação em dimensionar, localizar ou caracterizar essas variadas formações, em sentido geográfico, seja por seu desejo também em integrar as lendas míticas a esse espaço, demonstra dois aspectos básicos do autor: primeiro, que como navegador e explorador, seu interesse pelos caminhos náuticos foi marcante, como se era de esperar. Segundo, que ao destacar os mares, golfos, rios e lagos, ele se esforçou para ampliar o conhecimento grego sobre partes do mundo mal conhecidas, muitas vezes apenas presentes em mitos, como os de Hércules e dos Argonautas.

3.2. Indicações de história natural

Fragmentos: F37, 291, 292a, 296, 301, 302d, 305, 324a, 332.

Análise:

O espaço no qual Hecateu depositou algum material de história natural, com assuntos dignos de uma *Peri Physeos história*, foi seu escrito *Periegesis*, segundo demonstram os fragmentos que investigamos. Todas as referências a relevos e outras formações geofísicas, que constam dessa obra, como ilhas, lagos, golfos, montanhas, entre outras, podiam ser catalogadas nesta classificação, mas optou-se, na análise, pela seleção de passagens nas quais ele se referia a outros elementos naturais. Os elementos citados acima já foram registrados e analisados em outras seções. Há cerca de nove fragmentos em que ele se ocupa dessas matérias, mais ligadas à descrição do meio ambiente, a plantas locais, e a aspectos que consideramos “*thaumásia*”. Para ilustrar, ele afirma, em F291, que na região do Mar da Hircânia (Cáspio atual), “existem montes elevados e densas florestas, e no alto dos montes cresce a espinhosa cinara”. Sobre essa planta arbustiva, não podemos determinar a qual espécie o autor está a se referir, já que corresponde a todo um gênero composto por mais de dez espécies, das quais a mais

⁵³⁶ Segundo P. Tozzi (1966:51), a *Periegesis* serviu para registrar suas viagens, guardando as informações colhidas que foram usadas para a exposição crítica e seletiva das *Histórias*. Para o autor italiano, “um escrito pressupõe o outro, e não vice-versa”.

conhecida e cultivada é a *Cynara cardunculus* ou alcachofra⁵³⁷. Ateneu é quem menciona dois fragmentos em que Hecateu cita a cinara. No segundo, o Milésio afirma que na região dos Corásmios, a leste dos Partos, havia uma região plana e com montanhas, onde se achavam “árvores silvestres, cinara espinhosa, salgueiro e tamariz” (F292a). Ele descreve bem uma característica do gênero *Cynara*, que realmente possui espinhos, além de nomear mais duas espécies de árvores identificadas em dada região. No F37, proveniente de Harpócrácio, menciona-se a roseira e a violeta, dois tipos de flor. A citação, diz o autor, estava presente no livro I da *Periegesis*, onde certamente essa vegetação faria parte de alguma descrição. Também, no juízo sobre o Egito como “dom do rio”, supunha-se a observação do Milésio sobre a paisagem da fauna e da flora daquela país. Tudo indica que a obra de Hecateu inspirou ou chamou a atenção de Heródoto para a vegetação dos lugares que visitava. As *Histórias* estão repletas de dados botânicos, como as árvores do Cáucaso de cujas folhas se extraía uma tinta para tingir roupas⁵³⁸, ou a planta cultivada entre os Indianos, de onde se produzia uma lã melhor que a das ovelhas, ou seja, nada mais que o algodão⁵³⁹.

Os outros textos selecionados de Hecateu se referem em geral aos *thaumásias*, como no caso da ilha flutuante de Quembis (F305), as cheias do rio Nilo (F302b) ou a caça do crocodilo, a descrição do hipopótamo e da fênix (F324a). Heródoto será um grande seguidor desse método de lidar com o curioso e maravilhoso⁵⁴⁰. A pretensa história natural de Hecateu tinha o mesmo escopo que terá a obra do Pai da História, anos depois: agradar sua platéia, provocando a curiosidade dos ouvintes. Por fim, o único fragmento hecataico que o aproxima da *historie* meteorológica dos Milésios vem de Écio, o doxógrafo grego do século II a.C., segundo o qual “Heraclito e Hecateu dizem que o sol é uma massa inflamada que se imagina originada do mar”. A suspeita que recai sobre esse testemunho é o isolamento do passo, que atribui uma concepção astronômica a Hecateu inexistente em outras passagens e fontes. Mas a relação com Heráclito, contemporâneo dele, e a semelhança com as crenças astronômicas de Anaxímenes, reduzem um pouco as dúvidas.

⁵³⁷ D. J. Mabberley. *The Plant Book. A portable dictionary of the higher plants*. Cambridge University Press, Cambridge, 1987:706.

⁵³⁸ Hdt. I 203

⁵³⁹ Hdt. III 106.

⁵⁴⁰ Ver por exemplo, a obra de F. Hartog: *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Trad. J. L. Brandão. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.

3.3. Temáticas etnográficas

3.3.1. Indicações de Povos e Costumes

Fragmentos:

F9, 40, 41, 47, 49, 50, 53, 54, 61, 64. 65, 67, 68, 69, 70, 71, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 98, 99, 100, 101, 102c, 103, 107, 108, 113a, 113b, 118, 119, 137, 147, 157, 161, 170, 171, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180. 181, 182, 183, 185, 186, 187, 189, 190, 191, 192, 193, 198 203. 204, 205, 206, 207. 209., 210, 215, 216, 219. 270. 278, 279, 280, 287, 288, 289, 290, 292a, 292b. 293, 294, 295, 298, 299, 325, 327, 328 a, 336, 373.

Análise:

A etnografia representou um dos temas mais importantes dentro da investigação da *Oikoumene*, segundo o que está presente nos textos hecataicos. Os povos bárbaros que habitavam o mundo conhecido, vizinhos ou não dos Gregos, há tempos chamavam a atenção dos autores helênicos. Os Citas, Egípcios, Etíopes, Fenícios e alguns grupos lendários ou quase lendários, como os Hiperbóreos⁵⁴¹, Pigmeus, Cimérios, Arimaspos ou as Amazonas sempre fizeram presença na literatura grega, desde Homero e Hesíodo, até Hecateu, Ésquilo e Heródoto, quando estará estabelecido o tratamento de materiais etnográficos enquanto motivo de investigação e de literatura. O mundo que Hecateu pretendeu representar em seu mapa é preenchido por povos diferentes, não-Gregos; cada cidade é habitada por gente das mais variadas origens, etnias, hábitos e feições. As diferenças que o viajante notava não eram apenas físicas⁵⁴², mas também culturais.

Hábitos exóticos, roupas ou culinárias estranhas igualmente incitavam a curiosidade grega; aliás, todo tipo de notícia interessante, lendas incríveis ou maravilhas naturais serviram de objeto de registro para os autores viajantes. Essa literatura foi pedagogicamente muito útil no decorrer do século V a.C. O que Heródoto cultivou, no tratamento dado ao material que conseguiu em suas viagens, possui fortes laços e é

⁵⁴¹ Esse povo lendário, do extremo norte do mundo, não foi citado na *Ilíada* e na *Odisseia*, mas constava tanto no poema homérico perdido *Epígonos*, quanto em Hesíodo, conforme o relato de Heródoto (IV 32). Em sua poesia, Píndaro alerta que nem de barco nem a pé se pode descobrir o caminho maravilhoso para a reunião dos Hiperbóreos (P. X 29). Nesse autor, ver ainda O.III 13-16.

⁵⁴² O poeta Xenófanes afirmava que os Etíopes consideravam seus deuses como sendo negros e de nariz achatado, enquanto os Trácios os tinham como de olhos claros e cabelos ruivos, sugerindo que cada povo os representava segundo sua própria imagem (21DK16A).

bastante notório nos escritos de Hecateu, seu mais famoso antecessor. As narrativas sobre as origens de povos e cidades, bem como a etimologia e o etnônimo de seus nomes haviam chamado a atenção daquele curioso Milésio. O sucesso geral de livros como os de Hecateu e Heródoto comprovava a repercussão pública dos assuntos histórico-etnológicos dentro da sociedade políade clássica. Esse tipo de saber, ao mesmo tempo em que entretinha e divertia os ouvintes e leitores, ensinava-os e informava-os sobre a própria sociedade e sobre a vida e terra dos bárbaros, um papel pedagógico semelhante ao da poesia, em outros tempos.

Há nos fragmentos de Hecateu mais de noventa nomes de agrupamentos humanos pertencentes a alguns povos conhecidos dos Gregos, como os Citas, Trácios, Persas e Egípcios, e também é fornecida a sua arrumação em cada “parte” do mundo. Enquanto na sua apresentação de cidades da *Oikoumene* ele incluiu o mundo grego, já na sua relação de povos os Gregos não aparecem, mas apenas os ditos “bárbaros”, um termo que Hecateu já conhecia⁵⁴³. Mas não bastava, para o autor, indicar a localização desses povos. Ele também esteve interessado em identificar a etnia de cada agrupamento que encontrou ou tomou conhecimento em suas viagens. De suma importância para o viajante era saber a qual etnia pertenceria um dado grupo, para se ter o que esperar dele, em termos dos aspectos sócio-histórico e culturais, como seu comportamento, hábitos alimentares, meios de vida, língua, cultos, vestimentas, e tudo mais que fosse “interessante” destacar⁵⁴⁴. Será assim que Heródoto irá atuar, ao seguir a tradição anterior da qual Hecateu foi um importante representante.

O termo que o Milésio utiliza, segundo os fragmentos de Estéfano, para designar “povo” ou “etnia”, é *ethnos*, que em grego está próximo do sentido de país ou grupo de cultura comum que partilha uma história em dada sociedade⁵⁴⁵.

Por exemplo, um tipo de fragmento bastante comum, conforme será visto mais adiante, aparece como: “Ματωκέται ἔθνος Σκυθικόν. Ἑκαταῖος Εὐρώπῃ” (F189):

⁵⁴³ F119: Segundo Estrabão (VII, 7,1) Hecateu de Mileto acreditava que o Peloponeso, antes dos Gregos, foi habitado por povos Bárbaros.

⁵⁴⁴ A chegada em terras estrangeiras e desconhecidas necessitava de algum reconhecimento, qual Ulisses no país dos Lotófagos, manda dois arautos fazer o trabalho de reconhecimento: “...mandei sair alguns companheiros para se informarem acerca dos homens que daquela terra comiam o pão” (Od.IX 88-89).

⁵⁴⁵ Importa remeter ao termo “etnicidade”, o qual foi corretamente conceituado por Judith Toland como o sentido de unidade de povo que é mantido pelos membros de um grupo que divide uma cultura e uma história dentro de uma sociedade. J. Toland: Dialogue of Self and Other. Ethnicity and the State Building Process. In: J. Toland (ed.) *Ethnicity and the State*. 1-20. New Brunswick: Transaction Publisher, 1993, p.3.

“Maticetas: povo cita. Hecateu o refere em *Europa*”. Tudo indica que ele tenha usado mesmo tal expressão, ao informar que os Citas pertencem a um *ethnos*. Pelo menos, lê-se em Heródoto que quando o Milésio, em assembleia, listou os “povos” que acompanhavam Dario, utilizara o *ethnos*: καταλέγων τά τε ἔθνεα πάντα τῶν ἦρχε Δαρεῖος (...) ⁵⁴⁶. Também Dionísio de Halicarnasso, agora no século I a.C., ao descrever o estilo, o material e a forma de trabalho dos autores gregos anteriores à Guerra do Peloponeso, afirma que, entre outras coisas, eles não narravam os assuntos gregos e os bárbaros conjuntamente, mas sim separadamente, dividindo-os em “povos e cidades” (ἀλλὰ κατ’ ἔθνη καὶ κατὰ πόλεις). Ou seja, justamente como esboçado nos fragmentos de Estéfano, reforçado por Heródoto.

O Milésio, segundo se pode verificar em seu *corpus*, ordenou o sentido étnico dos habitantes da *Oikoumene* em oito maneiras básicas:

1) Mostra a localização simples de um grupo. Em cerca de oito passagens, fornece simplesmente o lugar onde certo grupo vivia, sem nomear uma região precisa (como um território, nação ou cidade específica) por exemplo, no F171: “Trizos: povo ao sul do Istro. Hecateu o cita em *Europa*”. Vale lembrar o quanto foi comum a localização imprecisa de uma cidade, da mesma forma como fez para os Mastianos, “povo nas colunas de Hércules” (F41) ⁵⁴⁷, ou os Dandários, “um povo próximo ao Cáucaso” (F191). Ele fornece a localização de um grupo nesse modelo ainda em: F144, 170, 192, 203, 207 e 289.

2) Fornece o etnônimo relativo a uma cidade. Esses aspectos constituem outros pontos de interesse de Hecateu, que procurou registrar e conhecer a forma de chamar os naturais de dada cidade. Apenas torna-se complicada a contagem desse fenômeno nos fragmentos, pois muitas vezes não sabemos se o próprio Hecateu havia fornecido a palavra do etnônimo; Estéfano nesse ponto não é claro, e pode ter tomado os dados de outro autor ou fonte. Assim, teremos cerca de doze casos em que se supõe ter Hecateu expressado um etnônimo, como por exemplo, no F158, em que chama de “Abderita” o natural da cidade de Abdera, conforme atestaram outros autores, como Heródoto (VIII 120), Tucídides (II 29) e Pausânias (6.5.4). A expressão de Hecateu serve de exemplo “antiquário”, como por exemplo, ele chama os naturais de Quersoneso (F163), cidade da península de Cnido, no sudoeste da Ásia Menor, de “Quersonésios”.

⁵⁴⁶ Hdt.V 36

⁵⁴⁷ Muito provável que seja mesmo povo (Mastienos) que Avieno localiza na Ibéria (O.M. 419-452).

Heródoto⁵⁴⁸, meio século depois, utiliza o termo “Quersonesita”. Nesse e em outros casos, é complexo querer explicar as variantes dos etnônimos dados por Hecateu, em relação às formas posteriores e tardias. Ele chama os Dolíones, povo que vivia na área de Cízico e que aparece na tradição dos Argonautas⁵⁴⁹, com a designação “Dolieus” (F219), e Isáís (F326), chamada de “ilha” na entrada de Estéfano, devia ser o Oásis, que Heródoto refere na expedição de Cambises à Etiópia⁵⁵⁰. Hecateu havia dado o etnônimo dos “ilhéus” (*nesiotes*) tanto como Isaítas quanto Oasitas. Outros casos do gênero: F54, 163, 184, 200, 281, 305, 326, 337, 357.

3) Identifica um povo a uma região. A forma mais simples de localizar um grupo humano é identificando-o com certa região já conhecida ou mais divulgada. Esse método será bastante comum nos autores geógrafos e historiadores posteriores, e demonstra constituir um saber que parte dos viajantes gregos, dos antigos exploradores que traziam notícias de grupos que viviam afastados, em terras estrangeiras, gente dita “bárbara” pelos Gregos. Como exemplo de Hecateu, citamos o F180: “Xantos: povo da Trácia. Cita-o Hecateu em *Europa*”. Ao serem reunidas as cerca de vinte e quatro passagens com essa característica, foi notado um aspecto interessante: em quase sua totalidade, os povos referidos pelo nome não são atestados em outras fontes. Esse dado permite fazer algumas conjeturas de não serem utilizadas as designações que passarão a ser mais correntes desses povos em outros autores. Primeiro, que a nomenclatura escolhida por Hecateu, de tendência arcaizante, denominava algumas comunidades quase de forma exclusiva, preferindo variantes, e assim, não perseverou em outros autores. Tudo indica que o problema foi de mais nomenclatura do que de existência ou não de dado povo. Para ilustrar, citamos os Dársios (F175), da Trácia, que provavelmente consistem nos Dersaios citados por Heródoto (VII 110) e Tucídides (II 101); os Dasilos, também da Trácia, podem ser os Dantelitas referidos pelo historiador Teopompo⁵⁵¹, e assim por diante. Com outros nomes de grupos, não há identificação de grafia nas fontes antigas, como é o caso dos Datíleptos (F177), Entribos (F179), Trisplos (F183), somente entre os Trácios. Casos em que Hecateu relaciona um povo ou grupo a uma região geográfica: F40, 41, 45, 87, 88, 91, 92, 93, 157, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 209, 216, 334, 336.

⁵⁴⁸ IX 118.

⁵⁴⁹ Cf. BNJ 1 F 219 (Commentary)

⁵⁵⁰ A confusão de Estéfano é até compreensível, pois Heródoto chama Oásis de “Ilha dos Bem-Aventurados” (III 26)

⁵⁵¹ Cf. BNJ 115 F 221.

4) Identifica uma cidade a um povo. Dos 373 fragmentos de Hecateu, a maior parte, como vimos, em mais de duzentas ocasiões, registra e informa algo sobre cidades (*poleis*). Em cerca de trinta dessas passagens, o autor faz a relação entre a cidade e determinada etnia. O trabalho descritivo, nesse sentido, foi feito de forma bastante competente, não apenas no sentido fornecer maior exatidão aos dados geográficos⁵⁵², o que pode ter ocorrido, mas também, e principalmente, visando ordenar o espaço conhecido em termos de ocupação humana. A sua tendência, importantíssima para os historiadores, foi de informar o nome da etnia original das cidades, e não tanto a sua “atual” condição política de dominação. Por “etnia original” entende-se os habitantes “indígenas” ou naturais do lugar. Por exemplo, ele se refere assim à cidade de Marselha (F55): “cidade lígure na região dos celtas, colônia dos Foceus”. Quer dizer que essa comunidade tinha por habitantes originais os Lígures, mas lá havia sido criada uma colônia de Foceia, em meados do século VI a.C. O interessante aqui, é que ele também aponta o território dos Celtas⁵⁵³.

Outro exemplo é a comunidade de Nola (F61), na Itália, que ele refere como “cidade dos Ausones”. Esse povo havia há tempos sido subjugado pelos Etruscos, mas fazia parte, naquela época, de domínios Samnitas⁵⁵⁴. Sobre o centro de Arinte (F64), também na Itália, ele diz “cidade dos Enótrios”. Essa cidade e outros oito centros do interior de Enótria (a “terra do vinho”), foram talvez fundações Sibaritas, com quem os Milésios mantinham boas relações⁵⁵⁵. Não é de estranhar que a região interessasse a Hecateu. Ocorre o mesmo em: F10, 57, 58, 84 e 119 (nesse último, o nome Caucones, um dos povos originários do Peloponeso, confirmado em Heródoto, IV 148).

O mundo de Hecateu não é mais aquele em que um viajante perdido podia chegar a uma terra totalmente estranha, muitas vezes fabulosa e cheia de seres monstruosos, conforme cantavam os poetas épicos. Há cidades entre os Ibéricos, Lígures, Celtas, Citas, Persas, tanto quanto há entre os gregos. O fato do Milésio ter se referido aos centros bárbaros usando a denominação “pólis” não deve passar despercebido, já que desse modo, ele pôs no mesmo estatuto “político” os povos da *Oikoumene*. As referências identificando uma cidade a um povo são basicamente: F42,

⁵⁵² Por exemplo, no registro de Pausânias (4.2.2-3), Hecateu localiza com exatidão a região de Ecália (Oichalia) em Éscio, região de Erétria, sobre a qual havia algumas lendas associadas aHércules. Cf. C. Pownall, BNJ 1 F 28 (Commentary).

⁵⁵³ Ele é a primeira autoridade literária a registrar o nome dos Celtas. BNJ 1 F 54 (Commentary).

⁵⁵⁴ BNJ 1 F 61. C. Pownall (commentary).

⁵⁵⁵ Hdt.VI 21. Ver L. Pearson, 1975:41-42.

43, 44, 46, 61, 64, 65, 66, 67, 71, 98, 104, 113a, 113b, 132, 146, 161, 198, 200, 201, 202, 225, 240, 278, 280, 294, 295, 339, 343.

5. Relaciona um grupo a uma etnia. O mundo por onde Hecateu circulou e viveu, em sua grande parte, era ocupado por grupos humanos de diversas origens sócio-históricas e mesmo genéticas. Não foi tarefa das mais simples fazer a identificação das várias comunidade a uma nação ou grupo étnico predominante de alguma área. Nesse ponto, não bastava a tradição poética⁵⁵⁶ para embasar uma identificação, já que entre o século VI a.C. e o mundo épico, haviam se passado alguns séculos. Portanto, os horizontes geo-políticos não apenas haviam se expandido, mas também se alterado consideravelmente. Muitos povos contatados pelos Gregos nunca haviam sido citados por Homero ou Hesíodo. A principal fonte de Hecateu, sem qualquer dúvida, foram as viagens colonizadoras, conforme já foi dito, através das quais, que no século VI a.C. Gregos como Milésios, Foceus ou Megarenses, já haviam visitado e se estabelecido por quase toda a Bacia Mediterrânea.

Dentro do *corpus* hecataico, nota-se que em cerca de trinta passagens, o Milésio não cita cidades como referenciais, mas sim o nome de certo grupo humano, declarando seu adjetivo étnico, e identificando-o com uma etnia regional. A forma padrão em Estéfano é, simplesmente: “Melanclenos: povo cita. Menciona-o Hecateu em *Europa*” (F185). Para termos uma ideia das controvérsias desse trabalho de identificar um grupo a uma etnia, Heródoto⁵⁵⁷ fez questão de declarar que os Melaclenos habitavam ao norte do território Cita, e, ao contrário de Hecateu, não os considerou como Citas⁵⁵⁸. Mais adiante em seu texto, Heródoto reconhece que esse povo seguia os costumes citas, e que seu nome provinha das roupas negras que usavam (literalmente de *melaina* e *chlaina*, “roupa negra”). Outra polêmica entre Heródoto e seu antecessor diz respeito aos Issedones, que para o Milésio, no F193, eram um grupo cita, mas que Heródoto⁵⁵⁹ o tinha na conta de homens quase míticos, que viviam na Ásia, próximos da fronteira do mundo conhecido, a sul dos Arimaspos, que eram homens de um olho só. Heródoto foi impreciso e confuso em sua caracterização geo-etnográfica dos Citas, pois tanto a região não era acessível, quanto haviam poucas informações sobre eles. Hecateu pode ter sido

⁵⁵⁶ Segundo F. Jacoby (1912: 2696), Hecateu tomou as lendas épicas para encontrar a origem de nações e cidades.

⁵⁵⁷ Hdt. IV 101.

⁵⁵⁸ Hdt. IV 20. Esse povo também foi atestado no *Périplo* de Pseudo-Cílax (F79 Gómez Espelósín)

⁵⁵⁹ Hdt. IV

uma fonte⁵⁶⁰ importante de informação sobre o que se chamava “Cítia”, embora o material em seu *corpus* não seja satisfatório acerca dessa região. O fato é que sob a rubrica de “citas” estavam diversas etnias euro-asiáticas, que hoje em dia são difíceis de distinguir, por serem culturalmente similares, em muitos aspectos⁵⁶¹. Da Cítia, Hecateu refere apenas duas cidades, Cardessos e Carcínites, das quais apenas a última é atestada em outras fontes⁵⁶². Entre os grupos de etnia cita, ele fornece os nomes de seis, os Melanclenos, Edos, Isepos, Maticetas, Mirgetas e Issédones. Os fragmentos em que ele relaciona um grupo a uma etnia são: F47, 49, 50, 53, 100, 101, 103, 107, 147, 166, 185, 186, 187, 189, 190, 191, 192, 193, 210, 282, 283, 285, 288, 294, 298, 299.

6. Localiza um grupo em relação a outro. A descrição etnográfica precisa do auxílio da geografia para indicar a localização de um grupo em função de outro, que lhe é vizinho ou próximo. A ordem geográfica de Hecateu é intimamente relacionada com a ordem geo-política, principalmente após a dominação persa sobre várias nações. A formação padrão de expressão nesses casos é: “Peucetiantes: povo vizinho dos Enótrios, conforme Hecateu em Europa” (F89). Heródoto refere-se à região itálica de Enótria (*Oinotria*)⁵⁶³, cujo nome certamente é de origem grega⁵⁶⁴ e não bárbara. Embora fosse uma designação antiga, Hecateu a preservou⁵⁶⁵. De todo modo, Estéfano utiliza-se de Hecateu para indicar nove cidades dos Enótrios, em geral no interior do território. Outro exemplo característico: “Déxaros: povos dos Caónes, vizinho dos Encéleas. Hecateu o menciona em *Europa*. Vivem na região abaixo do monte Âmiro” (F103). Segundo Pseudo-Cílix, depois dos Ilírios estavam os Caones, que habitavam em aldeias, e cujo território era bem munido de portos⁵⁶⁶. Em Tucídides⁵⁶⁷, eles eram um povo bárbaro do norte do Épiro, diante de Corcira (atual Corfu, na Grécia). A maneira hecataica de arrumar os povos, em termos de vizinhança e pelos pontos cardeais vai ser comum nos historiadores e geógrafos posteriores, principalmente Heródoto, que localiza assim os povos da Ásia Central:

⁵⁶⁰ L. Pearson, 1975:66.

⁵⁶¹ S. West. Scythians. In: E.J. Bakker-I.J.F. de Jong – Hans van Wees. *Brills Companion to Herodotus*. Leiden-Boston: Brill, 2012, p.440.

⁵⁶² Hdt.IV 55.

⁵⁶³ Hdt. I 167.

⁵⁶⁴ Seu nome quer dizer, em grego “terra do vinho”, mas é um epônimo de Enotro, um dos filhos de Licaón. Por não aceitar sua parte de terra na herança que ia receber no Peloponeso, seguiu com seu irmão Peucécio para a Itália. Um deles originou os Enótrios, o outro, os Peucécios, que Hecateu chama Peucetiantes. Para a lenda, ver P. Grimal, 2009. “Enotro”, p.138.

⁵⁶⁵ L. Pearson, 1975: 42.

⁵⁶⁶ F28 (Gómez-Espelósín).

⁵⁶⁷ Tuc.II 80

“Na Ásia Central habitam os Persas, que se estendem até o mar do sul chamado de Eritreia. Acima deles, na direção norte, ficam os Medos, acima destes os Saspíres, e depois dos Saspíres, os Colcos, que se prolongam até o mar do norte, onde deságua o Fásis” (IV 37).

Há centenas de exemplos dessa e de outras formas de expressar a localização de povos nas obras histórico-geográficas posteriores a Hecateu. O seu método geográfico descritivo, em boa medida, se propagou em outros autores. Decerto que a obra *Histórias* de Heródoto não é uma *Periegesis*, mas a abordagem utilizada ali, em muitos casos, se espelhou na tradição que Hecateu ajudou a promover, em termos de ordenar e descrever o espaço. Fragmentos hecataicos onde se relaciona a localização entre dois ou mais povos: F89, 94, 95, 96, 101, 103, 108, 137, 163, 203, 204, 205, 207, 201, 292a e 292b.

7. Fornece alguns costumes dos povos. Infelizmente, são pouquíssimos os fragmentos em que podemos observar as descrições de Hecateu acerca dos hábitos dos diferentes povos que ele apresentou em suas obras. Por um lado, mesmo essas poucas referências, cerca de nove, demonstram que sua obra não consistiu em uma simples catalogação de cidades, relevos, rios, mares e povos. Por outro lado, as passagens também sustentam a tese importantíssima, de que o autor Milésio não colocaria tais dados se não pensasse na categoria “costumes” (*nomoi*) como curiosidade ou *thomata*, no intuito de agradar um certo público da pólis. Não se deve desconsiderar esse tipo de abordagem como se a única motivação do autor fosse a mera “obrigação” de cumprir a *historie* herdada dos seus mentores filosóficos da Escola de Mileto. Houve interesses literários e culturais que estavam ligados certamente ao público que ia ouvir aquele texto. Por exemplo, os Pigmeus já eram um grupo presente no terreno das lendas gregas, desde Homero⁵⁶⁸. O relato da forma como lutavam com os grous, no F328, devia estimular bastante a imaginação e curiosidade dos ouvintes, mesmo que o relato fosse apenas um registro de terceiros, pois Hecateu não conheceu pessoalmente os Pigmeus⁵⁶⁹. Ele ainda registrou os *Skiapodes* ou “pés de sombra”, povo fabuloso da Etiópia, nas bordas do mundo, também citado por Ctésias, um médico grego de Cnido,

⁵⁶⁸ Il. III 3-5.

⁵⁶⁹ Parece que ele está a interpretar o início do Canto III da *Ilíada*. Esse povo possui baixa estatura a ponto de ser notório que não são comuns. Heródoto os localizava no interior da Líbia, enquanto outros, como Cílix de Carianda, os encontrou na Índia (*BNJ* 709 F 7 a Commentary). Ora, não será ir longe demais supor que um explorador que avistasse homens (tribos, grupos) de homens muito baixos, os designasse logo e naturalmente, de “pigmeus”. Não sem razão que atualmente ainda se chamam de “pigmeus” vários grupos étnicos na África, América do Sul ou Oceania.

do final do século V a.C., que os colocava na Índia, talvez sob influência de Cílix⁵⁷⁰. Esse médico dizia que os Skiapodes possuíam apenas uma perna, e quando deitados no chão, a levantavam para que seu pé servisse de guarda-sol. Esse e outros relatos, como os vários encontrados em Heródoto, reforçam as evidências sobre o desejo consciente desses autores para atrair a curiosidade dos ouvintes.

Em nove fragmentos, sendo três provenientes de Estéfano (F185, F287 e F335), quatro de Ateneu (F9, F184 e F323b), um de Harpocrácio (F284) e outro do escoliasta de Homero (F328a), vemos como Hecateu se referiu aos costumes de alguns povos presentes na sua obra, basicamente em termos de alimentação e trajés. No F154, ele declara expressamente que Peônios “bebem cerveja (*bryton*) que tiram das cevadas e da quebra de milho (painço) e de ênula. E ungem-se de gordura de leite”. Esse povo vivia na Trácia, e foi bastante citado por Heródoto⁵⁷¹, que no entanto não aproveitou essa informação do Milésio em sua obra. Ao menos, Helânico de Lesbos⁵⁷² confirma essa notícia acerca dos Trácios, dizendo que também se produz cerveja (*bryton*) tanto de cevada, “como fazem os Trácios”, quanto de algumas raízes. No outro fragmento de Ateneu (F323b) também há referência à alimentação: “Hecateu diz que os Egípcios consomem pão, pois comem cilaste, mas quanto à cevada, a moem para produzir uma bebida”. Heródoto⁵⁷³ é quem testemunha esse hábito egípcio, de comer um pão feito de espelta, por eles chamados de *kyllestis*, e consumir um vinho feito de cevada, já que na sua terra não existe vinhas. Os comentaristas atuais de Heródoto concordam que nessa passagem, ele foi informado por Hecateu⁵⁷⁴. Ésquilo, nas *Suplicantes* (v.953), utiliza também essa referência sobre o “vinho de cevada” para depreciar os “Egípcios” da peça, provavelmente com base em Hecateu, cujas obras já circulavam por volta de 470 a.C., data aproximada para essa obra de Ésquilo⁵⁷⁵. Os fatores desse “estranhamento”, que chama a atenção dos autores acima, diz respeito à própria cultura grega, que por um lado, adotou como bebida tradicional o vinho feito de uva (fruta), e não de cevada (cereal, no caso, dito tanto por Heródoto quanto por Hecateu, dos Egípcios (II 70); por outro lado, chocava o uso bárbaro de gordura animal (natas) para fins higiênicos e

⁵⁷⁰ Ver comentário ao fragmento 7a de Cílix de Carianda, por Philip Kaplan, BNJ 709 F 7a.

⁵⁷¹ Hdt. IV 33 e 49; V13-14; VII 124, etc. Eles foram expatriados pelos Persas, ver V 1-2, 12-17; 23 e 98; VIII 113 e 185.

⁵⁷² Hell. F66, proveniente também de Ateneu (J. Caérols Perez, 1991).

⁵⁷³ II 77. Ateneu esclarece, no F322: (ATHEN. III 114c): “Os Egípcios chamam de “cilaste” o pão azedo”.

⁵⁷⁴ A.B. Lloyd, *Herodotus, Book II: Commentary 1–98* (Leiden 1976), 334.

⁵⁷⁵ Ver discussão em C. A. Martins de Jesus. Ésquilo. *Suplicantes*. Coimbra: Festeia, 2012. Pp. 7-9.

corporais, e não de azeite, segundo o costume grego. O confronto surge entre a identidade grega e a bárbara: vinho\azeite vs. cerveja\ natas.

Também é de alimentação a passagem de Ateneu (F9) que aparecia nas *Genealogias*, certamente em um contexto mitográfico, mas que felizmente, Hecateu registrou um costume da Arcádia, de comer a *mazas*⁵⁷⁶ e carne suína⁵⁷⁷. No fragmento 335, de Estéfano, ele descreve que os habitantes de Mégasa, na Líbia, “comem pão e lavram a terra”, um dado importante, pois não apenas revela um hábito alimentar, mas também uma atividade econômica e o estado sedentário de vida, já que plantavam. Por outro lado, se acreditarmos em Helânico⁵⁷⁸, os Hiperbóreos, que eram um povo quase mítico das bordas do mundo conhecido, tinham em sua dieta as frutas, mas evitavam comer carne. Esse padrão alimentar vegetariano, mais precisamente baseado na coleta de fruta, serve como marco de uma identidade paradisíaca, que desconhece o ritual do sacrifício animal enquanto etapa indispensável ao consumo de carne cozinhada.

As duas raras passagens de Estéfano em que ele remete algum costume local na obra de Hecateu dizem respeito ao vestuário dos povos. O F184 já foi falado acima, sobre as roupas escuras dos Melanclenos, povo da região da Cítia. Mas em F287, lemos: “Hecateu em *Ásia* menciona: “em seguida, a cidade de Hiope: aqui, os homens usam roupas semelhantes às dos Paflagônios”. Ele não precisou pormenorizar as veste paflagônias decerto porque seus ouvintes a conheciam. Esse curso é usado por Heródoto quando diz que os calçados dos Babilônios é semelhante aos usados pelos Beócios (I 195). Também é interessante o trecho de Ateneu (F358): “tal como indica Hecateu, ou quem escreveu a *Periegesis* na obra de título *Ásia* (diz): “as mulheres têm lenços na cabeça”⁵⁷⁹, e o de Harpocrácio (F284): “e Hecateu, em seu *Periegesis da Ásia*, quando diz: “os Císsios usam cipasses persas”. Pode-se dizer que Hecateu estava atento para as vestimentas dos povos que visitou e observou, e mais uma vez ele orientou a tradição etno-geográfica grega, sobre um ponto de interesse humano, sempre comparando e tendo como contraponto a sua própria cultura, seu próprio povo. Infelizmente, apenas nos restaram essas poucas e exíguas descrições sobre hábitos de vestuário dos povos vizinhos dos Gregos. Todavia, uma simples consulta à obra de Heródoto leva-nos a

⁵⁷⁶ Em geral, traduzido como pão de cevada.

⁵⁷⁷ Essa referência devia tratar da tentativa de Licaon e seus filhos de servir carne humana para Zeus.

⁵⁷⁸ Hell. F187b, proveniente do bispo e teólogo Teodoro, do século V d.C. (J. Caérols Perez, 1991).

⁵⁷⁹ Não há nesse fragmento indicação a que mulheres se referem esta peça de roupa, em grego *cheiromaktron*, que Heródoto refere em IV 64.

confirmar o quanto esse aspecto do vestuário se tornou marcante após Hecateu. As *Histórias* estão repletas de dados acerca de trajés, sejam de homens quanto de mulheres (a menor parte), de Gregos e Bárbaros. Foram relatadas as vestimentas dos habitantes do Cáucaso⁵⁸⁰, dos Persas⁵⁸¹, Egípcios⁵⁸², Árabes⁵⁸³, Lídios⁵⁸⁴, Etíopes⁵⁸⁵, Indianos⁵⁸⁶, Citas e os povos do norte europeu⁵⁸⁷, Trácios⁵⁸⁸, Massagetas⁵⁸⁹, Líbios⁵⁹⁰, Medos⁵⁹¹, Mínios⁵⁹², Pigmeus⁵⁹³, Amazonas⁵⁹⁴, além dos Gregos, como os Atenenses⁵⁹⁵, os Coríntios⁵⁹⁶, as mulheres de Argos e Egina⁵⁹⁷. Ele ainda descreve os trajés dos povos que compunham o exército de Xerxes⁵⁹⁸, dos Imortais⁵⁹⁹, e ainda descreve a roupa do próprio Xerxes⁶⁰⁰. Tudo indica que Hecateu, mais uma vez, orientou a atenção de Heródoto para um aspecto dos *nomoi*.

8. Descreve o meio onde vive um povo. Aqui o destaque é a relação do homem e seu meio, que nosso autor apresenta em pelo menos três passagens. Ele vai lançar características climáticas ou de relevo, de algum meio onde vivem povos bárbaros. Em F170, lemos que “Crobizos: povo que vive na região em que se faz sentir o vento a sul do Istro”. Em uma passagem de Ateneu (F292a), Hecateu declara que “A leste dos Partos habitam os Corasmios, em região plana e montanhosa: nos montes existem árvores silvestres, cinara espinhosa, salgueiro e tamariz”. Mas a sua mais famosa referência a um meio onde vive um povo é em relação ao Egito, de que esse país é realmente “um dom do Nilo” (F301). Essa colocação será repetida por Heródoto, quando de sua visita àquele país, e foi remetida a Hecateu (ou ao autor da *Periegesis*)

⁵⁸⁰ I 203

⁵⁸¹ I 71, 135, III 12, 87; V 49

⁵⁸² II 36-37, 81 e 85

⁵⁸³ VII 69

⁵⁸⁴ I 155;; VII 74

⁵⁸⁵ VII 69-70

⁵⁸⁶ III 98, 106; VI 65

⁵⁸⁷ IV 10, 23, 64, 74, 78, 106, 107, 109.

⁵⁸⁸ VII 75

⁵⁸⁹ I 215

⁵⁹⁰ IV 168, 175-176, 180, 189.

⁵⁹¹ I 135; V 9; VI 112

⁵⁹² IV 146

⁵⁹³ IV 43

⁵⁹⁴ IV 111, 116

⁵⁹⁵ V 87-88; VI 35

⁵⁹⁶ V 87, 92

⁵⁹⁷ V 88

⁵⁹⁸ VII 61-76; 89-92

⁵⁹⁹ VII 83, o corpo de elite do exército persa.

⁶⁰⁰ IX 109

por Arriano. Para A. Lloyd⁶⁰¹ esse relato prova que a expressão derivava da obra de Hecateu, embora o caso já tenha gerado muita discussão⁶⁰².

3.4. Temáticas históricas

3.4.1. Indicações de epônimos e dados históricos:

Fragmentos: F 6, 15, 35, 76, 115b, 119, 127, 129, 212, 266, 272 e 308.

Análise:

As explicações etimológicas de Hecateu recorrem frequentemente às narrativas míticas, embora seu interesse fosse realmente “histórico”. Ele foi um investigador atento aos nomes dos lugares e sua relação com as tradições locais. Como conhecedor do arquivo mitológico grego, ele sabia que as lendas contadas pelos habitantes eram um caminho sério para explicar nomes de cidades e povos. Um bom exemplo é o caso do fragmento 128, onde descreve Helena, uma ilha da costa Ática, que recebeu este nome porque ali desembarcara a famosa Helena, mulher de Menelau, e uma das figuras mais importantes da Guerra de Troia. Dizem que foi ali que Helena foi raptada por Páris, e assim seu nome, que era *Kranae* (Rochosa), passou a Helena. O evento também foi citado por Homero, Eurípides, Estrabão e Pausânias⁶⁰³. É possível que constasse nas *Genealogias*, e não na *Periegesis*⁶⁰⁴. Outro passo paradigmático é sua tentativa de fornecer a explicação para o nome Etólia, a terra na qual, segundo a tradição, havia sido descoberto o cultivo da vinha. Para tal, ele remete a uma versão do mito que não concorda com a tradição mais conhecida (a de que Dionísio é que havia presenteado Eneu com a arte da vinicultura)⁶⁰⁵. Hecateu, pelo contrário, utiliza um evento fabuloso, de que a cadela do filho de Deucalião, Oresteu, havia gerado um troco de vinha, que foi plantado e daí surgindo a vinicultura. A Etólia, segundo ele, recebeu seu nome do bisneto de Oresteu, Etolo, filho de Eneias. Ele descreve toda uma genealogia, para achar o nome certo para justificar aquele epônimo⁶⁰⁶. Outro exemplo que vale ser citado é o

⁶⁰¹ A. Lloyd, 1975:28.

⁶⁰²

⁶⁰³ Respectivamente: Hom.II. III 433; Eur.*Hel.*1673-5; Strab.IX.1.25 e X 5.3; Paus.3.22.1.

⁶⁰⁴ BNJ 1 F 128 (Commentary).

⁶⁰⁵ *Pseudo-Apollodoros* 1.8.1; *Hyginus, Fabulae* 129. Cf. BNJ 1 F 15. (Commentary).

⁶⁰⁶ Heródoto manteve essa metodologia de apresentar as genealogias para justificar etnônimos: “Os que governaram essa região antes de Ágron eram descendentes de Lido, filho de Átis, de quem toma o nome de Lídios todo esse povo, anteriormente chamado Meónios” (I, 7). Ver ainda I, 171: “Apontam como prova um antigo santuário de Zeus Cário em Mílasos, onde Mísios e Lídios são admitidos na

de Canobo, cidade costeira do Delta do Nilo, que segundo Hecateu, havia recebido esse nome do timoneiro de Menelau, que ao morrer, deu seu nome ao local. Mais uma vez, o autor remete a uma lenda mítica ou ancestral, mas de tradição local, para explicar um nome de cidade. É muito controversa a presença de Helena e Menelau no Egito, embora a tradição sobre isso fosse muito conhecida entre os Gregos: Helânico refere eventos envolvendo Helena e Menelau na localidade de Canobo (F153 Caerols–Pérez). Heródoto, por seu turno, narra que Helena havia aportado justamente na boca Canópica do Nilo⁶⁰⁷, vinda de Esparta raptada por Páris. Há quem acredite que Hecateu foi a fonte principal de Heródoto acerca desses eventos lendários, mas as diferenças são tão notórias, e as lendas sobre Helena no Egito são tantas, na tradição, que essa dependência não é provada⁶⁰⁸. O próprio Heródoto declara que ouviu as histórias sobre isso dos sacerdotes⁶⁰⁹, e mesmo que discordasse de Hecateu, deve ter estudado os textos dele com atenção. Mas não foi apenas um timoneiro, Canobo, que forneceu nome a uma cidade, nas pesquisas do Milésio. Também Nagidos, outro timoneiro, havia deixado seu nome para uma cidade entre Cilícia e Panfília (F266). Outros exemplos de epônimos: Mótia (F76), na Sicília, que tomou seu nome da mulher que avisou Hércules de que estavam roubando seu rebanho. Em sua passagem pela Sicília levando o rebanho de Gerião, em seu décimo trabalho, Hércules recebeu ajuda dessa mulher. Interessante é que em moedas encontradas nessa localidade, aparece o rosto de uma mulher, provavelmente Mótia⁶¹⁰. Temos ainda a cidade de Fanagória (F212), perto de Harmonassa, norte do Mar Negro, que tomou seu nome de seu fundador Fanagoras de Téos, do século VI a.C. Em seu tratamento dos epônimos geralmente remetia a uma genealogia, e prevalecia a ordem pai e filho⁶¹¹. Como exemplo, Foco leva ao nome dos Fócios (F114), e seu filho Crisso, um tirano, ao de Crissa (F115b), cidade na Fócida. Também Isso é suficiente para mostrar que Hecateu se interessou pelas lendas locais e tradições que corriam entre os territórios que conheceu, e recorreu a alguma personagem mítica para justificar nomes de lugares. De todo modo, os assuntos ditos

qualidade de parentes dos Cários. Porque Lido e Miso eram, segundo a lenda, irmãos de Car". Trad.J.R. Ferreira e M. de Fátima Silva. Heródoto. *Histórias* I. Lisboa: Ed. 70, 1994.

⁶⁰⁷ Canobo é tanto uma cidade quanto uma das bocas do Nilo, já que ela se localizava bem na costa do Delta, em uma das saídas do rio. Foi ele quem levou Menelau e Helena para o Egito, na volta da guerra de Troia. Naquela terra, dizem, ele morreu ao ser picado por uma serpente, sendo enterrado com honras por Helena e Menelau. Cf. P. Grimal, 2005:73.

⁶⁰⁸ W.W. How – J. Wells, 1928:223.

⁶⁰⁹ II 113. Para A. Lloyd, essa passagem faz parte das várias polêmicas que Heródoto realiza contra as versões de Hecateu, por isso, utiliza da versão dos sacerdotes. A; Lloyd, 1975: 89.

⁶¹⁰ Cf. L. Pearson, 1975: 46 e BNJ 1 F 76 (Commentary).

⁶¹¹ F. Jacoby, 1912:2735.

hitóricos presentes no corpus hecataico corroboram essa posição. A historicidade do tratamento investigativo do Milésio, não se pode negar, ainda era mesclada com a mitologia, e portanto, não tão diferente de Heródoto. No entanto, ele também se baseou em contos locais lendários sem presença de divindades olímpicas ou heróis, pelo simples registro da memória local. Por exemplo, no F6: Hecateu no livro II das *Genealogias* refere: “houve um javali sobre o monte e causou muitas catástrofes aos Psofidios”. Esse trecho parece fazer parte da lenda de Hércules, que precisava caçar o javali de Erimanto, no seu quarto trabalho⁶¹². Também foi uma preocupação histórica e local a descrição da expulsão dos Pélagos pelos Atenenses (F127), em uma passagem preservada por Heródoto⁶¹³ sobre a qual existe a controvérsia se estava na *Periegesis* ou nas *Genealogias*⁶¹⁴. Essa é a única referência de Hecateu aos Atenenses e Atenas, que restou em sua obra. Por fim, seu interesse pelo passado de povos e cidades surge ainda na sua tendência de registrar a sua denominação antiga: a cidade de Cálcis se chamava Eubéia (F129), e a Fenícia era Cna (F272).

3.5. As temáticas mitográficas

Fragmentos: F2 a 35c, classificados por Jacoby para as *Genealogias*, além de outros presentes na *Periegesis*: 57, 76, 77, 117, 158, 211, 219, 300, 302, 303, 345, 356, 362, 363, 367, 368, 372.

Análise:

A tradição mítica na Grécia arcaica tinha por base a comunicação oral, pelo trabalho dos poetas. Historiadores como Hecateu, Helânico ou Heródoto consideravam o mito uma fonte histórica séria, porém, pela aspecto lendário e distante das narrativas, sua verificação era difícil, do ponto de vista histórico-crítico. Não havia critérios formais para que um mito fosse considerado historicamente viável, a não ser pela força que gozava em certa localidade (crença local), pelos indícios remanescentes de seu passado (um túmulo ou outro indicador de realidade⁶¹⁵), e pelo crivo da experiência

⁶¹² Cf. L. Pearson, 1975:103. Também esse fragmento lembra muito uma referência do Livro I de Heródoto, na história do filho de Cresos, Átis, com a menção de um grande javali que devastava a terra dos Mísios (I, 36).

⁶¹³ VII 137.

⁶¹⁴ F. Jacoby a localizou na *Periegesis*. Já E. Moscarelli o põe como seu F17. E. Moscarelli, 1999: 88.

⁶¹⁵ Heródoto cita, por exemplo, o que se acreditava, na Cítia, ser uma pegada de Hércules (IV 82).

cotidiana⁶¹⁶, embora nem sempre fosse esse último o peso maior de avaliação. Aristóteles⁶¹⁷ e Pausânias⁶¹⁸, por exemplo, acreditavam na existência de um rei ateniense chamado Teseu, e Heródoto não duvidava da existência concreta de Hércules, que teria andado sobre a terra novecentos anos antes de sua época⁶¹⁹.

A impressão que se tem na leitura dos quase quarenta fragmentos das *Genealogias* é que Hecateu não menciona as personagens míticas como um coletor de mitos ao estilo dos eruditos helenísticos, mas sim, como um autor que intenta registrar e, ao mesmo tempo, explicar o passado de uma região, cidade ou povo, em sua relação com as lendas heróicas. A precisão na localização que sempre procurou fornecer aos “eventos” lendários é o fiel retrato desse domínio geográfico, que vemos em seus escritos. Portanto, o Milésio nunca afastou seu saber geo-etnográfico de sua investigação dos mitos. Por onde passava, em suas viagens, decerto ouvia histórias, perguntava seus “detalhes”, e as confrontava com as versões que já sabia.

Tudo indica que Hecateu manteve um vivo interesse sobre o passado de várias regiões, sobretudo as que tinham participação nos contos míticos, como o Peloponeso, a Tessália, Fenícia e o Egito, apenas para citar algumas. Quando tem oportunidade, ele faz alguma crítica, visando tornar as lendas humanamente críveis.

Toda mitografia hecataica está munida pelo interesse em corrigir as lendas do passado, e em descrever o mundo atual. A presente análise busca identificar as linhas gerais de seu trabalho mitográfico, mesmo lembrando, com Jacoby⁶²⁰, que é difícil restaurar a disposição original dos mitos abordados na obra hecataica.

3.5.1. Os principais mitos hecataicos

O primeiro dado notório no conteúdo do acervo mítico milésio é a importância que ele depositou sobre o mito de Hércules, um herói nacional helênico cultuado também em outras partes do Mediterrâneo. Esse herói está presente, praticamente, em

⁶¹⁶ A exemplo da negativa de Hecateu acerca do exagerado número dos filhos de Dânao, cinquenta, conforme dizia Hesíodo (F19). Para o Milésio, o número nem chegava a vinte, muito mais razoável, humanamente falando. Também, ele pode ter buscado saber notícias daqueles cinquenta, sem sucesso.

⁶¹⁷ A.P. XLI 2.

⁶¹⁸ I 33.

⁶¹⁹ Hdt. II 145.

⁶²⁰ F. Jacoby, 1912: 2745

toda sua obra, que foi a primeiro⁶²¹ autor a tratar dele de modo ordenado, dentro da literatura grega. Importa lembrar que as lendas envolvendo Hércules formam um verdadeiro “ciclo” que se perde no passado, das épocas remotas, pré-helênicas até os finais do mundo antigo. Por ser ele o mais célebre herói da mitologia grega⁶²², seu culto espalhava-se por toda parte, mesmo sem existir um túmulo atribuído a ele⁶²³. Píndaro sabe que ele é tanto um herói quanto um deus, e que atuou antes da Guerra de Troia, na época do herói ático Teseu⁶²⁴. Sabemos que Hecateu tratou de Hércules e seus famosos trabalhos basicamente no livro II das *Genealogias*, embora haja conexões com ele, também, na *Periegesis*, razão para figurar como a divindade mais presente nos fragmentos hecataicos. Não foi acaso que ele ocupou muito tempo das pesquisas de Helânico e Heródoto⁶²⁵, dois autores que tinham em mãos as obras do Milésio.

Será encontrada alguma ligação, mais ou menos explícita, sobre Hércules, nas seguintes passagens hecataicas: F4, 6, 7a, 23, 25, 25a, 26, 27, 27a, 28, 29a, 30, 33, 34, 35b, 57, 76, 77, 158, 211, 300, 345, 356.

Sobretudo no Livro II de suas *Genealogias*, Hecateu interessa-se pelos trabalhos de Hércules, mas essas aventuras aparecem, conforme os registros, em outras partes da obra. Por exemplo, em F4, ele cita a cidade de Ena, na região de Argos, na qual provavelmente ele lembrava do terceiro trabalho do herói, que era capturar a Corça de Cerineia, que vivia ali. Em F6, agora no Livro II, lembra a cidade de Psófis, onde um bravo javali andava a arrasar as terras, vindo da montanha próxima. É notória a parência do discurso de Apolodoro (II 2.83) com o de Hecateu, sobre esse trabalho, o que indica, supostamente, a consulta do primeiro às *Genealogias*. No F26, Hércules vai buscar o rebanho de Gerião, em seu décimo trabalho, fornecendo uma variação séria ao mito tradicional, dizendo que Gerião morava não em uma ilha fora do Mediterrâneo, mas sim em terras de Ambrácia e dos Anfíloquios. Comumente essa passagem é citada como exemplo do racionalismo milésio, na revisão dos mitos. Outra passagem que também mostra a razão hecataica é o F27, quando Hércules vai capturar o chamado “Cão de Hades”, para ele, uma terrível serpente, e não o monstro incrível pintado pela tradição.

⁶²¹ F. Jacoby, 1912: 2745.

⁶²² P. Grimal, 2009:205.

⁶²³ W. Burkert. *Greek Religion. Archaic and Classical*. Transl. J. Raffan. Basil: Blackwell, 1985, p. 203.

⁶²⁴ A. López-Eire. La Mitología de los héroes y la cronología. Hum. 57 (2005) 57-115. P. 100.

⁶²⁵ Helânico cita o herói argivo em pelo menos quinze fragmentos (F3, 26a, 46, 87, 103, 104, 104a, 106, 109, Cf. Caerols Pérez,), e Heródoto o tem como um dos preferidos nas pesquisas, já que o cita amplamente em seu Livro II (42-45, 83, 113, 145-146), livro IV (8-10, 59, 82), V (63), e no VI (53, 108).

Era o décimo primeiro trabalho do herói. Hecateu, segundo Pausânias, encontrara uma solução plausível, dizendo que Hércules não havia descido aos Infernos (Hades), e sim, encontrara a serpente no Cabo Ténaro. Nas outras passagens, há o interesse de Hecateu em relacionar as lendas locais sobre Hércules, nas regiões por onde supostamente esse herói havia passado, e sua correta localização geográfica. É o exemplo de F28, no qual ele localiza Ecália em Éscio, uma região de Erétria. Segundo Ferécides, Hércules havia destruído a cidade⁶²⁶.

Um ciclo também de grande interesse em Hecateu foi a mítica viagem dos Argonautas, ilustres personalidades do mundo épico, que acompanharam Jasão em busca do Velocino de Ouro. Essa aventura gozava de grande fama entre os Helenos, mas para ser abordada por qualquer autor, necessitaria amplos saberes geográficos da parte deste. Há relação, de algum modo, com essa viagem, os fragmentos F5, 17, 18a, 18b, 32, 34, 35c, 117, 219, 302, 303, 362, 363, 367, 368a, 372, além de outros, dependendo das relações que se façam. As Amazonas, as regiões do Mar Negro, Cáucaso, Ponto, Cólquida, Frixo, e tudo mais que o mito argonáutico envolvia, vemos presentes nos textos hecataicos. Um grande problema que nosso autor se interessou e enfrentou, foi tentar esclarecer o caminho de volta da Cólquida para Iolco tomado pela nave Argo. Todavia, a falta de conhecimento dele e de outros autores sobre a geografia de regiões distantes, nas quais passara a nave Argo, não era suficiente para uma localização coerente e correta. Em F18a, Hecateu os fez circular o Oceano exterior para chegarem à nascente do Nilo, alcançando assim ao Mediterrâneo. As nascentes do Nilo eram um dos maiores mistérios da antiguidade, como relata Heródoto (II 28 e 33), e os cursos de outros rios no norte europeu também eram desconhecidos, e os mares exteriores ao Mediterrâneo também eram ignorados, pelo que Hecateu não pôde oferecer maior apuro em sua pesquisa. O curioso, que se nota na obra hecataica sobre viagens, é o desprezo do autor pelas narrativas homéricas sobre Ulisses, um ponto que merece um estudo mais aprofundado, em outra oportunidade.

Um bloco de interesse investigativo do Milésio, em assuntos mitográficos, que não pode passar despercebido, é o de Deucalião e seus descendentes. Esse é outro herói central da mitologia grega, conhecido como o “Noé grego”, já que sobreviveu ao Dilúvio enviado como castigo dos deuses aos homens, tendo passado nove dias e nove

⁶²⁶ Cf. Pher.BNJ 3 F82a.

noites à deriva em uma espécie de arca⁶²⁷. Depois, acabou por aportar na Tessália. Hecateu reconhece, com Hesíodo, que os descendentes de Deucalião reinaram nessa região, que se denominava Pelásgia, por causa de seu rei Pelasgo (F14). Segundo Jacoby⁶²⁸, não apenas os Deucaliônidas, mas os Pelasgos, Hércules, Hípia, e Itono levam à Tessália. Em F15, ele fala que Oresteu, filho de Deucalião, chega à Etólia, onde descobre a vinha. Em F3, cita Anfanai, no Livro I das *Genealogias*, o lugar onde nasce Hélen, que para Hecateu, não era filho, e sim, o neto de Deucalião, conforme aparece no F13.

3.5.2. Temáticas genealógicas

Fragmentos: F13, 21, 23, 31, 371, 372

Análise:

Os trabalhos genealógicos que orientaram a antiga logografia exerceram um papel político na cultura grega que não deve ser desprezado. As relações que foram estabelecidas entre o passado mítico e o mundo das famílias aristocráticas da pólis, expressas na literatura que emergia no decorrer do século VI a.C., irão configurar a tendência historiográfica da qual Hecateu, Helânico, Ferécides, Heródoto, entre outros, serão os porta-vozes. Diríamos que para além do desejo em criticar um passado fabuloso, de buscar as causas dos eventos, de priorizar o lado confiável das narrativas, de confrontar e renovar tradições mais antigas, ou de ter a consciência de um passado humano universal, houve, na atividade daqueles historiadores, um interesse político bastante claro. O desejo de dominar o passado – ou seja – de ter o poder de declarar o passado serviu, cultural e politicamente, para que certos setores daquela sociedade mantivessem privilégios, atribuições e interesses. Mas deve ficar claro, pelo que foi apresentado, que os logógrafos, em sua busca pelas origens, produziram suas obras em favor de várias pólis. Escreveram em nome dos valores e tradições grandiosas de sua própria classe, a aristocracia, para um público que se agradava de suas histórias. As linhagens citadas em suas obras foram as que mereciam ser lembradas. As outras foram deixadas no esquecimento.

⁶²⁷ P. Grimal, 2009: 118.

⁶²⁸ F. Jacoby, 1912: 2745.

O material escrito disponível não ajudava muito os logógrafos a recuarem no tempo com alguma segurança. Diante deles, o passado mítico perdia-se no tempo, e a poesia constituía o canal de transmissão das tradições ancestrais.

A maneira que eles encontraram para conectar essas duas “realidades”, a do passado e a do presente, com alguma fiabilidade, foi fazendo as genealogias das famílias ilustres atuais recuarem até a época dos seus antepassados, quando homens, heróis e deuses ainda conviviam. Como asseverou Pearson⁶²⁹, a base da nobreza grega é a descendência divina, pois os nobres se faziam descender de deuses e herois.

Dessa forma, foram sendo criados os primeiros rudimentos no sentido de uma cronologia genealógica, baseada em uma geração de duração prescrita. O estudioso italiano Alberto Gitti⁶³⁰ chama a atenção para o fato de que as genealogias gregas, embora representassem uma rica fonte de informação, não demonstravam longas árvores genealógicas. Em sua maioria, contavam apenas com cerca de doze gerações (com raras exceções, como Hecateu, que se dizia descender de um deus na décima sexta geração). Também é necessário levar em conta que provavelmente, as genealogias completas foram raras (do primeiro fundador até dado presente)⁶³¹. Hecateu de Mileto não foi rigorosamente o primeiro representante do gênero genealógico na literatura grega arcaica. Homero já faz demonstrar a importância das genealogias em sua poesia, e no mundo que pretendeu retratar, mesmo estando longe de ser um historiador⁶³². O que a epopéia mostrava tinha raízes históricas. Os gregos mesmos nunca incorporaram essa mensagem enquanto mera fantasia ou romance. No canto VI da *Ilíada*, Diomedes e Glauco referem-se às próprias descendências, como forma de afirmar sua linhagem nobre. No Canto II do mesmo poema, quando o poeta apresenta o catálogo das naves gregas que atacarão Troia, diversas genealogias de comandantes são apresentadas.

⁶²⁹ L. Pearson, 1975:196.

⁶³⁰ A. Gitti, 1949:198.

⁶³¹ Thomas, Rosalind. *Oral Tradition and Written Record in Classical Athens*. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1992, p.157. Para Heródoto, a Guerra de Troia havia ocorrido na terceira geração depois da morte do Rei cretense Minos (VII 171), ou cerca de 800 anos antes da época do próprio historiador (II 145).

⁶³² Os autores contemporâneos têm investigado o valor historiográfico das obras homéricas, manifestando algumas controvérsias de interpretação. Por exemplo, para M.I. Finley⁶³², o épico não era história, mas uma narrativa detalhada que descrevia banquetes, funerais, guerras, viagens, etc, em que tudo acontecia no estilo “era uma vez”, ou seja, isolado de critérios temporais, como soltos no nada. Exemplifica com o rapto de Helena, para ele “fundamentalmente atemporal”. Por outra óptica, lembramos F. Hartog⁶³², para quem está muito claro o senso histórico de Homero, pois ao apresentar uma grande guerra, começa por narrar sua causa, mesmo que fantasiosa ou fabulosa, revelando a noção temporal do poeta: “Na *Ilíada*, Troia não foi tomada ainda, Aquiles está vivo: estamos na expectativa. Assim que abre a *Odisseia*, estamos no depois, na memória do acontecimento e na lembrança dos lutos e sofrimentos suportados”.

Jacoby⁶³³ define a obra *Genealogias* de Hecateu como um “livro de história” que trazia a síntese narrativa dos eventos passados, em contraste com o resumo descritivo do conhecimento das coisas como elas são. E apesar de ter seguido tendências já presentes na épica, declara em seu prólogo trazer algo de novo, que é a verdade acerca das muitas e ridículas tradições gregas.

3.6. As temáticas lingüísticas

Fragmentos: F1a, 1b, 1c , 8, 12b, 16, 21, 22, 84, 102b, 123, 144, 167, 219, 304, 305, 313, 345, 349, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 369.

Análise:

Dionísio de Halicarnasso, historiador do séc.I a.C., em seu tratado sobre Tucídides (cap.V), cita doze nomes de historiadores anteriores à Guerra do Peloponeso, dos quais nove provinham da Ásia Menor e de ilhas vizinhas. Entre eles, nomeia-se Cadmo e Hecateu de Mileto, Helânico de Lesbos, Acusilau de Argos e Xanto da Lídia. É plausível que Dionísio tenha lido o que restava das obras desses antigos autores, pois pôde fazer juízo de seu estilo, ao relatar que a linguagem que usaram era, na maior parte, “*similar, clara, simples, sincera, concisa, apropriada ao tema, e não revelava qualquer arte elaborada de composição*”⁶³⁴. O gramático Apolônio Díscolo, que nasceu e viveu em Alexandria na época de Adriano e Antonino Pio (séc. II d.C.) também testemunhou o dialeto jônico usado por autores arcaicos, como Ferécides de Siros, Hecateu e Demócrito (7B10 e 11DK). Ele explica o uso do nominativo e de pronomes pessoais, por parte desses autores. A considerar a seriedade de Apolônio, e do lugar onde trabalhou – Alexandria – o relato torna-se relevante em favor da existência de textos arcaicos preservados ainda naquele período. Não podemos, no entanto, supor a quantidade de textos que ele dispunha.

No caso de Hecateu, o que quer que existisse de sua obra na época helenística e romana, termina por se tornar um monumento⁶³⁵ da mais antiga prosa grega, sendo

⁶³³ F. Jacoby, 1912:2737.

⁶³⁴ Com base na versão de W. Kendrick Pritchett. Dyonisius of Halicarnassus. *On Thucydides*. Berkeley\Los Angeles\ London: Univ. os California Press, 1975. Infelizmente, os poucos fragmentos dos primeiros historiadores gregos, bastante reformulados pela tradição, praticamente não nos permitem confirmar a posição de Dioniso (Carla Schick, *Studi sui Primordi della Prosa greca*. In: Arch. Glott. Ital. V. XL, 1955. Pp. 89-135).

⁶³⁵ F. Jacoby, 1912:2747.

remetida pelos eruditos em suas lições de gramática ou filologia. Por exemplo, seu mais famoso fragmento, o F1, não foi preservado por um historiador, e sim por um mestre de retórica posterior ao século III a.C., chamado Demétrio, que o alude por uma questão de estilo.

Os registros escassos de sua linguagem, conforme aparece nos fragmentos, com o uso de verbos em frases curtas, em dialeto jônico⁶³⁶ que ainda se percebe através das deturpações dos copistas e escoliastas⁶³⁷, parecem confirmam os antigos testemunhos acerca de seu estilo, conciso e simples. Porém, sua prosa, como salientou Jacoby⁶³⁸, não é a língua vulgar do povo, mas o discurso educado utilizado no cotidiano. O principal, notado pelo filólogo alemão no estilo de Hecateu, é que ele escreve com vocabulário da prosa simples, mas com notória linguagem dialético-argumentativa, cuja inspiração foi a prosa milésia anterior, mas que será desenvolvida a seguir pelos sofistas.

O confronto entre versões mitográficas exigirá do Milésio uma postura de troca e combate de opiniões. Às vezes, seu tom é de conversação, como em F19, no qual fala dos cinquenta filhos de Egito, contra Hesíodo, e no F30, em que relata o destino dos filhos de Hércules. Por isso, Jacoby⁶³⁹ declara que seu discurso é mais próximo da língua falada que da épica, por sua brevidade. Na *Periegesis*, os fragmentos definem as posições geográficas e características de regiões e cidades de forma direta e objetiva, seguindo o modelo severo e enxuto da ciência jônica⁶⁴⁰. Podemos crer que esse estilo representava os traços gerais da escrita da obra geográfica do Milésio, embora seria interessante dispor de sua descrição de animais como o hipopótamo e a fênix, além da caça do crocodilo, que supostamente constavam dessa obra, e que devia apresentar um discurso mais fluente. As referências nas quais ele descreve cidades, povos e regiões nos chegaram muito sintéticas, realmente. Porém, quando lemos a menção de Hecateu sobre a luta dos lendários Pigmeus com os grous, em F328a, podemos pensar em discursos mais amplos da obra hecataica.

⁶³⁶ No testemunho de Hermógenes, crítico literário do século II d.C., o estilo de Hecateu é puro, claro e sem uso de métrica, utilizando o dialeto jônico puro, não a versão ornamentada de Heródoto. Cf. BNJ 1 T 18.

⁶³⁷ Segundo conclui T. Braun (2004: 290), os fragmentos da *Periegesis* derivam de um original genuíno, sendo evidente que o Livro I (Europa) estava no mesmo dialeto jônico e pela mesma mão que o Livro II (Ásia).

⁶³⁸ F. Jacoby, 1912: 2749.

⁶³⁹ F. Jacoby, 1912: 2748.

⁶⁴⁰ C. Schick, 1955:95.

É possível notar uma diferença estilística entre o primeiro e o segundo escrito hecataico, conforme os estudos de Tozzi sobre o assunto⁶⁴¹. Para ele, a construção que predomina na *Periegesis* é a paratática (do grego *parataxis*), própria para as anotações geográficas, mais lineares. Na obra histórica, por seu turno, prevaleceu o estilo hipotático (do grego *hipótaxis*), adequado ao discurso polêmico, articulado com digressões, reflexões e críticas.

Tozzi⁶⁴² separa os termos utilizados na obra geográfica de Hecateu em três grupos: os empregados na epopeia homérica, como πόλις (F48), ποταμός (F48), κόλπος (F105), λιμνήν (F106), entre outros; palavras de semântica tradicional, como νότος (F203), μετά (F48), βορέης (100) e outras; por fim, termos utilizados pela primeira vez por Hecateu: δύσις (F217), μεταρσίη (F305), περιπλέω (F305), ἐρημίη (F299), etc. Ele recorreu a essas últimas, em geral, para nomear bebidas, plantas e comidas exóticas.

Pode-se distinguir as temáticas linguísticas presentes nos fragmentos de Hecateu em cinco grupos:

- a) Sobre o estilo da expressão escrita: F1a, 1d, 1c. Todos pertencentes à obra de Demétrio. O retórico Demétrio⁶⁴³ qualifica o estilo dos historiadores mais antigos, incluindo em grande parte Heródoto, com o termo “διηρημένη”, ou seja, “frouxo” ou “solto”, pois as sentenças não eram ligadas entre si com coesão, mas sim apareciam como que separadas uma da outra. No entanto, completa esse autor, o estilo deles é polido e bem acabado. Dionísio de Halicarnasso⁶⁴⁴ revela que aqueles autores não possuíam qualquer elaboração técnica, mas traziam certa elegância e encanto em seus textos, graças aos quais eram considerados até aqueles dias. Não há dúvidas que a literatura grega alcançara tanto desenvolvimento técnico-retórico, de ornamentação e fluência discursivas, que aqueles textos arcaicos tornaram-se ultrapassados e de interesse apenas erudito e histórico. No mesmo sentido é o valioso testemunho de Hermógenes de Tarso⁶⁴⁵, um crítico literário contemporâneo de Marco Aurélio (séc. II d.C.), segundo o qual o estilo de Hecateu era muito inferior ao de Heródoto, em termos de encanto, mas

⁶⁴¹ P. Tozzi, Studi su Ecateo di Mileto, III: Lingua e stile di Ecateo Milesio. *Ath. n.s.*, vol. XLII, fasc. I-IV (1964), pp. 101-117.

⁶⁴² P. Tozzi, 1964:102-103.

⁶⁴³ *De eloc.* 12-14. BNJ 1 T 19.

⁶⁴⁴ *De Thuc.* 23. BNJ 1 T 17b.

⁶⁴⁵ *Id.* 2.12. BNJ 1 T 18.

possuía certo ritmo, arranjo de palavras, uso de figuras e dicção, sendo igualmente capazes de causar muito prazer e de mostrar doçura. Ele reconheceu que seu estilo era claro e límpido, pelo uso do dialeto jônico puro que o tornava menos poético, apesar da presença constante das narrativas míticas. Ao contrário, o discurso de Heródoto era enfeitado e misto, segundo o mesmo autor. Esse testemunho nos leva a crer que Hermógenes deve ter consultado as *Genealogias* de Hecateu, pois ele considera seu estilo pelo conjunto da obra, dos escritos como um todo. Por fim, impressiona sua opinião seguinte sobre outros autores antigos, como Teopompo, Éforo, Helânico, Filisto e outros, dizendo que sobre eles “era inútil escrever”, já que sua expressão nunca havia sido digna de inveja ou imitação entre os gregos, ao contrário do que ocorria com Tucídides, Heródoto, Hecateu e Xenofonte. Hermógenes põe o Milésio entre os grandes nomes da historiografia grega.

- b) Dados gramaticais. F16, 21, 144, 167, 364, 364a, . Grande parte deles dizem respeito a plurais, acentuação, e discussões do gênero de certas palavras, presentes em Hecateu. Conforme mencionado, a escrita de Hecateu serviu como exemplo de estilo arcaico, e suas variações, inovações e estranhezas, na forma de expressão, foram notadas pelos eruditos posteriores. Por exemplo, o Léxico de Fócio, patriarca de Constantinopla do século IX d.C., atesta o gênero neutro para o monte Hêmon, na Trácia (F167).
- c) Exemplos de dialeto jônico. F196, 360, 361, 366. Dois testemunhos garantem ter visto o dialeto jônico de Hecateu, um o de Dionísio de Halicarnasso (T17b) e o outro, o de Hermógenes (T18), conforme vimos acima. Nos fragmentos, o autor dos *Epimerismoi Homerici*, uma obra talvez do século IX d.C., atesta o dialeto jônico de Hecateu, pelo uso do verbo μεμετρέαται (foi medido). Frínico, no século II d.C., registra o uso por Hecateu do verbo σκορπίζεταί, “dispersar-se” (F366).
- d) Expressões próprias de Hecateu. F8, 12b, 22, 84, 102, 123, 219, 304, 305, 313, 349, 362, 363, 364, 365, 367, 368, 369. Conforme os fragmentos, certamente Hecateu foi o criador de alguns termos incomuns e expressões,

que séculos depois chamaram a atenção dos eruditos. Algumas vezes, sua expressão de termos é uma variante de uma forma mais usual: chama de Aulônia à cidade italiana de Caulônia (F84); a cidade líbia de Cremíon ele chama Cromíon (F349), ou a ilha egípcia de Quemis era Quêmbis para ele (F305), e ainda, o rio Áoo no Mar Negro era Éanta (gr. *Aianta*). Infelizmente esses registros da liguagem de Hecateu são pontuais e raros, nas obras antigas. O curioso, no entanto, é que ele não foi lembrado apenas como exemplo excêntrico do uso do jônico, mas enquanto autoridade linguística arcaica, conforme notamos pelo tom das palavras de Herodiano, um gramático do século II d.C., acerca da não existência de palavras gregas neutras do nominativo singular que terminassem em –ας, que segundo ele, não podiam vir acompanhadas de –ε, a não ser a exceção de κρέας (carne); ele salienta o nominativo singular porque Hecateu contrariou essa regra mas com acusativo plural, em «δέατα περιτεταμένοι» (acus. pl. de δέας), ou seja “distendidos por temores”.

- e) Interesse pelas línguas estrangeiras. Há, nas pesquisas geográficas do Milésio, evidências sobre seu interesse nas línguas dos povos que ele encontrou em suas viagens e pesquisas. Um exemplo claro disso aparece no F34, no qual ele informa a expressão para “bêbados” no dialeto trácio, usado também pelas Amazonas: *sanapai*. Outras passagens sobre seu interesse linguístico: F272, F284, F322 e F370.

CAPÍTULO III– HECATEU E AS FONTES ANTIGAS

1. A importância das fontes no estudo de Hecateu

De extrema relevância para a compreensão do lugar de Hecateu na historiografia e na cultura grega em geral é a análise das fontes que o citaram ou que registraram seus fragmentos. Sabemos que não é tarefa simples estabelecer com segurança os antigos autores que tiveram contato ou que receberam influência da obra do Milésio, posto que muitos deles não o mencionaram explicitamente. De Heráclito até Estéfano de Bizâncio decorrem cerca de um milênio, e nesse tempo, o interesse sobre os trabalhos de Hecateu variou bastante. Primeiramente, sua obra supria a curiosidade sobre povos e terras estranhas, e informava sobre as lendas ancestrais mais famosas do povo grego. Posteriormente, torna-se objeto de interesse histórico sobre a geografia arcaica, com os trabalhos de Eratóstenes e Estrabão, chegando aos eruditos, gramáticos, retóricos e lexicógrafos da antiguidade tardia, cujo objetivo foi mais filológico e ao mesmo tempo antiquarista. Inclua-se aqui as centenas de passagens de Hecateu preservadas por Estéfano, no campo da lexicografia geográfica.

Nesse estágio da investigação, o estudo sobre as fontes de onde se originam os fragmentos de Hecateu objetiva esclarecer três aspectos de crucial valor: indicar os rumos tomados pelas obras hecataicas na Antiguidade, e o interesse que elas suscitaram; apresentar os autores que foram fontes para os fragmentos que dispomos, e verificar a importância de Hecateu como autor do passado, seja em historiografia, mitografia ou geografia. O primeiro escritor antigo a citá-lo pelo nome foi Heráclito de Éfeso, com qual iniciamos a exposição.

1.1. Heráclito

O aspecto erudito que transpirava de certas personalidades famosas da Hélade, no final do Período Arcaico, parece ter incomodado Heráclito de Éfeso. No seu fragmento 40, registrado em Diógenes Laércio (IX, 1), ele denuncia que “saber demais (*polimathíe*) não ensina a ter inteligência (*nóon*), pois se assim fosse, teria ensinado a

Hesíodo, Pitágoras, Xenófanes e Hecateu”. Para Heidel⁶⁴⁶, não era muito difícil entender porque o Efésio havia agrupado esses homens. Primeiro, porque eles eram pessoas afamadas naquele tempo, além de devotas do conhecimento variado das coisas. Hecateu é o mais novo de todos, e junto com Xenófanes, ainda devia ser uma presença recente para Heráclito, que escrevia em torno de 480 a.C.⁶⁴⁷. Hesíodo vem citado primeiro por sua antiguidade. Os três últimos foram contemporâneos entre si, sendo todos Jônios, e seguiam objetivos e interesse parecidos. Mas Heidel não é convincente na explicação sobre a presença de Hesíodo na lista. Como os outros, diz ele, o poeta beócio já pertencia ao tempo da expressão das individualidades. Pode ser verdade, mas parece haver outras questões envolvidas nessa lista do obscuro filósofo de Éfeso. Na visão de P. Tozzi⁶⁴⁸, todos eles tinham naquele tempo um largo número de seguidores, pelas anedotas em que eram envolvidos⁶⁴⁹. O ataque de Heráclito ia de encontro a certo tipo de sabedoria, conforme ele declara sobre Hesíodo em outro fragmento: “Hesíodo é mestre de muitos; eles creem que este conhecesse muita coisa, ele que nem sabe diferenciar o dia da noite”⁶⁵⁰. Hesíodo, afora pela dúvida que temos de que compôs ou não sua obra por escrito, era um homem de saber, poeta mitógrafo⁶⁵¹ e genealogista renomado na cultura grega.

Pitágoras⁶⁵², que Heródoto (IV 95) declarava “não ser entre os helenos o mais fraco em sapiência”, não passava de um embusteiro, para Heráclito. No fragmento 129⁶⁵³, ele afirma que Pitágoras havia exercitado a pesquisa (*historíen*) mais do que todos, e com sua falsa arte (*kakotechnia*), granjeara saber se apropriando da obra de

⁶⁴⁶ W. A. Heidel.

⁶⁴⁷ Data aproximada, segundo muitos autores. Kirk-Raven-Schofield (2010), p.188 calculam a obra de Heráclito para 478 a.C.

⁶⁴⁸ P. Tozzi. Studi su Ecateo di Mileto, II : Ecateo e la cultura ionica. *Athen*. N.S.41 (1963), p. 324.

⁶⁴⁹ Diógenes Laércio (VIII, 36) cita que Xenófanes ridicularizava Pitágoras em suas elegias, contando a história de que o Sâmio havia reconhecido um amigo encarnado em um cão que apanhava. Heródoto sabia da anedota sobre Hecateu, da vergonha que o Milésio passou diante dos sacerdotes egípcios. Heráclito devia ter ouvido muitos casos parecidos, ocorridos com todos os quatro ilustres pensadores.

⁶⁵⁰ 22DK57B

⁶⁵¹ Interessante que em Aristófanes (Vespas, 1174-79) o polímata é relacionado com o contador de mythoi. E em Platão (Leg.811 a) os polímatas são os que conhecem muito a poesia.

⁶⁵² Pitágoras precisou deixar a ilha de Samos, talvez por motivos políticos. Vai se estabelecer em Crotona, antiga colônia aquéia do litoral sul da Magna Grécia, onde fundou uma espécie de Ordem ou Irmandade, cujos alunos ou partidários se chamaram “pitagóricos”. É significativo que Heródoto (II, 81), em meados do século V a.C., já conhecesse o adjetivo “pitagórico” (*pythagóreios*). Acredita-se que a maior parte da vida de Pitágoras ocorreu durante o século VI a.C., entre c. 580 a.C. e os primeiros anos do século V a.C., portanto, foi contemporâneo de Xenófanes e Hecateu. Cf. C. H. Kahn. *Pythagoras and the Pythagoreans: A Brief History*. Indianapolis: Hackett, 2001.

⁶⁵³ Diog. L. VIII, 6 = 22DK 129B. Ver ainda o 22DK81a, em que para o Efésio, Pitágoras era o “chefe dos tagarelas”, daqueles que enganam.

terceiros. Os autores modernos dividem-se em conceber Pitágoras prioritariamente ora como líder religioso, ora como um grande cientista e matemático⁶⁵⁴, mas para Heráclito, sua “erudição” devia cheirar a charlatanice.

Mas seria possível falar em “erudição” no mundo grego antigo? A palavra que se forma do latim *ex-rudis*, ou seja, quem deixou de ser rude ou tornou-se instruído, produz o termo *eruditus* que passa na modernidade a indicar aquele homem culto, de saber acadêmico obtido por profundas leituras. O erudito, em sentido moderno, significa aquele que estudou bastante, sobretudo nas áreas humanísticas. No mundo grego, o termo mais próximo dessa ideia é *polymathía*, embora com maior ênfase para o sentido de quem acumulou muitos e variados saberes. O polímata grego, então, configura o indivíduo enciclopédico, que detém certo tipo de sabedoria, e que goza de alguma autoridade intelectual. Um poeta como Píndaro também resistia a essa categoria de intelectual, ao dizer que:

“Artista (*sophós*) é aquele que sabe muito por natureza. Os que tiveram que aprender, quais corvos loquazes, que grasnem em vão contra a ave divina de Zeus”. (Olimp.II 85-89)⁶⁵⁵.

A questão é que na passagem do século VI para o século V a.C. na Grécia, o polímata foi relacionado ao saber ou instrução letrada, ou seja, pelo estudo, principalmente de *historía* (o que incluía as narrativas míticas). É interessante saber que os três últimos citados na lista de Heráclito ocuparam-se da investigação de vários assuntos, e viveram em um mundo letrado, apesar da força da oralidade. A palavra “*historía*”, traduzida em geral como “pesquisa, investigação, *ricerca* em italiano, *recherche* em francês, *research* em inglês possuiu grande amplitude conceitual na antiga Grécia. Podia ser empregada tanto para os *lógoi* de Heródoto, quanto para a meteorologia de Anaxágoras⁶⁵⁶. Ela é um conceito importante para se demarcar um tipo de produção “literária” que passou a ser chamada de “filosófica” ou mesmo “científica” em épocas posteriores.

⁶⁵⁴ Na vida de Pitágoras quase nada pode ser totalmente separado da lenda, da fantasia e do misticismo, como suas doutrinas secretas, suas viagens, descobertas científicas e até mesmo alguns milagres que supostamente teria realizado. Cf. W. Burkert. *Lore and Science in Ancient Pythagoreanism*. Harvard: Univ. Press, 1972.

⁶⁵⁵ Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. *Sete Odes de Píndaro*. Porto: Biblioteca Sudoeste, 2003.

⁶⁵⁶ S. Mazzarino, 1990:91-2

O que se pode notar no contexto dos fragmentos é que o crítico e controverso Heráclito aparece hostil ao aprendizado de segunda mão⁶⁵⁷, tanto pelo ouvir dizer quanto pela leitura. Para ele, isso apenas alimentava a credulidade, tal como ele percebia a sabedoria de Hecateu, obtida pela coleta das mais diversas tradições gregas. Para ele, as coisas que se podem ver, ouvir e conhecer, diga-se, de “primeira mão”, eram as preferíveis⁶⁵⁸. Aqui, sem dúvidas, sua crítica recai sobre o Hecateu autor das *Genealogias*.

1.2. Píndaro

O poeta tebano Píndaro, um dos homens mais cultos que a Grécia havia produzido, também mostra indícios de ter ciência sobre o que Hecateu escreveu, sobretudo em assuntos mitográficos. Sua postura, como a de Heráclito, foi de condenação, embora nesse caso, não decorrente do enciclopedismo do Milésio, mas por suas versões míticas não concordarem com as correntes mais traducionais. É que, para o tradicionalismo religioso de Píndaro, a visão crítica do Milésio sobre muitos mitos era inaceitável. Quem demonstrou isso muito bem foi G. Nenci, em um artigo de 1964⁶⁵⁹, o qual propõe que, em alguns versos pindáricos, fica patente um conflito com as *Genealogias* de Hecateu. Píndaro seria o representante da tradição religiosa délfica, enquanto Hecateu, um revisor instruído do passado mítico grego. Nas *Olímpicas* I, uma das mais famosas odes do poeta, datada de 476 a.C., aparece uma declaração polêmica contra seus predecessores (*antia próteron*) sobre o mito de Pélope (vv.28-36). Canta Píndaro que essa versão precedente era malévola e falsa (vv.47-49). Nenci aposta que naquela data, o escrito de Hecateu já circulava pelo mundo culto grego, o que é razoável – inclusive por ser a mesma época em que Heráclito se referira a Hecateu em seu livro. É possível que as *Genealogias* tratassem dos assuntos do Peloponeso, incluindo o mito de Pélope, o personagem que deu o nome à região. Infelizmente, nos fragmentos de Hecateu nada restou desse mito específico, mas há notícias sobre os primeiros habitantes do Peloponeso (F119), e é razoável crer que se chagasse a falar em Pélope. A

⁶⁵⁷ H. Granger. Heraclitus' Quarrel with. Polymathy and Historie. *Transactions of the American Philological Association*, vol. 134 issue 2 November 02, 2004. p. 250.

⁶⁵⁸ 22DK55B.

⁶⁵⁹ G. Nenci. Una *risposta delfica alla metodologia ecataica*. In: *Estratto da 'Critica Storica'* - fasc. 3, Anno III (1964), pp.269-286.

disputa de Píndaro era mais ideológica, uma disputa entre tradições, dentro da mesma cultura grega aristocrática.

Outra pista que aproxima Píndaro a Hecateu é a passagem das *Neméias* (VIII 20) quando o poeta reconhece que muitos fatos são narrados de muitos modos (πολλὰ γὰρ πολλῶν λέλεκται), em estreita analogia com os *logoi polloi* do próemio das *Genealogias*. Na conclusão de Nenci, Píndaro concorda com a existência de *logoi* enganadores, de tal modo que “fica evidente ele conhecer a obra hecataica”⁶⁶⁰. Essa proposta e a análise de Nenci são interessantes e bastante prováveis, mas não há como afirmar que o poeta tebano estava mesmo a se referir ao Milésio em seus cantos.

Na visão de L. Pearson, os escritos logográficos, em especial os mitográficos, como o de Hecateu, não foram populares em Atenas nos séculos V e IV a.C., pois não puderam competir em “qualidade com a produção local dos dramaturgos, oradores, filósofos e historiadores como Heródoto ou Tucídides”. Não devemos apostar que a elite intelectual ateniense ignorasse obras como a *Periegesis* e as *Genealogias*, já que os indícios encontrados nesta pesquisa mostram não ser bem assim.

1.3. Ésquilo

Felix Jacoby⁶⁶¹ e outros já confirmavam a presença de Hecateu em Ésquilo, um autor de renome que teria vivido entre 525/4 a.C. – 456/5 a.C.⁶⁶². Esse famoso dramaturgo foi contemporâneo de Píndaro, e mostrou grande interesse por geografia. Indício de que se serviu da obra hecataica para obter informações sobre o ocidente da Europa, bem como sobre a Líbia, Egito e Trácia. Os livros jônicos, então, serviram como material para os trágicos, principalmente em temas de exploração do mundo, com seus países e povos, costumes e curiosidades. A partir deles, incluindo as obras de Hecateu, Ésquilo tem a ideia do Egito como “terra em triângulo banhada pelo Nilo” (*Prom.*815)⁶⁶³. Lemos, em Heródoto (II 15), que essa era a mesma concepção dos Jônios, e por extensão a de Hecateu, o Egito como equivalente ao Delta do Nilo. Nas *Suplicantes*, em que narra o drama das Danaides em sua fuga do Egito para pedir asilo em Argos, Ésquilo teve a necessidade de informações geo-etnográficas sobre aquele

⁶⁶⁰ G.Nenci, 1964, p.284.

⁶⁶¹ F. Jacoby. RE, 1912, p.2680.

⁶⁶² Cf. Thomas G. Rosenmeyer. *The Art of Aeschylus* (Appendix. The life and times of Aeschylus). Berkeley, Los Angeles- London: University of California Press, 1982. Pp. 369-376.

⁶⁶³ Ésquilo. *Prometeu Agrilhoado*. Trad. Paulo Quintela. Lisboa: Ed.70, 1992.

país. Se a peça foi composta por volta de 490 a.C. ou foi mesmo apresentada em 463 a.C., isso ocorreu antes da obra de Heródoto aparecer. É razoável, portanto, acreditar que a obra *Periegesis* de Hecateu tenha sido uma das que traziam informações úteis ao dramaturgo. Por exemplo, o Milésio (F323 a, F323b) havia falado que os Egípcios fazem uma bebida de cevada⁶⁶⁴, o que foi citado naquela peça (v.953), e depois por Heródoto (II 77). Ésquilo menciona no verso 761 das *Suplicantes* o papiro como alimento egípcio, o que Heródoto (II 92) também mencionou, de forma muito mais explicada, inclusive dando a receita de preparação. E esse dado ele não havia tomado de uma peça trágica, logicamente. Também é o historiador de Halicarnasso⁶⁶⁵ quem informa que Ésquilo havia tratado do *logos* da ilha egípcia de Quemis, a qual se dizia que flutuava. Sabemos que isso também havia ocupado Hecateu em seus escritos.

Jacoby é prudente em afirmar que nem todo conhecimento geográfico de Ésquilo provinha de Hecateu⁶⁶⁶. O exemplo é a explicação para as enchentes do Nilo: para o dramaturgo⁶⁶⁷, o rio enchia devido ao derretimento de neves no verão na região das nascentes, razão que também foi acatada por Anaxágoras⁶⁶⁸, e tida como “a mais equivocada” por Heródoto (II 22), já que a Etiópia era um dos países mais quentes. Com certeza, não era o derretimento de neve o motivo das cheias, na concepção de Hecateu. Para ele, o Nilo ligava-se ao oceano, e pelo fluxo e refluxo que haveria ali, fazia o rio aumentar.

1.4. Eurípides

O professor Pierluigi Tozzi, em seu conjunto de *Studi su Ecateo di Mileto*, que saiu em alguns números da revista *Athenaeum*, da Universidade de Pavia, nos anos 1960, reforça que obras como as *Genealogias* também traziam argumentos bastante úteis para orientar os trabalhos dos autores de tragédia. Como documentos literários em prosa sobre tradições orais acerca de heróis, eles se tornaram materiais fundamentais

⁶⁶⁴ F323 a, F323b

⁶⁶⁵ Hdt. II 156.

⁶⁶⁶ E também deve ter servido a Sófocles, a exemplo do que lemos em Estrabão VI 2,4 = Frag. 102 c de Hecateu, da concepção desse dramaturgo sobre o rio Ínaco, que ele corria desde o monte Pindo, e dos Perebos do Lacmo a Anfilóquia e Acarnânia, misturando suas águas com o Aqueloo. Basicamente a informação presente em Hecateu, como logo em seguida Estrabão refere.

⁶⁶⁷ *Suppl.* vv.558 e F 300, S. Radt, *Tragicorum Graecorum Fragmenta* – In: Luz M. G. Fleitas – Germán S. Henríquez. *La imagen de Egipto em los fragmentos de los historiadores griegos*. Las Palmas de G.C.: Univ. de Las Palmas de Gran Canaria, 2002, p.19, n.13.

⁶⁶⁸ 59DKA42.

para quem compunha sobre assuntos genealógicos e mesmo teológicos. O estudo de Tozzi⁶⁶⁹ sobre a proximidade da peça *Os Heraclidas*, de Eurípides, com algumas passagens de Hecateu é bastante esclarecedor de como a obra do Milésio serviu de fonte na Atenas Clássica. Pelos mais de trezentos fragmentos restantes das obras do Milésio, nota-se que o grande herói Hércules e seus descendentes constituíram uma temática bastante explorada por ele, apesar de hoje em dia constar em apenas cerca de dez passagens⁶⁷⁰. O que se nota na abordagem hecataica, por meio de seu trabalho revisionista dos mitos, é que será valorizado o lado mais humano de Hércules, em seus trabalhos pelo mundo grego. Segundo Tozzi⁶⁷¹, esse procedimento “innovatore” introduzido pelo historiador milésio passará diretamente para Euríclides, que viveu em Atenas entre c.480-408 a.C. A tendência de maior humanidade passada às personagens heroicas será uma referência para as peças de Euríclides, contrariando o tipo heroico atestado nos textos literários mais tradicionais, como por exemplo, em Píndaro⁶⁷², nos Hinos Homéricos (a Hércules), ou Baquílides⁶⁷³. O autor italiano também encontrou indícios em outras peças de Euríclides (*Helena*, *Télefo* e *Hecules Furens*) que apontam para seu conhecimento de Hecateu, levando a acreditar que no século V a.C., em Atenas, circularam as duas obras desse autor.

A análise mais cuidadosa da circulação e transmissão dos escritos hecataicos no período clássico põe por terra a visão de que, após o uso por Heródoto, os livros de Hecateu tenham caído no esquecimento, ressurgindo apenas na época Helenística. Também contraria a posição de Pearson⁶⁷⁴, segundo a qual os trabalhos “jônicos” dos logógrafos seguiram diretamente à Alexandria, sem passar por Atenas, seguindo uma rota direta da Ásia Menor ao Egito. Segundo os cálculos de M. West⁶⁷⁵, para que um livro antigo sobrevivesse, ele deveria causar interesse por cinquenta anos a partir de sua composição. Podemos dizer que foi mais ou menos esse o intervalo de tempo entre a composição das duas obras (c.510-480 a.C.) e a maturidade de Heródoto, em torno de

⁶⁶⁹ P. Tozzi, "Studi su Ecateo di Mileto: Ecateo ed Euripide," Ath. n.s. 41 (1963): 39-50.

⁶⁷⁰ Cf. F23, F24, F25, F26, F27a, F29a, F29b, F30, F76, F77, F300.

⁶⁷¹ P. Tozzi, 1963, p.46.

⁶⁷² Ol.X 16, VI 68.

⁶⁷³ Ep.V 57-58, 71.

⁶⁷⁴ Esse autor declarava que as obras dos logógrafos, em especial as mitográficas, não foram populares em Atenas, nos séculos V e IV a.C. L. Pearson, 1975, p.09. Mas obras de erudição nem atualmente, em nossos dias, são “populares”. Diríamos que na Atenas Clássica, obras assim apenas circulavam pela mão de poucos homens cultos, como os tragediógrafos, que as utilizavam, compunham peças para se popularizar entre os cidadãos.

⁶⁷⁵ M.L. West. *La Filosofia greca arcaica e l’Oriente*. Tard. Giovanni Giorgini. Bologna: Mulino, 1993, p. 36.

445 a.C. Ao contrário do que se pensa⁶⁷⁶, Heródoto não deve ser a causa maior para que as obras do Milésio tenham sido deixadas de lado. Esse tema ainda merece análise cuidadosa para que a questão seja esclarecida.

1.5. Helânico de Lesbos

O fato de não serem referidos por Aristóteles, Platão e os sofistas, não é motivo suficiente para se afirmar que os livros de Hecateu estavam desaparecidos. Como vimos, os trágicos os utilizaram, bem como outros logógrafos, como Helânico de Lesbos⁶⁷⁷, contemporâneo de Heródoto⁶⁷⁸. Segundo se diz⁶⁷⁹, Helânico havia devotado um grande esforço durante sua vida para “revisar, prolongar, sistematizar e racionalizar os trabalhos de Hecateu”, e seus escritos também foram utilizados por Eurípides⁶⁸⁰ e Tucídides⁶⁸¹. Nesse sentido, ele deve ter se concentrado nas *Genealogias* de Hecateu, embora seus escritos tenham ultrapassado em volume os do Milésio, conforme as notas que retiramos de seus testemunhos e fragmentos. Helânico foi um dos mais prolíficos autores do Período Clássico grego, tendo produzido tanto em verso quanto em prosa⁶⁸². São quase trinta títulos atribuídos ao seu nome pelas fontes antigas e tardias. Destas, restam fragmentos de vinte e três obras⁶⁸³, entre as quais: *Foronide*, *Deucalionea*, *Sobre Troia*, *Sobre Argos*, *Átide*, *Sobre a Beócia*, *Sobre o Egito*, *Sobre a Lídia*, *Sobre a Pérsia*, etc. Uma simples comparação entre os índices de nomes e lugares citados nas obras dos dois maiores logógrafos gregos, Hecateu e Helânico, permite concluir que eles trataram dos principais mitos gregos correntes nas tradições poéticas e locais, a

⁶⁷⁶ L. Pearson. *Early Ionians Historians*. Westport: Greenwood Press, 1975, p.09.

⁶⁷⁷ Ele nasceu em Mitilene, a principal cidade da ilha de Lesbos, na costa anatólica.

⁶⁷⁸ Há muita discussão sobre as datas de Helânico. A Suda informa que ele foi contemporâneo de Eurípides e Sófocles. Pânfilo, segundo Aulo Gêlio, propunha que ele teria 65 anos no início da Guerra do Peloponeso (c. 432-1 a.C.), e assim, sua data de nascimento se localizava em 496 a.C. Luciano, em seu *Macrobioi* assinala que Helânico chegou aos 85 anos, e assim, teríamos uma data do final de sua vida em 415 a.C. Mas há outras opções de período de vida, pois ele pode ter alcançado o século IV a.C. Ver a discussão mais detalhadamente em L. Pearson, 1975, pp. 152-157; J.J. Caerols Pérez, *Helânico de Lesbos. Fragmentos*. Madrid: CSIC, 1991, p.01, n.8.

⁶⁷⁹ J.J. Caerols Pérez, *Helânico de Lesbos. Fragmentos*. Madrid: CSIC, 1991, p.01.

⁶⁸⁰ Um comentador das Fenícias de Eurípides (*Schol. E. Phoen. 71, F98*) diz que ele usou a versão de Helânico sobre a chegada de Polínicês a Argos, quando este cedeu o poder a Etéocles, segundo o que haviam acordado.

⁶⁸¹ Helânico foi o único logógrafo citado pelo nome na obra de Tucídides (I 97.2), o qual confirmava que o Lésbio havia tratado de assuntos anteriores às Guerras Pérsicas, bem como da Ática, quando explicava como chegou a se formar o poderio ateniense.

⁶⁸² Segundo a Suda s.v.; T1 Jacoby.

⁶⁸³ De acordo com a lista reunida por J.J. Caerols Pérez, em sua obra *Helânico de Lesbos*, de 1991. Cf. Apêndice 2.

partir dos grandes fundadores de genealogias. Por exemplo Deucalião, Hércules ou Dânae, e ainda tentaram explicar como cada lugar do mundo conhecido foi ocupado, bem como sua ligação com as personalidades míticas que passaram em cada área ou cidade. Assim, ambos citam regiões como a Tessália, Ática, Arcádia, Beócia, Eubéia ou Troia. Eles também trabalharam sobre povos bárbaros, como os Egípcios, os Lídios, os Cítas, os Fenícios, os Líbios, entre outros. Hecateu aparece citado quatorze vezes nos testemunhos e fragmentos referentes a Helânico, embora em nenhum deles pelo próprio autor lésbio. Em geral, as fontes os referem conjuntamente sobre tradições e diferentes versões de mitos, como exemplos de uma literatura mitográfica ou etnográfica mais antiga. Autores assim haviam se tornado autoridades em assuntos antigos, no tempo em que era difícil ou quase impossível separar os eventos que chamamos históricos dos míticos.

1.6. Heródoto

1.6.1. Heródoto fonte de Hecateu

A fonte mais importante para se conhecer a vida e a obra de Hecateu na Antiguidade foi Heródoto. Conforme referimos anteriormente, ele pode ter encontrado os livros do Milésio ainda quando jovem, e os utilizou em suas viagens e pesquisas, em parte acatando as informações, mas também tomando posições críticas sobre o que estava escrito neles. Se Helânico se concentrou nas *Genealogias*, Heródoto parece ter utilizado também a *Periegesis*. Tudo indica que ele procurou verificar muitas das informações fornecidas por Hecateu em ambos os escritos. O fato de Heródoto estar mais próximo, no tempo, a Hecateu, tal como Helânico, também lhe garante primazia como fonte sobre o Milésio. Dele provêm os dados sobre sua vida, carreira de homem de estado e logógrafo⁶⁸⁴. Há sempre possibilidade de nos aproximar de Hecateu por meio do aprofundamento analítico e interpretativo do texto das *Histórias*, desde que nem tudo o que Heródoto utilizou do seu antecessor foi declarado, e muita coisa não foi “copiada”, mas seguida como modo de expressão, temáticas escolhidas e método⁶⁸⁵. E

⁶⁸⁴ A dependência que temos às informações de Heródoto sobre o Milésio é perigosa, pois permite cogitar sobre a imagem em que ele representou Hecateu, em sua *História*. Para S. West, em seu artigo, Heródoto “inventa” a figura de Hecateu no intuito de adequá-la ao tipo de “conselheiro sábio” no tempo das guerras pérsicas. Cf. S. West. *JHS* 111 (1991), 144–160.

⁶⁸⁵ Conforme já declarava H. Diels (1887, p.436), Heródoto havia incorporado como prática de trabalho a tentativa de Hecateu de testar a tradição grega com fontes nativas de informação.

quando vemos o estado fragmentário e rarefeito da obra hecataica, torna-se difícil distinguir o que realmente Heródoto utilizara de seu predecessor.

Jacoby, ao tentar alcançar os fragmentos hecataicos em Heródoto, encontrou quatro passagens nas *Histórias* que, em sua análise, eram provenientes dos trabalhos de Hecateu, e serviam como fragmento. O primeiro é o F127 (Hdt.VI 137), no qual o Milésio tratava da relação dos Pelasgos com os Atenenses na Ática. Heródoto afirma expressamente tratar-se da versão de Hecateu. Nela, os Pelasgos haviam recebido uma terra pobre dos Atenenses, para cultivar perto do Monte Himeto, como paga pelo trabalho que fizeram na muralha em torno da Acrópole. Mas, quando os Pelasgos tornaram aquelas terras férteis e produtivas, os Atenenses, por inveja e para terem as terras de volta, expulsaram os Pelasgos sem desculpa. Porém, pelo que Heródoto havia investigado junto aos Atenenses, foi-lhe dada outra versão, contrária à primeira: os Pelasgos teriam começado a violentar as mulheres atenienses que iam buscar água nas redondezas, além de conspirarem contra a cidade, e por isso, haviam sido expulsos com justiça. Heródoto compara o que dizia Hecateu e o que os Atenenses declaravam, sem tomar partido de uma ou de outra versão.

O Pai da História é explícito em dizer que Hecateu, em seus *logoi*, usara a palavra (o advérbio) *adikôs*, que, em grego, significa *injustamente* para o gesto da expulsão. Ora, nas duas versões há uma expulsão de Pelasgos por Atenenses. Primeiro dado: Heródoto está a ler Hecateu. Mas qual das suas duas obras? A *Periegesis* ou as *Genealogias*? Estrabão (VII 7, 1) testemunha que quando Hecateu falou do Peloponeso, havia dito que, antes de os Gregos habitarem-no, ele era ocupado por povos bárbaros. O autor exemplifica esses povos lembrando os Caucones, os Driopes, os Léleges e os Pelasgos. Embora Estrabão não citasse a história contada por Heródoto, parece que Hecateu estava a descrever regiões geográficas. Para F. Jacoby, o relato de Heródoto devia estar na *Periegesis*, já que se refere ao passado da Ática, ou seja, dessa parte da geografia grega, e assim, o fez constar como o F127 de Hecateu, em seu *Fragmente der griechischen Historiker*. Alan Lloyd⁶⁸⁶ vê maior possibilidade de este fragmento constar nas *Genealogias*, enquanto os autores italianos Nenci e Moscarelli, ao fazerem suas antologias de Hecateu, põem essa narrativa nas *Genealogias* (F17 de ambos)⁶⁸⁷.

⁶⁸⁶ A. B. Lloyd, 1975, p.131, n.164.

⁶⁸⁷ L. Pearson afirma que não há prova definitiva de que Hecateu tratara disso na *Periegesis*, e não nas *Genealogias*. Porém, ele concorda que a história mais parece uma menção no relato hecataico sobre

A segunda passagem de Heródoto inserida entre os fragmentos hecataicos da obra de Jacoby é o F300 (Hdt.II 143), que representa a mais importante referência ao Milésio em Heródoto. Ela narra o encontro de Hecateu com os Sacerdotes de Zeus⁶⁸⁸ em Tebas. Em forma de anedota, Heródoto confere o sentido grego de uma civilização ainda “criança”, diante da milenar antiguidade dos Egípcios. É Platão, no *Timeu* (21e), que fará um diálogo lembrando o de Heródoto, ao relatar uma conversa entre o grande sábio Ateniense, o legislador Sólon, com velhos sacerdotes egípcios em Sais, a cidade imperial no Delta do Nilo. Como fará Hecateu em Heródoto, o Sólon de Platão discorre diante dos religiosos sobre tradições ancestrais gregas, de Foroneu, Níobe, Deucalião e outros, bem como suas genealogias. É então que um dos sacerdotes, já ancião, lança o famoso:

“Ó Sólon, Sólon, vós, Gregos sois todos umas crianças; não há um Grego que seja velho”⁶⁸⁹.

Apesar de não ser ponto pacífico entre os historiadores a existência de base cronológica para Sólon ter visitado o Egito durante o Reinado de Amásis, a narrativa, real ou imaginária, deve ter se baseado na de Heródoto, na anedota com Hecateu⁶⁹⁰. O impacto que Hecateu é difícil de mensurar, pois em comparação com a cronologia grega, que chegava à época dos deuses e heróis em apenas dezesseis gerações, a egípcia tinha 345 gerações humanas ancestrais, somente com homens, sem deuses no final. Os historiadores modernos têm demonstrado grande interesse nos efeitos que esse encontro gerou para a historiografia grega, em geral, e em Hecateu, em particular. Theodor Gomperz, no início do século XX, interpretou, de modo quase romântico, a impressão causada naquele viajante grego, após tamanha revelação que:

Atenas e o chamado muro pelásgico. Cf. L. Pearson. *Early Ionians Historians*. Westport: Greenwood Press, 1975, p.53.

⁶⁸⁸ Em grego, Heródoto diz *hoi hirees tou diós*, o que podemos concluir se tratar de sacerdotes da suprema divindade, como traduz Moscarelli em seu Frag.313 (= F 300 Jacoby). E. Moscarelli, 1999, p.154. Portanto, os sacerdotes em questão deviam ser de Amon. Cf. Heidel, 1935, p.114.

⁶⁸⁹ Trad. Rodolfo Lopes. Platão. *Timeu -Crítias*. Coimbra: CECH, 2010.

⁶⁹⁰ Ao que parece, Platão aproveitou a narrativa de Heródoto, que inclusive testemunha uma visita de Sólon ao Egito no reinado do faraó Amásis ou Amósio II (que chega ao poder em c.570 a.C.). Para R. Waterfield, há possibilidade histórica para essa visita, pois Sólon vive até cerca de 560 a.C. Cf. R. Waterfield. *Plato. Selected Myths*. Oxford: Oxford Univ. Press., 2004, p. 149. Uma visão contrária, ver D.F. Leão. *Sólon: ética e política*. Lisboa: C.Gulbenkian, 2001, pp.249 e 275.

“Deve ter sentido algo como se o teto do recinto onde se achava houvesse naquele momento começado a elevar-se sobre sua cabeça até o infinito, e a estreitar o espaço celeste”⁶⁹¹.

Jacoby⁶⁹² é mais concreto ao afirmar que o evento pode ter provocado um impulso psicológico para um tratamento sistemático das tradições históricas dos gregos.

Para além da importância histórica do relato, parece que Heródoto, na verdade, quis ridicularizar seu predecessor, enquanto ele próprio, em sua visita ao mesmo templo de Tebas, não declarou a própria genealogia aos sacerdotes⁶⁹³. Jacoby contou esse fragmento no livro da *Periegesis*, posto que era nele que estava descrita sua exploração da terra egípcia, quando a *opsis* é mais importante⁶⁹⁴. Apesar de manter relação com o problema genealógico grego, Hecateu deve ter relatado, em seu texto geográfico, o que teria se passado em Tebas⁶⁹⁵.

O terceiro dos fragmentos listados por Jacoby, oriundos de Heródoto, é o F 302b (Hdt. II 19-23), acerca das teorias antigas sobre a causa das enchentes do rio Nilo, que, em sua época, era ainda um mistério. Diz Heródoto que “alguns gregos, pelo desejo de mostrar sabedoria, tentaram explicar as enchentes do Nilo de três formas diferentes”. Sabemos que uma das temáticas mais recorrentes e antigas no pensamento geográfico grego era a causa das enchentes do Nilo. Desde Tales, Cadmo⁶⁹⁶ e Hecateu, de Mileto, como ainda Ésquilo, Anaxágoras e Demócrito, apenas para citar alguns, que o problema é abordado como uma “maravilha” que deveria ser esclarecida. Heródoto cita três das propostas de explicação, sem declarar qualquer nome para seus autores. Os

⁶⁹¹ T. Gomperz. *Pensadores Gregos. T.1*. Trad. Carlos G. Korner, J.R. Bumantel et alii. Barcelona: Herder, 2000, p.297.

⁶⁹² F. Jacoby, 1912: 2740-2741.

⁶⁹³ Na mesma passagem, Hdt. II 143.

⁶⁹⁴ F. Jacoby. RE (1912) “Hekataios”, p. 2689.

⁶⁹⁵ Para S. West, não parece que esse relato do encontro com os sacerdotes estivesse descrito no próprio trabalho de Hecateu. Ele iria registrar uma “gafe” ocorrida com ele próprio? Se isso não procede, então, onde Heródoto havia encontrado a anedota? Para a autora, ele não podia tê-la obtido com os informantes egípcios, para quem Hecateu não tinha importância. Se ele a obteve junto com a comunidade grega, a anedota bem podia ser uma invenção. A ideia da senhora West é interessante, mas sabemos muito pouco da obra de Hecateu, bem como das fontes de Heródoto, para tirar uma conclusão exata sobre o assunto. Devemos considerar que em seus escritos, Hecateu tenha declarado sua genealogia de dezesseis gerações, bem como pode ter contado o que viu no templo. O “diálogo” com os sacerdotes pode sim, ter sido uma bela criação de Heródoto. A frase dele, de que os sacerdotes lhe mostraram as mesmas estátuas mesmo sem ele ter declarado sua genealogia é um indício de que há veracidade em alguma parte da história de Hecateu. S. West. *Herodotus' Portrait of Hecataeus*. *JHS* 111 (1991), pp. 145 ss.

⁶⁹⁶ Em Diod. I 37, 3. Cadmo de Mileto é um autor cuja existência histórica é incerta. Ver A. Gitti. *Nuove discussioni su Cadmo di Mileto. Atene e Roma – N.S. II, 1957*, pp. 85-93.

comentadores⁶⁹⁷ da sua obra referem-se a três nomes para as teorias levantadas: primeiro Tales, com os ventos etésicos; o segundo era possivelmente Hecateu, por causa da sua crença que o Nilo ligava-se ao mar Oceano circundante; aqui há a possibilidade de que Heródoto quis confrontar o Milésio, ao desmerecer essa teoria, já que a mesma se baseava em um mito. O próprio Homero⁶⁹⁸ acreditava em um oceano a circular o mundo, e fonte de todo o mar, rio, poços e fontes⁶⁹⁹. O interessante é que sabemos, por Diodoro (I 37), que os sacerdotes egípcios davam a mesma explicação para as enchentes. A terceira teoria era a de que as cheias eram resultado do degelo de neves da África Central. Embora fosse a verdadeira, foi afastada por Heródoto, pois para ele, quanto mais se subia o rio, mais quente ficava, não podendo haver gelo em tão grande calor. Ainda Diodoro (I 38) afirma que essa visão provinha de Anaxágoras, embora Euríides a atribuísse a Ésquilo.

Por fim, o último dos fragmentos de Hecateu listado por Jacoby em Heródoto é o F324b (*Hist.*II 70-73), que trata da descrição de três animais egípcios: o crocodilo, o hipopótamo e a fênix. Embora Heródoto não cite expressamente o nome do Milésio na passagem, há um testemunho posterior de Eusébio, com base em um comentário de Porfírio (séc.III d.C.), de que o historiador de Halicarnasso praticamente havia transcrito o texto de Hecateu sobre o Egito, e dá os exemplos citados no trecho em questão: a caça do crocodilo, a descrição do hipopótamo e da fênix. É provável que Hecateu tenha mencionado tais animais, embora não haja testemunhos mais antigos para confirmar isso, nem há nada disso em seus fragmentos.

De início, Heródoto descreve a natureza dos crocodilos, e em seguida a sua captura pelos caçadores Egípcios. As características dadas por Heródoto a esse réptil são no geral próximas da realidade, como a de que ele dorme na terra durante o dia, no verão⁷⁰⁰, ou que põe ovos do tamanho dos de ganso. Mas, ao contrário do que disse Heródoto, o crocodilo tem língua, enxerga bem dentro da água, e não hiberna. Pelo texto, é muito provável que o Pai da História tenha visto crocodilos, mas não pôde investigá-los com precisão. Porfírio, que o acusa de plágio, afirma-o somente no que se

⁶⁹⁷ W.W. Hows- J. Wells, 1928, p.169.

⁶⁹⁸ II.XVIII, 607: “Colocou ainda a grande força do rio Oceano, à volta do último rebordo do escudo bem forjado”. Homero. *Ilíada*. Trad. Frederico Lourenço. Lisboa: Cotovia, 2010.

⁶⁹⁹ II. XXI, 194: Ao nível dele (*Zeus*) nem o poderoso Aqueloo se coloca, nem a grande força do Oceano de fundas correntes, de quem todos os rios procedem e todo mar, todas as fontes e todas as nascentes profundas”. Homero. *Ilíada*. Trad. Frederico Lourenço. Lisboa: Cotovia, 2010.

⁷⁰⁰ W.W. Hows- J. Wells, 1928:201.

refere à descrição da caça desse animal, copiada de Hecateu. Tudo indica que Heródoto não tenha presenciado nenhuma caçada de crocodilos; caso contrário, não precisaria transcrevê-la segundo o texto do seu predecessor. Um detalhe interessante adicionado por Heródoto (II, 69) aproxima-o dos Jônios e quiçá de Hecateu:

Os iônios lhes deram o nome de crocodilos por causa da semelhança dos mesmos com os lagartos (κροκοδείλοισι) existentes nas muralhas de suas cidades, cujo nome é o mesmo⁷⁰¹.

Mal podemos tirar conclusões daqui, a não ser que os Jônios foram os primeiros gregos a conhecer esses répteis no Egito, para terem lhe dado o nome.

O segundo animal, os hipopótamos, chamados na passagem *hippoi hoi potamioi* “os cavalos do rio” foram descritos de modo tão distorcido da realidade, que se tem duvidado de Heródoto ter visto algum de verdade⁷⁰². A maioria defende que ele se baseara na descrição que tinha em mãos, ou seja, a de Hecateu, que por ser igualmente equivocada, leva-nos a crer que ele também nunca vira um hipopótamo. O termo para denominar o animal é claramente grego, e reflete a aparência que a cabeça da criatura mantém com a do cavalo⁷⁰³. Mas, a descrição de Heródoto quis reforçar essa “aparência”, pondo-o com crina, cauda e relincho próprios dos equídeos. Apesar dos erros, é possível que Heródoto tenha avistado o animal, todavia não pôde analisá-lo de perto, apenas à grande distância, já que são bravos e vivem na maior parte do tempo submersos⁷⁰⁴. A comparação feita com cavalos e bois é equivocada, mas serviu para a compreensão da descrição por parte de seu público.

Por fim, ele cita a lendária ave fênix como um animal egípcio, mas é honesto em declarar que não vira nenhuma ao vivo, apenas em pintura. Se isso for verdade, não precisaria do texto de Hecateu para lhe fazer a descrição, como um pássaro sagrado de cor dourada e vermelha, com o aspecto de uma águia. Não há qualquer citação de que

⁷⁰¹ Trad. Mário da Gama Kury. Herôdotos. *História*. Brasília: UnB, 1988.

⁷⁰² Cf. Gordon L. Campbell. *Strange Creatures: Anthropology in Antiquity*. London: Duckworth, 2006, p.156.

⁷⁰³ D. Asheri, A. Lloyd, A. Corcella et alii, *Commentary on Herodotus. Books I-IV*. Oxford: Oxford Univ. Press, 2007, p.286.

⁷⁰⁴ R. Thomas. *Herodotus in Context. Ethnography, Science, and the Art of Persuasion*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000, p.137. Há quem defenda que Heródoto nunca viu um hipopótamo de verdade, apenas em pintura, descrito por um guia ou por fontes escritas anteriores que ele utilizou. Ver C. Schrader Heródoto. *História*. Libros I –II. Introducción F.R. Adrados; Trad. Y notas C. Schrader. Madrid: Gredos, 2007, p.361, n.283.

ele ressuscita⁷⁰⁵, conforme a crença comum. Porém, a descrição que Heródoto faz dessa ave, em seguida, que é atribuída aos “Egípcios”, tem forte aparência de que foi tomada de alguma fonte escrita não egípcia, como ocorreu com o hipopótamo⁷⁰⁶. Heródoto diz que esse pássaro vem da Arábia, trazendo seu pai morto em uma bolota de mirra, para deixá-lo no templo do sol, uma proeza que ele próprio não acredita. A falta de um pássaro exatamente como ele narrou na mitologia egípcia já fez pensar que ele nunca visitara os monumentos, se bem que isso pode ter sido falta de apuro na observação⁷⁰⁷, dele ou de sua fonte.

O alvo de Hecateu não constituía a religiosidade grega, nem sua mitologia. Nesse ponto, ele não age como um “iluminista” moderno da linha de um Voltaire, por exemplo. Sua atividade era a de revisor dos mitos, contra os absurdos que algumas versões traziam. O resultado de sua interpretação das tradições era outra versão, a seu ver, mais qualificada diante da experiência prática da vida, e diante das lendas sobre as quais ele depositava mais crédito.

1.6.2. Hecateu, fonte de Heródoto

O problema das prováveis fontes usadas por Heródoto na composição de sua obra prima, a *História*, ainda é motivo de muitas controvérsias dentro dos estudos clássicos. A fama deste autor é desproporcional à falta de informações seguras sobre sua vida e obra: não se sabe onde teria escrito seus textos, se os escreveu em alguma cidade ou enquanto viajava; não sabemos quanto tempo levou para compor seus livros, nem quando iniciou esse trabalho; também não é certo o lugar e data de sua morte, e nem mesmo há certeza dos sítios que realmente visitou em suas viagens. As fontes que ele supostamente utilizou para produzir o resultado de suas investigações nos colocam em uma intrincada rede de possibilidades, dividida entre oralidade, escrita e testemunho visual. Os famosos comentadores de Heródoto, Joseph Wells e Walther Hows já haviam lançado, em 1912, uma classificação básica para as fontes de Heródoto, dividindo-as em três grupos⁷⁰⁸: as arqueológicas, as orais e as escritas. No livro I das *Histórias*, lemos

⁷⁰⁵ R. Van den Broek. *The Myth of the Phoenix According to Classical and Early Christian Traditions*. Trans. I. Seeger. Leiden: E. J. Brill, 1972, p.404.

⁷⁰⁶ R. Van den Broek, 1972, p.402. Segundo esse mesmo autor, “Herodotus is a very dubious source for the Egyptian ideas about the Phoenix”. *Idem*.

⁷⁰⁷ W.W. How – J. Wells, 1928, p. 203.

⁷⁰⁸ W.W.How- J.Wells. *A Commentary on Herodotus*. Vol.I. Oxford: Clarendon Press, 1928, pp.20-21.

que Heródoto “viu”, na Lídia, o túmulo do rei Aliates, o pai de Cresos. No livro II, ele diz que foi até Tiro, na Fenícia, ver o templo dedicado a Hércules, e assim por diante. A observação pessoal foi um elemento fundamental e primário para a obtenção de informações por parte de Heródoto. A *opsis*, termo grego que significa *vista* ou *olho*, passa, em Heródoto, para *autóptis*, “ver com os próprios olhos”, o testemunho ocular (autópsia). Nesse aspecto, ele não foi um mero turista, mas mostrava interesses de historiador, arqueólogo, geógrafo, antropólogo, político, naturalista e mais áreas que se queira listar. Não estava apenas a registrar os dados, mas observava e comentava tudo, com base no que pôde ver e ouvir. Antes de tudo, segundo insistiu François Hartog em seu *O Espelho de Heródoto*⁷⁰⁹, ele era um caçador de maravilhas (*ta thômata*): quanto mais coisas incríveis ele descobrisse pelo mundo, maior seria o interesse do público em sua obra.

No mesmo livro II, Heródoto explicita seu método: “meu objetivo ao longo de toda a obra é registrar tudo o que me foi dito tal como ouvi”, ou seja, aqui ele confessa e reconhece a importância dada às fontes orais na recolha de seus dados. Conforme constatou Oswyn Murray em um artigo publicado em 1987⁷¹⁰, a concepção geral entre os estudiosos é que a maior parte das informações colhidas por Heródoto proveio de fontes orais. Quer dizer que, em suma, a obra de Heródoto representaria uma “história da tradição oral sobre o passado”⁷¹¹. Ele procurava investigar recorrendo a habitantes locais, guias ou sacerdotes, entre outros informantes, lançando expressões como: “no dizer dos Gregos...”, “na versão dos Persas...”, “os sacerdotes me informaram”⁷¹². Ao contrário de Tucídides, Heródoto teve o claro interesse em registrar as tradições populares, atitude de grandíssima importância para as gerações posteriores de historiadores e antropólogos.

Em relação a Hecateu, há não menos de trinta passagens⁷¹³ das *Histórias* em que se subentende que seu autor se referiu veladamente ao seu predecessor. Muitas vezes, ao expor as opiniões “dos Jônios”, das quais ele discorda, Heródoto está na verdade a

⁷⁰⁹ F. Hartog. *O Espelho de Heródoto*. Trad. Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

⁷¹⁰ “Herodotus and Oral History,” in H. Sancisi-Weerdenburg and A. Kuhrt (eds.). *Achaemenid History II. The Greek Sources*. Leiden, 1987.

⁷¹¹ C. Schrader. *Historiografia. Heródoto*. In: J.A. López Ferez (org.). *História de la Literatura griega*, cap.XII. Madrid: Catedra, 1988. P. 519.

⁷¹² Em muitas ocasiões, Heródoto “ouve” dos sacerdotes (exs.: II 3, 10, 13, 19, 55, 73, 100, 143, ect.). Segundo A. Lloyd (1975, pp.89-100), as informações colhidas pessoalmente dos sacerdotes egípcios são excelentes (p.91), com exceção dos dados sobre a ave fênix.

⁷¹³ C. Schrader. *Historiografia: Heródoto*. In: J.A. López Ferez (org.). *História de la Literatura griega*, cap.XII – Madrid: Catedra, 1988, p.518.

atingir a intelectualidade jônica, representada pela figura de Hecateu. Em várias situações, Heródoto quis satirizar e ridicularizar o Milésio⁷¹⁴, como por exemplo, quando ele discute a opinião dos “jônios” sobre o Egito, que eles pensavam ser um território correspondente apenas ao Delta, o que, na concepção de Heródoto, era um absurdo. Ou a ideia jônica de que a Terra inteira estava dividida em três partes: Europa, Ásia e Líbia, quando, para Heródoto (II 16) ainda deveria constar o Delta do Nilo, que nem era Líbia nem Ásia. Sabemos por outras fontes, como Eratóstenes, que os primeiros mapas gregos vieram de Mileto, sendo o primeiro deles obra de Anaximandro, modelo que anos depois veio a ser aperfeiçoado por Hecateu. A forma perfeitamente circular desses mapas jônicos também causava riso em Heródoto. Ele ainda narra, em tom de anedota, a visita de Hecateu aos sacerdotes de Tebas (II, 143) e o constrangimento que passou. É, no mínimo, simbólico o fato de Heródoto ter feito questão de afirmar que ele próprio não passou por tal vergonha, mesmo depois de os sacerdotes terem lhe mostrado as estátuas no templo. Ele afirma: “embora eu não tenha falado nada de minha genealogia”.

As antigas hipóteses sobre a causa das cheias do Nilo (II, 19) fornecidas pelos gregos eram igualmente absurdas para Heródoto. Mas nem sempre Heródoto ridiculariza o Milésio: durante a Revolta Jônica, ele é visto como um sábio, homem de larga experiência estratégica e vasto saber geo-político, que lançou conselhos que não foram atendidos, ao modelo de Tales e Bias⁷¹⁵, no tempo do avanço de Ciro sobre a Lídia. O que se nota no texto de Heródoto é que ele não se esforça para citar autores que ainda estavam ativos em seu tempo, como muitos logógrafos, talvez para não dar popularidade à concorrência. No caso de Hecateu e Cílix, citados por ele na *História*, eram personalidades que já haviam morrido há algum tempo.

Mas, merecem maior atenção as passagens em que o Pai da História simplesmente parece utilizar ideias presentes nas obras de Hecateu, o que sinalizava para uma postura de má fé ou mesmo de plágio.

⁷¹⁴ Da época Clássica em diante, a literatura se aproveita de anedotas envolvendo personalidades sábias para agradar o público. Basta lembrar as referências a outro Milésio famoso, Tales: em Platão. *Theaet.*174a e em Aristófanes (*Aves* 1009). Também há várias anedotas envolvendo Sólon, nas *Vidas Paralelas* de Plutarco, e outros sábios, em Diógenes Láércio, Livro I.

⁷¹⁵ Cf. E. Marinoni. Talete in Erodoto: La cronologia e l'attività política sullo sfondo della conquista persiana dell'Asia Minore. *ACME*, Milano, 29 II (1976), pp. 185-189.

O historiador Arriano⁷¹⁶, do século II d.C. põe em dúvida a verdadeira autoria das obras sobre o Egito, se eram de Heródoto ou de Hecateu, e que ambos declaravam ser aquela terra “um dom do Nilo”. Ao que tudo indica, Hecateu havia sido o primeiro autor a interpretar “dom” no sentido de uma terra criada pelos depósitos “deixados pelo rio no que foi anteriormente pântano ou mar”⁷¹⁷. Outro autor, Porfírio, um neoplatônico do século III d.C., citado por Eusébio⁷¹⁸, chegou a afirmar que Heródoto havia transcrito muitas passagens, até palavra por palavra, do Milésio Hecateu, tendo remodelado bem pouco de sua *Periegesis*. Como exemplos, ele põe os casos da fênix, do hipopótamo e do crocodilo, dos quais Heródoto faz as descrições como se fossem de sua autoria.

As críticas sobre Heródoto e as acusações de plágio ocorreram provavelmente pelo fato de esse historiador não ter confessado explicitamente as fontes de suas informações, que segundo se apura nos testemunhos referidos, deviam muito à obra de Hecateu. Especificamente, as acusações diziam respeito à narrativa sobre as terras egípcias, descrita no Livro II das *Histórias*. Hermann Diels, em um artigo de 1887⁷¹⁹ colocou em pauta que a narrativa herodoteana sobre a terra do Nilo devia mais a Hecateu do que alguém podia supor à primeira vista⁷²⁰. Diels conseguiu, com muita razão, desqualificar a acusação de plágio da parte de Heródoto, pois ele havia utilizado a obra de Hecateu como guia de viagem⁷²¹, tendo-a levado consigo quando de sua ida ao país dos Egípcios. Para Diels, muito do que supostamente ele usou do texto hecataico não precisou ser indicado. Para provar esse hábito na Grécia Clássica, Diels apresentou uma série de passagens em que Aristóteles faz uso de informações sobre animais citadas por Heródoto sem indicá-lo como fonte, apenas corrigindo aquilo que achou devido⁷²². Décadas depois, a questão foi confirmada e desenvolvida por um ex-aluno de Diels, o americano William Heidel, em sua monografia de 1935⁷²³, sobre o Livro II de

⁷¹⁶ *Exp. Alex.* V 6,5 = XXVI Moscar.

⁷¹⁷ J. Gwyn Griffiths, "Hecataeus and Herodotus on 'A Gift of the River'," *JNES* 25 (1966). P. 61.

⁷¹⁸ *P.E.x*, 3 = XL Moscarelli

⁷¹⁹ Diels, Herodot und Hekataios. In: *Hermes*, XXII (1887), Pp. 411-444.

⁷²⁰ W. Heidel, em conversa com seu professor Diels, o qual havia há pouco publicado o seu *Herodot und Hekataios*, teve essa impressão, da dívida considerável de Heródoto para Hecateu.

⁷²¹ Nas palavras de Christian Froidefond, "Sur ce point l'influence d'Hecatee ut être très grand, étant donné la méthode descriptive mise au point par le géographe de Milet, qui correspond à peu près à celle de nos guides touristiques modernes: énumération, à propos de chaque peuple, et de chaque site célèbre, des principales curiosités géographiques ou ethnologiques". C. Froidefond. *Le mirage égyptien dans la littérature grecque d'Homère à Aristote*. Aix-en-Provence: Faculte des Lettres, 1971, p.121.

⁷²² Diels, op. cit., pp.430-432

⁷²³ W. A. Heidel. "Hecataeus and the Egyptian Priests in *Herodotus, Book II*", *Mem. Am. Ac. Arts & Sciences* XVIII(2) (1935).

Heródoto, na qual procurou mostrar por meio de um exame minucioso, que o discurso de Heródoto em II, 99-146 não podia derivar dos sacerdotes egípcios⁷²⁴, conforme sua própria alegação. Heródoto havia se baseado em uma fonte literária anterior, que estaria mais próxima dos sacerdotes. Para Heidel, tudo leva a crer que essa fonte foi Hecateu. Pela posição de Diels, seguida depois por Heidel, Heródoto havia visitado o Egito levando consigo as obras do Milésio. Para A. Lloyd⁷²⁵, é provável que Heródoto tivesse conhecido Hecateu *antes* de visitar o Egito, o que não muda tanto, embora seja possível notar o quanto ele expandiu as pesquisas de seu predecessor. Em ambos os casos, Heródoto tomou as obras do Milésio como guia, e quis conferir, com seus próprios olhos, o que ali era dito. O melhor exemplo disso, talvez, seja o da ilha de Quemis ou Quemibis, que ficava em um lago na região dos Butos, no norte do Delta egípcio. Hecateu afirma, no fragmento 305 que

“nos Butos, perto do templo de Latona, existe uma ilha de nome Quemibis, *dedicada a Apolo*; essa ilha é *flutuante, desloca-se e move-se* sobre a água”.

Heródoto, na passagem II 156 não cita o Milésio, mas declara:

“A ilha de Quemis fica perto do templo de Buto, e *segundo os egípcios*, esta ilha é *flutuante*. Quanto a mim, nunca a vi *flutuar, nem mover-se*, e quando ouço tal afirmação, me pergunto com perplexidade se uma ilha é capaz de flutuar. Seja como for, existe nela um grande *santuário de Apolo* (...)”.

Uma interpretação plausível para as passagens deve girar em torno de que Heródoto leu em Hecateu que no Delta existia esse lago com uma ilha flutuante. Como bom investigador, para lá ele se dirigiu a fim de verificar *in loco* essa maravilha. Ao chegar, constatou que a ilha não flutuava nem se movia. Ficou perplexo como podia alguém acreditar em tal coisa, ou seja, criticou a credulidade de seu antecessor e dos próprios Egípcios⁷²⁶. Heródoto põe na boca dos Egípcios um motivo mítico para mostrar porque a ilha flutuava: Apolo (Hórus) foi escondido por Deméter (Ísis)⁷²⁷ neste local, aos cuidados de Leto (divindade antiga que tem um oráculo em Buto) para

⁷²⁴ Heidel resume de forma simples, sobre se Heródoto obteve suas informações dos sacerdotes egípcios: “Os estudiosos da Grécia dizem: ‘Sim’. Os Egíptólogos dizem: ‘Não’”. W. A. Heidel, 1935, p.54.

⁷²⁵ A. Lloyd, 1975, p.134.

⁷²⁶ P. Tozzi. La ΙΣΤΟΡΙΗ di Ecateo. *Athen*.N.S. 44 (1966), p.59.

⁷²⁷ Cf. Hdt. II 144, onde ele declara os nomes gregos das divindades egípcias. Ver ainda *Thomas Harrison, Divinity and History: The Religion of Herodotus*. Oxford: Oxford University Press, 2000. Pp. 254.

escapar de Tífon⁷²⁸, deus destruidor egípcio. A partir daí, a ilha, que era imóvel, passou a flutuar e a mover-se. Ao menos, Heródoto utiliza a *opsis* para reconhecer a outra informação do Milésio, de que ali havia *mesmo* um tempo dedicado a Apolo⁷²⁹. Um detalhe curioso reforça ainda mais a originalidade e seriedade de Hecateu: segundo os estudiosos, a pronúncia do nome da ilha dada por ele (Quembis) é mais correta (mais próxima do egípcio) que a de Heródoto (Quemis)⁷³⁰.

É difícil saber se realmente Heródoto copiara alguma passagem de seu predecessor, já que quase não dispomos do material original escrito por esse último. E não deixa de ser estranho, também, que essa alegação de plágio, na Antiguidade, não seja anterior ao século II d.C., uma situação difícil de explicar. Por exemplo, Estrabão (I 2. 29), no século I a.C., atribui a frase “o Egito é um dom do rio” como sendo de Heródoto apenas. Segundo o alemão Felix Jacoby, em seu artigo sobre Hecateu, de 1912⁷³¹, esta passagem em Heródoto, que está logo na introdução do livro II (5), sugere certo desapontamento por parte desse historiador. Diz Heródoto que o Egito, como presente do Nilo, é uma coisa “evidente, mesmo para quem não tenha ouvido falar e o veja”. Jacoby interpreta a frase assim: “Hecateu disse isso antes, mas é óbvio para qualquer um que olha por si mesmo, que o Egito é um dom do rio”.

Devemos atentar, todavia, para o que disse Fillipo Cassola na introdução à *História* de Heródoto⁷³² (edição italiana de 1984), de que a época alexandrina-romana viu o surgimento de diversas obras contra Heródoto, como a de Plutarco, *Sobre a malignidade de Heródoto*, ou os livros *Contra Heródoto* do retórico Libânio, do século IV d.C., e *Sobre os Furtos de Heródoto*, de Valério Póllio, como ainda o *Sobre as Mentiras da História de Heródoto*, de Hélio Harpocrácio, do século II d.C. Tudo indica que com tamanha propaganda anti-Heródoto, sua fama de plagiador se espalhasse. Reforça essa situação o relato de Hermógenes de Tarso⁷³³, no século II d.C., para quem Heródoto havia se aproveitado em grande escala de Hecateu, obtendo grandes vantagens.

⁷²⁸ O último deus a reinar no Egito. Hdt.II 44.

⁷²⁹ Exemplo típico da “tradução” cultural feita por Heródoto, para que seu público grego pudesse compreender as divindades egípcias. Apenas manteve Leto e Tífon sem equivalente egípcio.

⁷³⁰ L.Pearson. *Early Ionians Historians*. Westport: Greenwood Press,1975, p. 85.

⁷³¹ F. Jacoby, "Hekataios", RE 7, 1912: 2676.

⁷³² *Erodoto. Storie*. Introduzione di F. Cassola. Traduzione di A. Izzo d'Accinni, rivista da D. Fausti, I-IV, Milano 1984.

⁷³³ Hermog. Peri id. II 12.

Como fonte reconhecida por Heródoto, Hecateu foi chamado por ele de *logopoiós* (contador de histórias), em um tempo em que já circulavam obras escritas. Leslie Kurke⁷³⁴ nota que, nas vezes em que Heródoto cita Hecateu como *logopoiós* (V 36 e 125), o faz em sentido depreciativo, sobre assuntos ridículos, impróprios e irreais. Não poderia ser à toa que o segundo autor a ser chamado de *logopoiós* por Heródoto fosse Esopo, o lendário fabulista. Mas há quem defenda que Heródoto tratou seu predecessor de modo respeitoso, embora criticamente, como pensou Diels (1887), e mais modernamente, Stephanie West (1991) e Donald Lateiner (1989).

Hecateu e Heródoto pertenceram, praticamente, à mesma época, tradição e cultura investigativa, no mundo grego que deixava a Idade Arcaica. Nós não deveríamos estranhar que o último tivesse se utilizado da obra do primeiro, o que em nada retira os méritos que a *História* tem recebido no decorrer de séculos⁷³⁵. Segundo Lateiner⁷³⁶, Heródoto era mais desconfiado de fontes gregas que das bárbaras, por isso, ao citar Hecateu mostrou que o teve na conta de um rival em prosa, um autor de estatura que deveria ser superado. Já Stephanie West⁷³⁷ vai mais longe ao defender em seu artigo que a concepção que temos de Hecateu deve muito à “reconstrução imaginativa” de Heródoto.

Grande parte dos autores que trataram do débito de Heródoto diante de seu predecessor, de fato, concentrou suas análises sobre o Livro II da *História*, relativo ao Egito. O espaço de tempo entre a visita de cada um deles à Terra dos Faraós deve ter sido de pelo menos sessenta anos ou mais, e não colocaremos em dúvida que as obras de Hecateu, grande viajante e colecionador de mitos, acerca daquela região, foram importantes para Heródoto. Há razão para acreditar que a obra herodoteana tem outras importantes passagens e temáticas que se supõem inspiradas na obra do Milésio. Acreditamos que Heródoto fez um uso “considerável” de Hecateu para escrever o livro IV, quando descreveu os Citas e a região da Líbia, pouco conhecida por ele próprio. Heródoto certamente utilizou, também, o saber geográfico de Hecateu sobre regiões que não havia visitado, ou sobre aquelas cujas notícias eram difíceis de conseguir, como por

⁷³⁴ L. Kurke. *Aesopic Conversations: Popular Tradition, Cultural Dialogue, and the Invention of Greek Prose* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 2011, p.377.

⁷³⁵ Jacoby (1912, p.2675) defende esta posição, de que tampouco o valor da oísis e da história de Heródoto ficam manchadas em caso de ter ele usado os relatos de um antecessor.

⁷³⁶ D. Lateiner, op. cit., pp.91e 93)

⁷³⁷ S.West. *Herodotus' Portrait of Hecataeus*, *JHS*, Vol. 111, 1991, pp. 144-160.

exemplo, o lado ocidental do Mediterrâneo⁷³⁸. Ademais, é clara a presença dos temas tratados por Hecateu, bem como, algumas vezes, na sua forma de expor uma tradição ou registro. Um exemplo disso é citado por Pearson⁷³⁹, que ao comparar o fragmento 287 de Hecateu com Heródoto IV 168, declara que “tal sentença parece quase uma transcrição de Hecateu”. Nesse fragmento afirma o Milésio:

“em seguida, a cidade de Hiope: aqui os homens usam roupas semelhantes às dos Paflagônios”

Enquanto Heródoto se expressa assim:

“Os primeiros habitantes da Líbia são os Adirmáquidas, que partilham a maior parte dos usos e costumes egípcios, mas se vestem como os restantes dos Líbios”.

Portanto, a comparação e semelhança das passagens nos autorizam pensar que Heródoto não parece ter “copiado” descaradamente, mas é certo que incorporou muitos modelos da prosa hecataica, bem como os interesses em etnologia.

Segundo a análise feita por Alan B. Lloyd, em sua introdução ao Livro II das *Histórias*⁷⁴⁰, Heródoto tomou de empréstimo a Hecateu as seguintes concepções:

O Egito é um presente do Nilo (II 5,1) F301

Dados cartográficos em II 6 (medidas do Egito) e 15 (O Egito é o Delta para os Jônios). Nos dois casos, supomos que Heródoto dependeu de Hecateu.

Dados topográficos, que Heródoto aperfeiçoa, II 8,11-12,15-17. Suposição pela cartografia de Hecateu, que envolve também a Líbia, Egito e o leste da Ásia. F 292a

Ataque à doutrina de Hecateu do Oceano circular (II 23) F.18a, F 302

Cartografia de Hecateu (II 31 e 32). Suposição, por Hecateu ter escrito e visitado a Líbia do lado oeste, e não apenas o Egito. Cf. F 329-F 357.

Ataque à narrativa de Hecateu sobre Hécles no Egito (II, 45). Suposição de ser contra Hecateu, nesta passagem, que tratou fartamente desse herói grego.

Os gregos dizem muitas tolices (II 2) F1

Os Pélagos na Ática (II 51) F119

⁷³⁸ Para M. Caspari (1910:243), “as notícias sobre a Espanha (*sic* na obra de Hecateu) são singularmente fartas, e surgem em marcante contraste com a ignorância de Heródoto e Cilax sobre esse país”.

⁷³⁹ L. Pearson, *op. cit.*, pp.90-91

⁷⁴⁰ A.B. Lloyd, 1975, pp.127-140.

A caça ao crocodilo (II 70) T22

O hipopótamo (II 71) T22

Deve algo a Hecateu, com contributo de nativos egípcios: descrição da fênix (II 73) T22

Nas expressões αρτοφαγέουσι...διαχρέωνται (II 77) F322 e F323

Genealogia de deuses gregos (II 145 e 146)

A ilha flutuante de Quemis (II 156) F305

A pré-história do Peloponeso (II 171) F119

Interesse na sedimentação em áreas gregas: o rio Aqueloo (II 10) F102c

Ideias sobre simetria da terra e os rios (II 33-34) F18a, F289, F332.

Genealogia de Hércules (II 43) Heródoto teve apoio de fontes escritas, principalmente Hecateu. F23, F29a, F30.

As peregrinações de Cadmo (II 44)

A história de Melampo e Dionísio (II 49)

A história de Perseu (II 91)

Botânica (II 91, 92 e 96)

Danao e Arcânder (II 98)

Origem dos habitantes da Cólquida (II 104)

A história de Proteu

As regras dos Μάχμοι (II 165, 166)

Discussão cronológica (II 143)

O que mais impressiona, nessa lista apresentada pelo especialista em Heródoto, Alan Lloyd, é que em apenas uma dessas passagens há referência direta a Hecateu (Hdt. II 143). Isso nos faz pensar que a presença da obra do Milésio foi maior na *História* do que se tem acreditado. A questão não está em querer provar que Heródoto agiu de má-fé, ou se ele era ou não um plagiador. Importa constatar que Hecateu lhe serviu como uma verdadeira enciclopédia, e como tal, continha dados equivocados e ultrapassados.

Heródoto tomou a si a liberdade de usar o que era aproveitável, mas criticando o que achasse devido⁷⁴¹, sem deixar, algumas vezes, de cometer os mesmos equívocos.

Apesar das controvérsias do que foi colocado até aqui, alguns pontos parecem certos na relação entre esses dois antigos historiadores, como:

a) Heródoto conheceu bem os *logoi* de Hecateu sobre o Egito e outras áreas, como a Cítia, a Líbia e a Península Ibérica;

b) ele tratou ou repetiu alguns temas gerais que o Milésio havia citado em sua obra, bem como formas de expressão em prosa;

c) Heródoto tinha as posições de Hecateu em mente em muitas situações, quando escreveu suas investigações, e quis superá-las ao lançar-lhes críticas;

d) Heródoto quase nunca confirma ou declara que utiliza Hecateu. Isso não quer dizer que se trate de plágio. Tal denúncia é indevida se considerarmos a literatura da época, quando um autor raramente citava o nome de outro, para reconhecer suas ideias e méritos. Ele não quis divulgar o saber de Hecateu, pelo menos expressamente.

e) as *Histórias* de Heródoto, em seu conjunto, têm alguns débitos diante das obras de Hecateu, mas seu projeto foi mais ambicioso, ao narrar as Guerras Médicas, e ao mesmo tempo abranger a história política, além de retratar a cultura dos povos conhecidos.

No fim das contas, o quase total esquecimento da obra de Hecateu pode resultar do mesmo motivo que atingiu as obras de outros autores arcaicos ou mais antigos: tornaram-se antiquadas para o gosto do público. Para Pearson⁷⁴², livros em prosa como o de Hecateu foram esquecidos com o florescimento da oratória. Não podemos deixar de notificar o peso da obra de Heródoto, que praticamente deixará na sombra toda a historiografia anterior.

⁷⁴¹ Na grande parte das vezes, a crítica não é direta ao Milésio, mas aos *logoi* que ele coletou. Funcionaria mais ou menos assim: o errado, o ridículo, o que merece comentário não é propriamente Hecateu, mas as opiniões que ele coletou, por exemplo, as opiniões dos Lídios, dos Persas, dos Jônios. Mas Heródoto não se escusa a criticar a opinião do próprio Hecateu, quando pode. Há indícios para pensar assim: em Hdt.VI 137, ele é claro em recordar a opinião de Hecateu sobre os Pelasgos na Ática; mas em II 15, Heródoto honestamente critica a “opinião do Jônios” de que o Egito se resumia ao Delta, e não a opinião pessoal Hecateu (que devia até ser concorde com esta).

⁷⁴² L. Pearson.1975:30

1.6.3. As influências metodológicas – os proêmios

Enquanto, na tradição homérica, a figura do poeta era “anônima”⁷⁴³, depositando na figura das musas⁷⁴⁴ a sua inspiração, na lírica arcaica, há o interesse expresso em se afirmar a autoria nas composições. Em primeiro plano, este é um sintoma claro da afirmação das individualidades do período arcaico. Hesíodo afirma o próprio nome no início de sua *Teogonia*, mas atribui sua arte ao ensinamento das Musas “quando pastoreava ovelhas ao pé do Hélicon divino”⁷⁴⁵, Arquíloco, em época pouco posterior, será a primeira “personalidade” da literatura grega arcaica a expressar claramente a consciência da própria autoria das composições⁷⁴⁶. E, nisso será seguido por muitos outros poetas, como Teógnis, Tirteu, Alceu, Xenófanes, Focílides. Heródoto, em meados do século V a.C. também foi sucinto quando iniciou sua obra assim:

“Esta é a exposição das investigações (historíes apódexis) de Heródoto de Halicarnasso (...)”⁷⁴⁷.

Até Tucídides segue o padrão, ao afirmar, logo no início de sua obra, que:

“O Ateniense Tucídides escreveu a história da guerra entre os Peloponésios e os Atenienses (...)”⁷⁴⁸.

Esse desejo de assegurar autoria sugere, pelo contexto, que os autores consideravam sua obra uma “propriedade”. Isto também foi visível na colocação de uma frase ou expressão com o nome do autor, em geral, no início do discurso, o que era

⁷⁴³ Isso é bem retratado no fato de que na *Ilíada*, os aedos praticamente não desempenham qualquer função significativa. Eles cantam para o prazer e entretenimento de seu público, que os quer ouvir. Cf. L.S. Krausz. *As Musas: Poesia e Divindade na Grécia Arcaica*. São Paulo: Ed. USP, 2007, p. 48-49.

⁷⁴⁴ Para Luís S. Krausz: “é atribuída à poesia uma origem divina e o aedo alega ser, não o autor dos versos que apresenta, mas simplesmente um porta voz das Musas, que fariam por meio deles”. L.S. Krausz. *As Musas: Poesia e Divindade na Grécia Arcaica*. São Paulo: Ed. USP, 2007, p.49. Basta lembrar que a *Ilíada* e a *Odisseia* começam com invocações às Musas, esses seres divinos que ora ensinam o canto ao poeta, ora revelam-lhe a verdade.

⁷⁴⁵ Hes. *Teogonia*, vv.22-23. Trad. Jaa Torrano. Hesíodo. *Teogonia: a origem dos Deuses*. São Paulo: Iluminuras, 1991.

⁷⁴⁶ C.J. Emly-Jones. *The Ionians and Hellenism: a study of the cultural achievement of early Greek inhabitants of Asia Minor*. London-Boston: Routledge, 1980, p.90; Mary R.Lefkowitz. *The Lives of Greek Poets*. London: Duckworth, 1981, p.25. A indicação do próprio nome por Hesíodo constitui uma inovação diante da poesia homérica, pois ele de certa forma, sai do anonimato, embora não se afirme como autor de sua obra. Cf. C. Calame. *Le récit en Grèce Ancienne. Enonciations et représentations de poètes. L'antiquité au présent*. Paris: Méridiens/Klincksieck, 1986, p. 61.

⁷⁴⁷ Hdt. I 1. Trad. José R. Ferreira e Maria de Fátima Silva. Heródoto. *Histórias*. Livro I. Lisboa: Ed. 70, 2002.

⁷⁴⁸ Tuc. I 1. Trad. Mário da Gama Kury. Tucídides. *História da Guerra do Peloponeso*. 4ª ed. Brasília: UnB, 2001.

chamado pelos gregos de *sphragis* (selo, marca), expressão indicadora de autoria. Era o recurso usado para evitar plágios sobre a obra, muito embora um falsário pudesse imitar o selo. Mas o uso desses selos não significava, ainda, que a obra precisasse estar escrita.

A própria tradição podia encarregar-se de atribuir um discurso a certo autor, com alguma introdução. Por exemplo, os versos de Focílides, um poeta de Mileto, e Demódoco de Leros, ambos do século VI a.C., iniciavam sempre com: “*Kaì tóde Phokylídeo*” (Esta também é de Focílides) e “*Kaì tòde Dêmodókou*” (Esta também é de Demódoco). Pela aparência, tal expressão era voltada para introduzir oralmente uma declamação poética, não um texto escrito⁷⁴⁹.

A primeira obra declaradamente editada por escrito pelo próprio autor na literatura grega pode mesmo ser a de Teógnis, poeta do início do século V a.C.⁷⁵⁰. Entre os versos 19 e 24 de sua famosa elegia, o poeta declara:

“Cirno, deixe que o selo (*sphrêgis*) do sábio seja posto após essas linhas, e que delas nunca seja roubado, nem ninguém vá piorar o que é bom, mas todos possam dizer: são as linhas de Teógnis de Mégara, famoso por toda parte (...)”⁷⁵¹.

Há claramente aqui, o interesse do poeta em editar por escrito o seu discurso, inclusive tentando evitar deturpações e falsificações. Para Wolfgang Rösler, “a intrincada relação entre autor, obra e livro se mostra assim lucidamente reconstruída”⁷⁵².

Na história arcaica, o exemplo mais emblemático de afirmação de autoria é visto em Hecateu, homem ilustrado do século VI a.C., que também fez questão de indicar sua personalidade. A proposta presente em seu próêmio, que como dissemos, expõe o seu método de investigação, também afirma sua identidade e autoridade ao declarar o próprio nome:

«Ἐκαταῖος Μιλήσιος ὧδε μυθεῖται· τάδε γράφω, ὡς μοι δοκεῖ ἀληθέα εἶναι· οἱ γὰρ Ἑλλήνων λόγοι πολλοί τε καὶ γελοῖοι, ὡς ἐμοὶ φαίνονται, εἰσίν».

“Hecateu de Mileto declara o seguinte: escrevo as coisas que, em minha opinião, são verdadeiras, pois as histórias dos gregos, como a mim se apresentam, são demasiadas e ridículas”⁷⁵³.

⁷⁴⁹ Rösler. 2006, pp.60-61

⁷⁵⁰ Rösler, op.cit. 60 e ss

⁷⁵¹ Edmonds, 1982

⁷⁵² Rösler. op. cit., p. 61

Essa declaração é o mais famoso e importante fragmento que restou de Hecateu, além de constituir o mais antigo dos proêmios historiográficos de que se tem notícia. Segundo Porciani⁷⁵⁴, esse será o modelo mais típico de fazer proêmios historiográficos até o final do século V a.C. O discurso hecataico na passagem acima pode ser dividido em duas partes, a primeira, na qual o autor se apresenta e diz a que veio. A segunda, onde ele expõe sua intenção de buscar a verdade e criticar as tradições míticas dos gregos, as quais ele chama os *logoi*.

A passagem foi citada na obra *Peri Hermeneias* (ou *De Elocutione, Sobre o Estilo*) de certo Demétrio, um retórico de data desconhecida⁷⁵⁵, mas que se supõe ter vivido próximo ao ano I a.C., e sobreviveu enquanto um exemplo de estilo prosaico⁷⁵⁶ dos autores mais antigos. Como o próprio Demétrio informa⁷⁵⁷, ele retirou esse exemplo do início da obra genealógica de Hecateu, ou seja, de seu proêmio, notório pela forma que o Milésio abre a sentença, apresentando-se e dizendo seus intuitos.

Apesar de ter sido preservado pelas mãos de um mestre de retórica, o *logos* expresso na proposição é histórico, e diferente do discurso poético, não se utiliza mais da inspiração das Musas, e o autor apresenta a própria identidade. Esse aspecto foi sintomático na afirmação das autoridades pessoais⁷⁵⁸ no mundo grego arcaico. Na

⁷⁵³ Tradução própria. A título de auxílio, citamos ainda outras versões, como a portuguesa, da Doutora Rocha Pereira: “Escrevo de acordo com o que me parece ser a verdade; pois as histórias dos Gregos são, em meu entender, muitas e ridículas”. Ma. Helena da Rocha Pereira. *Hélade. Antologia da Cultura Grega*, 9ª. Ed. Lisboa: Asa, 2005, p, 157. A inglesa, da Professora F. Pownall: “Hekataios of Miletos speaks as follows. I write these things, as they seem to me to be true. For the tales of the Greeks are many and ridiculous, as they seem to me”. (BNJ 1 F1a). Já o italiano Enrico Moscarelli (F1) traduz como: “Ecateo di Mileto parla de tal modo: scrivo le cose che, come mi sembra, sono vere; i raconti di elleni, infatti, sono contraddittori e, altresì, ridicolli, comme a me appaiono”. E. Moscarelli, 1999, p.81.

⁷⁵⁴ L. Porciani. *La forma proemiale: storiografia e pubblico nel mondo antico*. Pisa: Scuola Normale Superiore, 1997, p.03.

⁷⁵⁵ Na edição de Demétrio em inglês (*On Style*, com texto grego ao lado, de 1902), W. Rhys Roberts discute largamente sobre os indícios de autoria desta obra. Após listar a possibilidade do autor ser três homônimos, um Demétrio retórico alexandrino, um Demétrio de Pérgamo de c. 100 a.C., e outro Demétrio Siro, que foi lembrado por Cícero e vivia em c. 78 a.C., ele conclui que “Such suggestions as these serve only to show how far from a definite solution the problem still is”. Mas o autor realmente se chamaria Demétrio, e teria vivido entre o século I a.C. e I d.C. Cf. W. Rhys Roberts. *Demetrius. On Style*. Cambridge: Univ. Press, 1902, p.64. Pesquisas mais recentes não avançaram muito, indicando que o autor de *De elocutione* foi um erudito helenístico não anterior ao século III a.C. G.M.A. Grube. *A Greek Critic: Demetrius On Style*. Toronto: Univ. Press, 1961, pp.46-56.

⁷⁵⁶ Como disse E. Moscarelli, “le significative lodi di Demetrio, particolarmente rivolte ad Ecateo, considerato come prosatore esemplare, ci fanno pensare ad una conoscenza ancora diretta delle opere del milesio”. Moscarelli, 1999: 55, n.7.

⁷⁵⁷ Dem. *De Eloc.*1.2: ὡς Ἐκαταῖός φησιν ἐν τῇ ἀρχῇ τῆς ἱστορίας.

⁷⁵⁸ R. Fowler, 2007, p.102. Como afirmou A. Momigliano, “Hecateu encontrou, de fato, um critério objetivo de escolha entre fatos e fantasias. Ele não estava à mercê das Musas”. A. Momigliano. A

primeira sentença, ele revela seu nome, e assim a autoria da obra, depois sua origem étnica, Mileto, e o tipo de obra que está a compor⁷⁵⁹. O historiador, ao identificar-se, declara seu estatuto, e se isola do corpo comum de sua sociedade, em vista da função que nela representa, em termos de coleta, triagem, elaboração e ordenação das tradições dispersas.

O verbo *mytheitai* está na terceira pessoa do presente de *mytheo*, que significa conversar, narrar ou dizer. Como bem afirma A. Roveri⁷⁶⁰, esse verbo reporta à dicção épica e ao étimo *mythos*, ou seja, à expressão de um patrimônio tradicional de lendas de deuses e heróis. No fundo, seu sentido remete à narração, o objetivo de Hecateu, que fala a seu público, não se limitando a indicar o enunciado que se segue. Ele não quer meramente narrar os mitos, como sugere a raiz do verbo que usou, mas sim ele pretende expressar algo. Não há nesse verbo um sentido do *mythos* enquanto narrativa fabulosa ou falsa. Homero, em algumas passagens⁷⁶¹, utiliza *mythos* justamente no sentido de palavra e discurso, ou ainda de algo que é dito ou pensado⁷⁶², narrativa e conto⁷⁶³.

Não há como não notar a semelhança da fala de Heitor no texto homérico em VII 76: “*ode de mytheomai*” (é isto que declaro), com a primeira parte do proêmio hecataico. Portanto, estava viva nele a expressão épica, que ele trará para a prosa. Outros autores, também, fazem uso comum de *mythos*. Quando Empédocles, o filósofo poeta de Agrigento⁷⁶⁴, exorta seu público, o faz nos seguintes termos: “Mas vamos, escuta as minhas palavras (*mython*)”; e Eurípides⁷⁶⁵, o famoso trágico ateniense, também profere, na voz de Íon: “Que dizes? A história (*mythos*) que agora trazes é nova”. Além desses testemunhos, há uma passagem bastante sugestiva de Focílides, um poeta pouco lembrado, contemporâneo mais velho de Hecateu, em Mileto. Estava no auge quando Hecateu era jovem, na época em que os Persas avançaram contra a Lídia, em meados do século VI a.C., e sua poesia tem o traço marcante da tradição gnômica,

Tradição herodoteana e tucídideana. In: A. Momigliano. *As Raízes Clássicas da Historiografia Moderna*. Trad. Ma. B.B. Florenzano. Bauru, SP: EDUSC, 2004, p.57.

⁷⁵⁹ G. Nenci. Una risposta delfica alla metodologia ecataica. *Píndaro Olimp. I*, vv.28-36. *Critica Storica*, Anno III (1964), p. 270. Esse autor também nota que se trata de uma *sphragis*, a primeira registrada em uma obra em prosa. G. Nenci. *Ibidem*, p. 271.

⁷⁶⁰ A. Roveri. 1963, p. 11

⁷⁶¹ Il. IX 443; XIX 242. Od. XI 561.

⁷⁶² Il. I 545, V 493, Od. IV 676.

⁷⁶³ Od. III 94, IV 324.

⁷⁶⁴ 31DK17B (Em Simpl. Phys. 159, 13).

⁷⁶⁵ Íon, v. 1340: “τί φής; ὁ μῦθος εἰσενήνεκται νέος”. Trad. Frederico Lourenço. Eurípides. *Íon*. Lisboa: Colibri, 2005.

aquela que pretende ensinar por meio de exemplos proverbiais e conselhos sábios, bem no estilo de Hesíodo⁷⁶⁶. No fragmento 3 (F3 Adrados), Focílides pergunta: “Que importa ser de nobre estirpe (*genos eugeneis*), se não se tem acerto nem para falar (*en mythois*) nem para tomar decisões?”⁷⁶⁷ O momento de crise pelo qual passava sua sociedade pôs em causa a nobreza de sangue, e elevou a capacidade de se colocar e decidir no meio público, segundo a urgência da situação. Essa postura crítica mostrava-se bem avançada para aquele tempo, se tomarmos como referência a poesia de um poeta contemporâneo, Teógnis de Mégara, que hostilizava os recém-enriquecidos, sem sangue nobre, e reafirmava a superioridade dos verdadeiros nobres⁷⁶⁸. A postura de Focílides, todavia, será mais evidente na época Clássica, segundo o relato platônico no *Protágoras* (319b-c), em relação às assembleias populares. Os conselhos apresentados em público deviam ser construtivos e pertinentes, caso contrário, não adiantava o cidadão ser belo (*kalos*), rico (*plousios*) nem nobre (*gennaion*), pois seria vaiado até que abandonasse a assembleia.

Importa notar que o proêmio milésio não passou despercebido pelos dois maiores historiadores que lhe sucederam. Os absurdos sobre as façanhas de Hércules no Egito fizeram Heródoto (II 45) praticamente parafrasear Hecateu⁷⁶⁹:

“Mas os Helenos (*hoi hellenes*) contam muitas coisas (*pollá kai álla*) levianamente (*anepisképtos*). Uma de suas fábulas (*mythos*) extremamente tolas sobre Hércules é a seguinte (...)”.

Em Tucídides (I 22), há uma resposta velada ao método oral de Heródoto e ao proêmio de Hecateu, quando ele afirma:

Quanto aos fatos da guerra, considere meu dever relatá-los, não como apurados através de algum informante casual nem como me parecia provável (*os emoi edokei*), mas somente após investigar cada detalhe com o maior rigor possível.

Heródoto, em toda sua obra, fala de informantes como fontes de suas investigações, mas poucas vezes ele indica seus nomes⁷⁷⁰, preferindo fazer alusões

⁷⁶⁶ Esse tipo de exortação poética também foi presente em alguns elegíacos, como Arquíloco, Sólon e Xenófanes.

⁷⁶⁷ Trad. do espanhol, em F.R. Adrados. *Líricos Griegos. Elegiacos y Yambógrafos Arcaicos*, s. VII – VI a.C. Barcelona: Alma Mater: 1956.

⁷⁶⁸ Ver a discussão em Glória B. Onelley. *A ideologia aristocrática nos Theognidea*. Niterói: Ed. UFF\ Coimbra: Imprensa da Univ. de Coimbra, 2009, pp. 46 e ss.

⁷⁶⁹ W.W. How- J. Wells, 1928:188.

⁷⁷⁰ Apenas em II 55, III 55, IV 76, IX 16.

genéricas, como “segundo os sacerdotes”, “segundo alguns gregos” ou “os Atenienses dizem”, contra o que Tucídides lança sua primeira crítica. Em seguida, a crítica recai sobre Hecateu, justamente em seu proêmio, evidenciado em Tucídides pelo uso de expressões muito semelhantes às do Milésio, com o verbo na forma *dokei moi*, ou seja “parecer a mim”. Ele apenas não considerou que dificilmente Hecateu poderia ser rigoroso ao tratar de mitos e genealogias míticas, como o foi Tucídides ao investigar a guerra do Peloponeso: o primeiro dependia da tradição milenar e o outro, tinha participado do evento que relatou, isto é, fez basicamente uma história contemporânea⁷⁷¹.

Para Porciani⁷⁷², os proêmios historiográficos até o final do século Va.C. têm uma estrutura epistolar, que em Hecateu é muito clara. Quer dizer que a obra hecataica iniciava da mesma forma como se endereçava uma carta em sua época: enunciado na terceira pessoa, passando em seguida para a primeira, após a introdução. Tal expressão fornecia algum grau de solenidade ao autor, ao enunciar que vai declarar algo, mas logo em seguida, usa uma linguagem coloquial. Hecateu se dirige ao seu público como quem vai “narrar” ou “contar” histórias, mas ele é igualmente explícito em afirmar que “escreve” (*táde grapho*), utilizando exatamente a primeira pessoa do verbo. A ação de *grapho* não quer dizer que ele apenas escreve, mas que está a produzir prosa⁷⁷³. É notória a diferença do uso desse verbo em Homero⁷⁷⁴, em cuja acepção apenas indicava traçar signos, desenhar.

Quando Hecateu contrapõe a expressão “*táde grapho*” às “histórias dos Gregos” (*hoi hellenon logoi*), demonstra conscientemente, a recepção do mundo da oralidade pelo mundo da escrita⁷⁷⁵. Hecateu, vale lembrar, foi o primeiro autor a declarar seu

⁷⁷¹ Essa ideia da contemporaneidade da história de Tucídides chega ao ponto de, em obras de divulgação não acadêmica, criar-se afirmações do tipo: “(Thucydides) believed that historians should write only about recent events, since he doubted the accuracy of oral accounts of the distant past. Because of this, some have called Thucydides a journalist rather than a historian”. In: Carl J. Richard. *Twelve Greeks and Romans Who Changed the World*. Lanham: Rowman & Littlefield, 2003, p.86.

⁷⁷² L. Porciani. *La forma proemiale: storiografia e pubblico nel mondo antico*. Pisa: Scuola Normale Superiore, 1997, pp.70-71.

⁷⁷³ G. Nenci, 1964, p.

⁷⁷⁴ Il. VI 169 e XVII 599.

⁷⁷⁵ “Un contraste exprimé, dans l’incipit, par l’opposition entre *táde graphô* et *hoi Hellênôn logoi*. Cette déclaration initiale, en effet, peut être lue comme l’expression désormais consciente du franchissement de la phase de transmission orale du mythe à une phase de réception écrite de cette même tradition”. L. Bertelli. «Des généalogies mythiques à la naissance de l’histoire : le cas d’Hécátée», in D. Bouvier - C. Calame. (ed.), *Philosophes et historiens anciens face aux mythes*. Lausanne: Études des Lettres, 1998. P. 26.

ofício de escritor, dentro da literatura grega⁷⁷⁶. Isso não quer dizer que antes dele não existissem registros escritos da tradição poética de genealogias heroicas. A poesia arcaica existia e circulava por escrito, mas sua divulgação popular continuava sendo por meio oral⁷⁷⁷. Do mesmo modo, o público de Hecateu certamente ia ouvir sua obra, embora soubesse que ela existia por escrito. O principal em seu proêmio, no entanto, é que, pela primeira vez, a crônica⁷⁷⁸ ou o simples registro dos dados vai se tornar “história”, no modelo a ser seguido pelas gerações seguintes: a narrativa dos fatos pelo critério do verdadeiro.

A segunda parte da sentença hecataica é mais reveladora e complexa para análise. O Milésio pretende escrever o que para ele, ou na opinião dele, é verdadeiro. O uso do termo “verdade” (*alethea*) de sua parte é importante para compreendermos seus objetivos narrativos. Ele utiliza a palavra no jônico épico, cujo sentido arcaico utilizado na poesia não se limitava ao que é oposto à mentira, mas também ao esquecimento⁷⁷⁹. Era esse, basicamente, o sentido oral de verdade⁷⁸⁰. Porém, ele não quer comprovar a realidade dos fatos que narra, conforme nos faz pensar a força da palavra *alethea*. O detalhe fundamental é a forma como ele se dirige a essa verdade: *os moi dokei*, “em minha opinião”. E continua: *hoi gar Hellenon logoi* pois as histórias dos Gregos” – “*polloi te kai geloioi eisin*” “são demasiadas e ridículas (engraçadas)”, “*os emoi phainontai*” “como a mim se apresentam”. No dizer de G. Nenci⁷⁸¹, é preciso notar a diferença entre *moi dokei* e *emoi phainontai*, que estão longe de ter o mesmo sentido em Hecateu, a fim de evitar certos mal-entendidos que modernamente têm ocorrido nas traduções desse proêmio. Para o autor italiano⁷⁸², a primeira expressão indica a subjetividade à qual está sujeito o historiador, sendo próxima do sentido de “a meu ver”, “em minha opinião”. A segunda deveria vir traduzida em termos de “como a mim se

⁷⁷⁶ R. Scodel. Poetic Authority and Oral Tradition in Hesiod and Pindar. In: Janet Watson. Speaking Volumes: Orality and Literacy in the Greek and Roman World. *Mnemosyne Supplement 218*. Leiden: Brill, 2001. Pp. 109-138.

⁷⁷⁷ L. Bertelli, 1998:26.

⁷⁷⁸ A. Gitti. Sul proemio delle “Genealogie” di Ecateo. *RAL Ser.8*, Vol. 7 (1952), p. 398.

⁷⁷⁹ M. Detienne. *Os mestres da verdade na Grécia arcaica*. Trad. Andréa Daher. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1988, p.23. A historiografia praticamente continua o trabalho da épica, de resguardar dos fatos do esquecimento, mas ela surge justamente como crítica do epos e dos contos tradicionais. L. Porciani. *La forma proemiale: storiografia e pubblico nel mondo antico*. Pisa: Scuola Normale Superiore, 1997, p.57.

⁷⁸⁰ R.L. Fowler. “Early Historie and Literacy “. In: Nino Luraghi, ed. *The Historian’s Craft in the Age of Herodotus*. Oxford: Univ. Press, 2007, p.102.

⁷⁸¹ G. Nenci. Una risposta delfica alla metodologia ecataica. *Píndaro Olimp.* I, vv.28-36. *Critica Storica*, Anno III (1964), p.276-7.

⁷⁸² G. Nenci. *Ibidem*, p.276-267.

apresentam”, já que representa o modo como a tradição lhe chega ou se lhe apresenta⁷⁸³. Em 1949, Alberto Gitti⁷⁸⁴ afirmava, de modo que nos parece acertado, que a confusão entre verossímil⁷⁸⁵ e verdadeiro tem iludido há milênios os historiadores, de Hecateu até nossos dias. O fato é que o Milésio pretende encontrar a verdade, mas age ou apenas alcança o verossímil. Ele utiliza *alethea*, não *eikós*, que era o termo usado na época da sofística para as coisas críveis ou possíveis de acreditar. Hecateu ainda não faz parte da sofística, mas é um mitógrafo arcaico. Seu material de estudo não pode ser “demonstrado” objetivamente, portanto, ele devia confiar na racionalidade prática e em seu senso de verossímil. O verossímil não corresponde ao que é evidente, mas indica o que não é impossível, inacreditável ou inexistente. Sua ideia sugere aquilo que se espera segundo o normal das coisas, o que é crível dentro da ordem do real, bem diferente do que *realmente* aconteceu. Assim, a experiência de vida foi útil para Hecateu ponderar acerca dos “acontecimentos” e das “histórias” que a tradição guardava. O verossímil surge quando se buscam a coerência e a razão para as coisas sobre as quais não se tem certeza⁷⁸⁶.

Hecateu tinha diante de si um imenso caleidoscópio de lendas ancestrais, que não eram dogmáticas nem homogêneas em suas versões, e tampouco faziam parte de livros sagrados. Ele declara esses elementos usando *logoi* (histórias, narrativas) e *polloi* (muitas). Os *logoi* são referentes à produção literária grega, tanto as escritas, quanto as orais. O *polloi* marca a sua grande variedade, no modo como esses *logoi* circulavam na Hélade.

Quando ele fala genericamente em “Gregos”, está, ao menos indiretamente, referindo-se ao povo grego, Helenos antigos e contemporâneos, e excluindo os

⁷⁸³ A diferença entre *dokein* e *phainesthai* desemboca facilmente e uma discussão filosófica, sobretudo a partir do pensamento de Platão e Aristóteles. Todavia, não é agora o momento oportuno para tal. Ver apenas, Arist. *Eth. Eudem.* II 2 e Plat. *Resp.* 333d e 383a.

⁷⁸⁴ A. Gitti. *La tradizione pre-storiografica della Grecia*. Bari: Adriatica, 1949, p.112.

⁷⁸⁵ Para A. Lalande (p.879), *verossímil* é o que merece mais crédito que a opinião contrária, é o provável. Em N. Abbagnano (p.1000), *verossímil* é algo semelhante à verdade, mas sem a pretensão de ser verdadeiro: “Um acontecimento humano imaginado é verossímil se for considerado compatível com o comportamento comum dos homens”. Uma premissa *verossímil* para Aristóteles (Tóp.I, 100 a-b) seria aquela relacionada com *a opinião de todos, com a da grande maioria ou dos sábios, e entre estes, os mais notáveis*. Ainda assim, é apenas parcialmente aceita, pois necessariamente não indica um saber demonstrado. Em grego, *eikós* não concerne apenas ao que é aparente, semelhante à verdade e por isso, superficial. Traz a ideia, principalmente, do que é “segundo a razão” ou que segue a racionalidade (Plebe-Emanuele, 1992:23).

⁷⁸⁶ M. Reale. *Verdade e Conjetura*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, pp.17 e 25.

Bárbaros⁷⁸⁷. Todavia, como já notara Moscarelli⁷⁸⁸, não devemos entendê-lo como se quisesse denominar “todos os gregos”, todos os habitantes da Hélade, na forma como refere Hesíodo em seu *Os Trabalhos e os Dias*⁷⁸⁹. Por isso, esse autor italiano prefere traduzir a expressão *hoi Hellenon* como “alguns Gregos”. Mas quais? Para responder, ele invoca uma passagem de Estrabão (VIII 3, 9), no qual o geógrafo afirmava que os “antigos escritores” falavam muitas coisas que não existiam, sendo educados na mentira, por meio da mitografia; por isso, não concordavam entre si sobre as tradições. Moscarelli⁷⁹⁰ conclui que os “gregos”, citados no F1 de Hecateu como “contraditórios e assim, ridículos”, se identificariam diretamente com Homero e Hesíodo, os quais também Estrabão⁷⁹¹ havia citado. Realmente, há fundamento nesse raciocínio, porém, o alvo de Hecateu não devia ser nem “qualquer grego”, nem todos os helenos. Também ele não se limitaria a atingir apenas os dois ícones da poesia, Homero e Hesíodo, mas sim toda a classe dos homens instruídos que tratavam e divulgavam a tradição mítica grega. E aqui, não se resumiria a Homero e Hesíodo, claro, os mais importantes, mas também a outros, como Arctino de Mileto⁷⁹², poeta homérico mal lembrado, com fama na época arcaica. Incluiria ainda, Calino e Mimnermo, outros que cultivaram preocupações com os tempos antigos e já esboçavam métodos de pesquisa do passado, ou Epimênides, profeta e taumaturgo cretense que junto com os dois poetas anteriores, também realizava o que chamamos “crítica histórica”⁷⁹³. Não se excluam desse grupo os mitógrafos prosistas, ao estilo de Ferécides de Siro⁷⁹⁴ ou Acusilau de Argos, caso esse

⁷⁸⁷ Nenci, *Ibidem*, p. 277.

⁷⁸⁸ E. Moscarelli, 1999:21-22.

⁷⁸⁹ Erga 528: “βράδιον δὲ Πανελλήνεσι φαίνειν”. Hesíodo cita aqui o sentido de “toda raça dos Helenos”. Parece que essa ideia não recua para além dos séculos VII a.C., pois também foi usado por Arquíloco (F 102 West), mas não por Homero, que chamava seu próprio povo de Argivos, Dâneos ou Aqueus. Ver a discussão em José Ribeiro Ferreira. *Hélade e Helenos. Gênese e Evolução de um Conceito*. Coimbra: INIC, 1992, pp. 279 e ss.

⁷⁹⁰ E. Moscarelli, 1999:23.

⁷⁹¹ Estrab. VII 3, 6, onde ele cita os autores que, com Homero e Hesíodo, inventaram muitas coisas fantásticas sobre coisas que ignoravam. E além deles, Alcman, Ésquilo e Hecateu.

⁷⁹² Sobre ele, vid G. Nagy. *Homer the preclassic*. Berkeley: California Univ. Press, 2012, pp. 320-324.

⁷⁹³ Santo Mazzarino. *Il Pensiero Storico Clássico, t.I*. Roma-Bari: Laterza, 1990, p. 50.

⁷⁹⁴ Ferécides é uma figura obscura, provavelmente de meados século VI a.C. Apolodoro põe seu acme em torno da 59ª Olimpíada (544-541 a.C.) (cf. 7DK1A). Em geral, ele é relacionado lendariamente a Tales e Pitágoras. Teopompo de Quios, autor do século IV a.C., citado por Diógenes Laércio (I, 116), atribui a Ferécides de Siro a autoria da primeira obra em prosa que versava “sobre a natureza e sobre os deuses”. Diz-se que havia escrito em dialeto jônico, em prosa alegórica e enigmática, a obra *Heptamychos*, *Theocrasia* ou *Theogonia*, do que restam apenas fragmentos. Cf. K. Freeman. *The Presocratic Philosophers*, Cambridge (Mass.): Harvard Univ. Press, 1966. Pp. 36-38. Segundo demonstra a doxografia, a obra de Ferécides ainda era famosa na época romana. Para os testemunhos, fragmentos e discussão, ver a edição portuguesa de Fernando Bastos: *A Teogonia de Ferécides de Siro*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2003.

segundo já estivesse produzindo por volta de 490 a.C., época em que Hecateu compôs suas *Genealogias*. É provável que esses autores citados estivessem entre os que Hecateu chamou de “*hoi hellenon*”.

Agora, falta explicar por que a produção desses homens, ou seja, os seus *logoi*, além de “demasiados” em quantidade (*polloî*), eram ridículos “*geloioi*”. A posição de Nenci faz essas duas qualidades unirem-se por inferência: são demasiados, e assim (e portanto), ridículos”⁷⁹⁵. Hecateu, então, vai tentar reduzir as várias versões em uma mais confiável⁷⁹⁶. Gitti não aceitou tais posições. Primeiramente, a de que o ridículo derivasse da pluralidade das versões dos *logoi*: “um desvio que Hecateu não podia ter cometido”. Depois, de que ele quisesse reduzir a uma única versão os eventos históricos que encontrou: “ele não pode ter raciocinado de maneira tão absurda”. Mas de onde viria o ridículo? Pelo tratamento que deu a algumas versões, não era de sua variedade nem quantidade, mas sim dos absurdos e fábulas que continham. O mais difícil, na interpretação do método hecataico é sopesar seu “racionalismo”, conforme já vimos, pois ele nunca abandonou as crenças míticas. Hecateu até utiliza-se do mito, mas o faz para explicar uma realidade histórica de um lugar ou de um povo reconhecidamente existente.

Mas, a surpreendente força de expressão que esse passo carrega, pelo espírito crítico declarado, fez mais de um autor acreditar que se tratava da demarcação do início dos estudos historicamente científicos ou racionais gregos. Nestle repara que a sentença revela uma “proposta cheia de auto-confiança”, e tais palavras soam como um “retumbar no crescente mundo da historiografia grega”⁷⁹⁷. Para Pearson⁷⁹⁸, no entanto, o prêmio das *Genealogias* expressava mais o orgulho aristocrático de seu autor. O Milésio sentia-se à vontade para expressar sua liberdade de pensamento, sem se dar conta de que sua sentença lançava as bases metodológicas da historiografia grega.

⁷⁹⁵ Essa conclusão já havia sido defendida antes por Nenci (Ecateo di Mileto e la questione del suo razionalismo – RAL 6, 1951, p.55), e tem por base a análise sintática da expressão, na forma como se conecta o sentido, e conforme a expressão da época, por exemplo, em Heráclito 22DK 118B.

⁷⁹⁶ A. Gitti não aceitou tais posições, primeiro de que o ridículo derivasse da pluralidade das versões dos *logoi*: “um desvio que Hecateu não podia ter cometido”. Depois, de que ele quisesse reduzir a uma única versão os eventos históricos que encontrou: “ele não pode ter raciocinado de maneira tão absurda”.

A. Gitti. Sul proemio delle “Genealogie” di Ecateo, RAL Ser.8, Vol. 7 (1952), p. 395-6.

⁷⁹⁷ W. Nestle, 2010:200.

⁷⁹⁸ L. Pearson, 1975: 26.

1.7. Aristóteles

Ainda no período Clássico grego, a falta de referência a Hecateu por parte de Aristóteles merece alguma consideração, desde que já foi motivo de discussão entre autores modernos⁷⁹⁹. Como afirmou G. Nenci⁸⁰⁰, o “silenzio” abarca todo o século IV a.C. e parte do III a.C. Há várias possibilidades históricas para esse fato, mas não devemos colocar na lista de motivos o esquecimento das obras de Hecateu. Como parte do grupo dos logógrafos, ele não foi citado expressamente pelo nome nesse período, o que não quer dizer que suas obras estivessem perdidas. Os Peripatéticos, em sua incansável busca pelo saber enciclopédico antigo, podem bem ter encontrado a obra do Milésio. Se, como indica a tradição, havia, na biblioteca⁸⁰¹ do Liceu, um resumo da obra de Anaximandro, as chances de existirem ali os livros de Hecateu, autor mais recente, eram maiores. Infelizmente, na obra em que Aristóteles expõe muitas de suas concepções geográficas, os *Meteorológicos*⁸⁰², ele cita pouquíssimos nomes de autores mais antigos com alguma visão sobre o mundo físico: Anaxágoras, Hipócrates de Quios, Demócrito e os pitagóricos. Mas é claro que ele utilizou muitos mais nomes para compor a obra. Ao fazer uma crítica ao modelo de mapa de seu tempo, Aristóteles vai descrever basicamente aquele tipo de carta que Heródoto também criticou, do modelo dos Jônios. C. Jacoby⁸⁰³ questiona se os mapas descritos nos *Meteorológicos* não seriam os arcaicos ou se ele seguiu a filosofia cartográfica de Heródoto, como indicam as evidências. Mas Aristóteles não chega a citá-lo nessa obra, nem a Hecateu. Pelo menos, Aristóteles reconheceu a importância da literatura dos *Periodos Ges*, os livros de viagem, especialmente para quem legislava, pois deles se extraíam dados sobre os costumes dos povos⁸⁰⁴. É notório o interesse de Aristóteles pelos escritos de Cílix de Carianda, segundo a referência presente na sua *Política* (1332b 12). Ele pode ter tido acesso a algum resumo ou texto de segunda mão desse antigo explorador da Ásia. No entanto, o interesse do estagirita sobre ele foi mais político que geográfico ou

⁷⁹⁹ J. Wells. "The Genuineness of the *Ges Periodos* of *Hecataeus*", in *JHS*, 29 (1909), p.47; M. O. B. Caspari, "On the *Ges Periodos* of *Hecataeus*", *JHS* 30 (1910), p.239; f. Jacoby. "Hekataios". *RE* (1912), p.2700.

⁸⁰⁰ G. Nenci. *Hecataei Milesii. Fragmenta*. Firenze: Nuova Italia, p.xxii (Introduzione).

⁸⁰¹ K.Koike. Anaximandro e seu livro em William Heidel. In: W.A. Heidel. *O livro de Anaximandro*. Trad. e apêndices de K. Koike. Mogi-Mirim/SP: Ixtlan, 2011, p.83 ss.

⁸⁰² Escrita em torno de 334 a.C.

⁸⁰³ C. Jacob. *Geografía y Etnografía em la Grecia Antigua*. Trad. Gonzalo C. Andreotti. Barcelona: Bellaterra, 2008, p.130.

⁸⁰⁴ Arist. *Rhet.* I, 1360 a

etnográfico, pois comenta o sistema de governo entre os Indianos, que o explorador havia registrado. E possivelmente, seja essa a primeira menção ao sistema de castas que chegou aos Gregos.

Para F. Jacoby⁸⁰⁵, Aristóteles consultou Heródoto, por exemplo, para descrever animais egípcios, já que este era um autor renomado (e recente), e, assim, não precisou buscar tais informações em Hecateu.

1.8. Eratóstenes

Wells⁸⁰⁶, quase em tom de “denúncia”, afirma que nenhum escritor fala de Hecateu como um *geógrafo* até o século III .a.C. Todavia, pelo que as pesquisas indicam, torna-se difícil aceitar o Milésio não fosse considerado um “geógrafo”. Também torna-se claro que, se ninguém chamou Hecateu de “geógrafo” antes desse século, pode ser simplesmente, porque a denominação não existia. Porém, no século V a.C. Heródoto e Helânico souberam utilizar o Hecateu geógrafo, historiador e mitógrafo. Acredita-se que tenha sido Eratóstenes quem cunhou as palavras “geografia” (*geographía*) e “geógrafo” (*geógraphos*), ambas derivadas do verbo *geographeo* “escrever acerca da Terra”⁸⁰⁷. De fato, quando esse erudito, matemático, gramático e cronologista ocupou-se da história da ciência geográfica grega, não ignorou os primeiros autores que trataram desse campo de saber. É o que relata Estrabão tempos depois, logo no início de sua grande obra, a *Geografia*. Eratóstenes teve diante de si o maior acervo de obras antigas de que se tem notícia até seu tempo, a Biblioteca de Alexandria, da qual foi seu diretor por muitos anos. Com a autoridade que tinha, não há por que duvidarmos de sua referência aos mapas antigos. Primeiro, o de Anaximandro, e, em seguida, o de Hecateu, embora seja difícil saber o estado dos textos milésios que ele supostamente alcançou.

⁸⁰⁵ F. Jacoby, 1912:2700.

⁸⁰⁶ J. Wells, The Genuineness of the Ges Periodos of Hecataeus, *JHS* 29 (1909), pp.41-52.

⁸⁰⁷ Duane W. Roller. *Eratosthenes' Geography*. Princenton: Princenton Univ. Press, 2010, p.03.

1.9. Calímaco

Com Calímaco, o poeta de Cirene (no auge c.250 a.C.) que havia trabalhado no Museu anexo da Biblioteca de Alexandria, divulgou-se que algumas obras de Hecateu podiam ser falsificações⁸⁰⁸. Calímaco não chegou a ser bibliotecário-chefe em Alexandria⁸⁰⁹, mas seu trabalho no Museu foi de fundamental importância para a preservação da literatura clássica. Fazia parte do seu trabalho organizar e catalogar o acervo existente e o adquirido pela instituição alexandrina⁸¹⁰, nos chamados *pínakes* (listas). Quando chegou à sua mão a segunda parte de uma *Periegesis*, referente à Ásia e atribuída a Hecateu, Calímaco achou no manuscrito o nome Nesiotes, que ele desconfiou ser o autor, e assim, a obra não seria de Hecateu, mas uma falsificação. As possibilidades aqui são diversas, mas sabemos que depois, quando o bibliotecário-chefe Eratóstenes, que conheceu e foi discípulo jovem de Calímaco, ocupou-se dessa entrada catalográfica, julgou que a *Periegesis* era autêntica, tomando por base o restante das obras hecataicas. Jacoby⁸¹¹ afirmou que havia aí duas opções: a) Nos *Pínakes*, a Ásia não fora registrada sob o nome de Hecateu, mas sim sob o de Nesiotes. b) Eratóstenes teve a capacidade de averiguar aspectos lingüístico-estilísticos de Hecateu com base em partes seguras de sua obra, para reivindicar sua autenticidade. Ao contrário, Calímaco, anteriormente, havia apenas se detido em um nome encontrado, o de um certo Nesiotes. Essa denominação, que mal parece um nome próprio (como notou Nenci⁸¹²), bem podia ser o de um funcionário, proprietário ou agente, e não um autor ou falsificador⁸¹³.

⁸⁰⁸ Notícia baseada no relato de Ateneu, que citava a dúvida de Calímaco acerca da autenticidade do livro relativo à Ásia de Hecateu (parte da *Periegesis*) (Athen. II 70 a e IX 410e). Também suscitou dúvida a Arriano (*Anab.Alex.* V 6.5), sobre a descrição sobre o Egito, ao declarar não ter certeza se a obra era de Hecateu ou de outro autor.

⁸⁰⁹ R. Cantarella. La literatura griega de la época helenística y imperial. Buenos Aires: Losada, 1972, p.30.

⁸¹⁰ R. Hunter. "Callimachus and Roman Elegy". In: Barbara K. Gold (ed.). *A Companion to Roman Love Elegy* (Blackwell Companions to the Ancient World). Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2012, 155-171. (p.155).

⁸¹¹ F. Jacoby, 1912:2673.

⁸¹² G. Nenci. Callimaco e la Periegesi di Ecateo. *Parola del Passato*, VIII (1953), p.225-231.

⁸¹³ F. Jacoby, 1912:2673. Qual falsificador poria a própria identificação naquilo que pretende burlar? Se fosse de Nesiotes a obra em questão, sobre a Ásia, é no mínimo estranho que apenas possuísse esta, ou que dele não houvesse qualquer outra notícia.

1.10. Demétrio ou Pseudo-Demétrio.

Sua obra *Sobre o Estilo*, escrita em grego, é o único tratado remanescente sobre crítica literária desde Aristóteles ao ano I a.C. O valor histórico que ela agrega é inestimável, já que comenta e avalia o estilo de escritores cujas obras não existem mais. Demétrio cita autores ditos “*archaioi*” desde Homero, Hesíodo, Safo, Teógnis, Hecateu, Heródoto, até os clássicos Platão e Aristóteles, os retóricos Lísias e Isócrates, Demóstenes e muitos outros. A tradição que atribuía a autoria dessa obra a Demétrio de Fálero, o aluno de Teofrasto, do século III a.C., não é mais aceita atualmente, sendo preferível a denominação Pseudo-Demétrio⁸¹⁴. Ele registra a passagem de Hecateu no parágrafo 12, na ocasião em que discute o estilo desse autor e de outros antigos, conforme o interesse antiquarista que prevalecia nos períodos alexandrino e romano. Segundo o próprio autor informa (*De eloc.*2), o trecho do Milésio constituía o início de sua *Histórias*, que sabemos tratar-se das *Genealogias*. Considerando que Demétrio devia dispor de toda a obra do Milésio⁸¹⁵, ou mesmo de parte dela, ele foi capaz de se colocar acerca do seu estilo. Porém, apenas refere Hecateu em duas oportunidades (Parág. 2 e 12), o que parece demonstrar seu pouco interesse por um autor tão antigo. Pelo menos, ele reproduziu um texto, talvez o mais importante daquele autor para o bem dos estudos historiográficos.

1.11. Estrabão

Estrabão, que trabalhou no século I d.C., ou seja, cerca de duzentos anos após Eratóstenes, nem cogita que a *Periegesis* de Hecateu seja uma fraude, pois confiava na autoridade daquele erudito de Cirene. A principal acusação de falsificação em tempos modernos foi lançada por J. Wells, em seu artigo de 1909, no qual expôs vários argumentos que não valem a pena repeti-los aqui, mas que receberam resposta de Caspari, em artigo no mesmo jornal, no ano seguinte⁸¹⁶. Esse autor demonstrava a

⁸¹⁴ Cf. Chamado assim por G.M.A. Grube, 1961, p.22, depois adotado por G. Kennedy. *The art of persuasion in Greece*. Princeton: Princeton Univ. Press, 1963, pp. 285-290.

⁸¹⁵ Como acredita Moscarelli, 1999, p. 55, n.7. A propósito, aqui o autor italiano defende que o Demétrio em questão era o de Cepsi, que vivera no Egito até c. 100 a.C. e ali, havia alcançado as referências que utiliza em seu texto. Em Diógenes Laércio (V 84) lemos a indicação de um Demétrio (dentre vários), sendo um grande filólogo de Cepsi, rico e de nobre família.

⁸¹⁶ M. O. B. “On the Ges Periodos of Hecataeus”. *JHS* 30 (1910), pp.236-248.

existência de muitas razões a favor da autenticidade geral da obra hecataica em seu valor científico⁸¹⁷.

Outros eruditos contemporâneos também concordaram com Caspari acerca da autenticidade das obras hecataicas, como Jacoby⁸¹⁸, que deu o problema como resolvido, separando a questão de ser ou não genuína a cópia da biblioteca de Alexandria do problema da veracidade e da genuinidade dos fragmentos que nos chegaram⁸¹⁹. Também Heidel⁸²⁰ é a favor da autenticidade, considerando a posição de Eratóstenes, e igualmente Nenci, a partir da sua análise dos fragmentos hecataicos⁸²¹.

Estrabão de Amasia, na Ásia Menor, constitui uma fonte importante sobre Hecateu, após Calímaco, Eratóstenes e Pausânias. Ele é o autor da volumosa obra *Geographika*, em 17 livros, escrita em grego, em local desconhecido, entre 7 d.C.- 18 d.C.⁸²². Homem de letras, muitíssimo viajado e de formação aprimorada, Estrabão conheceu os grandes centros da cultura de seu tempo, como Atenas, Roma e Alexandria. Nesta última, ele chegou a passar alguns anos trabalhando na Biblioteca e no Museu, onde recolheu bastante material para seus escritos históricos e também para sua obra prima⁸²³.

Pelo que se nota nos livros iniciais da chamada *Geografia*, Estrabão não somente se interessou pelos primeiros pensadores Jônios⁸²⁴ (incluindo Homero), como também realizou uma pesquisa profunda sobre as mais antigas concepções geográficas do mundo grego. Para tal, serviu-se dos escritos de Eratóstenes, autor sobre o qual depositou admiração pelo homem de ciência que foi. Estrabão cita Hecateu doze vezes⁸²⁵ na *Geografia*, seis das quais como fragmentos em Jacoby⁸²⁶, e as outras, como

⁸¹⁷ Nas suas conclusões, Caspari (1910, p.248) declara que “On the order hand the arguments both external and internal for the spuriousness of the whole treatise are quite inconclusive; the positive marks of authenticity are many and diverse, and the fragments as whole may safely be accepted as a genuine remnant of Hecataeus ‘treatise of geography”.

⁸¹⁸ F. Jacoby, 1912:2674.

⁸¹⁹ F. Jacoby. Kommentar. Hekataios von Milet. *FGrH*. I, Leiden: Brill, 1957, p.318.

⁸²⁰ W. A. Heidel, 2011, p.46.

⁸²¹ G. Nenci, 1954, p. XXIII, quando afirma: “Concludendo, gli argomenti in favore della tesi della falsificazione finora messi in rilievo non mi sembrano assolutamente sufficienti a far prevalere questa tesi di fronte alle numerose prove che documentano l’autenticità delle opere di Ecateu”.

⁸²² J. García Blanco. Introducción. Estrabón. *Geografía*. Libros I-II. Madrid: Gredos, 1991, p.101.

⁸²³ Daniela Dueck. *Strabo of Amasia: Greek Man of Letters in Augustan Rome*. New York: Routledge, 2000, p. 21.

⁸²⁴ Como fez Éforo de Cime. Cf. J. García Blanco. Introducción. Estrabón. *Geografía*. Libros I-II. Trad. J. L. García Ramón – J. García Blanco. Madrid: Gredos, 1991.

⁸²⁵ Cf. Strab. I 1,1; I 1, 2; I 2, 6; VI 2, 4; VII 3, 6; VII 7, 1; VIII 3, 9; XII 3, 22 e 25; XIV 1, 7.

⁸²⁶ Cf. *FGrH*: F25, F102c, F119, F199, F217.

testemunhos. Desses, Hecateu é citado quatro vezes como grande geógrafo ou habitante de Mileto. Nos outros dois testemunhos restantes, um lembra sua referência à “cidade dos Cimérios”, povo de origem obscura, mas que segundo Heródoto⁸²⁷, habitava as regiões do Cáucaso ao norte do Mar Negro. No outro, Hecateu é listado junto com autores como Cadmo de Mileto e Ferécides como os primeiros prosadores, que imitavam a poesia. Dos fragmentos presentes em Estrabão, apenas um fazia parte das *Genealogias*, os outros quatro constavam da *Periegesis*. Para Wells⁸²⁸, Estrabão não encontrara muita coisa de valor em Hecateu. É notório que as citações de Estrabão passam a ideia de que ele não trabalhou com as próprias obras do Milésio, mas com referências de segunda mão⁸²⁹. As notícias do livro I, provavelmente decorrem de sua consulta a Eratóstenes. As outras são menções ligeiras e sintéticas, que também têm aparência de depender de terceiros. Mas, Estrabão recorreu quando pôde ao Milésio, em seu trabalho de antiquarista, pois para ele, citar um nome antiqüíssimo simbolizava autoridade. Por isso, Homero é o primeiro dos geógrafos e filósofos gregos, como Anaximandro e Hecateu.

1.12. Plínio, o Velho

Muito próximo de Estrabão estava Plínio⁸³⁰, o Velho, escritor latino, que em sua *História Natural* se referia a Hecateu como fonte “estrangeira” acerca de terras, mares, povos, cidades, e até mesmo de plantas, legumes e cereais, junto com outros nomes como Anaximandro, Tales, Enópide, Helânico, Damaste, Eudoxo, Políbio, entre outros⁸³¹. Plínio, que nasceu em 23 d.C., era um militar e naturalista, por isso seu interesse em dados antigos sobre assuntos variados. Mas ele não parece citar os autores acima, pelo menos os mais antigos, dispondo de suas obras, mas sim a partir de catálogos de referências e entradas. Há apenas uma referência a Hecateu como fragmento (F370), que Jacoby classificou como duvidoso, e Diels e W. Kranz⁸³² o atribuíram a Hecateu de Abdera (final do séc. IV a.C.), contemporâneo de Alexandre, o Grande. A passagem trata do Oceano Setentrional, que banha a Cítia e que o Milésio o

⁸²⁷ Hdt. I 6, 15, 16, 103, IV 1, 11-13, 45; VII 120.

⁸²⁸ J. Wells, 1909, p.47.

⁸²⁹ M. Caspari, 1910, p.237.

⁸³⁰ Plínio, N.H. I 4; I 5, 6 e I 18.

⁸³¹ T25b e T25c

⁸³² H. Diels- W. Kranz. *I Presocratici*. Bari: Laterza, 1983. Vol. II, p.848.

denominava Amálcio, um nome bem jônico, como lembra Moscarelli⁸³³. A referência tem aparência de verdadeira, pois Plínio tem Hecateu como autoridade geográfica, e não menciona na lista de autores Hecateu de Abdera.

1.13. Pausânias

Nessa mesma linha, Hecateu também foi citado já no século II d.C por Pausânias, o grande viajante, geógrafo e historiador, autor da *Hellados Periegesis*, em dez livros. As contribuições de Pausânias são valiosas para o conhecimento atual da topografia, dos monumentos antigos e dos cultos locais entre os gregos. De sua obra saíram quatro fragmentos de Hecateu, segundo a coleção de Jacoby⁸³⁴, todos inscritos nas *Genealogias*. O interessante é que três deles dizem respeito ao maior herói grego: Hércules. No F27a, ele lembra a posição de Hecateu sobre o “Cão de Hades” ou Cérbero, que segundo o mito, Hércules devia buscar nos infernos e trazer para a superfície. Pausânias (III 25, 4. 5. 6) narra que “alguns gregos escreveram que a esse lugar (Cabo Ténaro) Hércules conduziu a Cão de Hades”. Para Hecateu, esse cão se tratava de uma terrível serpente. Tal fragmento é comumente lembrado como exemplo da postura racional do Milésio, conforme vimos em outra parte. Outros dois fragmentos abordam a relação de Hércules e Auge⁸³⁵, a filha de Áleo, rei da cidade Arcádia de Tégea. Pausânias atesta que Hecateu se opôs à visão tradicional de que a donzela fora violentada pelo herói, quando o Milésio propunha que ela havia deitado com Hércules voluntariamente, e com ele tido um filho, que foi negado pelo avô materno. A passagem fornece mais uma amostra do racionalismo de Hecateu, e Pausânias utiliza um recurso histórico-mítico para dar credibilidade a esse evento, ao afirmar que havia “ainda hoje” um monumento dedicado a Auge, em Pérgamo.

A última passagem desse autor menciona que Hecateu localizava a cidade de Ecália em Éscio, região de Erítrai. O contexto da citação, todavia, envolvia a região que Perieres concedeu a Melaneu, famoso arqueiro, filho de Apolo. Perieres, filho de Éolo, é um herói relacionado com as lendas da Messênia, e pertencia à raça de Deucalião, portanto, de interesse para Hecateu. Mas o fato a destacar é que Pausânias recorre à antiga autoridade milésia para localizar a Ecália. Podemos, quase com certeza, assegurar

⁸³³ E. Moscarelli, 1999:135.

⁸³⁴ FGrH: F27, F28, F29a, F29b.

⁸³⁵ Paus. VIII 4, 8. 9 e VIII 47. 4.

pelas poucas referências de Pausânias, que esse autor não consultou Hecateu no original, mas em outras obras que já o citavam. Difícil de explicar é a total falta de citações da *Periegesis* hecataica em sua obra, que constituía um vasto livro de viagem. Isso é mais uma prova de que os livros de Hecateu haviam se tornado artigos raros, provavelmente restritos aos antiquários.

1.14. Ateneu

Interesses diferentes dos de Pausânias motivaram Ateneu de Náucratis, ativo por volta de 200 d.C., a consultar a obra hecataica, nos deixando nove fragmentos e dois testemunhos, segundo Jacoby⁸³⁶. Essas passagens fragmentárias refletem duas coisas. Primeiro, Ateneu, como grande pesquisador e polígrafo, abarcou em suas pesquisas os mais variados saberes, os quais ele depositou na obra *Deipnosophistai*, ou *Banquete dos Sábios*, em trinta livros, dos quais apenas nos chegaram quinze. Essa obra já foi chamada de um enorme “scrapbook”⁸³⁷ ou um grande álbum de retalhos, pois faz menções livres e desorganizadas sobre anedotas, dança, música, história natural, dados tradicionais misturados com extratos de poetas, oradores, filósofos, historiadores, dramaturgos, entre outros. Nele acham-se citados por volta de 800 autores e mais de 1200 obras diferentes⁸³⁸. A Suda denomina Ateneu de *grammatikós*, que em grego significa algo como literato ou erudito. Em segundo lugar, o que ele preservou é importantíssimo para compreendermos a obra hecataica em sua natureza, pois mostra que os escritos hecataicos não se resumiam a uma coleção de mitos, nem era uma mera lista de cidades e acidentes geográficos. Ateneu, sem consciência do bem que fazia, guardou trechos de Hecateu que o aproximam da *historie* jônica, em seu mais preciso sentido: a investigação ampla do mundo, cuja influência inclusive foi notável sobre as posteriores pesquisas de Heródoto. Seus dois testemunhos sublinham a desconfiança que teve na autenticidade da obra de Hecateu sobre a Ásia, com base na antiga posição de Calímaco. Porém, ele não achou motivos para renegar as passagens do escrito que consultou. Tudo indica, pela forma com que ele cita Hecateu, que teve em mãos as cópias referentes às suas duas obras, *Periegesis* e *Genealogias*, ou algum resumo delas.

⁸³⁶ FGrH: F9, F15, F154, F291, F292, F292a, F322, F323a, F323b, F358.

⁸³⁷ A. Barker. *Greek Musical Writings: Volume 1, The Musician and his Art*. Cambridge: Univ. Press, 1989, p.258.

⁸³⁸ William Smith. *Dictionary of Greek and Roman Biography and Mythology*. Vol. 1. London: Murray, 1858, p. 401.

Nos fragmentos, ele dispôs os dados de Hecateu sobre plantas, alimentação e vestuário, por exemplo, sobre a refeição dos Arcádios, Peônios e Egípcios (F9, F154, F322, F323a e b), ou sobre a planta espinhosa cinara, encontrada nas montanhas da Ásia (F291 e F292a). Acerca de vestimentas, dizia que na Ásia certas mulheres usavam panos na cabeça (F358). No F15 ele narrava a história da vinha, que mereceu atenção e análise mais aprofundada no capítulo II da apresentação dos resultados de nossa pesquisa.

1.15. Herodiano

Outro autor, da mesma época e pouco conhecido pelos estudantes de literatura grega é Herodiano, um dos mais afamados gramáticos de seu tempo. Era filho do grande erudito Apolônio Díscolo, de Alexandria, e era chamado “o Técnico”. Dedicou ao imperador Marco Aurélio sua obra prima, *Prosódia Universal*, em vinte e um livros⁸³⁹ tratando de prosódia e etimologia, do que pouco chegou até nós. Mas o texto em que ele registrou passagens de Hecateu é o único livro que sobreviveu completo até nossos dias, o *Περὶ μονήρου λέξεως*, ou *Sobre o Estilo Peculiar*. Ele buscou em Hecateu exemplos antiquaristas para expressões em dialeto jônico, no intuito de apresentar regras gramaticais gregas. Assim, ele compilou nas fontes disponíveis algumas poucas frases de Hecateu. São citados por ele oito fragmentos⁸⁴⁰ no FGrH, dos quais dois são provenientes das *Genealogias*⁸⁴¹, e o resto da *Periegesis*. Os fragmentos provenientes de Herodiano reforçam a pureza e qualidade do dialeto jônico utilizado por Hecateu, como também o testemunharam o retórico Hermógenes de Tarso (*Peri id.* II 12) e Dionísio de Halicarnasso (*De Thuc.* 23).

1.16. Valério Harpocrácio

Também é do século II d.C. a contribuição de Valério Harpocrácio, outro gramático de Alexandria, que compôs o *Léxico dos Dez Oradores*, baseado em fontes antigas. Seu uso de Hecateu reúne características de Ateneu e Herodiano: reafirmam o

⁸³⁹ R. Cantarella, 1972:196.

⁸⁴⁰ FGrH: F16, F21, F166, F196, F234, F307, F55 e F364.

⁸⁴¹ Segundo Frances Pownall, concordando com Pearson (1975, p.100), o F16 é corrupto, pois é inverossímil que ele aceitasse Íon como descendente de Locro e Fisco, pois se assim fosse, Hecateu aceitaria que os Jônios fossem de origem etólica, o que é muito improvável. F. Pownall. “Hekataios of Miletos (1), (F16). In: *Brill's New Jacoby*. Ed. Ian Worthington. Brill Online, 2013. Ref. Katsuzo Koike, 15-Jul.-2013 <http://referenceworks.brillonline.com/entries/brill-s-new-jacoby/hekataios-of-miletos-1-a1>>

interesse de Hecateu em temáticas geográficas e etnográficas, bem como buscam atestar usos gramaticais arcaicos. Nos cinco⁸⁴² fragmentos que dele possuímos, cada qual trata de um assunto diferente: o uso de um verbo raro, a planta da roseira, a localização da cidade de Caláuria, e certa vestimenta dos Císsios persas.

1.17. Estéfano de Bizâncio

A maior parte dos fragmentos de Hecateu de que dispomos (311 dos 373 na lista Jacoby) provém de Estéfano de Bizâncio, um gramático e lexicógrafo cristão que viveu provavelmente no século VI d.C., e cuja obra em grego é intitulada *Ethniká*, atualmente incompleta, e que nos chegou na forma de compêndio⁸⁴³. Ela foi editada no século XVI, mas sua publicação mais conhecida foi a realizada pelo estudioso alemão Johann August Meineke, com o título *Stephani Byzantii ethnicorum quae supersunt*, Berlim, 1849. O curioso é que Estéfano não era historiador nem geógrafo, mas como erudito interessado em antigos léxicos, encontrara em Hecateu (no que dele pôde encontrar), e em outros logógrafos, importante material para seu trabalho sobre o nome de povos e antigos centros gregos do mundo conhecido. Com efeito, os interesses do Bizantino em fazer um léxico condicionaram muito a visão que temos hoje da obra do Milésio.

A forma como Estéfano de Bizâncio utilizou os dados periegéticos de Hecateu praticamente esvazia aquela antiga obra, pois tão somente, na maioria das referências, apenas organiza listagens de nomes de cidades e povos mencionados por Hecateu e por outros autores, em ordem alfabética. Os fragmentos hecataicos presentes em Estéfano apenas fazem a menção de certa localidade ou grupo humano, pouco explorando dados étnicos como costumes de vestimenta ou de alimentação, nem eventos históricos ligados a dado lugar ou povo. Quando muito, ele adiciona pequenas expressões do próprio Hecateu a localizar um grupo humano ou cidade em relação a outro grupo, cidade, ou aspecto físico (um rio ou montanha).

Mesmo assim, não se pode aceitar a posição de How e Wells⁸⁴⁴, de que a *Periegesis* consistia provavelmente em uma lista “pelada” de nomes, como a obra de Pseudo-Cilax. É improvável que essa obra se limitasse a uma simples listagem (catálogo) de acidentes geográficos, cidades e povos – como faz parecer os quase

⁸⁴² FGrH: F8, F37, F125, F145 e F284.

⁸⁴³ R. Cantarella, 1972:200.

⁸⁴⁴ W.W.Hows- J. Wells. 1928:26.

trezentos fragmentos hecataicos de Estéfano – pois existem pistas que dizem ter Hecateu disponibilizado informações mais amplas dos locais por onde passava. O interesse lexicográfico é muito posterior a Hecateu, dentro da erudição Greco-romana e bizantina. O que Estéfano preservou, talvez quase sem querer, das referências hecataicas de templos, como o santuário da cidade egípcia de Nilo (F319), ou o templo de Latona, na Ilha de Quemis, também no Egito (F305) nos fazem pensar nessa direção. É possível, então, que a obra original trouxesse listagens de cidades e povos, mas com certeza, ela não se limitava simplesmente a isso. Por sorte, outros autores antigos, como Heródoto, Eratóstenes e Ateneu, que puderam ainda consultar a obra ou partes dela, nos testemunham a riqueza de suas descrições, atentas às tradições locais, vestimentas curiosas, gastronomia, fauna, flora, monumentos, entre outros dados. Tais aspectos simplesmente não interessam a Estéfano. Dos seus mais de trezentos fragmentos de Hecateu, apenas oito pertencem às *Genealogias*, e ainda assim, referem-se a locais que o Milésio havia tocado quando narrava os mitos antigos, como a cidade de Psófis, na Arcádia, que segundo parece, ele citou ao tratar do Javali de Erimanto, o quarto trabalho de Hércules, conforme lembrou Pearson⁸⁴⁵.

1.18. Os Escoliastas

Por fim, não podemos ignorar a importância de alguns comentadores ou escoliastas para a transmissão dos fragmentos de Hecateu. O termo escólio, do grego *scholion* significa um conjunto de anotações feitas nas margens dos códices medievais, como comentários, críticas gramaticais ou notas explicativas de certos excertos de autores greco-latinos⁸⁴⁶. Os escólios contribuem para a história da transmissão dos textos antigos até os dias de hoje, pois conseguem esclarecer pontos históricos e hermenêuticos obscuros ou complexos, além de registrar obras que muitas vezes não existem mais. O mais difícil, na análise desses textos, é propor-lhe uma data exata de sua escrita. Dos escólios que citaram Hecateu, que são os referentes a Apolônio Ródio, Eurípidas, Homero, Sófocles, Tucídides e Dionísio Trácio, não pensamos ser prudente arriscar datas, embora possamos supor épocas tardias medievais e até modernas. Estão

⁸⁴⁵ L. Pearson, 1975:103.

⁸⁴⁶ Eleanor Dickey. *Ancient Greek Scholarship: A Guide to Finding, Reading, and Understanding Scholia, Commentaries, Lexica and Grammatical Treatises, from their Beginnings to the Byzantine Period. An American Philological Association Book.* London and New York: Oxford University Press, 2007. Pp. 18 e ss.

registrados nesses comentadores catorze fragmentos hecataicos presentes nos FGrH, de F. Jacoby. Doze deles constam ou foram provenientes das *Genealogias*, os dois restantes, da *Periegesis*. O Escólio a Apolônio Ródio tem o maior número de passagens, sete. No geral, eles explicam, com valiosas informações, questões relativas aos mitos narrados por Hecateu, como a discussão sobre a rota de retorno da nave Argo, sobre a genealogia de Deucalião e Partenopeu, e assim por diante.

A tradição em torno do nome de Hecateu, na história da literatura clássica, repousa em sua autoridade como geógrafo e mitógrafo. Igualmente, por tratar-se de uma personalidade de considerável antiguidade e cultura reconhecida pelas pesquisas que realizou sobre os mais diversos *logoi*, povos e lugares.

Para auxiliar a consulta, são fornecidos os fragmentos de Hecateu segundo suas fontes:

| AUTOR | FRAGMENTOS |
|--------------------------------------|---|
| ESTÉFANO DE BIZÂNCIO Séc. VI d.C. | 3, 4, 5, 6, 7a, 10, 11, 12, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 67b, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 84, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102a, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 110, 111, 112, 113a, 113b, 114, 115a, 116, 117, 118, 120, 122, 123, 124, 126, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 138b, 138c, 139, 140, 141, 142, 143, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152a, 153, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 198, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, |

225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233,
235, 236, 237, 238, 240, 241, 242, 243, 244,
245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253,
254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262,
263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271,
273, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281,
282, 283, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 292b,
293, 294a, 294b, 295, 296, 296, 297, 298, 299,
303, 304, 305, 306, 309, 310, 311, 312, 313,
314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 321, 325,
326, 327, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335,
336, 337, 338a, 338b, 339, 340, 341, 342, 343,
344, 345, 346, 347, 348, 349, 350, 351, 352,
353, 354, 356, 357, 359, 372.

| | |
|----------------------------|---|
| ATENEU | 9, 15, 154, 291, 292a, 322, 323a, 323b, 358. |
| Séc. II-III d.C. | |
| HERODIANO | 16, 21, 166, 196, 234, 307, 355, 364 |
| Séc. III d.C. | |
| ESTRABÃO | 25, 102b, 102c, 119, 199, 207, 217. |
| Séc. I a.C. – I d.C. | |
| ESCÓLIOS DE APOLÔNIO | 2, 7b, 14, 17, 18a, 18b, 34 |
| RÓDIO | |
| Séc. (?) | |
| HERÓDOTO | 127, 300 |
| EUSTÁCIO DE TESSALÔNICA | 26, 115b, 199 (Strab.), 217 (Strab.), 328b, 368 |
| Séc. XII d.C. | |
| ESCÓLIOS A HOMERO | 22, 328a, 368 |

Séc. (?)

ARRIANO 26, 301

Séc. II d.C.

AMIANO MARCELINO 197

Séc. IV d.C.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa, no seu propósito e no tempo em que foi empreendida, nos fez compreender melhor o papel que Hecateu de Mileto exerceu na formação do pensamento histórico grego. Com seu proêmio, ele lançou os alicerces da metodologia historiográfica ocidental.

A sombra lançada, a partir de Heródoto e Tucídides, sobre a historiografia anterior, encobrindo o contributo de autores como Hecateu, Helânico, Xanto, Cáron, Acusilau, Ferécides, entre outros pensadores logógrafos, foi se dissipando à medida em que a pesquisa avançava.

Fomos percebendo que a recuperação e a análise dos fragmentos das obras desses logógrafos, iniciadas a partir do século XIX, abriam espaço para o seu ingresso no debate historiográfico do ocidente. As obras de Creuzer, Klausen, Müller, e, no século XX, de Nenci, Caspari, Pearson e, sobretudo, Felix Jacoby, e com suas posteriores traduções para outras línguas, enriquecem esse debate, disponibilizando materiais de alto nível científico e acadêmico para a pesquisa nesta temática específica.

Nossa investigação, cujos caminhos e resultados estão aqui apresentados, demonstra que a construção do saber histórico entre os gregos adquire bases sólidas quando envereda pela busca do conhecimento amplo e crítico do mundo e do homem, conforme se percebe, de modo exemplar, nos trabalhos de Hecateu. A característica notória de sua obra é que ela contempla tanto o mundo real, de homens reais, quanto o mundo mítico, das tradições ancestrais, inaugurando uma forma de escrita que inseria o passado mítico na realidade presente. Com isso, estabeleceu-se parâmetros para a produção literária e histórica nas gerações seguintes.

A sociedade grega arcaica e aristocrática presenciou e permitiu o surgimento de homens de cultura capazes de realizar a tarefa transformadora e inovadora dos mitos. Os logógrafos, ao mesmo tempo em que dominavam saberes específicos, com reconhecimento público, estavam munidos do *poder* da escrita, instrumental capaz de fixar palavras, ideias, opiniões e saberes. Não constitui, portanto, exagero nem imposição, atribuir a esses autores os primeiros contornos da figura de “historiador” no mundo antigo.

Nos debates da historiografia moderna e contemporânea, Hecateu é, sem dúvida, um autor de valor controvertido. Ele é, em geral, visto como o limite entre a épica e a história crítica, ao estabelecer a ligação entre a tradição de Homero e Hesíodo, e a de Heródoto. Sua importância torna-se evidente, na medida em que o historiador de Halicarnasso recorreu aos seus escritos, não apenas pela qualidade literária daquela obra, mas, sem dúvida, pelo valor enciclopédico do conteúdo nela encontrado, muito útil aos propósitos daquele que veio a se constituir o “Pai da História”.

Hecateu representava uma tradição mais antiga, aquela gerada no pensamento milésio, desde Tales e Anaximandro, e referida, nas *Histórias*, no contexto dos Jônios. A tradição grega antiga o considerou um mitógrafo e genealogista digno de menção. Recorria-se a ele quando era necessário saber detalhes acerca dos mitos em suas diferentes versões, muitas vezes conflitantes entre si.

A contribuição que esta investigação, realizada no decurso do doutoramento, agrega aos estudos existentes sobre Hecateu de Mileto, está contida na classificação e análise realizada sobre os fragmentos conhecidos desse autor. Mesmo considerando o estado lastimável e pulverizado do *corpus* hecataico, foi possível identificar tendências e indícios que permitiram perceber o alcance histórico da obra original do logógrafo milésio.

Por fim, a nossa expectativa é de que o trabalho de investigação que resultou nesta tese ofereça subsídios para alçar Hecateu, “homem de cultura” e “historiador”, ao lugar que as mais recentes pesquisas indicam que ele deve e pode ocupar na historiografia grega.

A promessa feita por William Heidel, em 1921, de que publicaria seus dez anos de estudos sobre Hecateu, infelizmente não chegou a ser cumprida⁸⁴⁷. De nossa parte, o que aqui está apresentado, é o que se conseguiu apurar nos quatro anos do doutoramento, sabendo que a matéria continua a exigir outros bons anos de estudo. Que novos pesquisadores ampliem o debate historiográfico contemporâneo, e tomem Hecateu como objeto de estudo, para assim, alargar o foco de luz sobre seu papel histórico.

⁸⁴⁷W. A. Heidel. *O Livro de Anaximandro*. Trad. K. Koike, Mogi-Mirim/SP: Ixtlan, 2011, p.13, n.1. Heidel estudou Hecateu para se aproximar de Anaximandro. Sua promessa não foi cumprida em vida, mas, após dois anos de sua morte, foi editado o artigo “Xenophanes and Hecataeus”, em que ele apenas tangencia a obra do historiador milésio. Cf. W. A. Heidel. In: *The American Journal of Philology*, Vol. 64, No. 3. (1943), pp. 257-277.

BIBLIOGRAFIA

FONTES PRIMÁRIAS

TEXTOS ANTIGOS

AESCHYLUS. V.i: *Suppliant Maidens - Persians- Prometheus- Seven against Thebes*. Transl. Herbert W. Smyth. London: Loeb Classical Library, 1952.

ARISTÓTELES. *A Constituição de Atenas*. Trad. Francisco M. Pires; São Paulo: Hucitec, 1995.

DIODORI SICULI. *Bibliothecae Historicae*, 2 vols. Ed. C. Müller; Paris: Ambrosio Firmin - Didot, 1878.

DIÓGENES LAÉRCIO. *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*. Trad. Mário da Gama Kury; Brasília: UnB, 1988.

HERÓDOTOS. *História*. Trad. M. da Gama Kury; Brasília: UnB, 1988.

HERÓDOTE. *Históires*. Livre I (1956); Livre II (1948); Livre III (1958); Livre IV (1952). Trad. Ph.E. Legrand; Paris: Les Belles Letres.

HERODOTUS III. Books V-VIII. Trad. A.D. Godley; London, Loeb Classical Library, 1957.

HERODOTUS IV. Books VIII-IX. Trad. A.D. Godley; London: Loeb Classical Library, 1957.

HESIOD. *Theogony*. Edited by M.L. West; Oxford: Clarendon Press, 1966.

HESÍODO. *Obras y Fragmentos*. Trad. A.P. Jimenez y A.M. Diez; Madrid: Gredos, 1990.

HESÍODO. *Teogonia*. Trad. Ana L.S. Cerqueira e Maria T.A. Lyra; Niterói: EDUFF, 1986.

HESÍODO. *Trabalhos e Dias*. Trad. M. de Camargo N. Lafer; S. Paulo: Iluminuras, 1991.

HOMÈRE. *Iliade*, T.I: chants I-IV (1946); T.II: chants VII-XII (1947); T.III: chants XIII-XVIII (1938). Trad. Paul Mazon; Paris: Les Belles Lettres.

- _____. *Iliade*. Trad. P. Mazon; Paris: Flammarion, 1975.
- HOMERO. *Odissea*. Trad. F. Gutiérrez. Barcelona: José Janés, 1951.
- _____. *Odissée*. Trad. M. Dufour; Paris: Flammarion, 1965.
- HOMER. *The Odyssey*. Transl. E.V. Rieu. London: Methuen, 1952.
- PÍNDARO. *Poemas y Fragmentos*. Trad. F.R. Adrados; Madrid: Gredos, 1993.
- PINDARE. *Isthmiques et Fragments* (t.IV). Trad. Aimé Puech; Paris: Belles Lettres, 1952.
- PLATÃO. *Protágoras*. Trad. E.M. Teixeira; Fortaleza: UFC, 1986.
- _____. *A República*. Trad. M^a. H. da Rocha Pereira; Lisboa: Gulbenkian, 1993.
- PLATO. *Euthyphro-Apology-Crito-Phaedo-Phaedrus*. By H.N.Fowler; London: William Heinemann; Cambridge (Mass.): Harvard Univ. Press, 1953.
- PLATON. *Oeuvres Complètes*, t.VIII: Parménide. Trad. ^a Diés; Paris: Les Belles Lettres, 1950.
- PLUTARCHUS. *Moralia IV*. Transl.: F.C. Babbitt; Cambridge (Mass.): Harvard Univ. Press, London: William Heinemann, 1936.
- THUCYDIDES. *History of the Peloponnesian War, books VII-VIII*. Transl. C.F. Smith. London: William Heinemann; Cambridge (Mass): Cambridge Univ. Press, 1953.
- COLEÇÕES
- ADRADOS, F.R. (Trad.). *Lírica Griega Arcaica. Poemas Corales y Monódicos, 700-300 a.C.* Madrid: Gredos, 1986.
- _____. *Líricos Griegos. Elegiacos y Yambógrafos Arcaicos* (s. VII-V A.C), v.I. Barcelona: Alma Mater, 1956.
- BARNES, J. (Ed.) *The Complete Works of Aristotle. The Revised Oxford Translation*, 2 Vols. Princeton: Princeton Univ. Press, 1984.
- CAMPBELL, D.A. (Trad.). *Greek Lyric I. Sappho & Alcaeus*. Cambridge (Mass.)/ London: Loeb Class. Library, 1994.

COLLI, G. . *La Sabiduría Griega* , V.I. Trad. Dionisio M. Fernandez; Madrid: Trotta, 1995.

_____. *La Sapienza Greca*, T.II. Milano: Adelphi, 1994.

DIELS, H. – KRANZ, W. *Die Fragmente der Vorsokratiker*, 3v. Berlin: Weidmann, 1954.

EDMONDS, J.M.. *Elegy and Iambus with the Anacreontea*, v.I; Cambridge(Mass.): Harvard Univ. Press; London: William Heinemann, 1982.

_____. *Greek Elegy and Iambus*, v.II. Cambridge (Mass.): Harvard Univ. Press; London: William Heinemann, 1993.

_____. *Lyra Graeca*, v.I: Terpander- Alcman -Sappho -Alcaeus. Cambridge (Mass.), Harvard Univ. Press, London: William Heinenmann, 1952.

JACOBY, F. *Die Fragmente der Griechischen Historiker. Genealogie und Mythographie*. Leiden: E.J. Brill, 1957.

KIRK, G.S.- RAVEN, J.E. . *Os Filósofos Pré-Socráticos*. Trad. C. A. Louro Fonseca, Beatriz R. Barbosa e M^a A. Regado; 3^o ed., Lisboa: Gulbenkian, 1990.

MADDALENA, A. . *Ionici. Testemonianze Frammenti*. Firenze: La Nuova Italia, 1963.

MÜLLER, C. & Th. *Fragmenta Historicorum Graecorum*, v.I-V, 1841-1878..

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORDO, F. *La cultura ionica tra il VII e VI século (1993)*. In *Storia e Civiltá dei greci*, Milano: Bompiani, 1993, pp. 560-612.

ADRADOS, F. *Democracia y literatura en la Atenas Clasica*. Madrid: Alianza, 1997.

ADRADOS, F.R. *A History of the Greek Language: from its origins to the present*. Leiden and Boston: Brill, 2005.

ALFODY, G. *La historia antigua y la investigacion del fenomeno histórico*. Gerion 1(1983); pp. 39-61.

AMPOLO, C. *Aspetti dell'opera di Felix Jacoby*. Pisa: Ed. della Normale, 2006.

ARMAYOR, K.O. 'Did Herodotus Ever Go to Egypt?' *Journal of the American Research Center in Egypt*, 15, 1978, 59-74.

AUJAC, G. *Strabon et la science de son temps*. Paris: Les Belles Lettres, 1966.

AUSTIN, M.M. *Greek Tyrants and the Persians, 546–479 B.C.* *The Classical Quarterly* (New Series), 1990, 40, pp. 289-306.

BARNES, J. *The Presocratic Philosophers: Arguments of the Philosophers*. New York: Routledge, 2002.

BERTELLI, L. *Des genealogies mythiques à la naissance de l'histoire: le cas d'Hécateé*. In: *Philosophes et historiens anciens face aux mythes*, 1998. Pp. 13-31

BOWMAN, A.K. – WOOLF, G. *Cultura escrita e poder no mundo antigo*, 1998.

BURNET, J. *O Despertar da Filosofia Grega*. Trad. Mauro Gama, São Paulo: Siciliano, 1994.

BURY, J. *The ancient Greek historians*. New York: Dover Public, 1958.

BURY, J.B. *The Ancient Greek Historians*. New York: Dover, 1958.

CALAME, C. *Mito e Storia nella Antichità Greca*. Bari: Dedalo, 1999.

CANFORA, L. *Dalla logografia ionica alla storiografia attica*. In: *Storia e Civiltà III*. Milano: 1979, pp. 351-411.

CANFORA, L. *Teorie e Técnica della Storiografia Clássica*, Bari: Laterza: 1996.

CARY, M- WARMINGTON, E.H. *The Ancient Explorers*. Baltimore/Maryland: Penguín Books, 1963.

CASPARI, M. *On the periodos ges of Hecataeus*. *JHS*, 30 (1910), pp. 236-248.

CASSANI, J.L- AMUCHASTEGUI, A.J.P. *Del Epos a la historia científica*. Buenos Aires: Nova, 1971.

CASSIN, B.- LORAUX, N.- PESCHANSKI, C. *Gregos, bárbaros, estrangeiros: a cidade e seus outros*. Trad. Ana Lúcia C. leão. Rio de Janeiro, 1993.

CHATELET, F. *El nacimiento de la historia. La formación del pensamiento historiador en Grecia*. Buenos Aires: Siglo XXI, 1978.

- COLLI, G. *La Sapienza Greca, Vol.II*. Milano: Adelphi, 1992.
- COLLINGWOOD, R.G. *A Ideia de História*. Lisboa: Editorial Presença, 1981.
- CORCELLA, A. "Ecateo di Mileto così dice" *Quaderni di storia*, fasc.: 43, vol.: 22, anno: 1996, pp: 295 – 301.
- COUPRIE, D.L. *Heaven and earth in ancient greek cosmology: from Thales to Heraclides Ponticus*. New York: Springer, 2011.
- CROCE, B. *Teoria e Storia della Storiografia*. Bari: Laterza, 1920.
- DARBO-PESCHANSKI, C. *O Discurso do Particular: ensaio sobre a investigação de Heródoto*. Trad. A. Martinazzo; Brasília, UnB, 1998.
- DE SANCTIS, G. (1933), «Intorno al razionalismo di Ecateo», *RFIC*, 11, 1-15
- DENNISTON, J. D. *Greek Prose Style*. Oxford: Clarendon Press, 1960.
- DEWALD, C.- MARINCOLA, J. *The Cambridge Companion to Herodotus*, Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- DIAZ-TEJERA, A. *Los albores de la historiografía griega: dialectica entre mito y historia*. *Emérita*, LXI, 2, 1993. Pp.357-374.
- EASTMAN, C.R. "Anaximander, Earliest Precursor of Darwin". *Popular Science* 67, 701-706.
- ESPELOSÍN, F. JAVIER G. *El Descubrimiento del Mundo: Geografía y Viajeros em la Antiga Grecia*. Madrid: Akal, 2008.
- FERTONANI, R. *Ecateo di Mileto e il suo Razionalismo*. *Parola del Passato*. V. I (1952) Pp. 18-29.
- FINLEY, M.-I. *Uso e Abuso da História*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- FORD, A. *Homer, the poetry of the past*. Ithaca: Cornell Univ. Press, 1994.
- FOWLER, R.F. *Early Historie and Literacy*. In: N. Luraghi. *The Historian Craft's in the Age of Herodotus*. Oxford: Univ. Press, 2007. Pp. 95-115.
- FOWLER, R.F. *Herodotus and his prose predecessors*. In: C. Dewald- J. Marincola. *The Cambridge Companion to Herodotus*. Cambridge. Univ. Press., 2008. Pp. 29-45.
- FOWLER, R.L. 'Herodotus and his contemporaries', *JHS* 116 (1996) 62-87.

- GABBA, E. *Alle Origini della storiografia greca*. *Athenaeum*, 90, 2, 2002. Pp. 521-524
- GABBA, E. *Letteratura, le basi documentarie della storia antica*. Bologna, 1984.
- GALIANO, M.F. *Heródoto*. Buenos Aires: Labor, 1951.
- GARZÓN DIAZ, J. *Geógrafos Griegos*. Oviedo: KRK: 2008.
- GIGON, O. *Los Orígenes de la Filosofía Griega. De Hesíodo a Parmênides*. Trad. Esp. Manuel Carrión Gútiez. Madrid: Gredos, 1971.
- GITTI, A. *Mythos. La tradizione pre-storiografica della Grecia*. Bari: Adriatica, 1949.
- GITTI, A. Sul proemio delle Genealogia di Ecateo, In: *Rendic. Acc.Naz.dei Lincei, Cl. Scienze mor. Stor. Filos.*, s.VIII, vol.VII, fasc.7-12, 1953, pp.389-398.
- GOLDHILL, S. *The Invention of Prose*. Oxford: Oxford Univ. Press, 2002.
- GOMME, A.W. *The Greek Attitude to poetry and history*. Cambridge: University Press, 1954.
- GOMPERZ, T. *Pensadores Griegos. Vol.1*, 2a. ed., Trad. C.G. Korner, J.R. Bumantel, P. von Haselberg, E. Prieto; Barcelona: Herder, 2000.
- GORMAN, V.B. *A History of Miletos from 500 to 432 B.C.* Ann Arbor: UMI, 1993.
- GRANGER, H. "Heraclitus' Quarrel with Polymathy and Historie." *Transactions of the American Philological Association*, Vol.134, n.2 (2004), pp. 235-261.
- GRASS, M. *La Méditerranée Archaique*. Paris: Cursus, 1995.
- GREENE, W.C. "The Spoken and the Written Word". In: *Harvard Studies in Class. Philology* (1951), v.LX; pp.23-59; Cambridge : Harvard Univ.Press, 1951.
- GRIFFITHS, J.G. *Hecataeus and Herodotus on "A Gift of the River"*. In: *Journal of Near Eastern Studies*, Vol. 25, No. 1 (Jan., 1966), pp. 57-61
- GUTHRIE, W.K.C. *A History of Greek Philosophy: Vol. I, The Earlier Presocratics and the Pythagoreans*. Cambridge: Cambridge University Press, 1962.

HADDOCK, B.A. Uma introdução ao pensamento histórico. Lisboa: Gradiva, 1989.

HAHN, R. *Archaeology and the Origins of Philosophy*. Albany: State University of New York Press, 2010.

HARRIS, C. L. *Evolution: Genesis and Revelations. With Readings from Empedocles to Wilson*. Albany: State University of New York Press, 1981.

HARTOG, F. *Memória de Ulisses: narrativas sobre a fronteira na Grécia Antiga*. Trad. Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

HARTOG, F. *O Espelho de Heródoto*. Trad. Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

HARTOG, F. *Primeiras Figuras do historiador na Grécia: historicidade e história*. In: *Rev. de História*, 141, USP, 1999 (pp.10-21)

HAVELOCK, E. *A Revolução da Escrita na Grécia e suas Conseqüências Culturais*. São Paulo: EDUSP, 1996.

HEIDEL, W. A. *Anaximander's Book: The Earliest Known Geographical Treatise*", *Proceedings of the American Academy of the Arts and Sciences*, vol.56 n.7 (1921). Pp.239-288.

HEIDEL, W. A. *Hecataeus and the Egyptian Priests*, book II, 1935.

HEIDEL, W.A. *The Frame of the Ancient Greek Maps*. New York: American Geographical Society, 1937.

HEIDEL, W.A. *Anaximander's Book, the earliest known geographical treatise*. In: *Proceedings of the American Academy of Arts and Science*, Vol. 56, n.7, 1921. Pp. 239-288.

HEIDEL, W.A. *Hecataeus and Xenophanes*. In: *American Journal of Philology*, XLIV, 1943, pp.257-277.

HERÓDOTOS. *História*. Trad. Mário da Gama Kury; Brasília: UnB, 1988.

HORNBLOWER, S. *Greek Historiography*. Oxford: Clarendon Press, 1996.

HOROWITZ, W. *Mesopotamian cosmic geography*. Winona Lake: Eisenbrauns, 1998.

JACOB, C. *Geographie et Ethnographie em Grèce Ancienne*. Paris : Armand Colin, 1991.

JACOB, C. « Inscire la Terre habitée sur une tablette... » in *Les Savoirs de l'écriture en Grèce ancienne*, M. DETIENNE, Lille, Presses Universitaires de Lille 1988.

JAEGER, W. *Paideia: a formação do homem grego*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

JEFFERY, L. *The Local Scripts of Archaic Greece*. Oxford: Clarendon Press, 1990.

JEFFERY, L.H. *Archaic Greece. The City-States, c. 700-500 B.C.* New York: St. Martin's Press, 1976.

KAHN, C. *Anaximander and the Origins of Greek Cosmology*. New York: Columbia University Press, 1960.

KING, L.W. *Enuma Elish: Volume 1: The Seven Tablets of Creation; The Babylonian and Assyrian Legends Concerning the Creation of the World and of Mankind*. New York: Cosimo, 2007.

KIRK, G.S. *El Mito*. Trad. Teófilo de Loyola. Barcelona: Paidós, 2006.

KIRK, G. S. – J. E. RAVEN – M. SCHOFIELD. *The Presocratic Philosophers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

LAVELLE, B.M. *Early Greek historiography*. *The Classical Review* (New Series), 53,n.1. Pp. 32-34.

LEWIS, S. *News and Society in the Greek Polis*, London: Duckworth, 1996.

LLOYD, G.E.R. *Magic, Reason and Experience: Studies in the Origins and Development of Greek Science*. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1993.

LOENEN, J.H. "Was Anaximander an Evolutionist?" *Mnemosyne*, Vol.7, fasc.3 (1954), pp. 215-232.

LOMIENTO, L. Da prosa a poesia, da poesia a prosa in Diogini d'Alicarnasso. In: *Quaderni Urbinati*, n.s.77, n.2, 2004 pp. 103-116.

LURAGHI, N. *The historian Craft in the Age of Herodotus*, Oxford: Oxford University Press, 2001.

- MANSFELD, J. *Studies in Later Greek Philosophy and Gnosticism*. London: Ashgate Variorum, 1989.
- MARASCO, G. *I Viaggi nella Grecia Antica*, Roma: Ateneo-Bizzarri, 1978
- MARROU, H-I. *Do conhecimento histórico*. Lisboa: Aster, 1974.
- MARROU, H-I. *História da educação na Antiguidade*. São Paulo: EPU, 1990.
- MATTÉI, J.F. *La naissance de la raison en Grèce*. Actes du congrès de Nice, mai 1987. Paris: Presses Universitaires de France, 1990.
- MAZZARINO, S. *Il Pensiero Storico Clássico, t.I*. Roma-Bari: Laterza, 1990.
- MILLER, M. *Archaic Literary Chronography*, JHS, Vol. 75, (1955), pp. 54-58
- MILLER, S.G. *The Prytaneion: its Function and Architectural Form*. Los Angeles: Univ. California Press, 1978.
- MILNE, J.G. *Greek and Roman tourists in Egypt*. *The Journal of Egyptian archaeology*, v.3 (1916), pp. 76-80.
- MOMIGLIANO, A. *As Raízes Clássicas da Historiografia Moderna*. Trad. Ma. B.B. Florenzano. Bauru, SP: EDUSC, 2004.
- MOMIGLIANO, A. *Ecateo*. *Enciclopedia italiana*, xiii. Rome, 1932.
- MOMIGLIANO, A. *Ensaio de Historiografia Antigua y moderna*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- MOMIGLIANO, A. *La historiografia griega*. Trad. José M. Gasquez. Barcelona: Critica, 1984.
- MOMIGLIANO, A. *Il Razionalismo di Ecateo di Mileto*. *Atene e Roma*, XII (1931) Pp. 133-142.
- MONDOLFO, R. *En los Orígenes de la Filosofía de la Cultura*. Buenos Aires: Imán, 1942.
- MOSCARELLI, E. *Ecateo di Mileto – Testimonianze e Frammenti*. Napoli: Città del Sole, 1999.
- MOSCARELLI, E. *I quattro grandi milesi: Talete, Anassimandro, Anassimene, Ecateo*. Testimonianze e frammenti. Napoli: Liguori, 2005.

MUNN, M. *The Mother of the Gods, Athens, and the tyranny of Asia: a study of sovereignty in ancient religion*. Berkeley: University of California Press, 2006.

MYRES, J. *El amanecer de La historia*. México: F. C. E., 1950.

MYRES, J. *Herodotus, father of History*. Oxford: Clarendon Press, 1953.

NENCI, G. - *Il Motivo dell'autopsia nella Storiografia Greca. Studi Classici e Orientali*, 3 (1955), p. 14-46.

NENCI, G. Ecateo di Mileto e la questione de suo razionalismo, *Rendic. Acc. Naz. Dei Lincei, S.VIII, vol. VI, fasc.1-2*, 1951, pp.51-58.

NENCI, G. Hecatei Milesii fragmenta/testo, introduzione, appendice e indici a cura di Giuseppe Nenci. Firenze: British School at Rome, 1954.

NENCI, G. La filobarbarie di Ecateo nel giudizio di Eraclito, *Riv. Filolog. Classica. N.S. XXVII*, 1949, pp.107-117.

NENCI, G. La Storiografia Preerodotea. In: *Critica Storica*, VI (1967). Pp.1-22

NENCI, G. Una risposta delfica alla metodologia ecataica. *Crit. Stor.* Anno III, Fasc.III, 1964. Pp. 269-286.

NESTLE, W.. Από τον Μύθο στον Λόγο. Μεταφ. Άννα Γεωργίου. Αθήνα: Γνώση, 2010.

NICOLAI, R. Pater semper incertus. Apunti su Ecateo. Quaderni Urbinati di Cultura Classica. 56, n.2 (1997) pp. 143-164.

NIEDDU, G.F. “Testo, Scrittura, Libro nella Grecia Arcaica e Classica: Note e Osservazioni sulla Prosa Scientifico-filosofica”. In: *Scrittura e Civiltà* (1984), n.8 ; pp.213-261.

PEARSON, L.I. *Early Ionian Historians*. Westport: Greenwood Press, 1975.

PLÁCIDO, D. Realidades arcaicas de los viajes míticos a Occidente. *Gerion*, 7 (1989) pp. 41-51.

PORCIANI, P. *Prime forme della Storiografia Greca: prospettiva locale e generale nella narrazione storica*. Stuttgart: Steiner, 2001.

ROBB, K. *Literacy and Paideia in Ancient Greece*, Oxford, 1994.

ROBERTSON, D.S. The Evidence for Greek Timekeeping. In: *The Classical Review*, vol. 54, n.4 (1940), pp. 180-182.

ROLLER, D. W. *Eratosthenes' Geography*. Princeton: Princeton Univ. Press, 2010.

ROOD, T. *Herodotus and Foreign Lands*. In: C. Dewald- J. Marincola. *The Cambridge Companion to Herodotus*. Cambridge: Univ. Press, 2008.

ROSENMEYER, T.G. *Hesiod and Historiography*, In: *Hermes* 85 (1957), 257-285.

ROUSSEL, D. *Les historiens grecs*. Paris: PUF, 1973.

SANTIAGO, R.- A. Griegos y Bárbaros: arqueología de uma alteridad. In: *Faventia*, 20/2 (1998) 33-45.

SCHICK, C. Studi sui primordi della prosa greca, *AGI*, a. xl 1955, pp. 89-135.

SNELL, B. A Descoberta do Espírito. As Origens do Pensamento Europeu na Grécia. Lisboa: Ed. 70, 2003.

SNELL, D.C. *A Companion to the Ancient Near East*. Oxford: Blackwell Publishing, 2005.

SNODGRASS, A. *La Grèce Archaique*. Paris: Hachette, 1986.

SORDI, M. *Geografia e storiografia nel mondo classico*. Milano: Vita e Pensiero, 1988.

STARR, C. *The awakening of the Greek historical spirit*. New York: Knopf, 1968.

THOMAS, R. *Herodotus in Context. Ethnography, science and the art of persuasion*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

THOMAS, R. *Letramento e oralidade na Grécia antiga*. Trad. R. Fiker. São Paulo: Odysseus, 2005.

THOMAS, R. Writing, Law and Written Law. In: *The Cambridge Companion to the Greek Law*. Ed. M. Gagarin and D. Cohen. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 2005. Pp.41-60.

THOMSON, J. *History of Ancient Geography*. New York: Biblio & Tannen Booksellers, 1965.

TOYE, D. 'Dionysius of Halicarnassus on the first Greek historians', *AJP* 116 (1995) 279-302.

TOZER, H. F. *A history of Ancient Geography*. New York: Biblio and Tannen, 1971.

TOZZI, P. Ecateo di Mileto in Eustazio. *Athenaeum*. 1961. 26-32

TOZZI, P. Studi su Ecateo di Mileto V: La Fortuna." *Athenaeum ns* 45 (1967): 313-334

TOZZI, P. Studi su Ecateo di Mileto, I : Ecateo ed Euripide. In: *Athenaeum*, 51 (1963), pp.39-50.

TOZZI, P. Studi su Ecateo di Mileto, II : Ecateo e la cultura ionica. In: *Athenaeum*, 41 (1963), 318-326.

TOZZI, P. Studi su Ecateo di Mileto, III: Lingua e stile di Ecateo Milesio. In: *Athenaeum*, 52 (1964).

TOZZI, P. Studi su Ecateo di Mileto, IV: la ΙΣΤΟΡΙΑ di Ecateo. *Athenaeum*, 54/1-2 (1966), 41-76

UNTERSTEINER, M. *La Fisiologia del Mito*. Milano: Fratelli Bocca, 1946.

VERNANT, J. P. *As Origens do Pensamento Grego*. Rio de Janeiro: Difel, 2001.

WARMINGTON, E. H. *Greek Geography*. London/Toronto: J.M.Dent & sons, 1934.

WATERS, K.H. *Herodoto, el historiador : sus problemas, métodos y originalidad*. México: FCE, 1996.

WEBSTER, T.B.L. *Ionia in the Sixth Century B.C.* Greece and Rome, 6:1616, 1-8.

WELLS, J. The Genuineness of the Ges periodos of Hecataeus. *JHS*, Vol.29, (1909), pp.41-52.

WEST, M. L. *Early Greek Philosophy and the Orient*. Oxford: Clar. Press, 1971.

WEST, M. L. A Latent Fragment of Hecataeus' Genealogiai. *The Classical Review*, New Ser., Vol. 12, No. 3 (Dec., 1962), pp. 200-201.

WEST, S. Herodotus' Portrait of Hecataeus, *JHS*, Vol. 111, 1991, pp. 144-160.

YUNIS, H. *Written texts and the rise of literate culture in ancient Greece*, New York: Cambridge University Press, 2003/2002.

PÀMIÉS, J. Ferecides de Siros y Ferecides de Atenas: una nueva aproximación. In: *Cuadernos de filología clásica*, Nº 15, 2005, págs. 27-34.

BURLY, J.B. *Early Greek Historians* (Harvard Lectures). New York: The Macmillan Company, 1909.

Y. Lafrance, L. Paquet et M. Roussel, *Les Présocratiques : bibliographie analytique (1879-. 1980)*, Vol.I. Montréal-Paris, Bellarmin : Les Belles Lettres, 1988.

W.A. Heidel. *O Livro de Anaximandro. O mais antigo tratado geográfico conhecido*. Trad.e apêndices K. Koike. Mogi Mirim/SP: Ixtlan, 2011.

CORNELLI, G. Resenhas. *Revista Archai*, n. 8 (2012), PP. 143-144. Rodolfo Lopes. *Humanitas*, LXIV (2012), pp.272-273.

DARBO-PERSCHANSKY, Catherine. *O Discurso do Particular: Ensaio sobre a investigação de Heródoto*. Tradução: Ângela Martinazzo. Editora da UnB, 1998.

ROMILLY, Jacqueline. *História e razão em Tucídides*. Trad.Tomás Rosa Bueno. Brasília: UnB, 1998. F. Hartog. *O espelho de Heródoto. Ensaio sobre a representação do outro*. Trad. Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.

MOMIGLIANO, A. . *As Raízes Clássicas da Historiografia Moderna*. Trad. Maria Beatriz B. Florenzano. Bauru-SP: EDUSC, 2004.

Marshall Sahlins. *História e Cultura. Apologias a Tucídides*. Trad. Maria Lucia de Oliveira. Rio de Janeiro Jorge Zahar, 2006.

SOARES, de Carmen Isabel L. *A Morte em Heródoto*. Lisboa: Fund. Calouste Gulbenkian, 2003.

MORAIS, Cynthia. *Maravilhas do mundo antigo – Heródoto, pai da História?* Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

CONDILO, Camila da Silva. *Heródoto, as Tirantias e o Pensamento Político nas Histórias*. São Paulo: Annablume, 2010.

SOUSA, Paulo Ângelo M. *O debate persa em Heródoto*. Teresina: Ed. UFPI, 2010.

G. CAVALLO, Conservazione e perdita dei testi greci: fattori materiali, sociali, culturali, dans A. GIARDINA (a cura di), *Tradizione dei classici, trasformazioni della cultura* (Roma Bari, Editori Laterza, 1986), p. 83-172.

FINLEY, M.I., *O Mundo de Ulisses*. Trad. Armando Cerqueira. Lisboa: Presença, 1988.

PÉDECH, P. *La Géographie des Grecs*. Paris: P.U.F., 1976.

MARASCO, G. *I viaggi nella Grecia antica*. Roma: Ateneo & Bizzarri, 1978.

M. Sordi. *Geografia e Storiografia nel mondo classico*. Milano: Univ. Cattolica Sacro Cuore, 1988.

F. Javier Gómez Espelosín. *El descubrimiento del mundo: geografía y viajeros en la antigua Grecia*. Madrid: Akal, 2005.

F. Cordano. *La Geografia degli antichi*. Roma-Bari: Laterza, 2011.

Graham Shipley (ed.), *Pseudo-Skylax's Periplus: the Circumnavigation of the Inhabited World. Text, Translation and Commentary*. Exeter: Bristol Phoenix Press, 2011.

TOZER, H.F. *A History of Ancient Geography*. New York, 1971.

W.A. Heidel. *The Frame of the Ancient Greek Maps*. New York: American Geographical Society, 1937.

G. Marasco. *I viaggi nella Grecia antica*. Roma: Ateneo & Bizzarri, 1978.

M. Sordi. *Geografia e Storiografia nel mondo classico*. Milano: Univ. Cattolica Sacro Cuore, 1988.

F. Javier Gómez Espelosín. *El descubrimiento del mundo: geografía y viajeros en la antigua Grecia*. Madrid: Akal, 2005.

- F. Cordano. *La Geografia degli antichi*. Roma-Bari: Laterza, 2011.
- M.I.Finley, *Homer, the poetry of the past*. Ithaca: Cornell Univ. Press, 1994:21.
- J. Bury. *The ancient Greek historians*, New York: Dover Pub., 1909
- F. Châtelet. *El nacimiento de la historia. La formación del pensamiento historiador en Grecia*. Buenos Aires: Siglo XXI, 1978.
- J.L.Cassani – A.J.Perez Amuchastegui. *Del Epos a la historia científica*. Buenos Aires: Nova, 1971.
- J;L. Tuero. *Orígenes de la historiografía*, In: .A. López Ferez (org.): *História de la Literatura griega*, cap.IX) – J, Madrid: Catedra, 1988.
- A. Caballero López. *Inicios y desarrollos de la historiografía griega*. Madrid: Síntesis, 2010.
- MORELEJO, Juan J. “La Archaeologia de Tucídides: balance crítico”. Cuadernos de la Fundación Pastor 27, Madrid: Fundación Pastor, 1988.
- LE GOFF, J. *História e Memória*. Vol. I Trad. Ruy Oliveira, Lisboa: Ed. 70, 2000.
- C. Schrader. *Historiografía: Heródoto*. In: A. López Ferez (org.). *História de la Literatura griega*, cap.XII – Madrid: Catedra, 1988.
- COLLINGWOOD, R.G. *A ideia de História*. Trad. Alberto Freire. 8ª Ed. Lisboa: Presença, 1994.
- GOMPERZ, T. *Pensadores Griegos*, I. Barcelona: Herder, 2000.
- A. DIAZ-TEJERA, *Los albores de la historiografía griega*. Emérita, LXI, 2, 1993.
- MORALES Manuel S. *Paléfato y la interpretación racionalista del mito: características y antecedentes*. Anuario de estudios filológicos, 22 (1999).
- W. Schadewaldt. *Los Orígenes de la historiografía entre los griegos*. In: *La Historiografía Griega, estúdios, documentación y selección de textos*. Revista Anthropol. Suplementos 20 (1990).
- L. Porciani. *Prime forme della storiografia greca: prospettiva locale e generale nella narrazione storica* (Historia: Einzelschriften; H. 152). Stuttgart: Steiner, 2001.

C. Dewald- J. Marincola. *The Cambridge Companion to Herodotus*. Cambridge. Univ. Press., 2008.

D.L.TOYE, '*Dionysius of Halicarnassus on the first Greek historians*', AJP 116 (1995).

L. Casson. *Las Bibliotecas del Mundo Antiguo*. Trad. Ma. José Aubet, Barcelona: Bellaterra, 2005.

García Blanco. *Introducción. Estrabón. Geografía. Libros I-II*. Trad. J. L. García Ramón – J. García Blanco. Madrid: Gredos, 1991.

DIRINGER, D. *A Escrita*. Trad. Armando Luiz. Lisboa: Verbo 1985.

E. Havelock. *A Revolução da Escrita na Grécia e suas Consequências Culturais*. São Paulo: EDUSP, 1996.

R. Barthes - E. Marty, "Oral/escrito". In: Romano, Ruggiero (dir.). *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1987. v. 11, pp.32-57.

MARROU, H, I. *História da educação na Antiguidade*. São Paulo:EPU, 1990, p.76.

ÍNDICE ONOMÁSTICO

Acusilau
 Adrados, F.R.
 Alceu
 Alcmán
 Amásis
 Amon
 Ampolo, C.
 Amuchastegui, A.J.Perez
 Anacreonte
 Anaxágoras
 Anaximandro
 Anaxímenes
 Apolodoro
 Apolônio de Rodes
 Arana, J.R.
 Aristágoras de Mileto
 Aristeas
 Aristófanes
 Aristóteles
 Arquíloco de Paros
 Arriano
 Asheri, D.
 Ateneu
 Aubenque, P.
 Avieno
 Bakker, E.J.
 Baquilides
 Barthes, R.
 Bartolomé Pou
 Benson, J.L.
 Bernabé, A.
 Bertelli, L.
 Bias
 Blanco, J. García
 Boardman, J.
 Boas, G.
 Bodéus, R.
 Braccesi, L.
 Brandão, Jacyntho Lins
 Brisson, L.
 Bueno, Tomás Rosa
 Buescu, Ana I.
 Burnet, J.
 Bury, J. B.
 Burzachechi, Mario
 Caar, E.H.
 Caballero, R.
 Cadmo de Mileto
 Calame, C.
 Calímaco
 Calino
 Calipso
 Cambises
 Canfora, L.
 Capizzi, A.
 Cáron
 Casas, M^a Moure
 Casertano, G.
 Caspari, M.O.B.
 Cassani, J.L.
 Casson, L.
 Cavallo, G.
 Chambers, Mortimer
 Châtelet, F.
 Chiavara, N.
 Cícero
 Cílix
 Circe
 Ciro
 Cláudio Eliano
 Cleóstrato de Tênedos
 Cohen, D.
 Colli, G.
 Collingwood, Robin
 Cordano, F.
 Crespo
 Creuzer, G.F.
 Damastes
 Dânao
 Darbo-Peschansky, Catherine
 Dario
 De Jong, I.F.
 De Sanctis, Gaetano
 De Sanctis, G.
 Denniston, J.
 Detienne, M.
 Deucalião
 Dewald, C.
 Diano, C.
 Diaz, Julian Garzón
 Diaz-Tejera, A.
 Diels, H.
 Diodoro Sículo
 Diógenes de Apolônia
 Diógenes Laércio
 Díon Crisóstomo
 Dionísio de Halicarnasso
 Diringer, D.
 Dixsaut, M.
 Dundas, Robert

Éforo
 Eire, A. López
 Empédocles
 Eratóstenes
 Esbarranch, Juan J. Torres
 Esopo
 Espelosín, F. Javier Gómez
 Espinosa, Manuel S.
 Ésquilo
 Estéfano de Bizâncio
 Estrabão
 Eurípides
 Eurístrato
 Eutímenes
 Fanini, D.
 Farrington, B.
 Faure, P.
 Faure, Paul
 Ferécides
 Ferez, A. López
 Ferreira, José Ribeiro
 Fertoni, R.
 Fialho, Maria do Céu
 Finley, M.I.
 Flávio Josefo 32,n.41;
 Florenzano, Maria Beatriz B.
 Focílides
 Fonseca, Carlos A. L.
 Fontán, A.
 Fowler, R.
 Frankel, H.
 Freire, Alberto
 Fritz, Kurt Von
 Frixo
 Gagarin, M.
 Gama, Gilza M.S. da
 Gaos, J.
 García-Bellido, M^a Paz de Hoz
 Gentili, B.
 Giannantoni, Gabriele
 Giardina, A.
 Gigon, O.
 Gitti, A.
 Godley, A. D.
 Gomme, Arnold W.
 Gomperz, T.
 Gonçalves, A.
 German, V.
 Goody, J.R.
 Gorman, V.
 Grammenos, E. K.
 Graves, A. M.
 Greene, W.
 Grimal, P.
 Guthrie, W. K. C.
 Gútiez, Manuel Carrión
 Hanão
 Hartog, F.
 Havelock, Eric
 Heath, T. L.
 Hecateu
 Hegesandro de Mileto
 Heidel, W. A.
 Helânico de Lesbos
 Helén
 Helena
 Hélio Hapocrácio
 Heráclito de Éfeso
 Hércules
 Hermógenes
 Herodoro
 Heródoto 17,
 Hesíodo
 Higino
 Hípias de Élis
 Histieu
 Holzberg, Niklas
 Homero
 How, W. W.
 Ingelmo, Ma. Cruz H.
 Isidoro Hispalensis
 Jacob, C.
 Jacoby, Felix
 Jeager, W.
 Jeffery, L.H.
 Jeremias
 João Estobeu
 Joaquim
 Kerferd, G.B.
 Kilgour, F.
 Kirk, G.S.
 Kleberg, T.
 Koike, K.
 Kurke, L.
 Kury, Mário da Gama
 Lafrance Y.
 Larcher, P.H.
 Lanzillotta, E.
 Lateiner, D.
 Laurenti, R.

Lavery, J.
 Le Goff, J.
 Leão, Delfim Ferreira
 Libânio
 Lloyd, A.B.
 López, J.A. Caballero
 Lourenço, F.
 Luciano
 Luraghi, N.
 Maitland, J.
 Manganaro, G.
 Marasco, G.
 Maratônio
 Marco Aurélio
 Marcotte, D.
 Marincola, J.
 Marrou, I-H.
 Martín, Inmaculada P.
 Martinazzo, Ângela
 Mazzarino, S.
 Meier, Christian
 Mena, José L.
 Milhaud, G.
 Mimnermo
 Minos
 Moisés, Massaud
 Momigliano, A.
 Mondolfo, R.
 Morais, Cynthia
 Moralejo, Juan J.
 Morales, Manuel S.
 Moscarelli, E.
 Müller, K. O.
 Myres, John L.
 Naddaf, G.
 Natalis Comes
 Nenci, G.
 Nestle, W.
 Nicolai, R.
 Nicolau
 Nieddu, G.
 Nunes, Carlos A.
 Oliveira, Maria Lucia de
 Oliveira, Ruy
 Olson, S. Douglas
 Orfeu
 Paléfato
 Paquet, L.
 Paretto, L.
 Parmênides
 Pascucci, G.
 Paulo Ângelo M. Sousa
 Pausânias
 Pearson, Lionel
 Pereira, Ma.Helena da Rocha
 Periandro de Corinto
 Petropoulos, E. K.
 Píndaro
 Pinheiro, Ana E.
 Pítaco
 Pitágoras
 Pitodoro
 Platão
 Plínio, o Velho
 Plutarco
 Políbio
 Polícrates
 Popper, K. R.
 Porciani, L.
 Pownall, Frances Anne S.
 Pritchett, W.Kendrick
 Pronópides
 Prontera, F.
 Protágoras
 Psamético I
 Rabbas, O.
 Ramón, J.L. García
 Raven, J.
 Rey, A.
 Robin, L.
 Rocha, Ana Maria P. Dias da
 Rogers, A.
 Romilly, Jacqueline
 Rösler, W.
 Rossetti, L.
 Roussel, M.
 Roveri, A.
 Safo
 Sahlins, Marshall
 Schadewaldt, W.
 Schick, Carla
 Schipley, G.
 Schlafman, Léo
 Schofield, M.
 Schrader, C. 36, n.55
 Schuhl. P.M.
 Sêneca
 Silva, Maria de Fátima
 Simônides de Céos
 Simplício

Smith, W.
Soares, Carmen Leal
Sócrates
Sófocles
Sólon
Sordi, M.
Sousa, Eudoro de
Sousa, Paulo Ângelo M.
Svenbro, J.
Talamo, C.
Tales de Mileto
Tamuz
Tannery, P.
Telles, A.
Teodoro Metochites
Teofrasto
Teógnis
Teopompo
Terpandro
Theut
Thomas, R.
Thomson, J.O.
Tímon de Flius
Tirteu
Tito Lívio
Toland, J.
Tozer, H. F.
Tozzi, P.
Trasíbulo
Tucídides
Turner, E.G.
Valério Póllio
Veyne, Paul
Villar, Pierre
Volpi, F.
Walters, H.B.

Watt, I.
Wees, H. van
Wells, J.
West, Martin
West, Stephanie
Wolff, F.
Worthington, Ian
Xanto
Xenófanes de Cólofon
Xenofonte
Yunis, H.
Zeller, E.

APÊNDICE

VERSÃO EM PORTUGUÊS DOS FRAGMENTOS DE HECATEU DE MILETO (Baseado em Brill's New Jacoby).

Historiai – Genealogiai ou Heroologia

(1)1a.DEMETR. De eloc. 12 (Greg. Corinth. VII 1215, 26 Walz).

Hecateu de Mileto declara (μυθεται) o seguinte: “*Escrevo as coisas que, em minha opinião, são verdadeiras, pois as histórias dos gregos, como a mim se apresentam, são demasiadas e ridículas*”.

1b. Estas partes do período pretendem, sem dúvida, dar um sentido, por vezes, mesmo um sentido completo, tal como diz Hecateu no início da sua investigação: “*Hecateu de Mileto declara o seguinte*”.

1c. DIO PRUS. Or.LIII 9-10

Também não se escreva o próprio nome em parte alguma...se bem que todos os outros, pelo menos os que imaginam ter algum valor tanto em discurso poético quanto em prosa, mencionam no início e no final, o nome deles próprios, enquanto muitos [mencionam o próprio nome] em suas histórias ou em seus poemas, como Hecateu, Heródoto e Tucídides.

(2). SCHOL.APOLL.RHOD. I 551

...obra de Atena Itónida: de Atena Itónida existe um santuário em Coroneia, na Beócia. Apolônio não refere Atena nesse edifício de Argos, a partir da designação que tem em Coroneia, mas ao invés disso, com o nome de Itônia Tessálica, da qual realmente fala Hecateu no primeiro livro de suas *Histórias*. Arménida, no seu *Tebamos* testemunha que um filho de Anfíction, Itono, nasceu na Tessália: o mesmo diz Alexandre no livro I das *Recordações de Corina*.

3. STEPH. BYZ. s. Anfanos: cidade dórica. Refere Hecateu no livro I das *Genealogias*. Teopompo a denomina Anfanaia no livro V das *Filípicas*. Existe também uma região homônima na Tessália.

4. – s. Ena: cidade da região de Argos. Refere-a Hecateu no Livro I das *Histórias*. O etnônimo é Eneu, Enea, Eneon. Chamam o monte Énoa, de onde vem o etnônimo Enoata, e o nome feminino Enoátida, como dizemos para Ártemis Enoáte, cujo culto se estabeleceu em Énoa da Argólida desde Preto.

5. – s. Falana: cidade de Perébia, cujo nome tomou de Falana filha de Tiro. Para Licófron: Gónon, Falana e a planície dos Olossonos. Hecateu no livro I das *Histórias*, a chama Hípia. Éforo, no livro VIII a chama Falano.

6. – s. Psófida: cidade da Arcádia. Foi chamada de Psófida por causa de Psófis, filho de Licáon, por quem, dizem, foi fundada antigamente, ou de Psófida, a filha de Érice. Existe ainda outra Psófida, na Acarnânia, chamada “a antiga”. Existe uma terceira na Acaia. Seu habitante deve ser chamado Psófita...mas deriva do genitivo, como Arcádio de Arcas, e Aulídio de Áulis, e assim também deriva Psófídio de Psófis. Hecateu no livro II das *Genealogias* refere: “houve um javali sobre o monte e causou muitas catástrofes aos Psófidos”.

(6a). NATAL.COM. Mythol.9,9 (Fragm. Espúrio em C. Muller, F.375 e não consta de Jacoby)

Mas antes de se transformar em lobo, tinha ganhado de sua esposa, a filha de Atlas, e de algumas outras, muitos filhos, cujos nomes eram os seguintes...Embora Apolodoro diz que foram cinquenta, descobri de diferentes autores que foram muito mais: certamente com Calisto também, e com a Deusa...lembram-se que havia ainda as filhas de Licáon. Hecateu o milésio no livro II das *Genealogias* forneceu por muito tempo uma outra versão, porque o Licáon e os seus filhos foram transformados em lobos, versão que mais tarde explicou Ovídio. Pois diz assim (Hecateu?):

“ Pelasgo era filho de Zeus e de Níobe, já seu filho de Melívia, ou como se diz, de Cilene, chamava-se Licáon. Então ele, tornando-se rei dos Arcádios de acordo com certo oráculo adquiriu muitos filhos de muitos casamentos, e como ele era ímpio, fez seus filhos ímpios também. Destes (filhos), Ménalo, Tesproto, junto com Níctimo, Cáucon, Lico, Ftio, e Teléboas, Émon, Mântino, Estínfelo, Clitor, Orcômeno e outros, todos mantiveram-se com impiedade e orgulho. Zeus então os visitou na forma de um

serviçal. Aqueles o chamaram para estabelecer hospitalidade, mataram um rapaz nativo, misturaram suas entranhas e trouxeram para a mesa. Quando Zeus viu isso, virou a mesa com abominação. Por isso, aquele local na Arcádia ficou sendo chamado Trapezeus, e a cidade, Trapeza. Quanto aos filhos de Licáon, como foram ímpios com o estrangeiro, junto com o próprio Licáon, uns foram transformados em lobos, enquanto outros fulminados.

6b. NATAL. COM. Myth.9,9. (Fragm. Espúrio em C. Muller, F. 379 e não consta em Jacoby).

Isto escreve Pausânias nas *Arcádicas*, e me espanta por qual razão ele diz que houve apenas uma única filha de Licáon entre tantos filhos, a qual, diz ainda, graças a Hera foi transpassada por uma seta, após Dia, a mãe dele, tê-la feito sua filha, como escreveu Hecateu.

7a STEPH. BIZ. s. Cadisia, cidade dos Leucosírios. Hecateu no livro II das *Genealogias* refere: “também Temiscira é uma planície desde Cadísia até Termodonte”.

7b. SCHOL. APOL. ROD. II, 999. Licástias: Licasto é uma região leucosíria, a partir da qual (Apolônio) chamou Licástias às Amazonas. Hecateu chama as mesmas de Cadíssias [as capturadas], do verbo “cadesai”.

8. HARPOCR., s.v. “Ἀδελφίζειν”: verbo “chamar por irmão” no *Egnetico*, de Isócrates, em Hecateu de Mileto, no livro II do *Estudo sobre Heróis (Heroologia)*, e no *Ifigeronte*, de Estrátis ou Apolófanes.

9. ATHEN. IV 148f. Hecateu de Mileto descrevendo a refeição arcádia no Livro III das sua *Genealogias* diz que consiste de “mazas” (μάζαζ) e de “carne suína.

10. STEPH.BYZ. s.Tremila: assim se chamava a Lícia desde Tremiles, como diz Paníasis: “Aqui não só habitava o grande Tremile, mas também casou uma filha, a ninfa Ogígia, a quem chamavam Prasídice, com Sibro, sobre um rio argênteo; em plena tormenta, dela nasceram os filhos portadores de calamidades, Tloo, Xanto, Pínaro, bem como Crago, que, com a sua força, tomava todas as plantações”. Os habitantes eram chamados Tremiles. Alexandre, em seu segundo livro refere: “depois de exterminá-los, Belerofonte mudou o nome de Tremiles para Lícios. Hecateu chamou-lhes Tremiles no livro IV das *Genealogias*.

11. – s. Mélia: cidade da Cária. Cita-a Hecateu no livro IV das *Genealogias*. O etnônimo é melieu.

12. – s. Migissos: cidade da Cária; cita-a Hecateu no livro IV das *Genealogias*. O etnônimo é migíssio, havendo ainda Atena Migíssia e Misigea.

12b. SCHOL.PLUT. (Não consta em Jacoby)

De cap. ex inim. utilit. 91e. Do livro VI de Lupércio, os filhos caçaram ‘os cotovias’. Relata Platão no *Eudemo*. Aristófanes atribui gênero feminino “as cotovias” e “a primeira cotovia” nascida dos pássaros. Referem-se como o cotovia e a cotovia. Cita-o Aristóteles em seu livro VIII do *Sobre os Animais*... “Hecateu cita ‘filhote de cotovia’. Simônides na obra *Hinos* diz: “todas as cotovias necessitam trazer pluma”.

13. SCHOL. THUCYD. I 3,2. Hecateu narra que Deucalião teve três filhos, Prónoo, Oresteus, e o Maratônio. De Prónoo, dizem, nasceu Hélen.

14. SCHOL. APOL.ROD. 4 266. Nem a região pelasga foi dominada pela valorosa raça dos Deucalidas: os descendentes de Deucalião reinaram na Tessália, como referem Hecateu e Hesíodo. A Tessália era então chamada Pelásgia, a partir do nome de seu antigo rei Pelasgo.

15. ATHEN., B 35ab. Hecateu de Mileto, afirmando que a vinha foi descoberta na Etólia, diz assim: “Oresteus, o filho de Deucalião, veio até a Etólia para reinar; e quando apareceu um de seus cães carregando um pedaço de madeira, Eresteus ordenou que o plantasse, e dele nasceu uma videira repleta de uvas; e por isso chamou o seu filho de Fítio. Deste nasceu Eneias, que tomou seu nome das vinhas, já que os antigos gregos, pelo que se diz, chamavam ‘enas’ às vinhas. De Eneu nasceu Etolo”.

16. HERODIAN. Περὶ Mov. Λεξ. 41, 24. Nenhum termo dissílabo terminada em –co é oxítono, [por exemplo] *Cesco*, *Fisco*; Hecateu cita: “Íon era o filho mais velho de Locro, o filho de Fisco,” ou que Zisco, um rio da Macedónia, como diz Antígenes.

17. SCHOL. APOLL. RHOD. I 256. Assim devia também Frixo, quando a virgem Hele se perdeu, tivesse se afogado nas ondas negras junto com o carneiro: e contudo, voz humana produziu o terrível monstro: pois se diz que quando Hele caiu, foi o próprio carneiro que, como Frixo não sabia o que fazer, não só falou, pelo desejo de Zeus, e o encorajou, como ainda o guiou são e salvo à Cítia. Isso levou-o a fazer mal a Alcímede, cujo filho foi enviado para lá. “A história de que o carneiro falou está em

Hecateu”. Alguns, no entanto, dizem que Frixo viajou num navio que tinha a proa em forma de carneiro. Dioniso diz no livro II que o carneiro alimentou Frixo, e que assim o acompanhou na viagem para Cólquida. Por isso se recorda no mesmo episódio a notícia sobre o sacrifício do carneiro.

18a. SCHOL. APOLL. RHOD. IV 259. De fato, existe outro caminho marítimo que sacerdotes dos deuses imortais oriundos da tritônida Tebas revelaram: Herodoro nas *Argonáuticas* diz que eles retornaram pelo mesmo caminho marítimo que levava à Cólquida. “Hecateu de Mileto, porém, sustenta que do Rio Fásis [Rio Rioni] passaram ao Oceano, e dali ao Nilo, e depois de volta ao nosso mar”. Mas isso, Artemidoro de Éfeso diz que é falso, pois o Fásis não deságua ao Oceano, mas desce das montanhas. A mesma coisa afirma também Eratóstenes no Livro III da sua *Geografia*. Já Timageto no Livro I de seu *Acerca dos Portos* afirma que o rio desce dos montes Ripeus, nas terras célticas e depois chega ao lago dos celtas, e de seguida sua água se divide em duas partes; uma delas segue para o Ponto Euxino, enquanto a outra para o Mar Céltico. Desta foz, declara (Timageto), os Argonautas navegaram e chegaram à terra tirrena. Com ele concorda Apolônio. De outro modo, Hesíodo, Píndaro (na obra *Vencedores dos Jogos Píticos*, IV 25 e 251) e Antímaco na sua *Lídia* dizem que os argonautas chegaram através do Oceano na Líbia e que aparelhando a nave Argo foram para o nosso mar.

18b. SCHOL. APOLL. RHOD. IV 284. Apolodoro diz que o Istro (Danúbio), que desce da terra dos hiperbóreos e dos montes Ripeus (diz isso em acordo com Ésquilo, na obra *Prometeu Acorrentado*), divide-se tendo em vista que passa entre as terras citas e trácias, e que uma corrente deságua em nosso mar, enquanto a outra desemboca no Mar do Ponto. De outro modo, Esquino na obra sobre a Europa diz que apenas o Istro passa por desertos. Os montes Ripeus localizam-se no Oriente, como diz Calímaco: “do monte Ripeo enviam os deuses ao lugar certo”. Eratóstenes no Livro III das suas *Geografias* defende que a ilha Peuce flutua e circula desde locais desertos. No entanto, nenhum deles narra como os argonautas passaram dali para o nosso mar, com exceção de Timageto, com o qual concorda Apolônio. Esquino diz que eles navegaram desde o Tanais (Rio Don) ao Grande Mar e dali chegaram ao nosso. Explica que quando se encontravam em área continental, os Argonautas transportaram a Argo sobre um percurso suave para que chegassem ao nosso mar. Hesíodo [F63], de modo diferente, diz que navegaram através do Fásis. Hecateu, entretanto (como Artemidoro), criticando-o refere que o Fásis não deságua no nosso mar. Nem, ainda, navegaram pelo Tanais,

mas seguiram a mesma rota de antes, onde haviam passado, segundo narra Sófocles na obra *Os Citas*. Calímaco não inclui os argonautas dentre os que navegaram o Adriático, nem entre os que passaram pelas pedras cianes sobre Corfú, onde eles então se encontravam. Quanto ao Istros, que desce dos hiperbóreos, quando chega na região entre a Cítia e a Trácia, divide-se em dois. Um segue para o Euxino, o outro para o Mar Tirreno.

19. SCHOL.EURIP.OREST. 872.

...colina de onde, segundo dizem, Dánao primeiramente puniu Egito. A concepção dominante é que Egito não chegou a Argos, como muitos dizem, mas Hecateu escreve assim: “quanto ao próprio Egito, ele nunca veio a Argos, mas sim seus filhos, os quais eram, segundo estabeleceu Hesíodo, cinquenta, embora para mim não fossem nem vinte”. Também Dioniso, autor dos *Ciclos* (históricos) diz a mesma coisa. Ainda o poeta trágico Frínico na sua peça *Egípcios* declara que Egito chegou de fato a Argos.

20. SCHOL. DIONYS. THRAC. 183 1. Segundo Éforo, em seu Livro II, Cadmo foi o inventor das letras (do alfabeto), mas outros acreditam que ele não foi o inventor, senão o divulgador entre nós da invenção dos Fenícios, conforme asseveram tanto Heródoto em sua obra quanto Aristóteles. Alega-se que os fenícios descobriram os caracteres (dígitos) e Cadmo os trouxe para Grécia. Em outra versão, Pitodoro em sua obra *Sobre o Alfabeto*, Fílis de Delos, na sua *Sobre as Épocas Antes de Cadmo*, declara que Dânao trouxe as letras para Grécia. Também os autores milésios Anaximandro, Dionísio e Hecateu testemunharam a favor, aos quais cita Apolodoro em seu *Catálogo das Naves*. Alguns outros sustentam como inventor (das letras) Museu, filho de Metíon e Espérope, que nasceu no tempo de Orfeu. Anticlides de Atenas remete a invenção aos Egípcios, enquanto Dosíades declara que o alfabeto foi inventado em Creta. Ésquilo no drama homônimo diz que Prometeu inventou as letras, enquanto Estesícoro na segunda obra da *Oresteia*, como ainda Euríclides dizem que quem as descobriu foi Palamedes. Manaseas as rende a Hermes, e outros atribuem ainda a outros.

21. HERODIAN. P.M. L. VII 32. Nenhuma palavra feminina com mais de uma sílaba que termine em –na tem acento circunflexo, a não ser Atena...se alguém diz que Danae se acentua, como declara Hecateu em “com Danae Zeus se uniu”, sabe que isto está em Hecateu e no uso dos Fenícios, como ele mesmo afirma, mas isso não é comum

em dialeto ático e na língua falada. Adicionou “o mais de uma sílaba” para evitar o *mna...e* o estranho *Cna*; assim de fato, se denominava antigamente a Fenícia.

22, SCHOL. A. HOM. O 302. Muketa ou muken (μύκητά τε καί μύκην), embora a palavra tenha vários sentidos. Que a razão disso não é o metro, mostra-o Hecateu, pela forma como a declina: “ao tocar a bainha da espada, descobriu que o protetor tinha caído”. Contudo Arato o declina como um termo de sílabas ímpares: “ou quando da lamparina os μύκητης (as lágrimas, gotas) se juntaram em torno do pavio”.

23. EPIMER. HOM. XI (Cram. An.Ox.I 265, 6): O termo “povo” (λαός) permaneceu inalterado em Homero, apesar das mudanças mais recentes sofridas no dialeto jônico, como na expressão “depois de observar o povo”, de Hipônax. Importa assinalar que o termo não significa simplesmente a multidão indisciplinada, mas ordenada, já que Hecateu declara que “a tribo de Hércules pertence aos povos de Euristeu”, apesar de ser uma unidade.

24. AELIAN. N.A. IX 23. A Hidra de Lerna, o trabalho de Hércules, como cantam os poetas e os coletores dos antigos mitos, dentre os quais Hecateu, o *logopoiós*. Assim canta Homero a Quimera, e isso parece se distinguir diante dos mitos, como a serpente que anda para frente e para trás.

25. STRAB.VIII 3,9. Hecateu de Mileto diz que os Epeus são distintos dos Elidenses. Realmente os Epeus combateram com Hércules contra Augias, e com ele o destruíram, bem como a Élida. Diz também que há uma Dima de Epeia e uma da Acaia.

25b. NATAL. COM. MYTH. 6, 23. Conta-se que Tíndaro reuniu os pretendentes de Helena, os quais juraram sobre os órgãos genitais de um cavalo sacrificado, que iam protegê-la...após esse juramento, Tíndaro enterrou o cavalo naquele lugar, conforme escreveu Pausânias nas Lacônicas, pois existia o hábito entre os antigos de jurar geralmente sobre órgãos genitais sempre que faziam promessas mútuas entre si. Por isso, quando Hércules entrou em acordo com os filhos de Neleu e foram feitas promessas mútuas, tendo sido morto um porco, Hércules e aqueles juraram sobre os órgãos genitais do animal, e confirmaram o juramento realizado, como escreveu Hecateu em *Foroneia*.

26. ARRIAN. B 16 5-6. Que Gerião, contra o qual Hércules avançou para roubar-lhe os bois e trazê-los a Micenas, a favor de Euristeu, não tem nenhuma relação com terra dos Iberos, é o que diz o historiógrafo Hecateu, nem que Hércules foi a

qualquer ilha chamada Eriteia, fora do Grande Mar, mas esse Gerião foi rei de uma região continental dos arredores de Ambrácia e dos Anflocos, e que desta região Hércules trouxe os bois, e esse trabalho não foi de pouca importância. Eu mesmo sei bem que tal região possui desenvolvida agricultura e que ali é criado excelente gado. Creio que junto com a fama dos bois do Épiro, o nome de Gerião também atraiu fama à Eristeu. Eristeu não sabia o nome do rei dos Íberos, que se encontram na borda da Europa, mesmo se ali se criassem belos bois, exceto se alguém levasse lá Hera para dizer isso a Hércules através de Euristeu, querendo cobrir com o mito a fiabilidade diminuta dessa história.

27a. PAUS. III 25 4,5. O cabo Ténaro...e sobre uma elevação está um templo em forma de caverna, e diante dele uma estátua de Poseidon. Alguns Gregos escreveram que a esse lugar Hércules conduziu o cão do Hades, mesmo sem haver nenhum caminho subterrâneo através da gruta, nem é conveniente convencer-nos de que os deuses têm uma casa subterrânea para juntar as almas (dos mortos). Mas Hecateu de Mileto encontrou uma explicação provável, dizendo que no Ténaro vivia uma terrível serpente que se chamava “cão de Hades”, porque se tinha morte imediata com a sua picada, e dizia que essa serpente foi entregue por Hércules a Euristeu. Homero, que foi o primeiro que mencionou “cão de Hades” (Il.VIII 368, XI 623) ao que Hércules trouxe, no entanto, não lhe deu nome nem registrou sua forma, como fez com a Quimera. Mais tarde, outros lhe chamaram Cérbero e...dizem que tem três cabeças.

27b. SCHOL. ANTIMACH. 83. Acredita-se, ao invés de “fixar”, Mimnermo nas *Esmirneidas*... e Hecateu de Mileto dizem assim “quanto à serpente, acho que não era tão grande, mas era a mais terrível das serpentes, e por isso, Euristeu acreditou que não podia enfrentá-la”.

28. PAUS. IV 2,2 . Tempos depois, quando já não vivia nenhum dos descendentes de Policáon, passadas, creio eu, cinco gerações...fizeram rei a Perieres, filho de Éolo. Como dizem os Messénios, Melaneu o procurou, e indivíduo muito hábil no arco, foi por isso tido na conta de filho de Apolo. Perieres lhe concedeu a região de Carnásio, que então se chamava Ecália, para nela se estabelecer; dizem que o nome da cidade vem da mulher de Melaneu. Os Tessálios e os Eubeus...os primeiros dizem que Eurítion – região hoje em dia deserta – era antigamente uma cidade chamada Ecália, mas pela versão dos Eubeus, e conquanto escreve Creófilo no seu poema *Heracléia dá-*

lhe o mesmo nome. Hecateu de Mileto escreveu que Ecália encontra-se em Escio, região de Erétria.

29a. PAUS. VIII 4, 8,9. Áleo sucedeu a Épito no poder...os filhos de Áleo eram Licurgo, Anfídamas e Cefeu, e teve ainda uma filha, Auge. Com esta Auge, segundo a história de Hecateu, Hércules dormiu quando chegou em Tegea. Quando, finalmente, descobriu que ela ia dar à luz a um filho de Hércules, Áleo a trancou com a criança em uma arca e a deixou à deriva no mar. Ela chegou à casa de Teutrante, governante da planície do Caíco, e viveu com ele, que muito a amou; ainda hoje existe em Pérgamo um monumento dedicado a Auge, sobre o rio Caíco.

29b. PAUS. VIII 47,4. Ao norte do templo encontra-se uma fonte, onde segundo contam os Tegeatas, Auge foi violada por Hércules, não concordando com eles Hecateu nessa matéria.

30. PSEUDO-LONGIN. II.Y. 27,2. Como também em Hecateu: “Céix achando crítica a situação, ordenou os filhos de Hércules que partissem imediatamente. [Disse] Não posso, de fato, vos ajudar. Assim, para que vocês não morram nem me prejudiquem, partam para qualquer outra terra”.

31. PHOT. XI. Tenteu é Penteu em Hecateu.

32. SCHOL.SOPHOC. O. C. 1320. Partenopeu da Arcádia foi o sexto a levantar-se contra eles, cujo nome significa que nasceu de uma mãe ainda virgem, um genuíno filho de Atalanta. Alguns dizem que não foi Partenopeu filho de Atalanta quem combateu, mas sim o filho de Tálao (o qual alguns, usando o ‘k’ chamam Cálaio), conforme contam Aristarco de Tégeia e Filócles e entre os historiadores (συγγραφέων), Hecateu.

33. AELIAN. N. A. XIII 2,2. Vinte e quatro elefantes ficavam sucessivamente na guarda do rei...e eles aprenderam a não adormecer quando estavam de guarda; de fato, essa técnica é-lhes ensinada por algum Indo. Também Hecateu de Mileto diz que Anfiarau, o filho de Ecles, pegou no sono durante a vigilância e pagou por isso, é quanto ele diz.

34. SCHOL. APOLON. RHOD. II 946. Como os bêbados são chamados “sanapes” entre os Trácios, utilizam uma expressão local também para as “amazonas”, cuja cidade foi chamada Sanapa; mais tarde, durante a guerra, [passou] a Sinope. A ébria Amazona veio desta cidade para Litida, segundo Hecateu.

35. JOSEPH. A. J. I 107-108. Minhas palavras são confirmadas por todos os Gregos e bárbaros que escreveram histórias antigas, como Mâneton, Beroso, Mocos, Histieu, e também o egípcio Jerónimo, concordam com minhas palavras. Contudo, Hesíodo, Hecateu, Helânico, e, além desses, Éforo e Nicolau narram que os antigos viviam mil anos.

35b. NATAL. COM. Myth. 3 Praef. Com essas leis (ou seja, as seguintes), que tratam dos prazeres carnisais, pois outros prazeres a multidão não reconhecia, e similares a tais leis, os antigos tentavam guardar os ânimos do povo na justiça e na integridade de vida, embora com a esperança dos prazeres e por outro lado, pelo medo dos castigos. Mas já que em primeiro lugar Pluto criou essas leis para todos os mortais, como acreditou Hecateu, criou-se a convicção de que ele era o rei daqueles locais, como Éolo era dos ventos, e Endímio que é amigo de Selene, como o primeiro a observar sua órbita e fases lunares. Alceu pensou que Endímio era filho de Oceano e da Terra, enquanto Hecateu diz que ele era filho de Hélio e da Terra.

36a. AGATHEM. Georg.1 Os antigos então desenhavam o mundo conhecido (*Oikoumene*) arredondado, com a Grécia no meio, e em seu centro Delfos, pois ali era o umbigo da Terra. Primeiro, no entanto, Demócrito considerou que a Terra era comprida e estreita, com o comprimento medindo uma vez e meia a sua largura. Com isso concordou Dicearco, o peripatético. Eudoxo pensou que o comprimento era de duas vezes a largura, enquanto Eratóstenes acreditava que era mais de duas vezes.

36b. HDT. IV 36. Não posso deixar de rir do absurdo dos cartógrafos (dos que desenharam o circuito da Terra), e há muitos deles que apresentam o Oceano como um rio que corre em torno de uma Terra perfeitamente circular, com a Ásia e a Europa iguais em área.

Periegesis ou *Periodos Ges* (Jacoby, 1957, p.16)

EUROPA (I)

INTRODUÇÃO (?)

37. HARPOKR. s. roseira...é a planta das rosas, como as violáceas são das violetas, segundo refere Hecateu no Livro I da sua *Periegesis*.

ESPANHA (ÁREA IBÉRICA)

38. STEPH. BYZ. s.Eliburga: cidade [da área] de Tartesso. Hecateu a refere em *Europa*. O etnônimo é Elibúrgio.

39. – s. Calata: cidade não distante das Colunas de Hércules. Hecateu a refere em *Europa*, enquanto Éforo a chama Calatusa.

40. – s. Elbéstios: povo da Líbia. Filisto no livro VII a cita: “perto dos Líbios”. Hecateu em *Europa* refere: “Elbéstios e Mastianos”.

41. – s. Mastianos: povo nas colunas de Hércules. Hecateu o menciona em *Europa*. Seu nome vem da cidade de Mástia.

42. – s. Menobora: cidade dos Mastianos. Hecateu a refere em *Europa*. O etnônimo é Manoboreu.

43. – s. Sixos, cidade dos Mastianos. Hecateu cita: “e depois a cidade de Sixos”.

44. – s. Molibdine: cidade dos Mastianos. Hecateu em *Europa*.

45. – s. Sicana: cidade da Ibéria. Como diz Hecateu em *Europa*.

46. – s. Crabásia: cidade dos Iberos. Hecateu em *Europa*.

47. – s. Esdetas: povo ibérico. Hecateu em *Europa*.

48. – s. Iopso: cidade na Península Ibérica. Hecateu em *Europa* menciona: “depois a cidade de Iopso, depois o rio Lesiro”.

49. – s. Ilaraugatas: Iberos. Hecateu em *Europa* menciona: “e o rio Ilaraugatas”.

50. – s. Misgetas: um povo dos Iberos. Hecateu o menciona em *Europa*.

51. – s. Cromiusa: ilha da Ibéria. Hecateu em *Europa*.

52. – s. Malusa: ilha abaixo da Ibéria. Hecateu em *Europa*.

ÁREA CÉLTICO-LÍGURE

53. – s. Elísicos: povo dos lígures. Hecateu em *Europa*.

54. – s. Narbona: porto e cidade celta. Estrabão no livro IV a refere. Marciano, porém a chama Narbonésia. O etnônimo é Narbonita. Há ainda um lago Narbonita e um rio Ataco. Hecateu os chama Narbeus.

55. – s. Marselha: cidade lígure na região dos celtas, colônia dos Foceus. Hecateu a menciona em *Europa*, enquanto Timeu...

56. – s. Nirax: cidade celta. Hecateu em *Europa*.

57. – s. Mônaco: cidade lígure. Hecateu em *Europa*.

58. – s. Ampelo: cidade lígure. Hecateu em *Europa*.

TIRRENOS E ILHAS DO MAR TIRRENO

59. – s. Etala: uma ilha dos Tirrenos. Hecateu a menciona em *Europa*. Parece que foi chamada assim pelo ferro que tem, e em cuja extração solta fuligem. Filisto no livro V das obras *Sicilianas* a chama Etaleia, o mesmo fazem Herodiano e Oro. Políbio no livro XXXIV diz que Etaleia é chamada Limno...o nome Etaleia pode ser usado em lugar de Quios, pois assim chama-se Quios.

60. – s. Cirno: ilha ao norte de Iapígia. Menciona-a Hecateu em *Europa*.

ÁUSONES

61. – s. Nola: cidade dos Áusones. Hecateu em *Europa*. Políbio a nomeia Nole.

62. – s. Cápua: uma cidade da Itália. Hecateu a menciona em *Europa*. Foi chamada assim por causa do troiano Cápua.

63. – s. Capri: ilha da Itália. Hecateu em *Europa*. Suas ilhas são chamadas Cáprias.

ENÓTRIOS

64. – s. Arinta: cidade dos Enótrios, localizada no interior. Hecateu em *Europa*.

65. – s. Artemítio: cidade dos Enótrios, no interior da região. Filisto a chama Artemítio, igualmente em dórico.

66. – s. Érimon: cidade dos Enótrios, em território interior, segundo Hecateu.

67. – s. Ixias: cidade dos Enótrios, no interior. Hecateu em *Europa* cita: “em seguida a cidade de Ixias, e depois a de Menecina”.

68. – s. Menecina: cidade dos Enótrios, no interior. Hecateu em *Europa*.

69. – s. Citérion: cidade dos Enótrios, no interior. Hecateu em *Europa*.

70. – s. Malânio: cidade central dos Enótrios, uma das que Hecateu enumerou (καταλεχθεισων, v. καταλέγω: enumerar, listar, registrar, inscrever) em *Europa*. O etnônimo é Malânio e Malanieu.

71. – s. Nínea: cidade dos Enótrios, no interior. Hecateu a refere em *Europa*. O etnônimo é Níneo e Nineus.

SICÍLIA

72. – s. Zancle: cidade da Sicília. Hecateu a menciona em *Europa*. Uns dizem que foi chamada assim do nativo Zanclo, ou da fonte Zancle; outros dizem que é porque Zeus escondeu ali a foice que cortou os órgãos genitais do seu pai. Nicandro refere, em seu VII livro de *A Sicília*: “qualquer um conhece Zancle, a cidade dos Drepanidas (trepanidas). De fato, os Sicilianos chamam a foice “zanclon”.

73. – s. Catânia: cidade da Sicília. Hecateu cita em *Europa*: “depois vem a cidade de Catânia, e mais acima, o monte Etna”.

74. – s. Siracusa: a maior cidade da Sicília, segundo Hecateu em *Europa*.

75. – s. Lilibeu: promontório ocidental da Sicília. Hecateu a menciona em *Europa*. É também (nome) de uma cidade.

76. – s. Motia: cidade da Sicília cujo nome vem de Mótia, a mulher que mostrou a Hércules quem lhe levava os bois. Hecateu em *Europa*. Filisto refere que é uma fortaleza à beira-mar da Sicília.

77. – s. Solunte: cidade da Sicília: segundo Hecateu em *Europa*. Foi chamada assim por causa de Solunte, hostil aos estrangeiros, que Hércules matou, pelo seu mau comportamento.

78. – s. Hímera: cidade da Sicília. Hecateu em *Europa*. Há [uma cidade com esse nome] na Líbia. Existe também um rio Hímera, segundo Nicanor.

79. – s. Milas: cidade da Sicília. Hecateu em *Europa*.

ITALIA

80. – s. Lametinos: cidade da Itália, chamada assim por causa do Rio Lameto, para o lado de Crotona. Hecateu a classifica em *Europa*: “após o rio Lameto, após os Lametinos”.

81. – s. Medma: cidade da Itália e uma fonte homônima. Hecateu em *Europa*. Foi chamada assim devido a uma jovem de nome Medma. Há ainda outra cidade [com esse nome] na Ligúria.

82. – s. Esquileu: promontório do qual fala Hecateu em *Europa*.

83. – s. Locros Epizefírios: cidade da Itália. Hecateu a menciona em *Europa*.

84. – Caulónia: cidade da Itália, que Hecateu chama Aulónia, já que ela se encontra no meio de um vale (αυλώνας). Mais tarde, de Aulónia mudou para Caulónia, como Metaponto derivou seu nome do herói Métabo, e Epidauro de Epitauro, bem como Clazómenas de Plazómenas. Existe ainda outra [cidade com esse nome] na Sicília, e existe ainda outra dos Locros.

85. – s. Crótala: cidade da Itália. Hecateu em *Europa*.

IAPÍGIA E PEUCOS

86. – s. Iapígia: duas cidades. Uma encontra-se na Itália, a outra na Ilíria, como diz Hecateu. O etnônimo é Iapige, Iapígio e Iapígia.

87. – s. Eleutios: povo de Iapígia. Hecateu em *Europa*.

88. – s. Candana: cidade de Iapígia. Hecateu a menciona em *Europa*: “a seguir a cidade de Candana. Depois os Peuceus”.

89. – s. Peucetiantes: povo vizinho dos Enótrios, conforme Hecateu em *Europa*.

O GOLFO JÔNICO

90. – s. Ádria: cidade e um golfo junto dela e um rio homônimo, segundo Hecateu. A região é propícia para criar animais de pasto, visto que lá nascem crias duas vezes por ano, bem como gêmeos; às vezes nascem três ou quatro cabritos, ou mesmo cinco ou mais. Também as galinhas põem duas vezes por dia, embora em tamanho sejam as menores de todas as aves.

91. – s. Istros: povo do Golfo Jônico. Hecateu o menciona em *Europa*.

92. – s. Cáulicos: povo do Golfo Jônico. Hecateu em *Europa*. Esse povo foi chamado assim em vista do monte o qual Apolônio no seu apêndice I denomina Caulíaco.

93. – s. Liburnos: povo vizinho da parte mais interna do Golfo Adriático. Hecateu o menciona em *Europa*. O feminino é libúrnida. Vale ainda chamar (esse povo) de Liburneus; assim foram chamados por causa de certo Liburno [proveniente] da Ática. Existem os barcos libúrnicos, e ainda a capa libúrnica, que é um tipo de vestimenta.

94. – s. Mentores: povo vizinho aos Libúrnios. Hecateu o menciona em *Europa*.

95. – s. Siopios: povo vizinho dos Liburnos, segundo Hecateu em *Europa*.

96. – s. Itmitas: povo próximo dos Libúrnios e dos Siopios, como diz Hecateu em *Europa*.

97. – s. Iapígia: duas cidades, uma na Itália e a outra na Ilíria, segundo Hecateu (cf. F 86).

98. – s. Edântion: cidade dos Ilírios. Teopompo a menciona no livro XXXVIII das *Filípicas*. O etnônimo é Edantes, como cita Hecateu, também existe uma “terra Edântica”.

99. – s. Sesareto: cidade dos Taulâncios, como disse Hecateu.

100. – s. Quelidónios: povo ilírico. Hecateu menciona em *Europa*: “ao norte dos Sesarécios habitam os Quelidónios”.

101. – s. Abros (Suda, XI. Abros): povo dos Taulâncios da região do Adriático, vizinhos dos Quelidónios, segundo Hecateu.

102a. – s. Lacmon: cume do monte Pindo, onde correm os rios Ínaco e Eante, conforme declara Hecateu no livro I. A palavra é parônima de Lácmo.

102b. – STRAB.VII 5,8. O Áoo, onde fica a cidade de Apolônia...Hecateu chama Éanda ao Áoo, e diz que do mesmo lugar, no território de Lácmo, ou melhor, da mesma fonte, o rio Ínaco corre para o sul, para Argos, enquanto o Éanda para oeste, para o Adriático.

102c. STRAB. VI 2,4. Existem com certeza muitos rios subterrâneos em diversas partes da Terra, mas não em escala tão ampla. Mas ainda que isso seja possível, o que mencionei acima é de todo modo impossível, como as coisas similares que se mencionam no mito de Ínaco. “Corre desde o alto Pindo”, diz Sófocles “e dos Perebos do Lácmo a Anfilóquia e Acarnânia, misturando suas águas com o Aqueloo”. E mais abaixo (diz): “dali despeja a torrente em Argos, na região de Lirqueu”... Melhor diz Hecateu, que declara que o rio Ínaco corre na terra dos Anfilóquios, vindo de Lácmo, de onde também corre o Eante, que não têm relação com o rio da Argólida, que foi chamado assim por Anfíloco, que também chamou à cidade Argos Anfilóqueia. Diz então que esse rio corre para o Aqueloo, enquanto o Eante corre para oeste até Apolónia.

103. – STEPH. BYZ. s. Déxaros: povos dos Caónes, vizinho dos Encéleas. Hecateu o menciona em *Europa*. Vivem na região abaixo do monte Âmiro.

104. – s. Beaca: cidade da Caónia. Menciona-a Hecateu.

105. – s. Caónia: no centro do Épiro...e ele (Licófron) no modelo possessivo: “das proas caónias, sai voz”. Ainda caónico deriva de Cáon. Hecateu refere-o em Europa: “o Golfo de nome Cireu, bem como a planície ficam em terra caónica”.

106. – s. Órico: cidade no Golfo Jônico. Hecateu em *Europa* chama Órico um porto do Epiro, “depois a cidade de Butroto, e em seguida o porto Órico”. Contudo, Apolodoro a conheceu como cidade e ficou admirado. Sua gente é enérgica, como diz Políbio em seu Livro VII: “Os habitantes de Órico, os quais são os primeiros que se encontram próximos da entrada do Adriático, fazem abordagem pela direita”.

107. – s. Orestas: povo dos Molossos. Hecateu o refere em *Europa*. Teágenes nas *Macedônicas* declara que, quando passou sua loucura, Orestes partiu coberto de vergonha com Hermíone e foi até essa terra, onde teve um filho, Orestes, sendo ele o primeiro do qual veio o nome dos Orestas, enquanto ele mesmo...

108. – s. Dodona: cidade da Molóssida no Épiro...de Dodona diz-se Dodoneus. Hecateu o menciona em *Europa* “ao sul dos Molossos habitam os Dodoneus”.

GRÉCIA

109. STRAB. ST 2, 4. Por Anfíloco que também chamou a cidade Argos Anfilóquica.

110. STEPH. BYZ. S. Epileucádios: cidade após Acarnânia. Menciona-a Hecateu em *Europa*.

111. – s. Lizeia: cidade de Acarnânia. Refere-a Hecateu em *Europa*. O nome vem de certo Lizeu.

112. – s. Olicras: cidade próxima de Náupacto. Refere-a Hecateu na *Periegesis* da Europa.

113a. – s. Cáleon: cidade dos Locros. Hecateu em Europa: “após os Locros, vem a cidade de Caleu, e depois a cidade de Eante.

113b. – s. Eanta: cidade dos Locros. Hecateu a refere em *Europa*. Helánico a chama Eanteia.

114. – s. Fócida: região próxima do Parnaso. Hecateu menciona-a em *Europa*. Foi chamada assim de certo Foco.

115a. – s. Crisa: cidade da Fócida. Hecateu a menciona em *Europa*. Recebeu seu nome de Criso, o filho de Foco. O etnônimo é Criseu e um monte Criseu...alguns chamam-na Cirra.

115b. – EUSTATH. II.B520. Crissa é uma planície e cidade dos Locros ou, [como diz a maioria], dos Delfios, sendo chamada assim de algum tirano Crisso [e de Asterodeia, filha de Daioneu] ou, como diz Hecateu, do seu filho Foco.

116. STEPH. BYZ. s. Queroneia: cidade nos montes da Fócida. Hecateu em *Europa* refere: “em seguida vem primeiro Queroneia”. Foi chamada assim de Quéron. Aristófanes (*de Bizâncio) no livro II de seu *Beócios* o menciona: “conta-se que o fundador da cidade foi Quéron”.

117. – s. Coronéia: cidade da Beócia. Hecateu a menciona em *Europa*. Foi chamada assim de Corono, filho de Tersandro.

118. – s. Gefira: cidade beócia. Alguns, como Estrabão e Hecateu, sustentam que seus habitantes são também Tenagreus. Esse último (autor) chama Gefiraia, à filha de Deo (*outro nome de Demeter)

119. STRAB.VII, 7,1. Hecateu de Mileto sobre o Peloponeso que antes dos gregos, habitavam-no Bárbaros. Quase toda a Grécia, em tempos antigos, era habitada por Bárbaros, se consideramos o que dizem os testemunhos. Pélope trouxe consigo gente da Frígia para a região, que foi então chamada por ele Peloponeso: Dânao (veio) desde o Egito. Dríopes, Caucones, Pelasgos, Léleges e outros grupos dividiram a região dentro e fora do Istmo. A Ática foi habitada pelo Trácios, de Eumolpo; Tereu habitou Dáulide na Fócida, enquanto os Fenícios de Cadmo a Cadmeia; na mesma Beócia, os Aones, Temices e Iantes, como diz Píndaro: “certa época, a gente da Beócia se chamava Sies. De certos nomes ainda denunciam a origem estrangeira (bárbara), como Cércops, Codro, Eclo, Coto, Drima ou Crínaco. Ainda hoje os Trácios, Ilírios e Epirotas se encontram nas praias gregas: certamente, nos tempos antigos, ainda mais que hoje. Mas também, na região atual onde realmente se acredita ser a Grécia, extensas regiões são ocupadas por bárbaros, como a Macedônia e certas áreas da Tessália trácia, enquanto que a Acarnânia e a parte elevada da Etólia é habitada por Tesprotas, Cassopeus, Anfiloqueus, Molotos e Atamanes, que são povos do Épiro.

120. STEPH. BYZ. s. Corinto: cidade dentro do Istmo do Peloponeso. Hecateu a menciona em *Europa*. A mesma cidade se chama Éfira, de Éfira, filha de Mirmeco, mulher de Epimeteu.

121. STRAB. 7 III 9. Ele diz que Dime é Epeida e Acaida.

122. STEPH. BYZ. s. Méciston: cidade de Trifila. Hecateu a refere em *Europa*. Há ainda outra (de mesmo nome) em Élida.

123. – s. Agameia: por combinação, chamada também Mantina, em Hecateu.

124. – s. Hídrea: ilha próxima a Trezena. Hecateu a menciona em *Europa*.

125. – HARPOKR. s. Caláuria: é uma ilha perto de Trezena, como disse Hecateu no *Periodos tes Ges (Circuito da Terra)*. Caláuria foi chamada primeiramente Irene ou Caláuria, de acordo com o testemunho de Anticleide.

126. STEPH. BYZ. s. Tórico: cidade da tribo de Acamantis. Hecateu afirma que se trata de uma cidade.

127. HDT. VI 137. Os atenienses tinham expulsado os Pélagos da Ática. Não é seguro se tal ação lhes foi justa ou não: eu apenas posso registrar essas duas visões conflitantes, por um lado, a dos Atenienses, e por outro, a de Hecateu, filho de Hegesandro. Hecateu, na suas histórias [*ἐν τοῖσι λόγοισι*], sustenta que os atenienses os haviam expulsado de forma injusta. De acordo com ele, haviam cedido aos Pélagos, como pagamento pela construção da muralha em torno da Acrópole, um pedaço de terra ruim e em má condição, aos pés do monte Himeto: os Pélagos melhoraram o terreno, e quando os atenienses viram que o tinham transformado em terra fértil, ficaram com inveja e ansiosos para tomá-lo de volta. Assim, sem qualquer desculpa, expulsaram os habitantes dali. Contrariamente, os Atenienses sustentam que foram justos: dizem que os pélagos passaram a deixar suas casas no Himeto e a perseguir as jovens que iam buscar água no Eneácruno. Naquele tempo, nem os atenienses nem ninguém ali tinha escravos domésticos, e assim suas filhas é que carregavam água. E sempre que o faziam, os pélagos continuavam a violentá-las sem distinção. E para piorar a situação, pretendiam finalmente planejar um ataque contra Atenas. Sob tais condições, os Atenienses mostraram outra vez sua superioridade: facilmente poderiam ter matado os Pélagos, quando descobriram sua conspiração, mas se limitaram a mandar que partissem. Os Pélagos obedeceram e se estabeleceram, entre outros lugares, na ilha de Lemnos. Estas são as visões que se contrastam, uma dos atenienses, a outra de Hecateu.

128. STEPH. BYZ. s. Helena: ilha da Ática. Refere-a Hecateu em *Europa*. Ele diz que lá desembarcou Helena, após a queda de Troia. Em razão de seu tamanho, é chamada Mácris.

129. – s. Cálcis: cidade da Eubeia. Hecateu, em *Europa*: “Cálcis é uma cidade, a qual primeiramente se chamava Eubeia”. Recebeu seu nome de Comba, dita de Cálcis, filha de Asopo.

130. – s. Oresta: cidade da Eubeia. Hecateu a cita na *Periegesis da Europa*. Da mesma forma, o etnônimo é Orestas.

131. – s. Cino: porto de Opoente, segundo Filon e Pausânias. Hecateu diz que é uma cidade. Homero a menciona: “aqueles que viveram em Cino, Opunta e Caliaro”. (*Iliad.II, 531)

132. – s. Egónia: cidade dos Melieus. Hecateu a refere.

133. – s. Cránon: cidade da Tessália pelásgica em Tempe, como afirma Hecateu em *Europa*. Há outra cidade em Atamania, que recebeu seu nome da Cránon filho de Pelasgo.

134. – s. Fotineon: proparoxítone; é uma cidade da Tessália, como diz Hecateu na *Periegesis da Europa*.

135. – s. Olízon: cidade da Tessália. Hecateu em *Europa*.

136. – s. Eurimenas: cidade da Tessália. Hecateu em *Europa*.

137. – s. Infes: povo vizinho dos Perrebos. Hecateu em *Europa*: “habitam Infes e Perrebos.

ILHAS DA COSTA TRÁCIA E ASIÁTICA

138a. – s. Lemnos: ilha situada à frente da Trácia, que tem duas cidades, Heféstia e Mirina, como diz Hecateu em *Europa*. Foi chamada assim devido à Grande Deusa, a qual chamam Lemnos. E à ela são sacrificadas jovens donzelas. Antigamente foi habitada por Trácios, os quais receberam o nome Sinties, como diz Estrabão [XII, III, 20]. Eles também foram chamados Sapeus.

138b. – s. Heféstia: cidade em Lemnos. Mencion-a Hecateu em *Europa*.

138c. – s. Mirina: cidade em Lemnos. Cita-a Hecateu em *Europa*. Há outra cidade (de mesmo nome) na Eólida. Mas ambas derivam seu nome de Mirina ou de Mirino.

139. – s. Ténédos: ilha das Espórades no Helesponto, como afirma Hecateu. Derivou seu nome de Tenes e Anfíteia ou Emitéa, os filhos de Cicno, é por assim dizer, sede de Tenes. Chamava-se também Leucófris.

140. – s. Mitilene: a maior cidade de Lesbos. Menciona-a Hecateu em *Europa*. Recebeu o nome Mitilene, a filha de Macaro ou de Pélops. Outros dizem que quem a fundou foi Mítilis. Outros, que o nome decorre de Mítion, filho de Poséidon e Mitilene, sendo por isso que Calímaco, no livro IV, a denomina Lesbos Mitónida. Parténio igualmente chama às habitantes de Lesbos “Mitônidas”.

141. – s. Quios: a mais notável das ilhas jônicas, com uma cidade de mesmo nome. Hecateu a menciona em *Europa*: “Quios, junto a Eritra: aí se ergue a cidade de Quios”. Recebeu seu nome de Quios, filha de Oceano, ou da grande quantidade de neve (Gr.chioni) que cai lá, ou da ninfa Quione”.

142. – s. Enussas: ilha próxima a Quios. Hecateu a cita em *Europa*.

143. – s. Corseai: ilha jônica diante de Samos. Hecateu a cita em *Europa*. Herodiano no Livro I a chama Corsia.

MACEDÔNIA

144. EPIM. HOM. 223 16. Considera-se “*to phakos*” como termo oxítono. Mas há ainda quem use o termo como paroxítono. Hecateu refere: “a sul encontram-se Paolos e Facos”.

145. HARPOKR. s. Lédia: alguns certificam que é um rio da Macedônia, e outros questionam-se, como Hecateu em seu *Circuito da Europa*.

TRÁCIA

146. SETEPH. BYZ. s. Calastra: cidade da Trácia no Golfo Termaico. Hecateu em *Europa* diz: “nele se encontra Terma, a cidade dos Gregos trácios, e em seguida vem também Calastra, cidade trácia”. Mas Estrabão em seu (livro) VI a caracteriza como macedônica. Deve seu nome a Calastra. Também existe ainda um porto com esse nome.

147. – s. Sindoneus: povo trácio, segundo Hecateu em *Europa*.
148. – s. Esmila: cidade trácia. Hecateu em *Europa* refere: “em seguida a cidade de Mila”.
149. – s. Lipaxos: cidade da Trácia. Em Hecateu.
150. – s. Meciberna: cidade de Palene, no Quersoneso Trácio. Cita-a Hecateu em *Europa*.
151. – s. Sermilia: cidade no entorno do Atos, como (disse) Hecateu.
- 152a. – s. Galepso: cidade da Trácia e dos Peónios. Hecateu a menciona em *Europa*. Tucídides no livro IV fala de outra (cidade de mesmo nome): “ Galepso e não muito mais longe Isima”. Derivou seu nome de Galepso, filho de Taso e de Télefa.
- 152b. ARP. XI Galepso...cidade da Trácia, conforme citam aqueles que escreveram *Circuitos da Terra (periegeseis)*. Seu nome decorre de Galepsos, filho de Taso e Télefa, como informa Márcias, o Jovem, no quinto livro dos *Macedônios*.
153. STEPH. BYZ. s. Créston: cidade da Trácia. Parece que é a Créston de Heródoto. Licófron refere: “jurar também ao deus de Crestona”. O cidadão dali chama-se crestoneu, segundo Píndaro. Riano os chama Crestonios, enquanto Hecateu Crestones, em *Europa*. A forma de adjetivo é “crestónico”.
154. ATHEN.I 447d. Hecateu, em sua obra *Circuito da Europa* diz que os Peónios bebem “cerveja que tiram das cevadas e da quebra de milho (painço) e de ênula. E ungem-se de gordura de leite”.
155. STEPH. BYZ. s. Egialo...existe ainda uma Egialo da Trácia, ao lado do Estrimona, segundo Hecateu.
156. – s. Fagres: cidade da Trácia. Hecateu a menciona em *Europa*, bem como Tucídides, livro II [99].
157. – s. Satras: povo da Trácia, como diz Hecateu em *Europa*.
158. – s. Abdera: duas cidades. Uma na Trácia, e que vem de Abderos, segundo diz Helânicos e outros...e a segunda fica na Ibéria, em Gederá, como diz Artemidoro no livro II dos seus *Descrições da Terra*. O natural da cidade chama-se Abderita... Eudoxo menciona Abderita no livro IV de seus *Circuitos*, Pausânias no livro VI das suas *Explorações*, Heródoto no livro VIII, Hecateu e muitos outros.

159. – s. Maronéia: cidade da Cicônia, na Trácia. Hecateu menciona em *Europa*: “a seguir, o lago Maris, e depois a cidade de Maronéia”.

160. – s. Dris: cidade da Trácia. Hecateu a refere em *Europa*. Existe ainda uma cidade dos Enotros (com mesmo nome).

161. – s. Zona: cidade dos Cícones. Hecateu a cita em *Europa*.

162. – s. Cipase: cidade no Helesponto. Hecateu a cita em *Europa*.

163. – s. Quersoneso: cidade perto da península de Cnidos...existe uma segunda cidade no Quersoneso trácio, sobre a qual Hecateu refere em *Europa*: “na região deles encontra-se a cidade de Quersoneso, no istmo da península”. Seu habitante chama-se Quersonésio: “os Quersonésios confinam a sul com os Apsíntios”. Heródoto utiliza-se de Quersonesita: “Os Quersonesitas indicaram a notícia aos atenienses desde as torres”. Até fala Quersonésios, cujo feminino Euríddes cita: “que é a melhor planície quersonésia”.

164. – s. Limne: cidade no Helesponto, perto de Sesto. Hecateu a refere em *Europa*.

165. – s. Madito: cidade do Helesponto. Hecateu a cita em *Europa*, também outros.

166. HERODIAN. 31, 26. Boriza: cidade persa, segundo Hecateu no *Circuito da Europa (Periegesis)*, “e depois está Boriza, a cidade dos Persas, e em seguida Tíneas.

167. PHOT.Lex. p. 53, 21. Hémon: o monte, de gênero neutro. Assim o refere em toda parte Hecateu, mas também Dioniso, Helânico no livro I da *Ática* e Eudoxo.

168. STEPH. BYZ. s. Itone: cidade da Tessália, “...e Itone, mãe das ovelhas”...alguns a chamam Síton, em razão da produção de trigo [**em Gr. antigo, são parecidos os termos Sitona e sitoforon*]...existe ainda uma região (chamada) Itona no sopé do Hémon, como refere Hecateu em *Europa*.

169. – s. Cabassos: cidade da Capadócia, é a pátria de Otrioneu. Homero refere: “(Otrioneu) de Cabessos, que estava na cidade (Troia)” (*Il.XIII, 363). Contudo, Hecateu de Mileto diz que Cabessos é uma cidade “sobre o Hémon trácio”. Em concordância com isso está o receio dos Trácios quanto à intemperança em festas de casamento. Helânico recorda a cidade de Cabessos na Lícia. Ápion é mais próximo na verdade e diz que é um povoado da Capadócia entre Tarso e os Mazacos.

170. – s. Crobizos: povo que vive na região em que se faz sentir o vento a sul do Istro. Hecateu o cita em *Europa*. Por isso, a região também recebeu o nome Crobizica.

171. – s. Trizos: povo ao sul do Istro. Hecateu o cita em *Europa*.

172. – s. Orgama: cidade sobre o Istro. Hecateu a cita em *Europa*. Existe ainda uma cidade Orgómena na Ilíria.

173. – s. Ézice: parcela da Trácia. Refere-a Hecateu em *Europa*.

174. – s. Bântios: povo da Trácia. Cita-o Hecateu.

175. – s. Dársios: povo da Trácia. Cita-o Hecateu em *Europa*.

176. – s. Dasilos: povo da Trácia. Cita-o Hecateu em *Europa*.

177. – s. Datíleptos: povo da Trácia. Cita-o Hecateu em *Europa*.

178. – s. Disora: povo da Trácia. Cita-o Hecateu em *Europa*.

179. – s. Entribos: povo da Trácia. Cita-o Hecateu em *Europa*.

180. – s. Xantos: povo da Trácia. Cita-o Hecateu em *Europa*.

181. – s. Satrocentas: povo da Trácia, conforme Hecateu em *Europa*.

182. – s. Escas: povo entre a Tróade e a Trácia, como cita Hecateu em *Europa*.

183. – s. Trisplos: povo da Trácia. Cita-o Hecateu em *Europa*.

CÍTIA

184. – s. Carcinítes: cidade cita. Refere-a Hecateu em *Europa*. Os seus habitantes chamam-se Carcinitas.

185. – s. Melanclenos: povo cita. Menciona-o Hecateu em *Europa*. Receberam esse nome por causas das suas vestes, como os Hipemolgos [receberam o seu] por ordenarem os cavalos, e os Mossínicos, pelas suas habitações.

186. – s. Edos: povo cita. Menciona-o Hecateu em *Europa*.

187. – s. Isepos: povo cita. Menciona-o Hecateu em *Europa*.

188. – s. Cardessos: cidade da Cítia. Hecateu a menciona em *Europa*.

189. – s. Maticetas: povo cita. Hecateu o refere em *Europa*.

190. – s. Mírgetas: povo cita. Hecateu a menciona em *Europa*. Em alguma parte em Herodiano escreve-se “Getas”, erroneamente.

POVOS DO CÁUCASO

191. – s. Dandários: povo do Cáucaso, como refere Hecateu em *Europa*.

192. – s. Tipánissas: povo do Cáucaso. Menciona-o Hecateu em *Europa*.

NORDESTE DA EUROPA

193. – s. Issédones: povo cita. Hecateu...em *Ásia*. Apenas Álcman o denomina Essédones: a segunda [forma] escrita com ε encontra-se em outros [autores]. E até pronunciam o nome com três sílabas, Issedos. Existe também uma cidade Issédon.

194. STRAB. VII 8, 6. E desses passa [Apolodoro] aos autores que falam sobre o monte Ripea, sobre o monte Ogio e sobre os habitantes de Górgona e das Espérides.

ÁSIA (II)

195. ANON. Peripl. Pont. Eux. 49 (= Ps. Skymn. 865ff.) Dos Meotos recebeu o nome Meótis o lago que se encontra no seguimento onde deságua o Tanais, cujo fluxo começa desde o rio Aráxo. Como diz Hecateu (de Téos ?). Mas Éforo afirma, em seu relato, que suas águas derivam de um lago, cujas dimensões são realmente grandes, e correm por duas bocas, para os chamados Meótis e Bósforo Cimério.

PONTO EUXINO E A COSTA ASIÁTICA

196. EPIMER. HOM. Cram. An. Ox. I 287, 28 (HERODIAN.II 225, 9L). *Memetreatai* (são medidos) é uma expressão jônica. Do mesmo modo, *nenoeatai* (são concebidos) corresponde a *nenoeatai* em jônico, e *peripoentai* (são procurados) fica *peripoieatai* em Hecateu... **“tal como para o Bósforo e o Ponto, assim para o Helesponto por mim *memetreatai* (medido, calculado) [tenho os meus cálculos feitos]” [cf.Hdt.IV, 86].. Até Hipónax “*kekineatai*” (movem-se); e Anacreonte...”*ekkekopheatai*” (estão loucos) e “*peribebéatai*” (apropriam-se de algo).

197. AMIAN.MARCELL. XXII 8, 9. Dessa forma, repartido e limitado na comunicação com os dois mares, pacifica-se já [o mar Egeu] e abre-se em seu aspecto aquoso, quanto pode influenciar na sua percepção visual, estendido em comprimento e largura. Além disso, a completa circunavegação de suas costas, como se fosse circunavegação de uma ilha, medida em três mil e vinte estádios, como certifica Eratóstenes, além de Hecateu, Ptolomeu, e outros investigadores menores desse tipo de assunto, toma a forma de um arco cita de corda tensa, segundo o relato de todos os

geógrafos...as duas pontas do arco, além disso, figuram o Bósforo trácio e o cimérico, que se encontram adiante.

198. STEPH. BYZ. s. Estefanís: cidade dos Mariandinos. Menciona-o Hecateu em *Ásia*. O etnônimo é Estefanita.

199. STRAB. XII 3, 25. Mas certamente Apolodoro não pode garantir que todos os antigos autores concordam que nenhum [país] das regiões para além do Hális se envolveu na Guerra de Troia. Testemunhas acerca da tese contrária podem ser encontradas: Maiandros diz que os Enetos dos Sírios Brancos começaram a combater com os Troianos, e depois junto com os Trácios, partiram e foram para o interior da terra adriática. Os Enetos que não participaram na campanha se tornaram Capadócius...o mesmo Apolodoro concorda com a expressão homérica como registra Zenódoto: “de Enete, onde pastam as mulas campestras”. Segundo Hecateu de Mileto, trata-se de Amisos.

200. STEPH. BYZ. s. Cadíssia: cidade dos Sírios Brancos [leucosírios]. Hecateu o menciona em *Ásia*. Seus habitantes chamam-se Cadíssios, e no feminino, Cadíssias.

201. – s. Tíria: cidade dos Leucosírios. Hecateu a menciona em *Ásia*.

202. – s. Estámena: cidade dos Cálíbos. Hecateu a menciona em *Ásia*.

203. – s. Cálíbes: povo da região pônica sobre o Rio Termodonte...e em Hecateu, Cálíbos, “os Armênios confinam-se a sul com os Cálíbos”.

204. – s. Quírades: cidade dos Mossínicos. Hecateu cita em *Ásia*: “os Mossínicos confinam a oriente com os Tibarenos. Após eles encontra-se a cidade de Quírades”.

205. – s. Mares: povo vizinho dos Mossínicos. Hecateu o menciona em *Ásia*.

206. – s. Macrones: chamam-se atualmente Sanos. São nomeados em Estrabão no livro XII, em Hecateu em *Ásia* e em Apolônio, livro II.

207. – Cós: povo próximo aos Bequires. Hecateu menciona em *Ásia*: “aqui se situa a Bequírica e muito perto habitam os Cós”. Outra vez, diz: “os Dizeres confinam a leste com os Cós”.

208. – s. Ermonassa: pequena ilha com uma cidade no Bósforo Cimérico. É uma colônia jônica, como diz o Periegeta [*nota: Dioniso, O Periegeta, poeta do séc. II d.C., em v.552 da obra *Circuito da Terra Conhecida*]. Esquimnos designa por Hermoneia.

Estrabão no livro VII a ela se refere como comunidade de Hermonacta. Menipo em seu *Périplo dos dois Mares* a recorda como região de Trapezonta. Contudo, Hecateu e Teopompo dizem que se trata de cidade.

209. – s. Colos: povo do Cáucaso. Hecateu o menciona em *Ásia*. As terras do sopé do Cáucaso certamente se chamam Montes Cólicos.

210. – s. Coraxos: povo colco (dos Colcos) próximo aos Colos. Hecateu o menciona em *Ásia*. São mencionadas uma “muralha coráxica” e uma “região coráxica”.

211. – s. Apatúron: lugar dedicado a Afrodite em Fanagoria, segundo Estrabão no livro X... Hecateu em *Ásia* se refere ao Golfo Apatúro.

212. – s. Fanagória: cidade que recebeu seu nome de Fanágoro, como refere Hecateu em *Ásia*. A ilha se chama Fanágora e Fanagória, e ainda existe um porto comercial de nome Fanagória.

213. – s. Crossa: cidade no Ponto. Hecateu a menciona em *Ásia*. O etnônimo é Crosseu.

214. – s. Pátraso: cidade do Ponto, como menciona Hecateu em *Ásia*.

215. – s. Iamas: povo cita. Hecateu o menciona em *Ásia*.

216. – s. Ixibatas: povo do Ponto, junto da Síndica. Hecateu em *Ásia*.

HELESPONTO, TRÓADE E EÓLIA

217. STRAB. XII 3, 22-23. O de Escépsio [*nota: Demétrio de Cepsi, historiador do séc. II a.C.] de qualquer modo, não aceita nem sua própria visão nem a dos que consideram os Halizónios junto a Palene...duvida ainda que haja hipótese de crer verdadeira uma aliança dos Troianos com os [Citas] nómadas no Borístenes. Em especial, ele elogia a posição de Hecateu de Mileto, de Menécrates de Elea, de um aluno de Xenócrates, como ainda de Paléfato. O primeiro diz em *Circuito da Terra*, “perto da cidade de Halázia corre o rio Odrisses que atravessa a planície de Migdónia, desde o oeste, do lago Dascilítida, e desagua no Ríndaco”. Diz que hoje Halázia está deserta, embora sejam habitadas muitas povoações dos Halazones, que o Odrises atarvessa; nelas se presta culto ao deus Apolo, principalmente na região dos Cizicenos. Menécrates, por sua vez no *Circuito do Helesponto* afirma que nas cercanias de Mirleia há uma região montanhosa onde habita o povo dos Halizones...Palefato outra vez diz que Odio e Epístrofo entraram em guerra com os Halazones que então habitavam Alope

e hoje em Zelia. É justo que louvemos tais opiniões; exceto a escrita original, para além de alterarem e de os mudarem de sítio, não mostram nem a mineração de prata nem onde é Alope da região de Mirleatis, nem como surgiram ou vieram de longe aqueles que convergiram para Ílion, mesmo que tenha existido alguma Alope ou Alázia.

218. STEPH. BYZ. s. Escílace: cidade próxima a Cízico. Hecateu a menciona em *Ásia*. Seu cidadão chama-se Escilaceno e Escilácio.

219. – s. Dolíones: os habitantes de Cízico, aos quais Hecateu chama Dolieus. Chamam-se ainda Doliónios, e no feminino Doliónia.

220. – s. Abarnos: cidade, região e promontório de Pariana...mas Hecateu de Mileto em *Circuito da Ásia* diz que é o promontório de Lâmpsaco. Éforo no livro V diz que recebeu esse nome de Abárnis da Fócida, dos Fócios que fundaram Lampsaco.

221. – s. Sige: cidade da Tróade, como diz Hecateu em *Ásia*. O etnônimo é Sigita.

222. – s. Miricos: cidade defronte de Ténedos, de Lesbos e de Troia. Segundo Hecateu, “para Miricoenta de Troia”.

223. – s. Lamponeia: cidade da Tróade. Hecateu a refere em *Ásia*. O etnônimo é lamponeu. Helânico a chama Lampônio e seu entónimo Lamponieu.

224. – s. Gárgara: cidade da Tróade no promontório de Ida. Antigamente se chamava Gárgaro. Estrabão e Hecateu a caracterizam como eólica. Álcman a considera do gênero feminino e a chama Gárgaros, na qual habitavam Léleges. Recebeu o nome de Gárgaros, filho de Zeus, da Tessália em Larissa... e promontório Gárgara. Epafrodito [nota*: de Queronéia, gramático do séc.I d.C.] diz que o nome da cidade é do gênero feminino, enquanto o promontório é neutro. Helânico, no livro IX diz que a cidade é Gárgasos, mas creio que seja um erro.

225. – s. Grinos: vilarejo dos Mirineus, onde se acha um antigo santuário e oráculo de Apolo, bem como um luxuoso templo de pedra branca, onde [o deus] é honrado (Cf. Strab. XIII 3,5). Hecateu chama a cidade Grineia.

226. – s. Amazônio:...assim se chamava Cuma, na qual habitavam as Amazonas. Hecateu em *Eólica* escreve o nome da cidade com i.

227. – s. Golfo Meleto: o golfo de Esmirna, que recebeu o seu nome do rio Meleto, segundo Hecateu em *Eólica*.

CIDADES JÔNICAS. LÍDIA

228. – s. Eritras: cidade dos jônios. Hecateu a refere em *Ásia*. Foi chamada Cnopupoli por causa de Cnopo.

229. – s. Sidussa: cidade da Jónia. Hecateu em *Ásia* diz: “depois, a cidade de Sidussa”.

230. – s. Cibélia: cidade da Jónia. Hecateu a refere em *Ásia*.

231. – s. Córicos: existe um monte Córicos, do gênero masculino, alto, perto de Téos, na Jónia e Eritra, conforme Hecateu em *Ásia*.

232. – s. Mioneso: cidade entre Téos e Lébedos. Hecateu a menciona em *Ásia*. Artemidoro, contudo, a caracteriza como região.

233. – s. Nótion: cidade da Jónia, conforme Hecateu em *Ásia*.

234. – HERODIAN. Per. mon. lex. 13, 17 (II 920, 7). Colura: é o nome de uma cidade, Segundo Hecateu: “na minha opinião, precisamente junto a Colura, lá onde se estabeleceram os de Priene”.

235. – STEPH. BYZ. s. Mies, Mietos, do mesmo modo que Fagres e Fagretos. Cidade jônica. Hecateu a refere em *Ásia*.

236. – s. Sidela: cidade da Jónia. Hecateu a refere em *Ásia*.

237. – s. Cina: cidade da Lídia. Hecateu a refere em *Ásia*.

238. – s. Mimnedos: cidade lídia. Hecateu a refere em *Ásia*.

CENTROS JÔNICOS. CÁRIA

239. STRAB. XIV I, 8. Na sequência está o Golfo Látmico, onde se situa a cidade que se dá pelo nome de Heracleia, assim chamada (pois) está no sopé do Latmo, é uma pequena povoação com um ancoradouro. Tinha o nome de Latmo, bem como o monte que lhe fica sobranceiro. Por isso, Hecateu afirma que acontece o mesmo à montanha que o poeta chama dos Ftires. É que ele diz que a montanha dos Ftires encontra-se acima do Latmo.

240. – s. Mileto: cidade proeminente dos Jônios, na Cária (na Cária jônica). Hecateu a menciona em *Ásia*.

241. – s. Lade: ilha da Jónia. Hecateu a menciona na *Ásia*.

242. – s. Carianda: cidade e porto homônimo próximo a Mindos e a Cós. Hecateu chama-na Carianda.

243. – s. Mindos: cidade da Cária. Hecateu a refere em *Ásia*. Existe também outra cidade cária, Mindos, a Velha.

244. – s. Medmasos: cidade da Cária: Hecateu a refere em *Ásia*.

245. – s. Hiponeso: cidade da Cária. Hecateu a refere em *Ásia*.

246. – s. Coridala: cidade de Rodes. Hecateu a refere em *Ásia*. O etnônimo é Coridale.

247. – s. Lórima: cidade da Cária. Hecateu a menciona em *Ásia*. Existe também um porto em Rodes que se chama Lórima.

248. – s. Cedreas: cidade da Cária. Hecateu a menciona em *Ásia*. O etnônimo é Cedreata, e Cedreu, na forma trissílaba.

249. – s. Crade: cidade da Cária. Hecateu a menciona no *Circuito da Ásia*.

250. – s. Cilandos: cidade da Cária. Hecateu a menciona em *Ásia*.

251. – s. Laia: cidade da Cária. Hecateu a menciona em *Ásia*.

252. – s. Méssaba: cidade da Cária. Hecateu a menciona em *Ásia*.

253. – s. Xilos: cidade da Cária. Hecateu a menciona em *Ásia*.

254. – s. Tnisso: cidade da Cária. Hecateu a menciona em *Ásia*.

LÍCIA. PANFÍLIA. CILÍCIA

255. – s. Xanto: cidade da Lícia. Hecateu refere em *Ásia*: “perto dela corre o rio Xanto”. Recebeu seu nome por causa de seu fundador Xanto, que era egípcio ou cretense. Existe ainda outra cidade de (nome) Xanto em Lesbos.

256. – s. Pátara: cidade da Lícia. Hecateu a menciona em *Ásia*. Recebeu seu nome de Pátaro, o filho de Apolo e Lícia, filha de Xanto.

257. – s. Sindia: cidade da Lícia. Hecateu a menciona em *Ásia*. O etnônimo é Síndio.

258. – s. Felos: cidade da Panfília. Hecateu a menciona em *Ásia*. Alexandre Poliístor diz [em sua obra] *Sobre a Lícia* que Felós e Antifelos pertencem à Lícia.

259. – s. Melanípion: cidade da Panfília. Hecateu a menciona em *Ásia*. Alguns dizem que está situada na Lícia.

260. – s. Ídiros: cidade e rio da Panfília. Segundo Hecateu também a chamam ‘Idiris’, na forma oxítona.

261. – s. Lirniteia: cidade da Panfília. Hecateu a menciona em *Ásia*.

262. – s. Side: cidade da Panfília. Como Hecateu menciona em *Ásia*. Recebeu o nome por causa de Side, filha de Tauro e mulher de Cimolos; este deu o nome à ilha.

263. – s. Cordito: cidade da Panfília. Hecateu a menciona em *Ásia*.

264. – s. Cirba: cidade da Panfília. Hecateu a menciona em *Ásia*.

265. – s. Caradros: porto e ancoradouro da Cilícia. Hecateu menciona em *Ásia*: “em seguida, o rio Caradros”.

266. – s. Nagidos: cidade entre Cilícia e Panfília. Hecateu menciona em *Ásia*: “em seguida a cidade de Nagidos, cujo nome vem do timoneiro Nagidos e da ilha Nagidussa”.

267. – s. Córicos: cidade da Cicília. Partênio em *Protréptico*...o etnônimo é Corício. Hecateu chama à cidade Corícia.

268. – s. Solos: cidade da Cilícia. Hecateu a menciona em *Ásia*. Recebeu o nome a partir [do nome] Sólon, como diz Eufórion, em *Alexandre*... contudo Dioniso, no livro III das suas *Bacantes* a chama Solia.

INTERIOR DA ÁSIA MENOR

269. – s. Cabális: cidade próxima a Cíbira, ao sul do Meandro. O genitivo é “Cabalidos”. Seu cidadão chama-se Cabaleu. Hecateu a menciona em *Ásia*. É do gênero feminino, segundo Estrabão (XIII 4, 17), na obra em questão, “os Cibirates descendentes dos Lídios ocuparam a região de Cabális”.

270. – s. Milisin: povo da Frígia. Hecateu o menciona em *Ásia*.

SUL DA COSTA OCIDENTAL DA ÁSIA

271. – s. Camarenos: ilhas da Arábia. Hecateu as menciona em *Circuito (Periegesis)*.

272. HERODIAN. Per. mon.lex. 8,8. Cna: pois assim se chamava antes a Fenícia.

273. STEPH. BYZ. s. Gábala: cidade fenícia, a qual Hecateu considera ser do gênero feminino. Estrabão acredita que ela é uma cidade da Síria, perto de Laodiceia.

274. – s. Sídon: cidade da Fenícia. Hecateu menciona em *Ásia*.

275. – s. Doros: cidade da Fenícia. Hecateu menciona em *Ásia*: “e depois a velha Doros, que agora se chama Dora”.

276. – s. Ega: promontório da Eólida...também existe uma cidade fenícia [com o mesmo nome], segundo Hecateu.

277. – s. Ginglimota: cidade da Fenícia, segundo Hecateu.

278. – s. Fenicussas: duas ilhas no Golfo Africano, frente a Carquedóni (Cartago), como diz Hecateu em *Circuito da Líbia*...existe ainda uma cidade de Fenícios que vivem na Síria, de nome Fenicussas, como diz o mesmo Hecateu em *Ásia*.

279. – s. Carditos...grande cidade dos Sírios, como diz Hecateu em *Circuito da Ásia*.

280. – s. Canítis: grande cidade dos Sírios, como menciona Hecateu em *Ásia*.

LINHA MAR VERMELHO-PONTO

281. – s. Cira: ilha no Mar Pérsico. Hecateu a menciona no livro II de seu *Circuito*. Seu habitante se designa por Cireu.

282. – s. Paricana: cidade persa. Hecateu em *Ásia* diz: “na [terra] deles existe uma cidade chamada Paricana”. O etnônimo é paricânio: mas há quem diga Paricano.

283. – s. Candanace: cidade persa. Hecateu a menciona em *Circuito da Ásia*. O etnônimo é Candanaceno.

284. HARPOCRAT. s.v. Cipássis: os glossógrafos dizem que o Cipassis é um tipo de túnica feminina para uns, masculina para outros. Recordam-no Hipónax, e Hecateu, em seu *Circuito da Ásia*, quando diz: “os Císsios usam cipasses persas”, e Aristófanes em *Tagenistas* (I 524, 519K).

285. – SETEPH. BYZ. s. Sítaca: cidade persa, como diz Hecateu em *Ásia*. Seu cidadão é chamado Sitaceno, e a região Sitacena.

286. – s. Média: região que se estende abaixo das portas do [Mar] Cáspio. Hecateu a menciona em *Ásia*. Assim chamada de Medos, o filho de Medeia.

287. – s. Hiope: cidade dos Matienos, após os Górdios. Hecateu em *Ásia* menciona: “em seguida, a cidade de Hiope: aqui, os homens usam roupas semelhantes às dos Paflagônios”.

288. – s. Moscos: povo dos Colcos, após os Matienos. Hecateu o refere em *Ásia*.

LESTE DA ÁSIA

289. – s. Micos: povo sobre o qual Hecateu refere em *Ásia*: “dos Micos, na direção do Rio Araxo”.

290. – s. Catanos...povo da região do Mar Cáspio. Hecateu o refere em *Ásia*.

291. ATHEN. II 70 a. Cinara: Sófocles a chama “cinara” nas suas *Cólquidas*, enquanto em *Fênix* diz: “o cinaro espinhoso enche todo o campo”. Hecateu de Mileto no *Circuito da Ásia* ...diz o seguinte: “na região do chamado Mar da Hircânia existem montes elevados e densas florestas, e no alto dos montes cresce a espinhosa cinara”.

292a. ATHEN. II b. E abaixo [*ainda Hecateu*]: “A leste dos Partos habitam os Corasmios, em região plana e montanhosa: nos montes existem árvores silvestres, cinara espinhosa, salgueiro e tamariz”.

292b. STEPH. BYZ. s. Corásmia: cidade a leste dos Partos. Hecateu, em *Circuito da Ásia*, refere: “no território dos mesmos, uma cidade de nome Corásmia”...eles (se chamam) Corásmios, como diz o próprio [Hecateu]: “A leste dos Partos habitam os Corásmios”.

293. – s. Corásmia: cidade a leste dos Partos. Hecateu refere em *Circuito da Ásia*: “no território deles existe a cidade chamada Corásmia”.

294. – s. Gandaras: povo indo. Hecateu o menciona em *Ásia*. São chamados Gandários e o seu país Gandárica.

295. – s. Caspápiros: cidade gandárica, diante dos Citas. Hecateu a refere em *Ásia*.

296. ATHEN. II 70. [Diz que] a cinara cresce ainda na região do rio Indo.

297. STEPH. BYZ. s. Arganta: cidade da Índia, segundo Hecateu.

298. – s. Calátios: tribo indo. Refere-a Hecateu em *Ásia*.

299. – s. Ópios: povo indo. Diz Hecateu em *Ásia*: “depois deles habitam pessoas junto ao rio Indo, os Ópios, e em seguida tem a muralha real. Até aí vivem os Ópios. Dali em diante estende-se o deserto até o Indo”.

EGITO

300. HDT. II 143-145. Tempos atrás, quando o logógrafo Hecateu encontrava-se em Tebas, os sacerdotes de Zeus, ao ouvirem sua tentativa de fazer remontar sua origem a um deus, na décima sexta geração, agiram exatamente como fizeram comigo, embora eu não tenha falado nada de minha genealogia. Levaram-me dentro do grande templo, mostrando tantas estátuas colossais de madeira quantas lá havia, no exato número conforme eu disse: cada sacerdote deposita ali uma estátua, para representar a duração de sua vida. Enumerando e indicando estátua por estátua, os sacerdotes me mostraram que cada um deles era filho do anterior, a começar pela do último falecido até a primeira, e assim me mostraram todas. Quando Hecateu explicou sua árvore genealógica, a fim de mostrar que descendia de um deus na décima sexta geração, os sacerdotes se recusaram a crer nele, e insistiram que não existia mortal com origem divina. Eles se opuseram a tal reivindicação mostrando a genealogia de seus próprios sumo-sacerdotes, e salientando que cada uma das estátuas representava um “piromi”, que por sua vez era filho de outro “piromi”, até mostrar-lhe as 345 estátuas, sem no entanto, fazer nenhum deles descender de um deus ou herói. (*Piromi* [em língua grega], significa “excelente em tudo”). Estes, então, eram os seres que representavam as estátuas, não eram deuses, mas homens. Entretanto, antes da época deles, [disseram] que o Egito foi governado de fato por deuses que viviam na terra entre os homens; cada um deles, por sua vez, ocupava o poder. O último deles [no poder] foi Hórus, filho de Osíris, que os gregos chamam de Apolo. Este, assim que destituiu Tifone, reinou por último no Egito. (Osíris é Dioniso em grego). Na Grécia, Hércules, Dioniso e Pã são considerados os deuses mais novos. No Egito, pelo contrário, Pã é considerado mais antigo, sendo incluído entre os oito primeiros deuses. Hércules é um dos denominados doze deuses que apareceram mais tarde, enquanto Dioniso pertence à terceira ordem, gerados a partir dos doze. Já mencionei acima o intervalo que segundo os Egípcios decorreu entre o tempo da chegada de Hércules e o reino de Amásis. Considera-se que Pã seja mais antigo, enquanto Dioniso seja o mais novo dos três, aparecendo 15 mil

anos antes de Amásis. Diz-se, certamente, que [os egípcios] são absolutamente corretos em suas cronologias, já que sempre anotam com rigor o transcurso do tempo.

301. ARRIAN. Anab. V 6,5. Os historiógrafos Heródoto e Hecateu consideram o Egito um dom do rio – se for o caso de a obra sobre o Egito não ser de Hecateu, mas de outro – conforme está demonstrado com critérios evidentes por Heródoto que as coisas são de fato assim [= *que o Egito é de fato presente do rio*].

302a . DIOD. I 37 1-7. Sendo impossível explicar a enchente do rio, muitos filósofos e historiógrafos tentaram determinar sua causa...Helênico, Cadmo, e ainda Hecateu, entre outros, todos antigos, recorreram a interpretações mitológicas...quanto às fontes do Nilo e o lugar onde se inicia a sua corrente, até a escrita dessas histórias, ninguém disse havê-los visto, nem se conhece ninguém que tenha ouvido (ακοήν) de outros que os tivessem visto. Por isso, o tema terminou por ingressar no campo da especulação e das probabilidades [conjectura verossímil]. Os sacerdotes egípcios, por seu turno, afirmam que o rio se forma a partir do Oceano que percorre o mundo conhecido (*Oikoumene*), e com isso, não esclarecem a questão, dado que lançam dúvidas sobre dúvidas e alegam uma aporia com outra aporia.

302 b. HDT.II 19-23. Sobre este fenômeno [as enchentes do rio] ninguém no Egito foi capaz de me dar explicações detalhadas, apesar de meus esforços persistentes em descobrir qual a particularidade que faz o Nilo se comportar de modo diverso de todos os outros rios...alguns gregos, no entanto, pelo desejo de mostrar sua sabedoria, tentaram explicar as enchentes do Nilo de três formas diferentes. Duas delas não merecem mais que uma simples referência: a primeira diz que os ventos etésicos são os causadores da cheia do Nilo, já que impedem que o Nilo chegue até o mar (...) a segunda explicação é ainda menos científica que a anterior, mas por assim dizer, contém algo de maravilhoso: pretende que o Nilo exibe tais características espetaculares porque procede (origina-se) do Oceano, o rio que circunda a terra (...) [23] Quanto a quem relaciona o Oceano com esse fenômeno [*da cheia no Nilo*], recorre ao mito obscuro e assim, não se pode verificar com argumentos razoáveis. Pessoalmente, não conheço nenhum rio chamado Oceano, e apenas posso supor que Homero ou outro poeta mais antigo inventou o nome e o inseriu na poesia.

302 c. SCHOL. APOLLON. RHOD. IV 259. Hecateu de Mileto afirma que os Argonautas navegaram pelo rio Fásis e saíram no Oceano, e dali entraram no Nilo, chegando assim, em nosso mar [*Mediterrâneo*].

302 d. AET. II 20 16. Heraclito e Hecateu dizem que o sol é uma massa inflamada que se imagina originada do mar.

303. STEPH. BYZ. s. Facussa: povoação entre o Egito e o mar da Eritreia. Estrabão a refere no livro XCVI. Hecateu, contudo, disse ‘as Facussas’ e ‘para as Facussas’. Existem ainda as ilhas Fácusas e Fáceos.

304. – s. Atarábis: cidade do Egito. Como diz Herodiano no livro IV: “no Egito existe o distrito e a cidade de Atarábis”. Hecateu, contudo, no livro II do *Circuito*, escreve esse nome com ‘r’ e ‘m’, “distrito de Atarâmbis e cidade de Atarámba”; o etnônimo é Atarambitas.

305. – s. Quémis: cidade do Egito...existe ainda uma ilha chamada Quembi, com ‘b’, dos Butos, como diz Hecateu no *Circuito do Egito*, “nos Butos, perto do templo de Latona existe uma ilha de nome Quembis, dedicada a Apolo; essa ilha é flutuante, desloca-se e move-se sobre a água”. O habitante dessa ilha se chama Quemita e Quêmbio.

306. – s. Bolbitina: cidade do Egito, segundo Hecateu. O cidadão dela se chama Bolbitinita, e o adjetivo é bolbitino, de onde “carro bolbitino”.

307. HERODIAN. Per. mon. lex. 36 26. Faro: do gênero masculino, pois era assim que se chamava o timoneiro de Menelau. Mas também existe a designação feminina para a ilha, segundo Hecateu.

308. ARISTID. XXXVI 108. Canobo: é então o nome do piloto de Menelau, como diz ainda Hecateu o historiógrafo, e a opinião geral é que quando aquele [piloto] morreu, esse lugar tomou seu nome.

309. STEPH. BYZ. s. Helênion: localidade próxima a Canobo. Hecateu a menciona em *Circuito da Líbia*. O etnônimo é Helenieu.

310. – s. Éfeso ...existe uma ilha Éfeso no Nilo, como ainda Quios, Lesbos, Chipre, Samos e outras, segundo Hecateu.

311. – s. Senos: cidade do Egito. Hecateu a menciona em seu *Circuito* nessa região. O cidadão se chama Sénico.

312. – s. Suís: cidade do Egito, como refere Hecateu em seu *Circuito* por essa região. O distrito se chama Suita.

313. – s. Ábotis: cidade egípcia, segundo Hecateu, e sobre a qual Herodiano diz que se *acentua na penúltima (sílabas)* [βαρύνεσθαι]. O cidadão, segundo os do local, se chama Abotita...contudo para Hecateu é Abotieu.

314. – s. Crambútis: cidade do Egito. Hecateu a menciona em *Circuito da Líbia*. (...) Herodiano a escreve Crámbotis, com ‘o’, e a acentua na antepenúltima sílaba, como Áboti.

315. – s. Crós: cidade do Egito. Hecateu a menciona em *Circuito da Ásia*. Seu cidadão é chamado Croita. Há um distrito de nome Croita, bem como Cróis, que é uma cidade árabe.

316. – s. Liebris: cidade fenícia, segundo Herodiano. O etnônimo é Liebrita, como Sibarita. Hecateu a menciona em *Circuito do Egito*.

317. – Magdolo: cidade do Egito. Hecateu a menciona em *Circuito*.

318. – s. Milon: cidade do Egito. Hecateu a menciona.

319. – s. Nilo: cidade do Egito. Hecateu em *Circuito* dessa região, diz: “também existe um santuário do Rio Nilo”.

320. – s. Oníbatis: cidade do Egito. Hecateu a menciona em *Circuito da Líbia*.

321. – s. Tábis: cidade da Arábia. Hecateu a menciona em *Circuito do Egito*.

322. ATHEN. III 114c. Os Egípcios chamam de “cilaste” o pão azedo. Aristófanes o recorda em seu *Danaides*: “Fala sobre o cilastie e sobre a petosíres”. Ainda o lembram Hecateu e Heródoto, e Fanodemo no livro VI de seu *Ática*. Nicandro de Tiatira diz que os Egípcios chamam de cilaste o pão que se faz de cevada.

323 a. ATHEN. I 447c. Hecateu, no livro II de seu *Circuito*, ao dizer que os Egípcios são comedores de pão, acrescenta: “Moem a cevada para fazer uma bebida”.

323 b. ATHEN. I 418e. Hecateu diz que os Egípcios consomem pão, pois comem cilaste, mas quanto a cevada, a moem para produzir uma bebida.

ETIÓPIA E O EXTREMO SUL

324a. PORPHYR. bei EUSEB. P. E. X 3 p. 466B: Pois vos digo que [a obra] *Costumes Bárbaros* de Helânico foi preparada a partir das obras de Heródoto e Damastes; ou que Heródoto, em seu livro II transcreveu literalmente muita coisa do

Circuito de Hecateu de Mileto, com muitas pequenas alterações, como em relação à ave fênix, ao hipopótamo e à caça do crocodilo.

324b. HDT. II 70-73. Das diversas maneiras existentes de capturar os crocodilos, irei descrever a que me parece mais interessante. Coloca-se no anzol uma isca de carne de porco, e a lançam no rio, enquanto fica-se na margem fazendo um leitaozinho grunhir. Ao ouvir esse barulho, o crocodilo dirige-se a essa direção e no caminho, encontra a isca, e engolindo-a, é trazido para fora d'água. A primeira coisa que o caçador faz, assim que puxa sua presa para o seco, é jogar lodo em seus olhos: depois disso, fica bem fácil matá-lo, caso contrário, vai enfrentar grandes dificuldades. O hipopótamo é considerado um animal sagrado na região de Paprome, mas não em outra parte. Sua forma é a seguinte: tem quatro patas, de unhas bipartidas, como casco de boi, focinho chato, crina e cauda de cavalo, dentes salientes, relincho de cavalo e seu tamanho é o de um grande boi. Sua pele é tão grossa e dura que quando seca, podem-se fabricar dardos com ela. No Nilo, existem igualmente lontras, estas, junto com peixes chamados lepidotos e enguias, são consideradas sagradas no Nilo, bem como uma ave conhecida como tadorna [ganso-raposa]. Outra ave sagrada se chama fênix. Eu mesmo não cheguei a ver uma ao vivo, apenas por pintura, já que essa ave é muito rara e apenas visita a região – segundo os habitantes de Heliópolis – apenas a cada quinhentos anos, em particular, quando morre o seu pai. A julgar pelas pinturas que vi dessa ave, sua plumagem é dourada e vermelha, enquanto que em forma e tamanho, assemelha-se a uma águia. Há um mito em relação à fênix difícil de acreditar. Diz-se que ela transporta o pai em uma bolota de mirra, desde a Arábia, e deposita o cadáver dentro do templo de Hélio. Para conseguir realizar essa façanha, o pássaro constrói um bolo de mirra em forma de ovo, tão grande quanto possa levar, e em seguida tenta carregá-lo, para ver se consegue. Assim, abre um buraco no interior da bolota, coloca o pai dentro dele e fecha o furo com um pouco de mirra. A bolota, esvaziada dentro para caber o pai, terá por fim o mesmo peso de antes. Depois, ela transporta o pai para o Egito, ao templo de Hélio. Tais coisas, então, é o que dizem fazer esse pássaro.

325. STEPH.BYZ. s. Mármaces: povo da Etiópia: Hecateu o menciona em *Ásia*.

326. – s. Isáís: pequena e grande ilha dos Etíopes. Hecateu a menciona em *Circuito do Egito*; os seus habitantes são designados Isaítas e Oasitas.

327. – s. Ciápodés: povo da Etiópia: segundo Hecateu em *Circuito do Egito*.

328 a. SCHOL. HOM. Iliad. III 6. ...como os groux lançam aos céus o seu grito, eles que fazem da invernia e das chuvadas indescritíveis e voam em direção ao curso do Oceano, com seu grito, levando morte e desgraça aos Pigmeus: e fascinam com o estranho da história, mas também fazem crescer a confusão, já que os Pigmeus expulsam os groux com os crótalos. Ora, Hecateu diz quanto a isso que os Pigmeus, disfarçados de carneiros, saem a fim de expulsarem as aves, mas elas, desdenhando o vulto dos carneiros, atacam as pessoas.

LÍBIA

329. STEPH. BYZ. s. Cinócema: localidade da Líbia. Hecateu a menciona em seu *Circuito*. Existe ainda outra região [com esse nome].

330. – s. Ausigda: cidade da Líbia, do gênero neutro, segundo Calímaco. Hecateu testemunha [que é] uma ilha. O etnônimo é Ausigdo, e nela Apolo é venerado.

331. – s. Zebítis: cidade da Líbia. Hecateu a menciona em *Ásia*.

332. – s. Psilos e Golfo Psílico: Segundo Hecateu em *Circuito da Líbia*: “o golfo Psílico é grande e profundo, [e para percorrê-lo] são precisos três dias de navegação”.

333. – s. Mascoto: cidade da Líbia. Hecateu a menciona em *Circuito*. Fica perto das Hespérides.

334. – s. Máxies: os nómadas da Líbia. Hecateu os menciona em *Circuito*. Ainda existem outros [povos] de nome Máxies e também Máclies.

335. – s. Mégasa: por Gérasa: cidade da Líbia. Hecateu em *Circuito da Ásia* refere: “os seus habitantes comem pão e lavram a terra”.

336. – s. Zauces: povo da Líbia. Heródoto no livro IV(193) caracteriza-o como povo. Hecateu o menciona em *Circuito da Ásia*.

337. – s. Zigântis: cidade da Líbia. Hecateu a menciona em *Circuito da Ásia*. Seus habitantes, os Zigantes, coletam flores e cultivam mel, para não desperdiçar o trabalho das abelhas, como testemunha Eudoxo de Cnido no livro VI de sua obra *Circuito da Terra*.

338a. – s. Cantélia: cidade perto de Carcédon [*Cartago], segundo Herodiano e Hecateu em *Ásia*.

338b. – s. Cantele: cidade da Líbia fenícia. A mesma coisa diz Hecateu.

339. – s. Eudipna: cidade dos Fenícios na África, segundo diz Hecateu em *Circuito da África*.

340. – s. Íbele: cidade próxima a Carcédon, segundo Hecateu em *Ásia*.

341. – s. Gaulos: ilha frente a Carcédon, segundo Hecateu em *Circuito*.

342. – s. Fenicussas: duas ilhas no Golfo da Líbia, frente a Carcédon, como refere Hecateu no *Circuito da Líbia*.

343. – s. Cibos: cidade dos Jônios, na parte fenícia da Líbia. Hecateu, no *Circuito* desta região, refere: “e um porto...e algures um promontório e Cibos”.

344. – s. Metagógio: cidade da Líbia, segundo Hecateu, à qual confere gênero feminino.

345. – s. Cidade de Dúlon: cidade da Líbia. Hecateu em *Circuito*... e se um escravo carregar para esta cidade nem que uma pedra, torna-se livre, mesmo que seja estrangeiro. Há ainda outra cidade chamada Hierodúlon, na qual, se diz, existe apenas uma pessoa livre. Dizem que em Creta existe uma Dulópolis com mil habitantes...tem também uma região chamada Dulópolis no Egito, como disse Olimpiano.

346. – s. Ianxuátis: cidade da Líbia, conforme Hecateu em *Ásia*.

347. – s. Hierafa: ilha da Líbia, segundo Hecateu em *Circuito*.

348. – s. Calamenta, a qual é chamada também Calaminta: cidade da Líbia, segundo Hecateu em *Circuito*. É melhor escrevê-la com i, como faz Herodiano: é uma cidade fenícia.

349. – s. Cremíon...existe uma cidade da África chamada Cromíon, com ‘o’, segundo Hecateu.

350. – s. Mólis: cidade da Líbia, conforme Hecateu no *Circuito da Líbia*.

351. – s. Estoias: cidade da Líbia, como refere Hecateu em seu *Circuito*.

352. – s. Éstroa: cidade da África, como refere Hecateu em *Circuito da Ásia*. O etnônimo é Estroeu e Estroíta.

353. – s. Faselussas: duas ilhas da Líbia perto do rio Sírio, segundo Hecateu em *Circuito da Líbia*.

354. – s. Tinga: cidade da Líbia, conforme o *Circuito* de Hecateu. O etnônimo é Tíngio.

355. HERODIAN. Per. mon. lexik. 31 24. Duriza é um lago perto do rio Liza. Hecateu menciona em *Circuito*: “o nome do lago é Duriza”.

356. STEPH. BYZ. s. Trinca: cidade próxima às Colunas (de Hécules), segundo Hecateu em *Ásia*.

357. – s. Melissa: cidade da Líbia, segundo Hecateu em *Ásia*. Seu habitante é chamado Melisseu, e a região, Melisseia.

FRAGMENTOS DO *CIRCUITO* SEM LOCALIZAÇÃO

358. ATHEN. IX 410e. Safo...caracteriza os lenços de cabeça como ornamento, tal como indica Hecateu, ou este que escreveu os *Circuitos* na obra de título *Ásia* (diz): “as mulheres têm paninhos na cabeça”.

359. STEPH. BYZ. s. Evélgia: cidade..., segundo o *Circuito* de Hecateu. Seu cidadão chama-se Evelgeu.

FRAGMENTOS DE POSIÇÃO INCERTA

360. APOLLON. DYSC. De pron. P. 92, 20. Os pronomes no plural se utilizam no nominativo, tanto pelos jônios quanto pelos falantes do dialeto ático, como em ἡμεῖς, ὑμεῖς, σφεῖς (nós, vós, eles). Pode confirmar-se [a forma] não contrata do nominativo nos Jônios em Demócrito, Ferecides e Hecateu.

361. EPIM. HOM. CRAM. NA. OX. I 207. Comparado a ‘ἔω’ é derivado de ‘ἐμί’, e no plural ‘ἐμέν’. Calímaco de Cirene escreve: “γρηῆες ἐμέν” (somos velhos), e não com ‘εἰμέν’. O imperativo de “ἐμέν” é “ἔθι” com adição de σ “ἔσθι”. Hecateu escreve “ἐνθάδι ἔσθι” (fica aqui). No dialeto ático, por alteração, toma a forma “ἴσθι” como por “ἔσχω” usa “ἴσχε”.

362. ETYMOL. GENUINUM. s. Gégio: [na forma] original, havendo ainda “gégies”. Ocorre em Hecateu e Calímaco.

363. ETYMOL. GENUINUM. s. Métassai (ovelha de meia idade): todos acreditam que significa “mesétates” (os mais centrais), e com sobreposição

“métassai”...entretanto, pode ainda ser dito em dialeto jônico como “ἐπίσσας”. Em Hecateu “ἔπισσαι” significa os descendentes, em relação às antepassadas.

364. HERODIAN. Per. m. lex. 3 18. Não se usa em grego nenhum nominativo singular em -ας puro quando a penúltima sílaba termina em -ε, a não ser no termo “carne” (κρέας). Mas acrescentei este nominativo singular no grego porque está abonado em Hecateu: “τὰ δέατα περιτεταμένοι” (espalhando à sua volta o terror).

365. HESYCH. s. υπ’ωνήν : em Hecateu. Filetas.

366. PHRYNICH. 193, p.295. σκορπίζεται (dispersar-se): assim diz Hecateu, já que é Jônio, pois em Ático se diz σκεδάννυται.

367. POLLUX I 50. ‘ἔδραῖοι τεχνῖται’ (artesãos sedentários): os ‘χειρογάζτορες’ (os que trabalham com as mãos), como usa Hecateu, e χειρώνακτες (os “operários hábeis”) como indica Heródoto (I 93; II 141).

368. SCHOL. T. HOM. Ω 228. Disse e abriu as belas tampas dos arcaς: φωριαμός: diz-se porque contém as coisas que vestimos. Outros dizem que decorre de “φάρη”, mantos, ou de “φώρας”, ladrões. Aristarco alega que a palavra “arca” é mais recente, mas ignora que a referem Simônides e Hecateu.

369. SUDA, s. μοιχίδιον: aquele que é filho de um adúltero (μοιχός). Não o utiliza apenas Hecateu, mas também Hiperides.

INCERTOS E DUVIDOSOS (F159, 194, 195, 267, 272):

370. PLIN.Nat. Hist. IV 94. ...o oceano setentrional. Hecateu o denomina Amálcio, do nome do Rio Parapánisso que corre na Cítia, pois no dialeto local significa “compacto” [congelado].

371. SCHOL. LUCAN.III 402. Panas: Píndaro e Hecateu o dizem filho de Apolo e Penélope, enquanto outros, ao invés, o dizem filho de Hermes e Penélope...Eufóron o recorda como filho de Ulisses. Outros, ainda, o consideram sem origem divina, como Apolodoro. Por isso, Sergio, escoliasta de Virgílio, diz o seguinte...

372. STEPH. BYZ. s. Amiros: cidade da Tessália. Recebeu esse nome de um dos argonautas. A cidade está no gênero feminino. Duvidoso permanece o hesiódico “na planície repleta de videira em Dótio, diante de Amírio”. O etnônimo é Amireu...Eupolis,

no entanto, os chama Amiros, e diz que eles são vizinhos dos Molossos. Ele também os chama Amireus. Consta no Léxico Suda. Hecateu nas *Genealogias*, menciona como sendo chamado Eordos e mais tarde Léleges. Os mesmo são chamados Centauros e Hipocentauros. É ainda chamada cidade amírica.

373. DIOD. XL 3, 8. Sobre os judeus, então, quem contou essas coisas foi Hecateu de Mileto
